UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MAYRA NATANNE ALVES MARRA

FRASEOLOGIA E METÁFORA EM REPRESENTAÇÕES DE MULHERES, DE SEUS CORPOS E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DESCRITIVA EM *CORPUS* COMPARÁVEL PORTUGUÊS / ESPANHOL

UBERLÂNDIA/MG

2025

MAYRA NATANNE ALVES MARRA

FRASEOLOGIA E METÁFORA EM REPRESENTAÇÕES DE MULHERES, DE SEUS CORPOS E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DESCRITIVA EM *CORPUS* COMPARÁVEL PORTUGUÊS / ESPANHOL

Tese apresentada à banca examinadora do Curso de Doutorado em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Teoria, descrição e análise linguística.

Tema/área: Fraseologia, Metáfora, Linguística de Corpus.

Orientador: Prof. Dr. Ariel Novodvorski.

UBERLÂNDIA/MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M358f
2025

Marra, Mayra Natanne Alves, 1990-
Fraseologia e metáfora em representações de mulheres, de seus corpos e sexualidade [recurso eletrônico] : uma análise descritiva em *corpus* comparável português / espanhol / Mayra Natanne Alves Marra. - 2025.

Orientador: Ariel Novodvorski.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.5016
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Novodvorski, Ariel, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br

ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de doutorado - PPGEL				
Data:	Vinte e cinco de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	08:00	Hora de encerramento:	12:00
Matrícula do Discente:	12113ELI037				
Nome do Discente:	Mayra Natanne Alves Marra				
Título do Trabalho:	Fraseologia e metáfora em representações de mulheres, de seus corpos e sexualidade: uma análise descritiva em corpus comparável português/espanhol				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Teoria, descrição e análise linguística				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Pesquisas empírico-descritivas sob a ótica da Linguística de Corpus: do léxico à metáfora				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Ariel Novodvorski - UFU, orientador da Tese; Maria Aparecida Resende Ottoni - UFU; Maria Cecília de Lima - UFU; Virginia Sciutto - Università del Salento/Itália; Cleci Bevilacqua- UFRGS.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Ariel Novodvorski, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Virginia Sciutto**, **Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 09:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Ariel Novodvorski**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/02/2025, às 11:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cleci Regina Bevilacqua**, **Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 11:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Resende Ottoni**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/02/2025, às 12:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Maria Cecilia de Lima**, **Professor(a) do Magistério Superior**, em 25/02/2025, às 13:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6127629** e o código CRC **8D4E30F1**.

Referência: Processo nº 23117.011746/2025-01 SEI nº 6127629

Dedico este trabalho à minha família, pelo encorajamento, carinho e compreensão. Especialmente às mulheres, representadas na figura de minha avó Zilda, mulher trabalhadora, matriarca, sinônimo de fortaleza, resiliência, humildade e honestidade.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus agradecimentos a todas as pessoas que quiseram contribuir para a construção desta tese de alguma forma, seja através de palavras ou gestos.

Agradeço ao Prof. Dr. Ariel Novodvorski, por aceitar me orientar mais uma vez. Sou imensamente grata pelos ensinamentos durante a pesquisa, pela orientação ativa, atenta e criteriosa, pelos inúmeros materiais e bibliografias concedidas para que eu realizasse essa pesquisa. Agradeço não só pelos livros e arquivos diversos, mas também pela licença de um *software* utilizado na pesquisa. Obrigada por todo incentivo e pela motivação durante esta caminhada acadêmica. Agradeço pela paciência e pelo acolhimento nas horas de dificuldades e incertezas. A sua abordagem, sempre muito humana, faz a diferença!

Aos docentes que participaram do exame de qualificação do projeto desta tese, Prof.ª Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni e Prof. Dr. Guilherme Fromm. As contribuições sugeridas foram importantes para que a tese se desenvolvesse e pudesse avançar.

Às docentes que participaram do exame de qualificação desta tese, Profa. Dra. Maria Cecília de Lima e Profa. Dra. Virgínia Sciutto. Obrigada por colaborarem para que a pesquisa melhorasse. Também agradeço pela abordagem acolhedora e motivadora que tiveram nesse momento de avaliação.

Novamente, quero expressar minha gratidão às professoras que compõem a Banca Examinadora desta pesquisa, Prof.ª Dra. Cleci Bevilacqua, obrigada por aceitar o convite e por colaborar com a minha pesquisa. Prof.ª Dra. Maria Cecília de Lima, Prof.ª Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni e Prof.ª Dra. Virgínia Sciutto, mais uma vez agradeço por aceitarem ler o meu trabalho e contribuírem para que ele alcançasse o seu objetivo.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFU), pelos ensinamentos concedidos, pelas aulas ministradas e por possibilitarem novas descobertas e conhecimentos acadêmicos.

Aos colegas do Grupo em Estudos Contrastivos (GECON), pelo apoio e partilha de conhecimentos. Obrigada pelas análises compartilhadas, trocas de conhecimentos em discussões teóricas e pela parceria na organização e na apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos que participamos. Sou grata, ainda, pela partilha semanal das angústias, das dúvidas e das dificuldades que envolvem produzir um pensamento crítico analítico sobre os usos linguísticos e ainda ser discente de pós-graduação.

Agradeço especialmente ao colega de grupo de pesquisa, Prof. Ms. Wagner Nunes, pela parceria durante as disciplinas e pela ajuda na compilação dos *subcorpora* de comentários. Às

colegas Prof. Ms. Marta Matsimbe e à jornalista Ms. Bianca Mara Guedes, pela escuta acolhedora, pelos eventos acadêmicos compartilhados, pelos almoços para conversar e relaxar, pelos passeios durantes as viagens que fizemos juntas e pela companhia durante o doutorado. Vocês somaram e contribuíram para o avanço da minha pesquisa, bem como para o meu bem-estar. Aos colegas do GECon, muito obrigada!

Ao amigo, Prof. Dr. Henrique Campos Freitas, pelo encorajamento, pelo incentivo e apoio de sempre. Eu só tenho a agradecer pela companhia nas viagens e nos eventos acadêmicos, pela troca intelectual nas conversas teóricas e nas trocas de experiências sobre nossas vidas de jovens professores pesquisadores.

Uma nota ainda de agradecimento à querida amiga Prof. Dra. Ana Paula Silva, pelas longas conversas filosóficas e teóricas sobre diferentes assuntos da vida, pelos milhares de bate-papos especulativos e pelas diversas mensagens que me enviou a fim de me motivar nos momentos de desanimo. Obrigada pelos cafés e passeios aleatórios para aliviar a sobrecarga mental, essas interações foram muito importantes para mim.

Uma palavra final de gratidão à minha família pelo apoio, pela paciência e pela compreensão das horas de ausência e de irritação. Sou grata pelo suporte nos momentos de ansiedade e impaciência. Obrigada, Vó Zilda, por me encorajar! Agradeço aos meus pais, especialmente à minha amada mãe, Luciana, pela sua preocupação comigo, pelo carinho e apoio emocional! Demonstro ainda a minha gratidão à minha irmã, Milena, por toda ajuda durante esse período da minha vida. Gratidão!

Agradeço à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pela acolhida durante os quatro anos de doutorado.

Por último, agradeço ao Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (IFTM) pelo afastamento integral concedido, via edital. Esse apoio foi fundamental.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para que eu realizasse o sonho de concluir essa jornada acadêmica e conseguir escrever esta tese. Me sinto muito grata e realizada por ter concluído esta pesquisa. Sinto, ainda, um orgulhoso imenso de mim mesma por ter sido resiliente e não ter desistido quando obstáculos surgiram. Para mim, aluna do ensino público durante toda minha vida, conquistar o título de doutora é uma grande vitória. Muito obrigada!

"Visible language is only the tip of invisible meaning construction that goes on as we think a talk"
(Fauconnier, 1997, p. 1).

RESUMO

O tema deste trabalho aborda uma questão de mudança sociocultural e discursiva no Brasil e na Argentina em relação à representação de mulheres na sociedade atual, no que tange à conquista de espaços, de direitos e aos papéis de gênero, tendo em vista um período anterior marcado por múltiplas opressões. Nos últimos anos, essa parcela da população tem reivindicado direitos, ocupado diferentes espaços e, cada vez mais, se empoderado. Diante disso, a igualdade de gênero é o quinto objetivo do plano global, proposto pela Organização das Nações Unidas - ONU, chamado "Agenda 2030", para alcançarmos um mundo melhor para toda a humanidade. Partindo desse contexto, esta pesquisa empírico-descritiva de base funcionalista, propõe-se a investigar o item lexical mulher*/mujer* e seus campos semânticos e lexicais, observando tabuísmos linguísticos que estejam relacionados a mulheres, seus corpos e sexualidades, a partir de uma perspectiva contrastiva bilíngue, partindo da lexicogramática, da investigação de unidades fraseológicas (UFs), passando pelos usos metafóricos e chegando ao nível discursivo, observando como são realizadas avaliações sobre mulheres, seus corpos e sexualidades (MCS) e como elas, enquanto atores sociais, são representadas, no par linguístico português brasileiro (PB) e espanhol argentino (EA). Assim, para o estudo das UFs e dos tabus linguísticos, Corpas Pastor (2010) e Preti (2010) são norteadores desta pesquisa. Já os estudos propostos por Halliday (2004), Halliday e Matthiessen (2014) e por Martin e White (2005) orientaram as análises iniciais a partir da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da AVALIATIVIDADE. Para o estudo das metáforas conceptuais Lakoff e Johnson (1980) e Berber Sardinha (2007) são as principais referências. Este estudo está embasado nas pesquisas de Novodvorski (2008, 2013) para o estudo contrastivo no par português/espanhol, para a análise da representação de atores sociais e, ainda, para a montagem e manipulação do *corpus*. Este trabalho está ancorado aos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística de Corpus (LC), a partir de Berber Sadinha (2009). O *corpus* de análise desta pesquisa é o COFEM, um *corpus* autêntico, constituído de textos transcritos e escritos publicados em diferentes mídias digitais, no Brasil e na Argentina, a saber: *podcasts*, *videocasts*, textos jornalísticos e comentários de ouvintes nas variantes brasileira e argentina, em um recorte temporal de 5 anos (2018-2022). Foram utilizados dois programas computacionais de análise lexical para se chegar aos resultados. Primeiramente, o *WordSmith Tools,* versão 6.0 (Scott, 2015) foi utilizado para o processamento dos textos e exploração inicial dos *subcorpora* do COFEM e, ainda, para a identificação de padrões de uso linguístico. Posteriormente, foi utilizado o *Sketch Engine* (Kilgarrif; Rychlý, 2003) para o gerenciamento do *corpus* e extração de palavras-chave, assim como outros recursos em *corpora* disponíveis *online* para verificação de aspectos dialetais e corroboração de usos e hipóteses. Os resultados da análise apontam a existência e utilização de novas e já consagradas UFs e metafóricas da língua comum, com o item *mulher(es)* em PB e EA*,* em diferentes contextos de representação, ora negativos, como a objetificação, a subalternidade e a animalidade, apontando para um contexto de desvalorização, ora positivos, como a exaltação, a força, o empoderamento e a visibilidade, como valorização. Os resultados indicam o uso frequente de UFs da língua comum, principalmente aquelas do registro coloquial compostas por tabuísmos linguísticos relacionados à genitália e à menstruação, materializados por meio de disfemismos e eufemismos em PB e EA. Identificou-se, ainda, a frequência de avaliações do tipo julgamento por capacidade positiva e apreciação por composição positiva frente aos itens *mulher(es)/mujer(es).*

Palavras-chave: Mulher. Fraseologia. Metáfora. Linguística Sistêmico-Funcional. Linguística de *Corpus*.

RESUMEN

El tema de este trabajo aborda una cuestión de cambio sociocultural y discursiva en Brasil y Argentina, con relación a la representación de mujeres en la sociedad actual, específicamente en términos de conquista de espacios, derechos y roles de género, frente a un período anterior marcado por múltiples opresiones. En los últimos años, esta parte de la población ha reivindicado sus derechos, ha ocupado diferentes espacios y se ha empoderado cada vez más. Como consecuencia, la igualdad de género es el quinto objetivo del plan global propuesto por la Organización de las Naciones Unidas (ONU), denominado «Agenda 2030», para lograr un mundo mejor para toda la humanidad. A partir de este contexto, esta investigación empírico-descriptiva funcionalista pretende investigar el vocablo mulher/mujer y sus campos semántico y léxico, observando los tabúes lingüísticos relacionados a las mujeres, sus cuerpos y sexualidades (MCS), desde una perspectiva contrastiva bilingüe, basada en el lexicogramatica, desde la investigación de las unidades fraseológicas (UFs), pasando por los usos metafóricos y llegando al nivel discursivo, observando cómo se hacen valoraciones sobre las MCS y cómo ellas son representadas en el par lingüístico portugués de Brasil (PB) y español de Argentina (EA). Para el estudio de UF y de tabúes lingüísticos, Corpas Pastor (2010) y Preti (2010) son los autores principales de esta investigación. Los estudios de Halliday (2004), Halliday y Matthiessen (2014) y Martin y White (2005) guiaron los análisis iniciales basados en la Lingüística Sistémico-Funcional (LSF) y en la VALORACIÓN. Para el estudio de las metáforas conceptuales, Lakoff y Johnson (1980) y Berber Sardinha (2007) son las principales referencias. Este estudio se basa en las investigaciones de Novodvorski (2008, 2013) para el estudio contrastivo del par portugués/español, para el análisis de la representación de los actores sociales y también para el montaje y manipulación del *corpus.* Este trabajo se ancla en los presupuestos teórico-metodológicos de la Lingüística de Corpus (LC), a partir de Berber Sadinha (2009). El *corpus* utilizado para el análisis de esta investigación es COFEM, un *corpus* auténtico compuesto por textos transcritos y escritos publicados en diferentes medios digitales de Brasil y Argentina, a saber: *podcasts*, *videocasts*, textos periodísticos y comentarios de oyentes en las variantes brasileña y argentina, en un período de 5 años (2018-2022). Para llegar a los resultados se utilizaron dos programas informáticos de análisis léxico. En primer lugar, se utilizó *WordSmith Tools*, versión 6.0 (Scott, 2015) para procesar los textos y explorar inicialmente los *subcorpora* do COFEM, así como para identificar patrones de uso lingüístico. Posteriormente, se utilizó *Sketch Engine* (Kilgarrif; Rychlý, 2003) para gestionar el *corpus* y extraer palabras claves, y otros recursos en *corpora* disponibles en línea para verificar aspectos dialectales y corroborar usos e hipótesis. Los resultados del análisis apuntan el uso de UFs y metáforas nuevas y otras ya establecidas de la lengua común, con los ítems *mulher(es)/mujer(es)* en PB y EA, en diferentes contextos de representación, a veces negativos, como objetivación, subalternidad y animalidad, apuntando a un contexto de desvalorización, a veces positivos, como exaltación, fuerza, empoderamiento y visibilidad, como valorización. Los resultados indican el uso frecuente de UFs del lenguaje común, especialmente las del registro coloquial constituido por tabúes lingüísticos relacionados con los genitales y la menstruación, materializados a través de disfemismos y eufemismos en PB y EA. También fue identificado una frecuencia de valoraciones del tipo juicio por capacidad positiva y apreciación por composición positiva en relación con los ítems *mulher(es)/mujer(es).*

Palabras-clave: Mujer. Fraseología. Metáfora. Lingüística sistémico-funcional. Lingüística de Corpus.

ABSTRACT

The subject of this work addresses a question of socio-cultural and discursive change in Brazil and Argentina in relation to the representation of women in today's society, in terms of the conquest of spaces, rights and gender roles, in view of a previous period marked by multiple oppressions. In recent years, this portion of the population has demanded rights, occupied different spaces and become increasingly empowered. Gender equality is the fifth goal of the global plan proposed by the United Nations (UN), called the "2030 Agenda", to achieve a better world for all humanity. From this context, this functionalist empirical-descriptive research aims to investigate the lexical item *mulher/mujer* and its semantic and lexical fields, observing linguistic taboos related to women, their bodies and sexualities, from a bilingual contrastive perspective, based on lexicogrammar, from the investigation of phraseological units (PUs), to metaphorical uses and reaching the discursive level, observing how evaluations are made about women, their bodies and sexualities (MCS) and how they, as social actors, are represented in the Brazilian Portuguese (BP) and Argentine Spanish (AS) language pair. For the study of UFs and linguistic taboos, Corpas Pastor (2010) and Preti (2010) are the guiding principles of this research. On the other hand, the studies proposed by Halliday (2004), Halliday and Matthiessen (2014) and Martin and White (2005) guided the initial analyses based on Systemic-Functional Linguistics (SFL) and APPRAISAL. For the study of conceptual metaphors, Lakoff and Johnson (1980) and Berber Sardinha (2007) are the main references. This study is based on the research of Novodvorski (2008, 2013) for the contrastive study of the Portuguese/Spanish pair, for the analysis of the representation of social actors and also for the assembly and manipulation of the *corpus*. This work is anchored in the theoretical-methodological assumptions of Corpus Linguistics (CL), based on Berber Sadinha (2009). The *corpus* of analysis for this research is COFEM, an authentic *corpus* made up of transcribed and written texts published in different digital media, in Brazil and Argentina, namely: podcasts, videocasts, journalistic texts and comments from listeners in the Brazilian and Argentinian variants, in a timeframe of 5 years (2018-2022). Two lexical analysis computer programs were used to arrive at the results. Firstly, WordSmith Tools, version 6.0 (Scott, 2015) was used to process the texts and initially explore the COFEM *subcorpora*, as well as to identify patterns of linguistic use. Subsequently, the Sketch Engine (Kilgarrif; Rychlý, 2003) was used to manage the *corpus* and extract keywords, as well as other resources in *corpora* available online to verify dialectal aspects and corroborate uses and hypotheses. The results of the analysis point to the existence and use of new and already established UFs and metaphors of the common language, with the item woman in BP and AS, in different contexts of representation, sometimes negative, such as objectification, subalternity and animality, pointing to a context of devaluation, sometimes positive, such as exaltation, strength, empowerment and visibility, as valorization. The results indicate the frequent use of common language UFs, especially those of the colloquial register composed of linguistic taboos related to genitalia and menstruation, materialized through dysphemisms and euphemisms in BP and AS. We also identified the frequency of evaluations of the type of judgment by positive capacity and appreciation by positive composition in relation to the items m*ulher(es)/mujer(es).*

Keywords: Woman. Phraseology. Metaphor. Systemic-Functional Linguistics. Corpus Linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Metafunções da linguagem 47
Figura 2 - Relação entre variáveis de contexto de situação e metafunções 49
Figura 3 - O sistema de avaliatividade nas metafunções 50
Figura 4 – Sistema de avaliatividade 51
Figura 5 - Subsistema de atitude e campos semânticos. 52
Figura 6 - Proximidades e distanciamentos no contexto de cultura Brasil e Argentina 66
Figura 7 - Sistema de representação de atores sociais 71
Figura 8 – COFEM 90
Figura 9 - Organização e armazenamento do corpus. 97
Figura 10 - Exemplo de armazenamento textos em formato PDF e TXT. 98
Figura 11 - Acesso ao arquivo de áudio em formato MP3. 99
Figura 12 - Download do arquivo em formato MP3. 100
Figura 13 - Ferramenta de transcrição do *YouTube*. 102
Figura 14 - Ferramenta de transcrição do Word. 102
Figura 15 - Layout da Ferramenta *online* de transcrição de ÁUDIOS. 103
Figura 16 - Layout do espaço de transcrição de ÁUDIOS. 104
Figura 17 - Exemplos de etiquetagem do subcorpus de *videocast*. 105
Figura 18 - Ouvintes de podcasts em países da América Latina. 113
Figura 19 - Gráfico de interesse "*podcast*" e "*videocast*" por tempo - Brasil. 116
Figura 20 - Gráfico de interesse ao longo do tempo - Argentina. 117
Figura 21 - Canal GNT, playlist Saia Justa, episódios Mini Saia. 129
Figura 22 - Apresentação do Saia Justa no *Google Podcasts*. 129
Figura 23 - Apresentação do Corpo Especulado no *Castbox*. 130
Figura 24 - Apresentação do Sufrágio no *Castbox*. 131
Figura 25 - Apresentação do Conversa com o Bial, no *Google Podcast*. 131
Figura 26 - Capa da Folha de São Paulo 132
Figura 27 - Capa do G1. 133
Figura 28 - Capa do UOL. 133
Figura 29 - Apresentação do El Deseo de Pandora, no *Google Podcasts*. 135
Figura 30 - Apresentação do ConchaPodcast, no *Google Podcasts* 135
Figura 31 - Canal Concha Podcast, playlist "Episódios de estúdio". 136
Figura 32 - Apresentação do Desmuteadas, no *Castbox*. 136
Figura 33 - Apresentação do Conversaciones, no Google Podcasts. 137
Figura 34 - Canal LA NACIÓN, *playlist* Conversaciones. 137
Figura 35 - Capa do Clarín. 138
Figura 36 – Capa do La Nacion. 138
Figura 37 - Capa do Perfil. 139
Figura 38 - Dados estatísticos *subcorpora* do PB e do EA. 140
Figura 39 - Os itens "mulher / mujer" no COFEM. 141
Figura 40 - Campos lexicais e semânticos estabelecidos para o item Mulher. 142
Figura 41 - Keywords *subcorpus* do PB, no Sketch Engine 143
Figura 42 - Keywords *subcorpu*s do EA, no Sketch Engine 145
Figura 43 - Linhas concordância com a UF "mulheres negras". 154
Figura 44 - Lista de concordâncias com o item mulher. 156
Figura 45 - Estatísticas do *subcorpus* de comentários em PB 166
Figura 46 - Lista de palavras subcorpus de comentários. 166
Figura 47 - Lista de concordância *subcorpus* de comentários, item *mulher*. 167
Figura 48 - Lista de concordância, subcorpus de comentários, item *mulheres*. 167

Figura 49 - Word Sketch item "mulher" *subcorpus* comentários em PB. 170
Figura 50 - Estatísticas do *subcorpus* de comentários em EA. 170
Figura 51 - Word Sketch item "mujer" *subcorpus* comentários em EA. 171
Figura 52 - Campos semânticos estabelecidos para o item mulher 223
Figura 53 - Concord com o item Karen. 243
Figura 54 - CONCORD do lema xereca. 244
Figura 55 - Campos semânticos estabelecidos para o item vagina. 250
Figura 56 - Campos semânticos estabelecidos para o item menstruação. 255
Figura 57 - campos semânticos estabelecidos para o item menopausa. 259
Figura 58 - campos semânticos estabelecidos para os itens feminina(o). 263
Figura 59 - campos semânticos estabelecidos para os itens feminicídio / *femicidio*. 264
Figura 60 - campos semânticos estabelecidos para os itens feminismo(s) 268
Figura 61 - campos semânticos estabelecidos para o item aborto 270

QUADROS

Quadro 1 - O *corpus* de estudo. 90
Quadro 2 - As fontes do COFEM. 93
Quadro 7 - Keywords *subcorpus* do PB 143
Quadro 8 - Keywords multi-word terms, do *subcorpus* do PB. 143
Quadro 9 - Keywords multi-word terms *subcorpus* do PB 144
Quadro 10 - Mulher negra em PB e EA 144
Quadro 11 - Keywords subcorpus do EA. 145
Quadro 12 - Keywords multi-word terms, do *subcorpus* do EA. 146
Quadro 13 – keywords multi-word, do *subcorpus* do EA. 146
Quadro 14 - processos mais frequentes no COFEM. 147
Quadro 15 - processos mais frequentes no COFEM 2. 147
Quadro 16 - Candidatos a UFs *subcorpus* transcrições de podcasts em PB. 153
Quadro 17 - Itens analisados 173
Quadro 18 - UF *mulher da vida* 175
Quadro 19 - UF *mujer de la vida fácil.* 177
Quadro 20 - UF *mulher de vida fácil.* 177
Quadro 21 - UF mulher de vida duvidosa 178
Quadro 22 - UF “mulher de rua” 180
Quadro 23 - UF “mulher de la calle” 181
Quadro 24 - UF “garota de programa” 182
Quadro 25 - UF "Mulher rodada" 183
Quadro 26 - UF "Dona de casa" 184
Quadro 27 - UF "ama de casa" 187
Quadro 28 - UF "do lar" 188
Quadro 29 - UF "bela, recatada e do lar" 188
Quadro 30 - UF "não basta ser honesta é preciso parecer honesta" 189
Quadro 31 - UF "em briga de marido e mulher não se mete a colher" em PB 190
Quadro 32 - UF "Em briga de marido e mulher se mete a colher" 191
Quadro 33 - UF "lugar de mulher" 192
Quadro 34 - UF "lugar de la mujer" 192
Quadro 35 - Colocações com os itens Mulheres / Mujeres 193
Quadro 36 - UF "*Mujer al volante peligro constante*" 194
Quadro 37 - UF "mulher ao volante perigo constante" 194
Quadro 38 - UF "Tinha que ser mulher" 195

Quadro 39 - UF "porque é mulher" 195
Quadro 40 - UF "lugar de mulher é onde ela quiser" 196
Quadro 41 - UF “seguir a cartilha das mulheres” 197
Quadro 42 - UF "mulher multitarefa" 197
Quadro 43 - UF "*mujer multitarea*" 198
Quadro 44 - UF "*mujer maravilla*" 198
Quadro 45 – UF “mulher maravilha” 199
Quadro 46 - UF "mulher de verdade" 200
Quadro 47 - UF "mulher de respeito" 201
Quadro 48 - UF "ser um mulherão" 202
Quadro 49 - UF "*Ser un mujerón*" 203
Quadro 50 - UF "mulherão da porra" 203
Quadro 51 - UF "mulher padrão" em PB 205
Quadro 52 - UF "mulher objeto" em PB 206
Quadro 53 - UF "*mujer objeto*" em EA 206
Quadro 54 - UF "*Mujer trofeo*" em EA 207
Quadro 55 - UF "*mujer premio*" em EA 208
Quadro 56 - UF "Ser um hino de mulher" em PB 209
Quadro 57 - UF "mulher madura" em PB 210
Quadro 58 - UF "mulher conservada" em PB 211
Quadro 59 - UF "coisa de mulher" em PB 212
Quadro 60 - UF "*Cosa de mujer*" em EA 212
Quadro 61 - UF " o papel da mulher" em PB 213
Quadro 62 - UF "*El rol de la mujer*" em EA 213
Quadro 63 - UFs homofóbicas ou transfóbicas encontradas no COFEM 215
Quadro 64 - UF "*mujeres king kong*". 217
Quadro 65 - UF "*mujer verde*" 217
Quadro 66 - UF "*mujeres cannábicas*" em EA 219
Quadro 67 - UFs "mulher de /*mujer de*" 220
Quadro 68 - A institucionalização da mulher/mujer no COFEM 221
Quadro 69 - UF "*mujer, escucha, únete a la lucha*" em EA 222
Quadro 70 - Vocábulos utilizados para se referir à vagina no s*ubcorpu*s de transcrições de *videocasts* e *podcasts* em PB. 227
Quadro 71 - Vocábulos utilizados para se referir à “vagina” no subcorpus de comentários em PB 228
Quadro 72 - Vocábulos sinônimos de vagina no subcorpus de textos jornalísticos em PB 229
Quadro 73 - Vocábulos sinônimos de *vagina* em EA 230
Quadro 74 - UF “botar a xereca na mesa" em PB 231
Quadro 75 - UF " botar na roda" em PB 232
Quadro 76 - UF "mergulhar de cabeça na onda da vagina" em PB 232
Quadro 77 - Neologismo "xerecar" em PB 233
Quadro 78 - Metáforas sobre a vagina em PB 234
Quadro 79 - UF "Padrão de" em PB 235
Quadro 80 - UF "padrão de periquita" em PB 235
Quadro 81 - UF "Caixa de pandora" em PB 236
Quadro 82 - UF "Caja de Pandora" em EA 237
Quadro 83 - Usos de boceta no *subcorpus* de comentários 238
Quadro 84 - Embucetar 239
Quadro 85 – UF “chave de buceta” em PB 239
Quadro 86 - Usos de vulva no *subcorpus* de comentários. 240
Quadro 87 - Desautomatizações com vagina e sinônimos em PB 240

Quadro 88 - UF "*sacar la vulva del closet*" em EA....246
Quadro 89 - UF "*La concha de la lora*" en EA....247
Quadro 90 - UF "*La concha de tu hermana*" em EA....247
Quadro 91 - UF "*la concha de tu madre*" em EA....248
Quadro 92 - Item lexical "*conchuda*" em EA....248
Quadro 93 - UF "*un pelo de concha tira más que una yunta de bueyes*" en EA....249
Quadro 94 - UF "Um pelo de boceta tem a força de mil homens" em PB....249
Quadro 95 - UF "ficar mocinha" em PB....252
Quadro 96 - UF "*hacerte señorita*" em EA....252
Quadro 97 - UF "Andrés, ele que viene todo més" em EA....253
Quadro 98 - UF "estar de chico" em PB....253
Quadro 99 - UF "mar vermelho" em PB....254
Quadro 100 - UF "*sangre azul*" em EA....254
Quadro 101 - UF "*Sacar la menopausia del closet*" en EA....258
Quadro 102 - UF "Bancada Feminina" em PB....260
Quadro 103 - UF "sagrado femenino" em EA....261
Quadro 104 - UF "sagrado feminino" em PB....261
Quadro 105 - UF "Escancarar o armário" em PB....262
Quadro 106 - Item lexical "feminazi" em PB e EA....267
Quadro 107 - UF "meu aborto minha vida" em PB....269
Quadro 108 - UF "*sacar al aborto del closet*" em EA....269
Quadro 109 - Dados quantitativos candidatos a UFs por campo semântico....302

TABELAS

Tabela 1 - Dados Quantitativos do COFEM....91
Tabela 2 - Textos transcritos COFEM....127
Tabela 3 - Textos escritos COFEM....127
Tabela 4 - Dados *subcorpus* PB....128
Tabela 5 - Dados *subcorpus* EA....134
Tabela 6 - Resultados a partir do lema *mulher/mujer* no COFEM....148
Tabela 7 - Resultados *subcorpus* de transcrições em PB....149
Tabela 8 - Resultados *subcorpus* de transcrições PB....150
Tabela 9 - Resultados *subcorpus* de transcrições de EA....150
Tabela 10 - Resultados *subcorpus* de transcrições EA....151
Tabela 11 - Resultados *subcorpus* de transcrições de podcasts EA....152
Tabela 12 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcast* em PB....156
Tabela 13 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB....157
Tabela 14 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em PB....157
Tabela 15 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB....157
Tabela 16 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB....158
Tabela 17 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcast* em EA....159
Tabela 18 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em EA....160
Tabela 19 - Resultados *subcorpus* de textos jornalísticos PB....161
Tabela 20 - Resultados textos jornalísticos PB....162
Tabela 21 - Resultados *subcorpus* de textos jornalísticos EA....163
Tabela 22 - Resultados *subcorpus* textos jornalísticos EA....164
Tabela 23 - Resultados *subcorpus* textos jornalísticos EA....164
Tabela 24 - Resultados do *subcorpus* de comentários em PB....168
Tabela 25 - Resultados *subcorpus* de comentários em PB....169

Tabela 26 - Resultados *subcorpus* de comentários em PB.....169
Tabela 27 - Resultados *subcorpus* de comentários EA.....171
Tabela 28 - Dados quantitativos UF por *subcorpus* em PB.....297
Tabela 29 - Dados quantitativos uf por *subcorpus* em EA.....299
Tabela 30 - Dados quantitativos UF por campo semântico.....300

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
C	Clarín
CB	Conversa com Bial
CE	Corpo Especulado
COFEM	*Corpus* Feminino
CP	*Concha*Podcast
CV	*Conversaciones*
CY	Comentário Youtube
D	*Desmuteadas*
EA	Espanhol Argentino
EDP	*El deseo de Pandora*
FSP	Folha de São Paulo
G1	Portal de notícias G1
GECon	Grupo em Estudos Contrastivos
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
LA	*La Nación*
LC	Linguística de *Corpus*
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MCS	Mulheres, seus corpos e sexualidades
MSJ	Mini Saia Justa
P	*Perfil*
PB	Português Brasileiro
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
RAS	Representação de Atores Sociais
S	Sufrágio
SE	*Sketch Engine*
SJ	Saia Justa
TTp	Texto transcrito podcast
TTv	Texto transcrito *videocast*

UF	Unidade Fraseológica
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
ULF	Unidade léxico-fraseológica
UOL	Portal de notícias UOL (Universo Online)
WST	*WordSmtih Tools*

LISTA DE ETIQUETAS UTILIZADAS PARA ANÁLISE DOS DADOS

<TJ> - Texto jornalístico

<TP> - Transcrição podcast

<TV> - Transcrição *videocast*

<CY> - Comentário Youtube

<intro> - Início da introdução

</intro> - Final da introdução

<incompreensível> para trechos incompreensíveis

<SJ> - Podcast Saia Justa

<CB> - Podcast Conversa com Bial

<EDP> - Podcast El deseo de Pandora

<CV> - Podcast Conversaciones

<CP> - Podcast ConchaPodcast

<JFSP> - Jornal Folha de São Paulo

<PNG1> - Portal de notícias G1

<PNUOL> - Portal de notícias UOL

<JP> - Jornal Perfil

<JLN> - Jornal La Nación

<JCL> - Jornal Clarín

<MSJ> - *Videocas*t Mini Saia Justa

<CPE> - *Videocast Concha* Podcast *episodios de estudio*

<TJFSP> - Texto jornalístico Folha de São Paulo

<TJUOL> - Texto jornalístico UOL

<TJG1> - Texto jornalístico G1

<DS> - Podcast Desmuteadas

<CE> - Podcast Corpo Especulado

<SF> - Podcast Sufrágio

Identificação das pessoas responsáveis por conduzir os programas (c*orpus* de podcast e *videocast*) através de etiquetas:

Saia Justa: <M> Mônica <A> Astrid <P> Pitty <G> Gaby
Sufrágio: <A> Angela <L> Laila
Conversa com Bial: <B> Bial
Corpo especulado: <S> Sarah <H> Helena <J> Joana <M> Marília <B> Bia
ConchaPodcast: <J> Jimena <L> Lau <D> Dalia
El deseo de Pandora: <L> Leila <J> Julieta
Desmuteadas: <L> Lucia
Conversaciones: <M> Mariana <N> Nora <C> Carolina <L> Luciana <J> José <N> Nicolás

SUMÁRIO

1. **CONSIDERAÇÕES INICIAIS** 23
   1.1. Justificativas 26
   1.2. Objetivos 36
2. **REFERENCIAL TEÓRICO** 38
   2.1. Introdução 38
   2.2. Partindo dos estudos descritivos 39
   2.3. A língua falada, a língua escrita e a linguagem nas mídias digitais 40
   2.4. Estudos contrastivos do português brasileiro e do espanhol argentino 43
   2.5. O Funcionalismo e a Linguística Sistêmico-Funcional 44
   2.6. O Sistema de AVALIATIVIDADE 49
   2.7. Fraseologias e metáforas conceptuais 53
   2.8. Léxico e tabuísmos linguísticos 60
   2.9. Análise Crítica do Discurso e Representação de atores sociais 68
   2.10. Linguística de *Corpus*: uma abordagem teórico-metodológica 76
   2.11. Considerações 81
3. **METODOLOGIA E *CORPUS* DA PESQUISA** 83
   3.1. Introdução 83
   3.2. Procedimentos e ferramentas computacionais de análise linguística 84
   3.3. Planejamento e organização do *corpus* de estudo 86
   3.4. COFEM: Um *corpus* múltiplo, temático e bilíngue 88
   3.5. Mídias digitais: os casos dos formatos podcast*s* e dos *videocasts* 107
   3.6. O comentário público no ciberespaço 118
   3.7. Os textos jornalísticos no contexto das mídias digitais 123
   3.8. A situação das mulheres no Brasil e na Argentina: um breve panorama do contexto de cultura 61
   3.9. Os *subcorpora* de pesquisa 126
      3.9.1. O *subcorpus* do PB 128
      3.9.2. O *subcorpus* do EA 134
   3.10. Da coleta aos procedimentos e categorias de análise 96
   3.11. Considerações 139
4. **APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DOS DADOS** 140

4.1. Introdução 140
4.2. Análises baseadas no *subcorpus* de transcrições de *videocasts* 149
4.2.1. Em PB 149
4.2.2. Em EA 150
4.2.3. Contraste 152
4.3. Análises baseadas no *subcorpus* de transcrições de podcast*s* 152
4.3.1. Em PB 152
4.3.2. Em EA 159
4.3.3. Contraste 160
4.4. Análises baseadas no *subcorpus* de textos jornalísticos 161
4.4.1. Em PB 161
4.4.2. Em EA 163
4.4.3. Contraste 165
4.5. Análises baseadas no *subcorpus* de comentários da audiência 165
4.5.1. Em PB 165
4.5.2. Em EA 170
4.5.3. Contraste 172
4.6. Considerações 172
5. **ANÁLISE DESCRITIVA NOS NÍVEIS LEXICAL E SEMÂNTICO** 173
5.1. Introdução 173
5.2. Os itens *mulher(es) / mujer(es)* 174
5.3. Os itens *vagina (s)* 224
5.4. Os itens *menstruação / menstruación* 251
5.5. Os itens *menopausa/menopausia* 256
5.6. Os itens *femininos (o) (s) /femenina (o)(s)* 259
5.6. Os itens *feminicídio / feminicidio* 263
5.7. Os itens *feminismo (s)* 264
5.8. Os itens *aborto (s)* 268
5.9. Resultados das análises 270
5.10. Considerações 271
6. **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 273
REFERÊNCIAS 279
ANEXO A - Normas de transcrição 294

ANEXO B - 5º Objetivo de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas (ODS \ ONU)295
ANEXO C – Esquema sinóptico das oposições pertinentes de Bourdieu 296
APÊNDICE A – Frequência de uso das UFs separado por *subcorpus* 297
APÊNDICE B – Candidatos a UFs em PB e EA com os itens mulher(es) e *mujer*(es) 300
APÊNDICE C – Resultados organizados por metáforas conceptuais 306
APÊNDICE D – Fichas de identificação episódios de podcast e videocast 307
APÊNDICE E – Exemplo de Código em python utilizado para a coleta de comentários do *videocast* MSJ 310

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese é resultado de nossa pesquisa em nível de doutorado, realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculada à linha de pesquisa 1 – Teoria, descrição e análise linguística. A investigação se desenvolveu no âmbito do Grupo em Estudos Contrastivos (GECon), e forma parte ativa do projeto de pesquisa intitulado *Pesquisas empírico-descritivas sob a ótica da Linguística de Corpus: do Léxico à metáfora,* ambos coordenados pelo professor Dr. Ariel Novodvorski[1].

Esta tese de base empírico-descritiva investigou o item lexical[2] mulher(es*)/mujer(es)* e seus campos semânticos e lexicais, com ênfase em aspectos relacionados à feminilidade – observando diferentes vocábulos, inclusive tabuísmos linguísticos[3] que representam mulheres[4], seus corpos e sexualidade (MCS) –, a partir de uma perspectiva contrastiva bilíngue, partindo do uso do léxico, para observar e investigar o uso de unidades fraseológicas (UFs), de processos de metaforização e usos metafóricos e avaliativos, chegando ao nível semântico discursivo, observando como são realizadas avaliações sobre mulheres e como elas, enquanto atores sociais, são representadas, no par linguístico português/espanhol.

O presente trabalho é multidisciplinar e empreendeu uma análise com métodos mistos, baseada em *corpus*, buscando subsídios nos campos da Linguística de Corpus, da Lexicologia, da Fraseologia, da Metáfora Conceptual, da Linguística Sistêmico-Funcional, da AVALIATIVIDADE e da Representação de atores sociais. Assim, esta tese buscou descrever e analisar os usos dos itens *mulher(es)* no Português brasileiro (PB) e *mujer(es)* no Espanhol argentino (EA), em um *corpus* constituído de textos orais transcritos e de textos escritos publicados em diferentes mídias digitais, nas variantes brasileira e argentina[5], em um recorte

[1] Relevante mencionar que o grupo e o projeto são certificados pela UFU, pertencem à linha de pesquisa 1: Teoria, descrição e análise linguística e estão cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

[2] De acordo com Teubert (2009, p. 16) um item lexical é uma unidade de significado; é monossêmica e, geralmente, consistem em duas ou mais palavras.

[3] Segundo Preti (2010, p. 86), o tabu linguístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira.

[4] Entendemos que o substantivo *mulher* engloba pessoas que se legitimem como tal.

[5] Como parte do *corpus* desta pesquisa tem origem em comentários públicos feitos por internautas e coletados de maneira automatizada, faz-se importante mencionar que dadas as características desta parte do *corpus*, marcado pela dinamicidade e a forma como ela foi coletada, via *python*, há comentários que ultrapassaram o recorte temporal proposto inicialmente, chegando ao ano de 2023. Outro aspecto considerável é o fato de que é possível que haja comentários em outras variantes do português e do espanhol, já que essa informação se perde nesse gênero/contexto.

temporal de 5 anos (2018-2022), a fim de compreender como mulheres são representadas nesses espaços, como essas representações se assemelham/diferenciam e se elas estão ancoradas em bases sexistas em cada idioma.

Desse modo, o tema desta pesquisa aborda uma questão atual de mudança sociocultural e discursiva no Brasil e na Argentina, em relação à representação de mulheres na sociedade, no que tange à conquista de espaços, de direitos e aos papéis de gênero, tendo em vista um período anterior marcado por opressões e apagamentos diversos. O momento atual apresenta mudanças de atitude diante do que é compreendido por "papéis de gênero" e "empoderamento feminino"[6], sendo possível mencionar, entre outros, a promoção da "igualdade de gênero" como sendo o quinto dos dezessete objetivos de desenvolvimento sustentável propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU) para serem alcançados até 2030. Esses objetivos propostos ao mundo são um convite à ação e à reflexão, de modo a contribuir para que "as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e prosperidade"[7]. Portanto, pode-se dizer que o recorte temporal adotado nesta tese compreende um tempo em que os feminismos[8] estão em construção, frente à desconstrução do machismo[9].

Esta tese está dividida em seis seções, organizados da seguinte forma: **Considerações iniciais**, em que apresento a pesquisa e busco demonstrar como cheguei à proposta de análise ora apresentada. Assim, exponho as diferentes justificativas para a realização deste estudo e as motivações para as escolhas adotadas, visando alcançar os objetivos propostos.

---

[6] Berth (2019, p. 46) explica que "o empoderamento é uma teoria estritamente ligada ao trabalho social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão, e visa principalmente a libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo, em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual". Ademais, Berth (2019, p. 47), baseada em Nelly Stromquist (2002, p. 232), destaca que o empoderamento trabalha em quatro frentes de valores iguais e interdependentes, a saber: a dimensão cognitiva, a psicológica, política e econômica "para levarem as mulheres a atuarem em seu próprio benefício".

[7] Notável destacar que, como toda agenda, esta pode ser alcançada, alterada, adiada. Contudo, reconhecemos que como toda agenda poderá não ser cumprida, mas o fato dela existir significa muito. Nesse sentido, essa agenda demarca um caminho frente a um futuro mais justo.

[8] Nesta pesquisa, foi adotado o uso de "Feminismos", no plural, inspirado pela coleção de livros "Feminismos Plurais", coordenado pela professora e filósofa Djamila Ribeiro. "Feminismos" significa compreender que existe diversidade dentro do movimento social chamado feminismo. Assim, essa pluralidade se reflete em opiniões, demandas e posicionamentos variados, haja vista a diversidade de mulheres que existem, as quais vivenciam diferentes opressões e estão inseridas em múltiplas realidades.

[9] Neste trabalho, compreende-se "machismo" como preconceitos expressos por ações e comportamentos que valorizam a desigualdade de direitos entre os gêneros. Segundo Delphy (2009, p. 178), o machismo e o sexismo estão no nível das atitudes e/ou das relações interindividuais. Cabe mencionar que não é objetivo desta pesquisa reforçar a dicotomia binária entre os gêneros, tão pouco contribuir para a polarização mulher-homem. Coadunando Latham (2010, p. 81), acredito que adotar uma perspectiva que põe em evidência a oposição entre os gêneros, contribui para a naturalização da desigualdade de oportunidades que é imposta a mulheres. Pardo Rubio (2020, p. l. 31) define "machismo" como "ideologia que defende a superioridade dos homens sobre as mulheres".

Na segunda seção, apresento o **Referencial Teórico** que embasa esta investigação. Essa seção está fracionada em doze subseções, as quais contemplam conceitos teóricos da perspectiva dos estudos descritivos e estudos contrastivos português/espanhol especialmente aqueles com as variantes brasileira e argentina. Parto dos estudos descritivos, em que discorro sobre os conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional, enfatizando as metafunções ideacional e interpessoal (Halliday, 1985, 1994). Apresento o contexto de cultura em que o *corpus* da pesquisa foi produzido. De forma breve, exponho um pequeno panorama sobre a situação das mulheres no Brasil e na Argentina. Apresento, ainda, o referencial teórico dos estudos do léxico (Tagnin, 2013), da Fraseologia (Corpas Pastor, 1996, 2010) e da Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff, 2007). Ao chegar aos estudos discursivos, apresento o Sistema de AVALIATIVIDADE[10] (Martin; White, 2005) e a Teoria da representação de atores sociais (Van Leeuwen, 1996, 1997), chegando enfim aos estudos discursivos. Por último, exponho, ainda, os conceitos da Linguística de *Corpus* (Berber Sardinha, 2000, 2004, 2007, 2009) demonstrando como esta abordagem teórico-metodológica ocupa um lugar importante neste trabalho, uma vez que possibilita o aprofundamento do conhecimento empírico sobre o uso dos vocábulos aqui investigados e a identificação e compreensão de padrões linguísticos e usos sistêmicos.

Na terceira seção, apresento a **Metodologia e o *corpus* de pesquisa**. Para isso, descrevo os processos metodológicos que foram adotados para se alcançar os resultados desta investigação. Assim, traço um caminho partindo da apresentação e da descrição dos procedimentos e dos programas de análise linguística que utilizei para chegar aos dados. Nesta parte, também discorro sobre os gêneros textuais que compõem o *corpus*, suas fontes e características. Por último, exponho as características do *corpus* de estudo e a forma como ele foi compilado, armazenado, tratado e balanceado. Também demonstro como cheguei aos dados, permitindo a replicabilidade desta pesquisa.

Na quarta seção, intitulada **Apresentação e descrição quantitativa dos dados** exponho os resultados quantitativos separados por idioma e por *subcorpora*, buscando colocar em perspectiva de contraste os dados encontrados. Esta parte está estruturado em 6 subseções que objetivam apresentar e organizar os dados de forma objetiva e contrastiva.

A quinta seção, nomeada **Análise descritiva dos níveis lexical e semântico** está dividida em 10 subseções. Cada uma está dedicada a um item lexical investigado nos dois idiomas. Cada subseção está dividida em subseções que demonstram os resultados em PB e em

[10] Nesta pesquisa, foi adotada a grafia AVALIATIVIDADE, seguindo a proposta da Linguística Sistêmico-Funcional, em que os nomes dos sistemas são redigidos com a fonte "versalete", que se caracteriza basicamente por apresentar seus caracteres em letras maiúsculas, porém na mesma proporção das letras minúsculas.

EA. Ao apresentar as análises e os resultados encontrados, também busco responder às perguntas que motivaram esta pesquisa a partir da exploração desses resultados.

Por último, teço as **Considerações Finais** desta tese, buscando responder às perguntas da pesquisa. Nessa seção, retomo a trajetória desta pesquisa até a sua conclusão e destaco algumas considerações. Também busco ressaltar a importância da pesquisa frente ao momento sócio-histórico-cultural, no qual o tema "mulher" está em evidência, sendo este um dos pontos focais deste trabalho, a fim de demonstrar como estudos linguísticos podem contribuir para a compreensão da relação entre língua, sociedade, cultura e gênero, e como os usos linguísticos podem ou não afetar a realidade dessa parcela da sociedade.

A seguir, discorro brevemente sobre as justificativas para a realização deste trabalho, com o intuito de demonstrar como cheguei a esta proposta.

1.1. Justificativas

Esta pesquisa surgiu a partir de inquietações e experiências diversas que me motivaram a investigar a relação entre língua, sociedade, cultura e gênero. Em primeiro lugar, algumas perguntas resultam de estudos desenvolvidos ao longo do meu percurso acadêmico[11], pois parte das pesquisas que realizei estava voltada para a compilação de *corpora*, descrição e análise linguística, especificamente dos idiomas português e espanhol. Portanto, as motivações iniciais que encontrei para a realização deste trabalho partem da minha trajetória como pesquisadora e professora de português e espanhol.

No ano de 2011, realizei um intercâmbio educacional e cultural na cidade de Buenos Aires, na Argentina. A partir dessa experiência, me interessei por uma variante do espanhol argentino – especificamente a rioplatense - e me senti instigada a investigar, de modo contrastivo, as variantes brasileira e argentina em algum momento futuro, haja vista as

[11] Durante a graduação, desenvolvi atividades de pesquisa relacionadas à descrição linguística e à constituição de *corpora* para estudos sobre o PB do século XX. Importante destacar que, nesse período, integrei o Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR), coordenado pela Prof.ª Dra. Juliana Bertucci Barbosa, na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A página do GEVAR, na plataforma do CNPQ, pode ser acessado no link: https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/647. Participei, ainda, do projeto de pesquisa intitulado *Diversidade linguística em Minas Gerais: constituição de corpora e regate cultural de Uberaba,* na UFTM, de 2010 a 2012. Nesse projeto, a intenção foi contribuir para a construção de *corpora* jornalístico de épocas passadas, através da digitalização de jornais antigos, contribuindo para a descrição e para um panorama do português brasileiro de épocas passadas. Nesse período, me interessei pelos textos jornalísticos, pois enxerguei com clareza a existência de uma íntima relação entre os usos da língua e a sociedade e vice-versa através da descrição desse tipo de *corpus*. Naquele momento, observei formas de tratamento em colunas sociais de jornais do início do século XX. Desde então, a linguagem jornalística e os gêneros dessa esfera me interessam.

características que aproximam as duas nações a partir de diferentes óticas, mas também as características que as distanciam em algum ponto.

Em 2013, concluí o curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol, pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), tendo realizado pesquisa de iniciação científica intitulada *Uma análise das formas de tratamento em jornais do início do século XX da cidade de Uberaba* e trabalho de conclusão de curso sobre o mesmo tema, ambos orientados pela Prof.ª Dra. Juliana Bertucci Barbosa. Nessas pesquisas, os resultados encontrados chamaram a minha atenção sobre a situação das mulheres daquele tempo: como elas eram mencionadas nos jornais de forma escassa, na maioria das vezes citadas em conjunto com figuras masculinas (pais, irmãos e maridos) e, caso ocupassem algum lugar de destaque social, como professoras, por exemplo, em raras situações, eram mencionadas sozinhas. Também pude perceber a diferença de tratamento dado às pessoas que eram citadas pelo jornal, especificamente na seção "coluna social", observando os usos das formas de tratamento. Analisar essa classe gramatical possibilitou um recorte de gênero e, assim, a observação de um léxico que evidenciava questões sociais sobre a situação da mulher uberabense daquele tempo e que se refletiam no uso da língua, como a subordinação à figura masculina, a invisibilidade e o desprestígio social.

Em 2015, ingressei no curso de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Estudos linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Durante esse período, participei dos projetos de pesquisa: "Linguística de Corpus aplicada a pesquisas empírico-descritivas: tradução, interlíngua, fraseologia, discurso referido e transitividade em contraste" vinculado à UFU; "Estudos de Tradução e Avaliatividade: pesquisas empírico-discursivas mediadas pela Linguística de Corpus", vinculado ao Programa de Pós-graduação em Linguística – POSLIN da Faculdade de Letras – FALE da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ambos coordenados pelo Prof. Dr. Ariel Novodvorski. Nesse mesmo período, ingressei no Grupo em Estudos Contrastivos – (GECon), tendo como líder o Prof. Dr. Ariel Novodvorski. Estar em contato com os projetos e com o grupo de estudos possibilitou um conhecimento mais profundo sobre o aparato teórico-metodológico da Linguística de Corpus (LC). Além disso, foi possível continuar observando com mais atenção os usos da língua em *corpora* jornalísticos e manusear programas de análise linguística.

Concluí o mestrado em 2017, com a dissertação *Avaliatividade em corpus de entrevistas de artistas: um estudo das escolhas lexicogramaticais de atitude*, sob a orientação do Prof. Dr. Ariel Novodvorski. Desenvolvi um estudo contrastivo do PB e do EA, investigando, à luz do

Sistema de AVALIATIVIDADE, o subsistema de Atitude. Com essa análise demonstrei o potencial de pesquisa que a LC pode oferecer em interfaces com a Linguística Sistêmico-Funcional e com o campo da AVALIATIVIDADE; também evidenciei que estudos com o par linguístico português/espanhol são produtivos, - especificamente das variantes latino-americanas - e podem evidenciar padrões linguísticos, semelhantes ou não, em ambos os idiomas. Através da pesquisa, destaquei a importância de estudos baseados em *corpora* jornalísticos, e de refletir sobre os diversos gêneros discursivos dessa esfera, como entrevistas escritas e o estudo da língua em contextos reais de uso.

Como esta tese é uma investigação de cunho contrastivo português/ espanhol, justifico a escolha da Argentina como país para a coleta de *corpus,* dentre os demais países hispano-falantes, por interesses pessoais, mas também por questões políticas, históricas e geográficas. Como já mencionado, investiguei essas variantes na minha pesquisa de mestrado e agora, nesta pesquisa de doutorado, sigo com esse par linguístico.

O fato de que Brasil e Argentina são países fronteiriços, que ambas as nações sul-americanas possuem línguas de origem latina e que têm como idioma oficial variantes de idiomas europeus e que, em alguma medida, sofrem com o desprestígio frente à variante do colonizador, foram fatores motivadores para a escolha desse par linguístico. Ademais, os dois países integram o bloco econômico Mercosul [12] e possuem um histórico considerável relacionado a movimentos feministas e direitos das mulheres.

É preciso, também, destacar o perfil machista desses países, que possuem histórico de misoginia e opressão das mulheres (Blay; Avelar, 2019). Ambos os países são repúblicas e já elegeram mulheres para o mais alto cargo político: a presidência. Nesses países, as mulheres são maioria da população e, além disso, ambas nações possuem um histórico marcante de ativismo político de defesa dos direitos das mulheres e diversos movimentos feministas nos últimos 50 anos. Outra característica comum a essas nações é que elas possuem diferentes leis de amparo e proteção à mulher. As regiões rioplatense e sudeste brasileiro compartilham o fato de serem centros urbanos e possuírem grandes capitais da América do Sul, como São Paulo e Buenos Aires. É a partir dessas capitais e/ou regiões próximas a elas que os textos analisados nesta pesquisa são publicados.

[12] MERCOSUL - Mercado Comum do Sul, é um processo de integração econômica entre Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Bolívia que objetiva abrir espaços para investimentos firmados na democracia e no desenvolvimento econômico. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sanidade-animal-e-vegetal/sanidade-vegetal/acordos-e-convencoes-internacionais/mercado-comum-do-sul-mercosul. Acesso em: 20 maio 2023.

Logo, fica evidente como o estudo linguístico, a partir da perspectiva contrastiva, pode ser produtivo com esse par de variedades linguísticas, evidenciando o aspecto social da linguagem e como o contexto de situação assume um papel importante, tanto para a produção de textos como para a análise deles. Portanto, o estudo aqui apresentado também poderá contribuir para a caracterização das peculiaridades do português e espanhol falados e escritos em contextos midiáticos e contribuirá com os estudos contrastivos entre português e espanhol.

A união de várias experiências acadêmicas culmina em um desejo de compreender como diferentes textos presentes no discurso jornalístico, nas mídias digitais e nos discursos de sua audiência estão construindo diversas representações de gênero, especificamente de mulheres e identidades femininas[13] deste tempo e o quanto da representação já existente está presente nesses espaços, seja através de vocábulos, tabuísmos linguísticos, neologismos[14], unidades fraseológicas, metáforas, avaliações e da própria representação de atores sociais.

Faz-se necessário reconhecer que esta tese aborda uma temática que me interessa e, dada a constituição do meu ser e das minhas experiências, é ilusório pensar que valores e crenças não influenciaram as escolhas que fiz, a minha introspecção e interpretações - ainda que eu acredite ter mantido o olhar mais analítico possível e a postura científica necessários à pesquisa acadêmica. A seleção da temática, do *corpus*, do recorte temporal e a escolha e observação de termos tabus referentes às mulheres direcionam o olhar para a relação entre língua, sociedade, cultura e gênero[15].

A pesquisa aqui apresentada pretende descrever com o máximo de fidelidade possível os fenômenos linguísticos e os resultados encontrados, permitindo a triangulação desses dados como recurso de análise. Contudo, é preciso considerar assim como Perini (2006, p. 57), que o significado que se extrai de uma expressão linguística vem de uma grande colaboração de diversos fatores, nem todos eles propriamente linguísticos. O pesquisador explica que "submetemos todos os enunciados que recebemos ao escrutínio da estratégia léxico-gramatical e ao da estratégia cognitiva".

---

[13] A identidade feminina é uma identidade de gênero, isto é, é a forma como um indivíduo se reconhece, podendo corresponder ou não ao sexo biológico.

[14] Entendemos por neologismos palavras que não estejam dicionarizadas e que ainda não integram o vocabulário da língua portuguesa – VOLP.

[15] Pesquisa linguística e subjetividade parecem ter se alimentado algumas vezes durante o tempo de investigação, despertando reflexões diversas. Acredito que toda indagação envolve interpretações e pontos de vista. Investigar a representação de mulheres nas mídias digitais brasileira e argentina é também uma leitura pessoal de vários elementos encadeados. Assim como Buitoni (2009, p. 11) acredito que a "linguagem não serve só para relatar ou descrever. A linguagem *diz* as coisas." Desse modo, as mídias digitais, sendo linguagem, "elas *dizem* a mulher."

Esta investigação pretende contribuir com a área dos estudos de gênero, haja vista a temática aqui abordada. Outra justificativa para o recorte temático adotado é que estudos com recorte de gênero me interessam haja vista o momento sócio-histórico em que estamos inseridos, momento chamado por pesquisadoras como a 4ª onda feminista[16], em que o pensamento feminista está consolidado como área legítima de conhecimento[17].

Nos últimos anos, há mais liberdade e oportunidade para a discussão de assuntos relacionados às identidades femininas, às mulheres, aos seus corpos e à sexualidade, temas considerados tabu durante muito tempo e que, em geral, ainda são pouco abordados, mas que neste momento têm sido debatidos em diferentes espaços como nas mídias digitais, por pessoas diversas, e trazem à baila múltiplos questionamentos e reflexões que são temas em *podcasts*[18], *videocas*ts[19], em diferentes gêneros da esfera jornalística e nos comentários de internautas ao reagirem aos conteúdos acessados. Esse movimento de reconhecimento e ocupação de espaços proporciona a expressão linguística através de textos falados e escritos.

Analisar esse conteúdo é produtivo pois esses *corpora,* ainda que através de um recorte, propiciam elucubrações, divulgam informação sobre políticas públicas que reconhecem a situação atual das mulheres nas sociedades, ampliam o acesso à informação, compartilham conhecimento sobre mulheres que são referência e que podem inspirar outras, também incentivam a população que se identifica como mulher a ocupar mais e diversos espaços na sociedade e a conhecerem a situação atual das discussões sobre gênero[20]. Portanto, este estudo terá como produto um material que reflete a língua em uso no recorte temporal proposto (2018-2022), frente a um tema de relevância social: mulheres seus corpos e sexualidade.

---

[16] A partir da massificação do debate sobre o feminismo no mundo, houve uma mudança, pois mulheres de diferentes regiões do planeta, de classes sociais distintas, de raças/etnias e religiões passaram a contribuir para o fortalecimento do movimento se reconhecendo nas pautas defendidas pelo feminismo. Assim, a partir da internet e do ciberfeminismo a quarta onda pode ser entendida como um fenômeno global. Disponível em: https://www.politize.com.br/quarta-onda-do-feminismo/. Acesso em: 20 maio 2023.

[17] De acordo com Hollanda (2019, p. 38), na segunda década do século XXI, "estimulado pelas novas formas de ativismo jovem na internet e nas ruas, os estudos feministas começam a tomar força. [...] Nas universidades, proliferam coletivos de mulheres, bem como as teses, pesquisas de conclusão de curso não apenas na área de Ciências sociais. As áreas de letras, belas-artes e comunicação são ocupadas por questões de desconstrução das noções de gênero e sexualidade, a "diversidade dos feminismos – agora sempre usado no plural. O pensamento feminista conseguiu emergir e se consolidar como área legítima de conhecimento".

[18] Segundo o dicionário online priberam.org, "podcast" é uma palavra inglesa que, em português significa "Ficheiro de áudio ou multimídia, divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de rádio, que pode ser descarregado da Internet e lido no computador ou em dispositivo próprio". Disponível em: https://dicionario.priberam.org/podcast. Acesso em: 20 maio 2023.

[19] Segundo o dicionário de inglês online collins.dictionary.com, "videocast" é uma transmissão televisiva de um vídeo ou a transmissão apenas de uma parte de vídeo (um programa, cena etc.). Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/videocast. Acesso em: 20 maio 2023.

[20] O que não é suficiente e tão pouco perfeito, mas que pode contribuir em muitos aspectos, sejam eles científicos ou sociais. Mas, é necessário reconhecer que houve evolução e que a situação da mulher caminha, mesmo que a passos lentos, em direção à equidade de gênero.

A compreensão de experenciar um mundo muitas vezes misógino, em que prevalece a dominação masculina[21] e viver em uma sociedade de base patriarcalista[22], em que o machismo se faz presente cotidianamente, suscita a escolha da temática desta pesquisa. Perceber essas questões me instigou a pesquisar e a refletir[23] sobre a temática, pois encontrar os resultados dos meus trabalhos na graduação, os quais demonstraram o apagamento de mulheres das colunas sociais dos jornais do início do século XX, e observar que hoje a situação é diferente, já que existem diversas ações para se alcançar a equidade de gênero me pareceu necessário e relevante.

Ou seja, compreender que a sociedade tem mudado, promovendo o não apagamento de mulheres e da figura feminina em diferentes contextos, e buscando, sobretudo na linguagem em uso, evidenciar suas existências é um desafio contemporâneo que merece ser observado e descrito do ponto de vista linguístico.

Observar o surgimento de manuais e guias de redação e comunicação que orientam a produção de textos jornalísticos e oficiais menos sexistas e a "correção" ou alteração de verbetes de famosos dicionários também motivou esta pesquisa. A proposta de "boas práticas" de escrita para os textos que têm personagens femininas demonstra a compreensão de como a comunicação e os usos linguísticos implicam nas relações de gênero, portanto, na sociedade. A existência desse tipo de material evidencia uma mudança social e linguística, haja vista a propagação cada vez maior desse tipo de documento e a percepção, cada dia mais difundida nas sociedades brasileira e argentina, de que a "reflexão intelectual é alavancadora da mudança da realidade", conforme Buitoni (2009, p. 8).

Já o interesse em observar os comentários dos ouvintes que reagem aos programas publicados nas mídias digitais é porque eles demonstram como a audiência faz uso da linguagem e, por conseguinte, o quanto esses usos linguísticos estão em (des)acordo com o uso sexista da linguagem. Nos contextos analisados neste trabalho, existem políticas de controle

---

[21] Segundo Bourdieu (2020, p. 22), "a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça."

[22] De acordo com Delphy (2009, p. 178), "patriarcado" não tem uma definição estrita e tão pouco uma com a qual todos estejam de acordo. Assim, o termo ou conceito "patriarcado" pretende "descrever não atitudes individuais ou de setores precisos da vida social, mas um sistema total que impregna e comanda o conjunto das atividades humanas, coletivas e individuais". Priore (2020, p. 237) afirma que "o declínio progressivo das sociedades patriarcais é fato, pelo menos no Ocidente, desde o fim do século XX. Assistimos, então, à reconfiguração das relações entre os sexos e o mesmo dos papéis e das representações de cada um deles".

[23] Bortoni-Ricardo (2008, p. 58) diz que uma forma de trabalhar o problema do necessário distanciamento entre o sujeito pesquisador e objeto investigado é aceitar o paradigma interpretativista, do pressuposto da **reflexividade**, "isto é, a pesquisa qualitativa aceita o fato de que o pesquisador é parte do mundo que ele pesquisa. [...] o cientista social é membro de uma sociedade e de uma cultura, o que certamente afeta a forma como ele vê o mundo. [...] Assim, uma linguagem de observação neutra seria ilusória, pois todas as formas de conhecimento são fundamentadas em práticas sociais, linguagens e significados, inclusive aqueles do senso comum". [grifo da autora]

responsáveis pelo monitoramento desses comentários, como regras para comentar, seção apenas para assinantes das plataformas ou usuários cadastrados, botão de denúncia e outras normas para participação e interação nesses espaços. Entretanto, nem sempre a audiência segue esses preceitos para publicar seus comentários, demonstrando como as pessoas opinam sobre a publicação e, desse modo, ao usarem o léxico utilizam unidades fraseológicas e metafóricas e emitem avaliações diversas sobre os temas tratados nessas publicações e, assim, criam representações sobre mulheres, seus corpos e sexualidade de formas variadas.

Por todas essas características apresentadas, esta investigação se justifica, também, pelo fato de que, nas práticas diárias de linguagem, há uma constante presença de avaliações e metáforas que tentam explicar ou definir e avaliar o item lexical *mulher/mujer*, e, por meio delas, veiculam visões diferentes, muitas vezes conflitantes sobre a imagem de mulheres, destacando estereótipos diversos. Coadunando com o que afirma Bortini-Ricardo (2008, p. 49), nós, enquanto sociedade, nos acostumamos ao que é rotineiramente lido e temos dificuldade de perceber os padrões estruturais sobre os quais essas rotinas e práticas discursivas se assentam ou nos é custoso identificar os significados dessas rotinas e a forma como se encaixam em uma matriz social mais ampla, que se retroalimenta, pois essa fonte condiciona, mas é também por ela condicionada.

Assim, busco com esta investigação linguística identificar e descrever esses padrões estruturais que motivam agrupamentos lexicais como unidades fraseológicas, os usos sistemáticos de metáforas conceptuais e avaliações e representações que de algum modo (des)valorizam a figura feminina no contexto das mídias digitais, sobretudo em canais de comunicação *online*, como *sites* e portais jornalísticos e plataformas de áudio e vídeos.

Atualmente, além da expansão dos usos do item "mulher" e da atenção dada à sua utilização nos idiomas PB e EA, outros estudos têm sido propostos a fim de compreender esse contexto. No que tange ao estado da arte, é possível afirmar que a alusão ao vocábulo "mulher" vem se tornando mais frequente não só na esfera midiática, jornalística, mas também na acadêmica. Em eventos científicos, em publicações, em nomes de minicursos, a recorrência com que aparecem referências ao item "mulher" demonstram uma presença cada vez maior nesse contexto e servem como régua do estado da arte.

Observando a base de dados de teses e dissertações da Capes [24], encontrei 03 dissertações sobre "fraseologia mulher" e 01 tese. Já numa busca de trabalhos sobre "metáforas conceptuais e o item mulher" foram encontrados 04 trabalhos, duas dissertações e 02 teses.

[24] Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES: https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses

Quando pesquisados em conjunto os itens "mulher" e "baseado em *corpus*", os números são mais expressivos. Nesse caso, foram encontrados 87 trabalhos, sendo 68 dissertações e 16 teses, porém ao refinar a pesquisa, selecionando o filtro "Letras, Linguística e Artes", são 27 trabalhos, sendo 09 teses. Por último, ao buscar por "mulher e avaliatividade" foram encontrados 13 resultados, sendo 08 teses.

Portanto, fica evidente que, apesar da quantidade de pesquisas detectadas, não foram encontrados trabalhos como o aqui apresentado, que propõe uma análise baseada em *corpus* múltiplo e bilíngue, e que tem como foco a investigação de fraseologismos, metáforas e AVALIATIVIDADE aplicados às mulheres, seus corpos e sexualidade.

Este trabalho também é motivado pelo fato de que estudos com *corpora* múltiplos comparáveis e bilíngues são raros e a descrição de gêneros/formatos *podcast, videocast* com perfil de entrevistas ainda ser pouco estudados na área de estudos linguísticos[25], e por acreditarmos que o propósito discursivo desse tipo de gênero varia, passando, muitas vezes, do informativo ao persuasivo, ou seja, passando em momentos da *proposição* à *proposta,* o que pode ser evidenciado a partir da análise dos usos dos recursos linguísticos. Essas escolhas que o falante faz, muitas vezes, podem manifestar avaliações, pois elas estão presentes na linguagem e estão associadas aos significados interpessoais constituídos no texto. Portanto, esta pesquisa auxilia na caracterização e no levantamento dos recursos linguísticos utilizados pelos participantes desses textos, e ainda, auxilia os estudos sobre a LSF e sobre a AVALIATIVIDADE.

Esta é uma pesquisa empírica, de base descritiva, que pretende demonstrar como a imprensa, as mídias digitais e seus usuários utilizam a linguagem, destacando as UFs, as metáforas e as avaliações que são utilizadas para representar mulheres, seus corpos e sexualidade. Assim, observar a (des)valorização da mulher na e pela linguagem, a partir do estudo proposto, contribui para uma compreensão da situação das mulheres a partir da ótica do PB e do EA, pois visa demonstrar um recorte da realidade.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, os quais ainda serão apresentados, foi necessário definir campos semânticos e lexicais, e a partir deles, selecionar lexias simples que direcionassem o olhar para as análises dos *subcorpora* de estudo, como será explicado de forma detalhada na seção de metodologia. Assim, foi definido como ponto de partida a investigação de lexias simples e vocábulos tabuísticos relacionados a mulheres seus corpos e sexualidade os quais serão apresentados nas análises desta pesquisa. Posteriormente,

[25] Ottoni (2009), em sua investigação sobre o gênero oral entrevista, afirma que na área de estudos linguísticos há poucas pesquisas voltados para o gênero entrevista.

observando os dados coletados, expandiu-se aos campos semânticos de forma ampla para **identidade de gênero; reprodução; movimento social, políticas públicas e violência,** a fim de organizar os dados encontrados. A partir desses campos, as unidades fraseológicas e as metáforas foram categorizadas por temas e depois por categorias gramaticais, a fim de se identificar padrões linguísticos.

Quando se reflete sobre o uso de expressões linguísticas, especialmente as opressoras, é uma forma de compreender criticamente questões da contemporaneidade para demonstrar como, por exemplo, o machismo está entranhado de formas diversas na língua – na formação de palavras, nas expressões que refletem valores da sociedade que a utiliza, nos valores da gramática da língua, enfim na cognição dos falantes de PB e EA, os quais estão inseridos em contextos culturais que perpetuam esses valores. Coaduno com a ideia de que a palavra tem poder. Por isso, acredito que a consciência de escolha e utilização das palavras vem com o estudo crítico delas.

Se vivemos em uma sociedade estruturalmente marcada pelo patriarcado[26], e que as pessoas são, por vezes, machistas, é preciso refletir sobre como esses mecanismos influenciam a cultura, a sociedade e a língua e, consequentemente, a vida das pessoas. Logo, é possível questionar o que os usos da linguagem têm reproduzido dessas influências e como questões sexistas são evidenciadas através da/na linguagem. Compreendo que a linguagem não é machista, mas sim os usos que fazemos dela são muitas vezes ancorados nesse tipo de preconceito, pois a linguagem reproduz valores da sociedade que a utiliza. Este trabalho parte da perspectiva de interação entre língua e sociedade, considerando-se aquela como reflexo desta (Preti, 2010).

Acredito que este estudo pode contribuir para a promoção do objetivo da igualdade de gênero, proposto pela Agenda 2030 da ONU, e vai ao encontro do momento sócio-histórico em que estamos inseridos. Período de profundas mudanças no que tange à igualdade de gênero e ao empoderamento de mulheres e meninas e às teorias feministas.

Portanto, o contexto de cultura em que estou inserida, em que a figura feminina é, muitas vezes, alvo de desprestígio, considerada objeto de desejo, obrigada à submissão, à

[26] Segundo Delphy (2009, p.173) "Na acepção feminista, o "patriarcado" designa uma formação social em que os homens detêm o poder". Assim, a autora explica que "Literalmente é a autoridade do pai [...]" e que "a palavra "patriarcado" comporta triplamente a noção de autoridade e nenhuma noção de filiação biológica" (Delphy, 2009, p. 174). Gowan (2021, p. 14), explica que o "patriarcado é um sistema social" e que por causa dele "homens são a maioria nos cargos de liderança, têm salários mais altos que as mulheres e são respeitados por sua autoridade masculina, entre outros privilégios". Segundo a autora, era por meio dos corpos femininos que se perpetuava o patriarcado, dominante até hoje.

desvalorização, vítima de preconceitos, de piadas sexistas e violência verbal[27] é um ponto que motiva o desenvolvimento deste estudo. Observar o uso frequente de estereótipos da subalternidade, associações que aproximam mulheres a animais, que as objetificam e as reduzem ao seu órgão genital reforçou em mim o interesse em estudar profundamente essa temática. A mulher é, frequentemente, exposta à punição através de palavras e expressões que reforçam a ideia de inferioridade frente aos homens. O PB e o EA demonstram a utilização de um vocabulário marcado pelas relações de gênero[28]. Esse fato está relacionado aos preconceitos que são repassados pelas pessoas e seguem sendo reforçados por diferentes usos linguísticos e discursos nos espaços das mídias digitais.

Outro aspecto motivador da pesquisa é o fato de, no momento da escrita deste texto, serem escassos os trabalhos que se dedicaram ao estudo contrastivo das variantes PB e EA, haja vista que no banco de teses e dissertações da Capes o resultado da busca pelas palavras-chave "português brasileiro e espanhol argentino" foi o total de 44 textos encontrados. Já no google acadêmico[29], a mesma busca resultou em 3 textos.

São poucos os trabalhos como o que proponho aqui, ancorados na LC, a partir de uma perspectiva teórico-metodológica, baseados em um *corpus* múltiplo, bilíngue, composto por textos transcritos e escritos, publicados nas mídias digitais em diferentes formatos como *podcast* e *videocast*, e diferentes tipos de textos jornalísticos e comentários de ouvintes. Este estudo também contribuirá para a caracterização e compreensão dos formatos *podcasts* e *videocast* e dos gêneros discursivos que compõem o *corpus* de estudo, textos jornalísticos e comentários retirados de ambientes digitais.

Entre as múltiplas possibilidades de análise dos dados, a partir dos usos do vocábulo *mulher/mujer* em textos produzidos para ambientes digitais, como jornais, *podcasts*, *videocasts* e comentários da audiência, a opção pela análise inicial, partindo do léxico, a fim de identificar as unidades fraseológicas mais frequentes, a partir de campos lexicais definidos nesta pesquisa, foi motivada pelo interesse em pesquisar possíveis interlocuções entre léxico, metáfora conceptual, AVALIATIVIDADE e representação de atores sociais. Propomos, assim, uma análise

[27] Não à toa existe a expressão "estupro verbal", violência caracterizada pela utilização de palavras agressivas como "vagabunda, puta e vadia" em redes sociais. Esse tipo de violência caracteriza-se pela forma como a sociedade de maneira geral utiliza-se de palavras desrespeitosas, mesmo em contextos de "brincadeira", para se referir à figura feminina. Disponível em: https://delas.ig.com.br/comportamento/2016-06-02/site-mostra-mulheres-sofrendo-ofensas-verbais-em-tempo-real.html.

[28] Conforme Keller (2009, p. 129) as metáforas de gênero "servem para reificar – ou naturalizar – crenças e práticas culturais", assim estudá-las nos ajuda a compreender o seu "impacto – habitualmente negativo – sobre as mulheres".

[29] A busca foi realizada utilizando aspas, um mecanismo de pesquisa avançado.

que tem início no léxico, mas que atinge a semântica do discurso. Portanto, é interesse deste estudo observar a léxico-gramática para se alcançar a semântica da língua utilizando o potencial teórico e metodológico da LC.

A partir de vivências como professora de idiomas e pesquisadora há mais de 10 anos e como mulher brasileira, leitora e consumidora de diferentes mídias de comunicação de massa hegemônicas e alternativas, surgiram os seguintes questionamentos que norteiam esta pesquisa e que conduziram a compilação e a análise do *corpus*, a saber: Quais são as UFs mais frequentes relacionadas a MCS, no *corpus* a ser analisado? Como são avaliadas, metaforizadas e representadas as MCS, a partir das unidades léxicas simples e tabuísticas e das UFs identificadas? Em que medida PB e EA se aproximam/distanciam, a partir dos dados extraídos dos diferentes *subcorpora*?

Para respondê-las, parto da observação dos usos da língua em contextos reais e diversos, em um *corpus* bilíngue (PB e EA), composto por diferentes tipos de textos, selecionados para investigação, são eles: transcrições de *podcasts* e *videocasts* de programas de entrevista e/ou *talk show*, textos jornalísticos e comentários de ouvintes. Também foi compilado para consulta um *corpus* de textos instrutivos sobre comunicação não sexista e inclusiva, composto por manuais, cartilhas e orientações publicados no Brasil e na Argentina, em versão *online*, no recorte temporal 2018-2022.

Sendo assim, esta pesquisa poderá contribuir para um panorama linguístico do português e espanhol contemporâneos, através da identificação de UFs e metafóricas e, desta forma também colaborar para um panorama social da mulher latino-americana, especificamente da situação das mulheres no Brasil e na Argentina, nos anos de 2018 a 2022.

1.2. Objetivos

Os objetivos deste estudo se estruturam a partir das indagações e motivações que norteiam esta investigação. Isto posto, esta pesquisa contribuirá com o campo dos estudos linguísticos, mas também no âmbito social, haja vista que foram abordadas questões de gênero e representação das mulheres no contexto das mídias digitais.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é:

I. Compreender a representação social de MCS a partir da identificação e análise, sob a luz da LSF, de UFs (colocações, locuções, enunciados fraseológicos), transparentes e

metafóricas, formadas sobretudo pelas palavras mulher/*mujer,* e coletadas em textos transcritos e escritos do PB e do EA, provenientes de textos jornalísticos, *podcasts*, *videocasts* e comentários e analisados.

Os objetivos específicos são:

I. Identificar, descrever e analisar unidades fraseológicas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos) relacionadas às MCS;
II. Problematizar, descrever e analisar marcas de avaliação, metáforas e representação das MCS a partir de unidades léxicas simples, tabuísticas e das unidades fraseológicas identificadas;
III. Analisar em contraste os dados extraídos do *corpus* desta pesquisa para compreender em que medida PB e EA se aproximam / distanciam.

A seguir, a fim de contextualizar a proposta de pesquisa, apresento de maneira breve as concepções teóricas que norteiam este trabalho, demonstrando o arcabouço teórico que ancora esta investigação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Introdução

Esta seção apresenta um panorama dos pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa. Primeiramente, serão tecidas considerações acerca do referencial teórico e, sempre que possível, serão apresentados exemplos tomados do COFEM, o *corpus* de estudo desta pesquisa. Para a realização da descrição, interpretação linguística e análises dos dados, este estudo se ancora em diferentes fontes bibliográficas. Para apresentá-las, primeiro parto da base, abordando concepções dos estudos descritivos a partir de Perini (2003, 2006, 2008b), de Gramáticas descritivas como Castilho (2010) e Neves (2011).

Na sequência, apresento algumas questões sobre "língua falada" "língua escrita" de acordo com Faraco (2006) e sobre a "linguagem *online"* conforme Barton e Lee (2015); também abordo questões sobre textos orais e escritos produzidos em contextos midiáticos como programas de entrevistas, conversas e *talk shows* em formatos de *podcasts* e *videocasts* e sobre os comentários públicos *online*, partindo de Luiz (2014), Valério (2021), Lanzetta (2021), Tigre (2021) e Bontempo (2021). Do mesmo modo, a fim de compreender a estruturas dos programas que integram o *subcorpus* de *podcasts e videocasts* desta pesquisa, que é constituído por programas estruturados como entrevistas, conversas e *talk shows*[30], retomo os estudos de Ottoni (2009) e Marra (2017).

Depois, disserto sobre a Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday (2004), Halliday e Matthiessen (2014), também discorro sobre o Sistema de AVALIATIVIDADE apresentado por Martin e White (2005); contemplo ainda, a Lexicologia a partir de Tagnin (2013), tabuísmos linguísticos com Guérios (1979) e Preti (2010), a Fraseologia com base em Corpas Pastor (1996) e a Metáfora conceptual segundo Lakoff (1980, 1986).

Também foram consultados teses, dissertações e artigos que partem, em algum nível, do mesmo arcabouço teórico aqui proposto como Latham (2010), Zavaglia (2018), Novodvorski e Lima (2019), Félix (2019), Lima (2015), Figueiredo (2009), Rodríguez (2009), dentre outros.

Ademais, esta pesquisa se apoia em estudos linguísticos com enfoque de gênero, sobre temas relacionados a mulheres, como Ottoni (2014), Buitoni (2009), Freitas (2018), e em estudos realizados em diferentes áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, em que

[30] Segundo o dicionário Collins, *Talk Show* é um programa de televisão ou rádio no qual pessoas famosas conversam entre si de maneira informal e recebem perguntas sobre diferentes tópicos. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/talk-show. Acesso em: 20 maio 2023.

partimos de Bourdieu (2020), Sieghart (2022), Blay e Avelar (2019), e a Comunicação, passando por Oliveira e Rodrigues (2021) e Araújo (2020).

Ao final, trato da Linguística de *Corpus* a partir de Berber Sadinha (2008), Novodvorski (2008, 2013, 2019, 2020, 2023) e Fromm (2003).

A seguir, serão apresentados, de maneira resumida, os conceitos básicos desses tópicos e as principais ideias relacionadas aos temas destacados.

2.2. Partindo dos estudos descritivos

O principal interesse desta pesquisa é a língua em uso, é observá-la em seu contexto real de utilização buscando compreender, por exemplo, as regras que regem o seu funcionamento. Portanto, partindo do princípio de que é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função, descrever a língua viva, utilizada em contextos reais e os usos que fazemos dela é o primeiro passo para "compreender as possibilidades de composição que estão sendo aproveitadas pelos usuários para obtenção do sentido desejado", conforme explica Neves (2011, p. 13). Assim, nos interessam os fatos da língua, que são inegáveis. Compreendo que descrever como a língua está sendo efetivamente usada em textos orais e escritos, partindo de princípios gerais da linguística descritiva sincrônica, contribui para o entendimento das formas, dos significados e das relações entre formas e significados, como expõe Perini (2006, p. 49).

Por todos os motivos apresentados até aqui, coaduno com Perini (2006), ao afirmar que o objetivo de linguistas não deve se resumir à apresentação de dados, é preciso também prestar atenção à "descrição da estrutura da língua", isto é, "ao conjunto de regras, elementos, classes e princípios que governam as associações dos diversos elementos da língua e seu significado" (p. 36). Também concordo com o pesquisador no que se refere a um dos propósitos da Linguística enquanto ciência, uma vez que, para Perini (2008), um dos principais objetivos desta área é descrever as línguas naturais, ou seja, "prever a aceitabilidade e a inaceitabilidade de sequências formais e de suas associações a representações semânticas" (Perini, 2008, p. 57). Por isso, esta pesquisa, pretende identificar e descrever unidades fraseológicas, processos metafóricos com o vocábulo *mulher/mujer*, pois como afirma Castilho (2010, p. 59):

> É muito importante entender que *toda reflexão sobre a língua começa pela descrição das expressões*. Ao mesmo tempo que descrevemos, vamos identificando os grandes processos linguísticos que se escondem por trás da multidão dos dados.

Seguindo essa perspectiva linguística, esta pesquisa está ancorada aos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, (doravante LSF), que será apresentada posteriormente. A seguir, apresento breve reflexão sobre as diferenças entre fala, escrita e sobre a linguagem *online*.

2.3. A língua falada, a língua escrita e a linguagem nas mídias digitais

As formas de expressão linguística – fala e escrita – foram associadas à ideia de formalidade e informalidade. Entretanto, sabe-se que não se deve pautar essas expressões apenas por tais aspectos. Halliday (1989) explora as diferenças entre a língua falada e a escrita, evidenciando como elas desempenham funções diferentes na construção do conhecimento e na comunicação. O linguista argumenta que enquanto a fala é mais dinâmica e interativa, oferecendo uma visão dinâmica da realidade, como algo e movimento, a escrita é mais estruturada e reflexiva, proporcionando uma visão mais estática da realidade, isto é, como uma fotografia. Faraco (2006) discorre sobre a distinção de língua escrita e língua falada. Segundo o autor, a primeira é mais conservadora, está normatizada em gramáticas, formalizada em dicionários, também é ensinada nas escolas, além de ser vinculada pelos meios de comunicação como jornais e revistas, ocasionando assim uma "dificuldade" maior em incorporar mudanças linguísticas, tabuísmos linguísticos ou desvios gramaticais e chulismos, por exemplo. A escrita também é planejada, elaborada e pode ser corrigida.

Já a língua falada, aquela de uso cotidiano, não. Essa é mais espontânea, em geral caracterizada pela informalidade, é também marcada pela utilização de tabuísmos linguísticos e está em constante mutação, à serviço das necessidades de acordo com o contexto e os recursos disponíveis. Essa característica pode ser evidenciada através do surgimento de neologismos[31], como os vocábulos encontrados no *subcorpus* desta pesquisa em PB *xerecar* e *xerecou,* e em EA *escarpinazo* e *tetazo* exemplos da criatividade lexical em ambos os idiomas.

Ou seja, a língua falada é dinâmica e essa característica motiva diversas criações lexicais a todo momento, muitas vezes, em resposta a diferentes tendências que guiam as relações humanas, como aconteceu com os vocábulos citados anteriormente. Fato este que também é de interesse desta pesquisa.

[31] Assim como Correa e Almeida (2012, p. 23) compreendemos que neologismo é uma unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio anterior do código da língua.

Por isso, esta pesquisa investigará *podcasts* e *videocasts*, pois essas mídias, de características híbridas, propiciam o trabalho com a língua falada. Especificamente os programas que integram o *corpus* desta pesquisa - os quais serão completamente descritos na seção sobre o *corpus* -, são marcados pela existência de um contexto preocupado com assuntos atuais, mas com perfis "descontraídos", marcando a utilização da língua de forma mais informal e acessível, ainda que em ambiente monitorado, com características semelhantes às conversas informais face a face, pois são programas que possuem em sua gênese a ideia de informalidade. Assim, nos aproximamos de uma linguagem coloquial cotidiana, a qual é rica em usos avaliativos, metafóricos e propício à utilização de UFs diversas.

Logo, para os estudos da língua falada é importante considerar, conforme Favero *et al*. (2000, p. 15), "como se instaura a conversação, uma atividade que envolve dois ou mais interlocutores que alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano". Por esse motivo, nos interessam *podcasts* e *videocasts* que têm formato de entrevistas, conversas e *talk show*.

Ao considerar que a fala contém um grande volume de elementos pragmáticos como pausas, repetições, ênfases, truncamentos, hesitações etc., ela, há muito tempo, tem sido vista como um lugar do "caos", segundo Favero *et al.* (2000, p. 15). Assim, descrever a língua falada é uma tarefa complexa, pois é preciso antes transcrevê-la, mas não de qualquer forma. É necessário seguir critérios. Por isso, nesta pesquisa, me refiro ao *corpus* de *podcasts* e *videocasts* como de "textos transcritos".

Todo esse processo de transcrição será descrito na seção sobre o processo metodológico desta pesquisa, mas é importante mencionar que o planejamento de *corpora* de língua falada é trabalhoso. Como referência para este trabalho, cito o C-ORAL BRASIL[32], um projeto que teve como propósito estudar a fala espontânea através da compilação e análise de *corpora* e o NURC – SP (Norma Urbana Linguística Culta)[33], um projeto que documenta e estuda o Português falado por pessoas de educação formal de cinco capitais brasileiras.

Muitas pesquisas buscaram investigar a escolha do vocabulário e a estrutura léxica, sintática e semântica de textos falados, a fim de compará-los aos textos escritos. Sabe-se que a fala cotidiana, aquela não planejada, tende a ser caracterizada por uma variedade menor de palavras e que geralmente são utilizados vocábulos e frases menores. O uso da linguagem falada

[32] Projeto coordenado por Heliana Mello e Tommaso Raso, sediado no Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL), na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
[33] Endereço eletrônico do projeto: http://tarsila.icmc.usp.br:8080/nurc/about#

está intimamente relacionada ao contexto situacional, diferente da escrita que pode ser planejada.

No caso desta pesquisa, encontramos um cenário semelhante ao descrito anteriormente, em que a fala apesar de combinada, muitas vezes, desenvolvida a partir de um planejamento e em um contexto monitorado, está marcada por aspectos da informalidade, da linguagem cotidiana. Por isso, é importante destacar que, por existirem usos linguísticos que se aproximam da linguagem cotidiana, os programas de *podcasts e videocasts* que compõem o *corpus* desta pesquisa estão mais próximos da fala cotidiana, não monitorada do que da rigidez dos textos jornalísticos, por exemplo.

Portanto, esta pesquisa pretende descrever e analisar *podcasts* e *videocasts*, produzidos por mídias hegemônicas e alternativas, observando a forma como a língua falada tem sido utilizada no contexto dos programas analisados, em que se observa uma maneira mais informal de utilização da fala, pois mesmo que ocorram as gravações, e que os episódios tenham perfil de entrevistas, conversas e debates, característicos dos *talk shows*, percebe-se que nesse tipo de programa, aliado ao formato, possibilita a utilização de construções mais simples e, muitas vezes, informais, características essas da conversa do dia a dia. É perceptível a utilização de estruturas menos complexas, de gírias e neologismos, também é frequente o uso de tabuísmos linguísticos, UFs e metáforas. Isto posto, compreendo que esse é um terreno produtivo para o estudo da língua falada atualmente no Brasil e na Argentina.

Igualmente interessante me parece o estudo da língua escrita, do discurso jornalístico hegemônico, daqueles textos publicados em *sites* e portais de notícias, ou seja, em ambientes digitais midiáticos mais formais. Nesta pesquisa, chamo de "textos jornalísticos" o conjunto dos diferentes gêneros textuais que compõem esse *subcorpus*, que são notícias, reportagens, entrevistas, colunas e textos de opinião. Nesse tipo de *corpus*, espera-se encontrar um rigor linguístico maior se comparado aos textos falados, pois a esfera jornalística demanda certa formalidade e rigor linguístico, próprios dessa área.

Outro tipo de produção escrita que nos interessa são os comentários públicos dos ouvintes desses *podcasts* e *videocasts*. Nos comentários, percebemos que há características próprias desse espaço que se aproximam da fala, como a informalidade, mas que também são próprios da linguagem *online*, como abreviações, utilização de *emojis*, linguagem chula, ausência de pontuação etc. Nesses comentários, os usuários da rede debatem assuntos diversos, constroem discussões críticas a partir dos temas dos abordados, avaliam e são avaliados constantemente. Por isso, neste trabalho, me proponho a descrever esses tipos de produções

linguísticas, a partir da temática MCS, buscando traçar um paralelo entre a língua falada, a língua escrita e a linguagem *online* em ambientes midiáticos em uma perspectiva contrastiva bilíngue.

2.4. Estudos contrastivos do português brasileiro e do espanhol argentino

Nesta seção, de modo breve, abordo questões centrais sobre estudos contrastivos nos idiomas português/espanhol e apresento pesquisas com essa perspectiva. Importante destacar que esta tese está concentrada nas variedades do PB e do EA, sobretudo aquelas usadas na região rioplatense e no sudeste brasileiro.

O PB e o EA, línguas denominadas como tal, "são como demarcações de uma realidade instável: a interlocução verbal entre seres humanos", afirmam Fanjul e González (2014). Assim, é interesse desta pesquisa saber como cada realidade funciona através dos usos linguísticos relacionados à temática MCS e compará-las. Observar os pontos de aproximação e afastamento, principalmente, mas também observar em que medida essas realidades linguísticas materializam UFs, metáforas e avaliações sobre MSC.

Fanjul (2002, 2013) em seus estudos com perspectiva comparada dedicou-se à análise discursiva em diferentes *corpora.* Fanjul e González (2014, p. 21) problematizam o nome "análise contrastiva", afirmando que há aspectos questionáveis no conceito, dadas as suas origens. Assim, o autor afirma que seu trabalho é comparativo com base no funcionamento.

Fanjul (2017) destaca que Brasil e Argentina têm sido objeto de comparação das ciências humanas, a partir de sua história política e social. Segundo o pesquisador, os estudos brasileiros, geralmente, concentram-se no plano das diferenças e abordam questões discursivas, aspectos enunciativos e lexicais.

Novodvorski (2008, 2013) é referência em estudos sobre as variedades PB e EA e a Linguística de Corpus. Em suas pesquisas, Novodvorski investigou, a partir de uma perspectiva contrastiva, traduções em *corpus* literários e jornalísticos. O pesquisador reconhece a escassez de pesquisas que têm como objetivo o contraste dessas variedades dos idiomas português e espanhol.

Marra (2017) investigou, de modo contrastivo, como o Sistema de AVALIATIVIDADE se realiza em um *corpus* de entrevistas jornalísticas, em PB e EA. Já Lima (2019) desenvolveu um estudo contrastivo sobre fraseologismos em um *corpus* composto por legendas de filmes português/espanhol.

Esta seção buscou ilustrar o lugar dos estudos contrastivos, especificamente no par linguístico português/espanhol, nas variantes brasileira e argentina. Percebe-se que ainda existem poucos estudos, porém esses demonstram a diversidade de *corpora* e temáticas analisados.

2.5. O Funcionalismo e a Linguística Sistêmico-Funcional

Nesta seção, apresento um esboço dos pressupostos teóricos da abordagem Funcionalista, buscando destacar o espaço em que esta pesquisa se insere em termos de arcabouço teórico e de princípios que a regem.

Conforme Martelotta e Kenedy (2015, p. 14), para o Funcionalismo a língua é um "instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical". Essa corrente defende que a organização dos idiomas é delineada a partir da intenção comunicativa daqueles que utilizam as línguas. Por isso, a língua e o seu uso estão fortemente relacionados nessa perspectiva.

Ancorados na concepção funcionalista da linguagem, surgem na Europa as chamadas Escolas de Londres, em que Michael Halliday – fundador da LSF – impulsionou a investigação linguística de um ponto de vista funcional, influenciado pelas ideias do antropólogo Bronislaw Malinowski, o qual introduziu a noção de que a língua é manifestação cultural de um povo, e do linguista John Rupert Firth, responsável por estruturar esse princípio na linguagem.

A partir da segunda metade do século XX o termo "Funcionalismo" começa a ser utilizado com mais frequência e passa a ser adotado por pesquisadores estadunidenses, na escola funcionalista norte-americana. Nesse grupo, os chamados "linguistas cognitivistas" também se aproximaram da compreensão de que existe uma estreita relação entre **língua** e **uso**, pois acreditam que "palavras e frases assumem seus significados no contexto, o que implica a noção de que os conceitos são resultados de padrões criados culturalmente", segundo Martelotta e Kenedy (2015, p. 16).

Ao enxergarem a linguagem do ponto de vista da interação social, os funcionalistas vão além da estrutura gramatical, pois buscam no contexto discursivo motivações para os fatos linguísticos. Assim, a abordagem funcionalista procura compreender as regularidades a partir das condições discursivas. Por isso, os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática estão relacionadas e são interdependentes, como explica Cunha *et al*. (2015, p. 21).

A partir desse cenário, durante a década de 1960, emerge a LSF, uma abordagem de análise gramatical. Tal teoria filia-se à corrente Funcionalista e tem Halliday como o seu maior expoente. Halliday (1989) discute a linguagem como um sistema sociossemântico abordando, por exemplo, como a linguagem reflete e constrói a realidade social. Desta forma, para o autor, a linguagem é responsável por construir a experiência humana.

Para este teórico, o **texto** e o **contexto** devem ser levados em consideração em uma abordagem semântico-funcional da linguagem, que deve ser concebida através de uma interpretação descritiva, baseada no uso da língua. Para a LSF, não existe língua desvinculada do uso da linguagem.

Halliday, ao desenvolver essa perspectiva teórica, sistematiza as categorias lexicogramaticais a partir da Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF). Conforme Cabral (2024), a LSF entende a gramática ligada ao uso da linguagem e suas realizações são compreendidas como resultados de escolhas sistêmicas.

A LSF é, segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 19), "sistêmica" porque compreende a língua como uma rede de sistemas linguísticos conectados e nós nos servimos deles para construir significados de acordo com a necessidade para agir no mundo. A LSF é também "funcional", pois elucida a forma como as estruturas gramaticais estão para os significados e, ainda, explica as funções que a linguagem realiza em textos. Assim, as pesquisas que adotam a LSF se propõem a responder como e por que um texto significa o que significa (Webster, 2009, p. 7 *apud* Fuzer; Cabral, 2014, p. 19).

A partir dessa abordagem, esta pesquisa descreveu a utilização de recursos linguísticos interpessoais em um *corpus* composto por textos escritos e transcritos, publicados em diferentes fontes *online*, em PB e EA, a fim de analisar as escolhas linguísticas relacionadas ao vocábulo mulher/*mujer* e seus campos lexicais[34] e semânticos, buscando compreender como e porque significa o que significa naquele contexto aquela realização.

Para Halliday (1976), a LSF é uma teoria que compreende a língua enquanto escolha, ou seja, sempre que se usa uma determinada construção linguística empregam-se escolhas que constroem a significação do discurso na interação entre os usuários da língua. Assim, interessa investigar quais foram as escolhas linguísticas realizadas pelas pessoas que produziram esses textos, as quais integram a bancada desses programas e pelos demais participantes que são

[34] De acordo com Abbade (2012, p. 151), campo lexical "representa uma estrutura, um todo articulado", e nele existem relações de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras formando um mosaico, assim como o campo léxico. Por isso, para compreender um item lexical individualmente, é importante observá-la em seu campo, isto é, conjunto de palavras.

convidados e colaboram e interagem nos episódios como convidados e entrevistados, por exemplo. Conforme ressalta Halliday (1976, p. 136):

> Ao falar, escolhemos: quer para fazer uma afirmação ou pergunta, quer para particularizar ou generalizar, quer para repetir ou acrescentar algo novo, quer para introduzir ou não nosso próprio julgamento, e assim por diante. Seria melhor, de fato, dizer que "optamos", porquanto estamos interessados, não em atos deliberados de escolha, mas na conduta simbólica, em que as opções podem expressar nossos pensamentos [...].

A LSF é uma teoria que concebe que a estrutura composicional da linguagem é da ordem sintagmática. Já o sistema é organizado no eixo dos padrões, sendo este da ordem paradigmática. Conforme Halliday e Matthiessen (2014, p. 23),

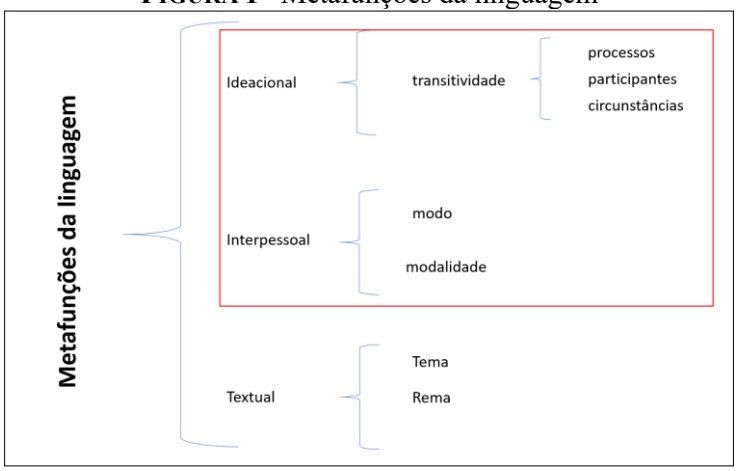
> a teoria sistêmica recebe seu nome do fato de que a gramática de uma língua é representada na forma de redes de sistemas. Claro, a estrutura é uma parte essencial da descrição; mas é interpretada como a forma externa tomada por escolhas sistêmicas, não como a característica definidora da língua. Uma língua é um recurso para criar significado, e o significado reside em padrões sistêmicos de escolha.

Para a LSF a linguagem é um sistema complexo, composto por estratos em que a linguagem se ordena, a saber: semântico, léxico-gramática, fonologia e fonética. Nesta pesquisa, o que nos interessa está no plano do conteúdo, isto é, na semântica e na lexico-gramática. O princípio de organização que opera, no caso da linguagem, é a instanciação. Assim, o sistema de uma linguagem é "instanciado" na forma de textos, conforme Cabral (2024).

Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 31) a LSF considera a funcionalidade como parte inerente da linguagem, isto significa que "toda a arquitetura da linguagem é organizada ao longo de linhas funcionais". Por isso, os pesquisadores criaram o termo "metafunção" sugerindo que a função era uma parte integral dentro da LSF.

Em vista disso, a linguagem sendo um sistema sociossemiótico, serve a três metafunções que estabelecem a oração como uma unidade gramatical plurifuncional. A metafunção ideacional, a interpessoal e a textual. A oração é organizada internamente, de acordo com essas metafunções. Assim, a oração é vista como composição, ou seja, oração como **representação**, oração como **interação** e oração como **mensagem**. A seguir, apresento a Figura 1, que sintetiza o sistema e destaca o foco desta pesquisa, as metafunções interpessoal e ideacional.

FIGURA 1 - Metafunções da linguagem



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014).

Fuzer e Cabral (2014, p. 32) afirmam que "cada metafunção é realizada por um sistema próprio no estrato léxico-gramatical". Para Halliday (2014), a **metafunção ideacional** é responsável pela organização dos conteúdos, ela nos ajuda a codificar significados de nossa experiência. Ela serve à representação, pois a linguagem destina-se a expressar conteúdo para darmos conta da experiência de mundo, seja ela real ou própria da consciência. Nesse sistema, a oração é a unidade de análise e o sistema relevante para ser observado é a **Transitividade,** em que a experiência é construída em termos de processos, participantes e circunstâncias**.**

Já a **metafunção interpessoal,** segundo Halliday, compreende a linguagem como interação e, nesse sistema, a oração é vista como troca de informações ou bens e serviços. Ela é marcada pela avaliação e negociação. Nesse sistema, o que interessa é a troca, e o sistema relevante é o **Modo**. Nessa metafunção, pode-se observar informações sobre o modo (indicativo, subjuntivo, imperativo) em que ocorre o evento linguístico, a modalidade (probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação), a polaridade (negativo ou positivo) e complementos e adjuntos. Halliday (1994) afirma que, nessa metafunção, a oração é organizada como um evento interativo, do qual fazem parte o escritor e ou falante e a audiência, por isso a noção de troca.

Por último, Halliday propõe a **metafunção textual**. Nela, a linguagem contextualiza as unidades linguísticas, ou seja, ela permite que o usuário da língua integre todos os elementos que, juntos, compõem a estrutura linguística, o texto. Assim, essa metafunção está para a coesão e a composição da mensagem. Nesse sentido, a oração é vista como mensagem e é composta por um **Tema** e um **Rema.** Cabral (2024) destaca que esta ordem fixa demonstra que o que quer que seja escolhido como tema é colocado em primeiro lugar.

Esta pesquisa privilegia as metafunções interpessoal e ideacional. Primeiro, pois observa a oração como interação, haja vista o interesse em investigar os recursos lexicogramaticais de atitude utilizados em um *corpus* múltiplo comparável português/espanhol, a fim de verificar como esses recursos são mobilizados nos gêneros investigados, partindo da observação do léxico para se alcançar a semântica do discurso, no nível da AVALIATIVIDADE e da representação. Segundo, pois também é interesse desta pesquisa compreender a representação de mulheres, seus corpos e sexualidade no *corpus* desta pesquisa.

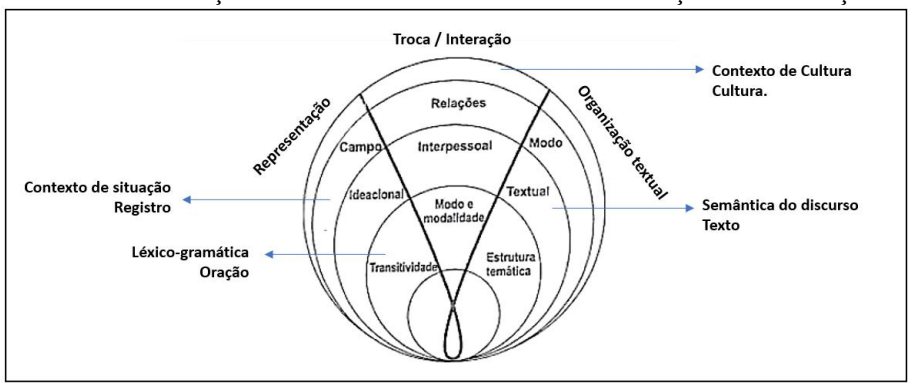
Compreendo que a linguagem nos ajuda a codificar significados de atitudes, de interação e de relações sociais. Por isso, na oração, compreendida como uma troca de informações ou bens e serviços, cada um assume seu papel nessa troca. A troca fundamental é dar e demandar. Nesse sentido, na metafunção interpessoal, *dar* suscita *receber* e *demandar* implica *dar em resposta* a uma interação. De acordo com Santana (2011, p. 38) indagações e declarações, quando analisadas a partir da perspectiva da oração como troca, ganham significados únicos, "pois proporcionarão ao texto uma nova abertura de possibilidades, de escolhas de determinados recursos linguísticos para compor a rede textual".

Os recursos linguísticos interpessoais auxiliam a expressão daquilo que pretendemos expor. Alguns deles contribuem para explicar a metafunção interpessoal da linguagem, são eles: vocativos, expletivos, verbos modais, adjuntos de comentários, adjuntos modais e expressões modalizadoras. Também destacamos os recursos linguísticos modo e modalidade que estão diretamente relacionados à interpessoalidade.

Outro aspecto importante para a LSF é a ideia de contexto. O contexto em que o texto ocorre é composto por dois elementos, o primeiro é a situação em que o texto ocorre e o segundo é o meio verbal em que a interação aconteceu. Assim, apoiado em Malinowski, Halliday diferencia **contexto de situação** como aquele em que o texto está inserido e o **contexto de cultura** como algo mais amplo, abarcando a história cultural de um grupo, em uma perspectiva sócio-histórica. Em vista disso, o texto é produzido em contextos de situação que se realizam apenas dentro de contextos de cultura. Para a LSF a linguagem está intimamente relacionada ao contexto em que é utilizada.

A LSF, ao considerar que a linguagem opera no contexto, compreende a existência de variáveis do contexto. Assim, existem as variáveis de **campo**, **relações** e **modo**. Hasan (1989) explica que o campo se refere à natureza da atividade social, as relações são o conjunto de papéis dos agentes envolvidos em uma atividade e o modo é a parte que a língua desempenha na interação. A Figura 2, a seguir, ilustra a relação do contexto de cultura com as metafunções:

FIGURA 2 - Relação entre variáveis de contexto de situação e metafunções



Fonte: Adaptado de Fuzer e Cabral (2010) com base em Halliday e Matthiessen (2014).

Em face do exposto, pode-se dizer que, na relação entre contexto e linguagem, para a LSF, o contexto de cultura engloba as crenças, os costumes, identidades e valores. Já o contexto de situação, o campo é a finalidade do discurso, as relações contemplam os participantes e o tipo de interação e o modo a estrutura temática e organização textual. A semântica do discurso está para as metafunções. A ideacional realiza o campo do discurso, a interpessoal realiza as relações do discurso e a textual realiza o modo do discurso. Enquanto na léxico-gramática o sistema de transitividade realiza a metafunção ideacional, o sistema de modo e modalidade realiza a metafunção interpessoal e a estrutura temática a metafunção textual.

Esta subseção buscou apresentar de modo resumido a LSF, teoria que integra o arcabouço teórico desta pesquisa e explanar os pontos de importância para as análises. Na próxima subseção, será abordado o sistema semântico interpessoal AVALIATIVIDADE.

2.6. O Sistema de AVALIATIVIDADE

Esta subseção apresenta, resumidamente, os pressupostos do sistema de AVALIATIVIDADE (ou *Appraisal*). O berço dessa abordagem é a Austrália, e ela emerge entre os anos de 1980 e 1990, ancorada às bases da LSF e do funcionalismo, concentrando-se na semântica interpessoal da linguagem.

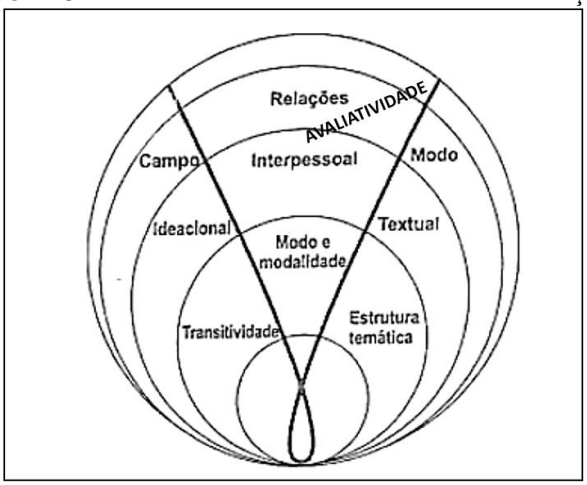
As principais referências na pesquisa sobre a AVALIATIVIDADE em língua inglesa são Martin e Rose (2003) e Martin e White (2005). No Brasil, as pesquisas de Almeida (2008, 2010, 2018) e Vian Jr. (2009, 2010, 2011) são as principais investigações sobre AVALIATIVIDADE em PB.

Nos últimos anos, as pesquisas sobre o tema têm se tornado mais comuns em português e na perspectiva contrastiva português/espanhol. Marra (2017) observou a AVALIATIVIDADE em

um *corpus* comparável, português/espanhol de entrevistas de artistas. Novodvorski e Miranda (2019) investigaram as marcas de AVALIATIVIDADE impressas pelo Papa em construções neológicas, em um *corpus* paralelo português/espanhol.

Nesta pesquisa, nos ancoramos ao sistema de AVALIATIVIDADE proposto por Martin e White (2005), a partir da perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de Halliday (2004) e Halliday e Matthiessen (2014) para analisar os recursos linguísticos interpessoais e semânticos-discursivos utilizados em conjunto ao vocábulo mulher*/mujer*, no *corpus* de estudo. No que se refere às metafunções da GSF, o sistema de AVALIATIVIDADE está posicionado na interpessoal, conforme mostra a figura 3, a seguir:

FIGURA 3 - O sistema de avaliatividade nas metafunções



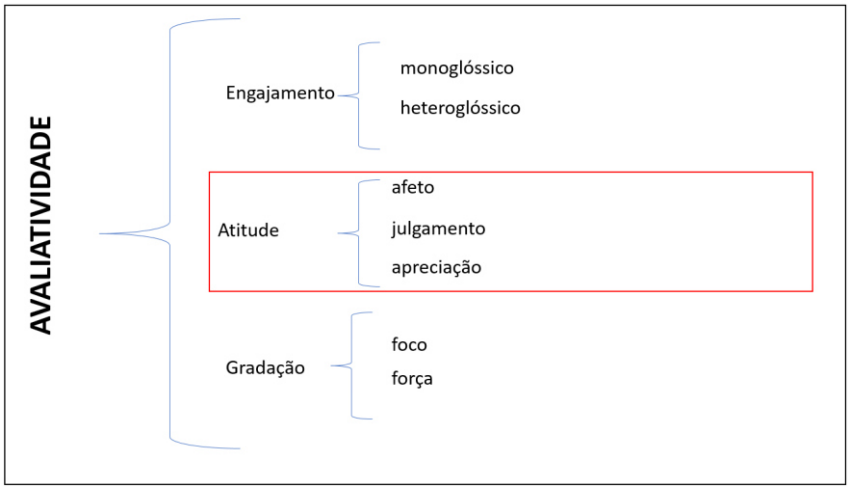
Fonte: Adaptado de Almeida (2018).

Porém, é importante mencionar que os significados ideacionais podem ser acionados para o posicionamento de atitudes atuando em conjunto ao interpessoal. Almeida (2018) lembra que são nas relações sociais que os interlocutores expressam suas opiniões sobre si mesmos, sobre o mundo e sobre os outros. Marra (2017) ressalta que é a partir desse sistema sociossemântico que o usuário da língua pode se posicionar em relação ao que deseja expressar. Nesse mesmo sentido, Oliveira (2014, p. 249) destaca a ligação do sistema de AVALIATIVIDADE à metafunção interpessoal da linguagem, já que: "as avaliações presentes nos textos têm a função de estabelecer relações entre o escritor/falante e o leitor/ouvinte".

De acordo com Vian Jr. (2010, p. 22) o sistema de AVALIATIVIDADE pode ser caracterizado como interpessoal, no nível da semântica do discurso, que está articulado simultaneamente a outros dois sistemas: Negociação e Envolvimento. Esses sistemas não serão abordados nesta tese, pois não são aplicados à análise apresentada.

O sistema de AVALIATIVIDADE divide-se em três domínios interacionais ou subsistemas: a **Atitude** – foco deste trabalho, a **Gradação** e o **Engajamento**. Assim, a AVALIATIVIDADE está relacionada a todo o potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos. A figura 4, a seguir, ilustra o sistema e destaca o subsistema de atitude, pois esse é o recorte adotado nesta pesquisa:

FIGURA 4 – Sistema de AVALIATIVIDADE

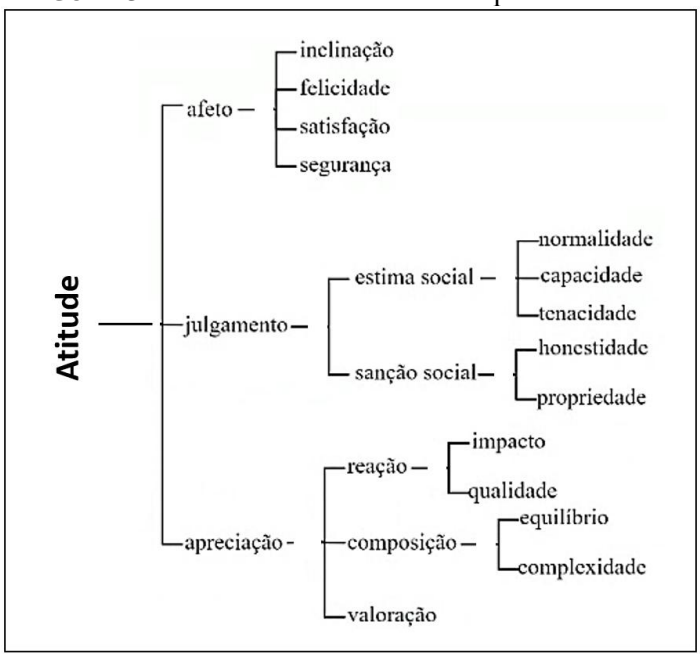


Fonte: Adaptado de Martin e White (2005)

Estudar a AVALIATIVIDADE em um *corpus* múltiplo, constituído por um conjunto de textos escritos e transcritos, oriundos de diferentes fontes *online*, em PB e EA possibilita a observação de usos linguísticos atuais, expressões e pontos de vista diferentes sobre MCS e, ainda, permite observar a AVALIATIVIDADE que rodeia o vocábulo mulher/*mujer* nesses idiomas.

Para Martin e White (2005), o subsistema de **Atitude** é um componente que possibilita que o falante/escritor faça avaliações sobre entidades, estado de coisas e acontecimentos negativa ou positivamente. Esse subsistema subdivide-se em três campos semânticos: o **Afeto**, responsável por expressar emoções; o **Julgamento**, responsável por representar as avaliações éticas no âmbito da moralidade e a **Apreciação**, responsável por expressar as avaliações sobre as coisas e os objetos no âmbito da estética (Figura 5).

FIGURA 5 - Subsistema de atitude e campos semânticos.



Fonte: Adaptado de Martin e White (2005).

Estudos envolvendo a temática "mulher" e ancorados aos estudos sobre AVALIATIVIDADE subsidiaram as análises realizadas neste estudo. Félix (2019, p. 81), em sua pesquisa sobre a mulher no discurso de Cora Carolina, através do sistema de AVALIATIVIDADE, evidenciou o interesse da autora, através de seus textos, de expressar as desigualdades que as mulheres viviam em uma sociedade patriarcal, destacando as avaliações que tratavam das mulheres em situação de prostituição. O estudo demonstrou como diferentes tipos de preconceitos foram articulados através de avaliações no texto analisado. Félix (2019) destaca a capacidade da autora de construir um discurso baseado em avaliações negativas, mas que é articulado para promover apoio à mulher que era discriminada e que não atendia aos padrões cultuados nos tempos da escritora.

Nascimento e Ninim (2016, p. 26) em investigação sobre a AVALIATIVIDADE em colunas jornalísticas publicadas pela autora Clarice Lispector, nos anos 50 e 60, explicam que os textos são marcados por valorização de características como a docilidade, a fragilidade da mulher da época e pelo papel maternal, apontando para a emoção. Os pesquisadores também destacaram a presença de avaliações do tipo julgamento e apreciação e evidenciaram a prescrição no que se refere a um comportamento aceitável para a época. Já Lima (2015), investigou por meio de elementos contextuais, lexicogramaticais e semânticos-discursivos representações para a mulher em crônicas do livro *Doidas e Santas,* de Martha Medeiros. A pesquisadora identificou 13 representações relacionadas a temas do cotidiano, como relacionamento amoroso, aparência

física, maternidade, manifestação de desejos e sentimentos, demonstrando que há padrões estabelecidos socialmente agindo sobre uma diversidade de comportamentos femininos que configuram diferentes mulheres contemporâneas.

Marra (2022), em um estudo exploratório sobre comentários *online,* observou as avaliações referentes a uma participante de um episódio de um programa de *videocast*, publicado no *YouTube*. Os comentários destacaram o perfil ético da entrevistada, através de julgamentos do tipo comportamento humano e de comentários favoráveis. Além disso, as análises evidenciaram avaliações em relação à estética da entrevistada, relacionadas à sua composição (aparência), e ainda, observou estigmas sobre o uso de tabuísmos linguísticos por mulheres.

Através dos estudos apresentados, buscou-se evidenciar a relevância desse tipo de análise considerando a abordagem teórica e a temática MCS. A aplicação de análises baseadas na avaliatividade possibilita o acesso a informações sobre a atual situação das mulheres, seus corpos e sexualidades nas sociedades brasileira e argentina.

A próxima subseção abordará a Fraseologia e a Metáfora conceptual, as quais podem ser estudadas em conjunto ao sistema de AVALIATIVIDADE, pois como veremos, a própria UF pode ser metafórica e, simultaneamente, um item avaliativo, como será descrito a seguir.

2.7. Fraseologias e metáforas conceptuais

Esta subseção apresenta, de modo resumido, conceitos sobre a disciplina Fraseologia e sobre o conceito teórico da Metáfora Conceptual. Ambos são apresentados no mesmo espaço pois, em vários momentos, é possível observar a materialização de UFs que estão relacionadas às metáforas conceptuais.

A Fraseologia é uma disciplina filiada à Lexicologia, na qual se concentram estudos sobre combinações de palavras, chamadas unidades fraseológicas (UFs) ou fraseologismos, conforme Corpas Pastor (2010). É interesse dessa disciplina investigar as combinações de unidades léxicas que tenham algum grau de estabilidade e de idiomaticidade. Exemplos de UFs encontrados no *corpus* desta pesquisa, com o item "mulher/*mujer*", são: *mulher madura, mulher rodada, mulher da vida, mulher de fases, mulher de respeito, mulher de verdade, mulher de malandro, "tinha que ser mulher", "mujer al volante, peligro...", mujer verde, mujeres king kong, mujeres cannábicas etc.* Sabino (2011) problematiza a falta de consenso existente sobre quais unidades são objetos de estudo da fraseologia, devido à profusão terminológica da disciplina. Assim, é importante ressaltar que esta pesquisa concorda com os argumentos

apresentados por Corpas Pastor (1996) ao escolher unidade fraseológica como termo genérico que designa o objeto de estudo da fraseologia. Portanto, a Fraseologia se dedica ao estudo das unidades fraseológicas, as quais podem ser classificadas como fórmulas, expressões idiomáticas, colocações, provérbios, parêmias, dentre outros. Nesse contexto, este trabalho se dedica a descrever o UFs que contenham o item "mulher" e que representem MCS.

A unidade fraseológica (UF), pode ser definida como uma combinação estável de, pelo menos, duas palavras, cujo limite é a oração composta, e cujos principais traços são: a **fixação** ou a **idiomaticidade**, ou uma combinação desses critérios. Sciutto (2015) afirma que as UFs são plurilexicais e cumprem diferentes funções gramaticais como substantivas, adjetivas, verbais, adverbiais ou interjectivas, nos contextos em que a frase opera como uma única palavra.

Essas UFs fazem parte da competência discursiva dos usuários de uma língua e são utilizadas de modo convencional em contextos específicos, muitas vezes de modo inconsciente. Segundo Sciutto (2017) os fraseologismos diferem de uma língua a outra e de uma variedade para a outra. Conforme Monteiro-Plantin (2017, p. 15) "os fraseologismos estão intimamente relacionados ao aspecto cultural de um povo e são indispensáveis para se fazer parte de uma comunidade linguística". Desse modo, refletir sobre os usos das UFs em língua materna e estrangeira contribui para a compreensão do mundo através de diferentes universos, diversas formas de pensar e atribuir valor ao mundo e à realidade.

Outro aspecto importante a ser considerado nos estudos fraseológicos são os traços distintivos das UFs. Eles estão relacionados à alta frequência de uso e de coocorrência dos vocábulos (aparição conjunta dos elementos constituintes), são eles: institucionalização ou convencionalidade (fixação e especialização semântica), idiomaticidade, variação e gradação.

Para Corpas Pastor (1996, 2010), a variação e a gradação indicam a relatividade da fixação. Essas características influenciam na fixação sintática, na opacidade ou na idiomaticidade da UF. Segundo Novodvorski (2022), é a frequência da testagem dos itens que coocorrem que determina o princípio da **convencionalidade**, ou seja, atesta que "determinados agrupamentos lexicais se fixaram na norma por convenção, a partir do uso dado pela comunidade de falantes". Já a idiomaticidade, de acordo com o pesquisador, consiste no nível mais alto da lexicalização, pois, nesse caso, os sentidos da UF não resultam da somatória dos significados separados de elementos que compõem a UF.

Corpas Pastor (1996) classifica as UF em três níveis estruturais, a saber: **colocações**, **locuções**, **enunciados fraseológicos**. Segundo a linguista (1996, p. 53), "colocações" são

> unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son sintagmas completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso (cierta fijación interna).

Já uma locução é uma "*combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes*" (Corpas Pastor, 1996, p. 88). Segundo a pesquisadora, os enunciados fraseológicos se diferem das colocações e locuções pelo fato de formarem enunciados completos e de não precisarem de combinações com outros elementos.

De acordo com Novodvorski (2022), as colocações são expressões livres, fixadas na norma, através do uso, apresentando certa flexibilidade sintática, porém com alguma restrição combinatória. As colocações, conforme o pesquisador, confirmam a capacidade associativa das palavras, sua preferência pela ocorrência com certas combinações de palavras. Assim, uma vez conferida a frequência de uso, o traço de fixação é característica da convencionalidade da combinatória. Um exemplo retirado do *corpus* é *mulher objeto/mujer objeto,* uma UF formada por uma base *mulher* e um colocado *objeto*. Essas palavras que aparecem juntas com certa frequência, são compreendidas como um bloco pela comunidade linguística do PB e do EA.

Já as locuções são aquelas expressões fixadas no sistema linguístico. O funcionamento delas corresponde a uma oração como unidade lexical única, podendo haver equivalentes gramaticais. Mulher de vida fácil/*Mujer de la vida fácil*, são exemplos retirados do *corpus* da pesquisa. Há, ainda, os enunciados fraseológicos, que são aqueles que englobam as fórmulas como a encontrada no *corpus* desta pesquisa *tinha que ser mulher!* e as parêmias (provérbios, ditados populares, refrões, citações, aforismos etc.) como os exemplos do *corpus "de mulher pra mulher"* e *"*lugar *de mulher é onde ela quiser"*. Essas, geralmente, são fixadas na fala e fazem parte do repertório sociocultural de uma comunidade de fala. Como explica Novodvorski (2022) os enunciados fraseológicos "determinam atos de fala e enunciados em si mesmos". Zuluaga (2002, p. 68) afirma que um grande número de UF observadas em conjunto pode contribuir no reconhecimento de aspectos da mentalidade, a visão de mundo e inclusive história da respectiva comunidade linguística. Por último, pode-se dizer que as parêmias possuem autonomia textual e significado referencial. E as fórmulas, por outro lado, estão condicionadas a situações e circunstâncias concretas.

A esta pesquisa interessa investigar os usos da fraseologia da língua comum que representem mulheres, seus corpos e sexualidade. Isto é, pesquisar unidades diversas como provérbios, ditados, expressões idiomáticas, colocações e locuções, conforme Bevilacqua

(2004, p 78). Portanto, interessam os colocados, enunciados fraseológicos, combinatórias (transparentes/opacas), isto é, UFs relacionadas a MCS que apresentem grau de fixação, idiomaticidade, ou que foram desautomatizadas [35], sobretudo aquelas com o vocábulo mulher/*mujer* e outros que integram o campo lexical e semântico desse item.

Também interessam os fraseologismos do registro coloquial relacionados ao tema MCS, em especial, as fraseologias que pertencem ao registro vulgar, a fim de observar as metáforas da fala popular/*online* (falada ou escrita), entendendo que esta variedade linguística é rica em disfemismos, eufemismos e desautomatização, característica que tem sido observada com mais frequência em outros espaços de produção linguística, como os textos literários e os textos jornalísticos.

Tagnin (2013) dedicou-se ao estudo de combinações lexicais consagradas em inglês e português, observando desde binômios[36] (*homem e mulher; marido e mulher*) até fórmulas consagradas. A tese de Oliveira (2022) investigou fraseologismos formados por *homem* e *mulher* no português brasileiro. Ambos os estudos contribuíram para a análise aqui apresentada. Obras como Borba (2002), Nascentes (1986), Varela e Kubarth (1994) e Simão (2010) ajudaram a compreender os usos das UFs em PB e EA encontradas nesta pesquisa.

Exemplos de pesquisas sobre fraseologia e metáforas conceptuais em uma perspectiva contrastiva são Nunes (2023), em que o pesquisador investigou a presença de metáforas conceptuais subjacentes em UFs formadas por partes do corpo humano, em um *corpus* jornalístico, bilíngue português/espanhol. Ramos (2022) investigou unidades fraseológicas somáticas em um *corpus* literário. A pesquisadora classificou e analisou UFs em fragmentos de uma obra em EA e sua tradução para o PB.

A Teoria da Metáfora Conceptual começa com os estudos dos norte-americanos Lakoff e Johnson (1980). Anos mais tarde, Lakoff publica outro texto que se tornaria um marco para a teoria (1987). Até o momento eles são os maiores expoentes da referida teoria e, nos últimos anos, essa proposta tem sido vista como paradigma dominante na questão cognitiva/conceptual.

---

[35] A desautomatização acontece quando os componentes de uma UF são manipulados criativamente. Logo, nessa pesquisa esse termo será empregado para classificar manipulações fraseológicas criativas que de alguma forma complementem, atualizem ou contrastem os significados literais e/ou idiomáticos, conforme Álvarez (2010, p. 219).

[36] Tagnin (2013, p. 83) explica que a ordem dos elementos dos binômios está relacionada a prioridades inerentes à estrutura da sociedade (quem é mais valorizado vem em primeiro lugar): *boys and girls* / meninos e meninas, *Father and son* / pai e filho, *mother and daughter* / mãe e filha. Tanto é verdade que em nossa sociedade o sexo masculino tem prioridade que, quando o Presidente Sarney se dirigiu ao provo brasileiro com o binômio *brasileiras e brasileiros*, invertendo a ordem consagrada, causou estranheza. Aliás, a ruptura do convencional é um recurso estilístico para, dentre outras coisas, causar impacto.

Os pesquisadores propõem uma “nova” forma de se compreender a metáfora, não mais como apenas um recurso figurativo, relacionado ao estilo, mas sim como um fenômeno de linguagem e de cognição, o qual relaciona a projeção de correspondências entre distintos domínios cognitivos, um domínio mais concreto e outro mais abstrato.

Como evidenciado pelos pesquisadores, as metáforas são muito frequentes na linguagem. Muitas palavras que utilizamos convencionalmente são na realidade metafóricas, no sentido de que falamos sobre uma coisa em termos de outra, com base em algum tipo de percepção, exemplos são as expressões retiradas do *corpus* desta pesquisa: *mulher guerreira, mulher da vida, cartilha da mulher.*

Existem expressões metafóricas convencionais na linguagem e elas formam grupos, muitas vezes com ramificações. A presença desses padrões metafóricos na linguagem pode nos dizer algo sobre como pensamos. Essas formas convencionais de pensar metaforicamente são as “metáforas conceptuais”.

Pode-se afirmar que metáforas conceptuais moram na cognição e nos ajudam a compreender e experenciar o mundo. Segundo Lakoff (2010, p. 85), “*las metáforas duermen en nuestro cerebro, en espera de que se las despierte*”. Elas são expressões que trazem para a superfície outras questões mais profundas, da cognição, pois ao nos comunicarmos, muitas vezes, buscamos expressar sentidos concretos em termos mais abstratos. Portanto, através das metáforas conceptuais, avaliamos uma coisa em termos de outra.

Lakoff e Johnson (1980), apontam três classificações para as metáforas conceptuais, são elas: **Estruturais** que englobam as relações possíveis entre os elementos dos domínios, geralmente o domínio fonte é uma importante estrutura conceptual que permite compreender e estruturar o domínio alvo. **Orientacionais**, que, por sua vez, tendem a organizar todo um sistema de conceitos em relação a um outro, geralmente, utilizando-se de orientação espacial. Elas estão arraigadas na nossa experiência física e cultural, portanto podem mudar de uma cultura a outra. E **ontológicas**, que abarcam as projeções de um domínio a outro e nos ajudam a identificar nossas experencias em termos de entidades ou substâncias. Geralmente, não possuem uma estrutura tão importante para a formação e a compreensão de conceitos alvo, exemplos são as personificações.

Assim, essa teoria tem como foco a abordagem de metáforas convencionalizadas, atentando-se à importância cognitiva dessas projeções, pois estas são ancoradas na experiência humana. As metáforas linguísticas realizam as metáforas conceptuais, e colaboram para a construção de representações sobre as mulheres, seus corpos e sexualidades, por exemplo. Por isso, nos interessa investigá-las.

Nesta pesquisa, examinamos exemplos em PB e EA de metáforas linguísticas que descrevem mulheres, seus corpos e sexualidades como subalternas, como os objetos e as coisas de menor valor. Assim, observar as metáforas conceptuais que estão relacionadas à figura feminina, contribui para a compreensão sobre a forma como concebemos e representamos mulheres no Brasil e na Argentina. Nas palavras de Ferrari (2020, p. 100) o foco é buscar compreender "a integração entre elementos cognitivos e socioculturais" através dos usos linguísticos em diferentes idiomas.

Metáforas como as descritas por Neves (1998), a saber, CORPO DE MULHER É ALIMENTO e ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO ANIMAIS, são exemplos que ainda se aplicam no PB e EA - como mostra o *corpus* desta pesquisa - e possibilitam observar a desvalorização de MCS na e pela linguagem. Possivelmente existem outras metáforas que estruturam conceitos como, por exemplo, MULHER É OBJETO ou EXISTÊNCIA FEMININA É GUERRA. Pode-se dizer que essas metáforas são possíveis pois, para explicarmos diferentes assuntos, tendemos a utilizar conceitos de uma área "concreta" para compreender outra área mais abstrata. Em outras palavras, entendemos e experenciamos algo em termos de outro; isto é, entendemos e experenciamos o conceito do que é ser mulher em termos de objetos, seres submissos e/ou inferiores e o que é a vida de uma mulher em termos bélicos, relacionados direta ou indiretamente com o ato de guerrear. Portanto, a metáfora conceptual é um modo de construir a compreensão sobre aspectos da realidade, baseado em uma área da realidade para compreender outra. Partindo dessa perspectiva, pretendo pesquisar quais as metáforas que estão sendo utilizadas para representar MCS.

As expressões linguísticas que frequentemente utilizamos no cotidiano trazem à tona a metáfora que está na base, pois a metáfora licencia a expressão metafórica. Desse modo, podemos nos perguntar: O quanto da língua é construído sob bases sexistas, misóginas e machistas? Como construímos o modo de compreender MCS nas sociedades brasileira e argentina? Quais são os pontos de encontro e afastamento em PB e EA, no que se refere ao tema MCS?

O sociólogo Bourdieu (2020) aborda a violência simbólica da dominação masculina, decorrente da divisão socialmente construída entre os sexos, em culturas que valorizam a visão androcêntrica do mundo de um modo geral, como acontece no Brasil e na Argentina. Segundo o pesquisador, existe uma ordem social que ratifica a dominação masculina, exemplos são:

> A divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado reservado aos homens, e a casa,

> reservadas às mulheres; ou no próprio lar, entre a parte masculina como o salão, e a parte feminina, como o estábulo (Bourdieu, 2020, p. 24).

Isto posto, essa ordem social, movimenta uma série de mecanismos profundos, como os que fundamentam a concordância entre estruturas cognitivas e estruturas sociais que refletem na ordem da representação mais ou menos consciente e intencional como o discurso e a ideologia. Araújo (2020, p. 289) destaca que "há uma naturalização dessa dominação do homem sobre a mulher, que existe no mundo todo, mas é muito profundamente arraigada no Brasil". Desse modo, pode-se concluir, portanto, como através dos usos linguísticos é possível identificar a (des)valorização de mulheres, seus corpos e sexualidades.

Assim, consideramos importante problematizar as metáforas relacionadas à MCS, a fim de tensionar e gerar reflexão sobre o tema. Observamos a utilização de metáforas de guerra, muito convencionais, em textos que versam sobre mulheres e feminismo, também em discursos sobre a condição da mulher na sociedade atual e em contextos que fazem referência à mulher e empoderamento feminino. Expressões como *a luta das mulheres contra a violência doméstica* e o uso de atributos bélicos como *mulher guerreira e mulher batalhadora,* são exemplos recorrentes.

No caso das mulheres, o que as metáforas bélicas podem apontar é que existem problemas que precisam ser resolvidos para que as mulheres vivam em paz e não se sintam "em guerra" ou ainda que existe um inimigo a ser combatido e/ou eliminado. A metáfora da guerra no discurso sobre mulheres é multifacetada e amplamente difundida. Essa situação nos leva a pensar na relação entre o léxico bélico a propósito dos movimentos feministas, os quais de fato estão em luta pela igualdade de gênero. Assim, o léxico da guerra infiltra o léxico dos feminismos dando origem a uma retórica de lutas e batalhas.

Esta seção buscou destacar como é importante compreender a conceptualização do item *mulher*, e de outros vocábulos[37] que integram os campos lexicais e semânticos deste item, como é o caso dos vocábulos investigados nesta pesquisa. Investigar, por meio de mecanismos metafóricos e metonímicos instanciados por expressões linguísticas constantes em um *corpus* múltiplo, bem como observar aspectos outros que influenciem e que estruturem essas conceptualizações, me parece relevante, já que padrões colocacionais sintáticos e semânticos auxiliam a construção de mapeamentos conceptuais. Em consequência disso, esse tipo de estudo

[37] Assim como Preti (2010, p. 80) entendemos que o termo "vocábulo" designa a ocorrência de um lexema no discurso, na terminologia da estatística lexical.

pode colaborar para uma compreensão da representação de MCS em fraseologias e metáforas conceptuais.

2.8. Léxico e tabuísmos linguísticos

Esta seção apresenta, de modo sintetizado, conceitos centrais sobre o léxico e tabus linguísticos. Biderman (2012, p. 18) afirma que o vocabulário de uma língua se renova rapidamente, sendo "o léxico o único domínio da língua que se constitui como um sistema aberto" (Biderman, 2012, p. 15). Preti (2010, p. 79), destaca que o léxico é para o linguista um

> campo de difícil análise pelas implicações culturais que possuem e porque nele mais do que em nenhum outro se observa melhor a condição dinâmica da língua sua contínua renovação para atender as necessidades de comunicação fato que reflete a mobilidade das estruturas sociais que também se renovam incessantemente.

Desse modo, interessa saber qual o léxico relacionado a MCS, haja vista que, conforme explica Preti (2010), o léxico é composto por diversos grupos de palavras guardadas na memória de uma comunidade por meio de sua existência. Por isso, essas palavras passam a ser exemplos de "expressão da própria história dessa comunidade, de sua estrutura e das ideologias das normas sociais que a regem".

Segundo Orsi (2012, p. 164) a Lexicologia é a ciência que estuda as unidades lexicais de línguas em todos os seus aspectos, ou seja, em termos de significado e significante. Assim, estudos do léxico possibilitam conhecer a história, os costumes, e os hábitos de um povo. Desse modo, os exemplos encontrados no *corpus* dessa pesquisa como *mujeres verdes, mujeres canábicas, mulher madura* e *mulher rodada* demonstram aspectos desses povos.

Nas palavras de Orsi (2012, p. 170) "o léxico é a parte mais sensível a modificações, os itens surgem e se tornam obsoletos rapidamente". A partir dessa característica do léxico, os itens podem adquirir diferentes significados e migrar da linguagem formal para a informal, ou ao contrário, alcançar usos vulgares entrando para a linguagem comum ou tornar-se um tabu.

De acordo com Guérios (1979, p. 5), tabu linguístico "é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra aos quais se atribui poder sobrenatural, e cuja infração causa infelicidade ou desgraça. Preti (2010, p. 86) define tabu linguístico como "proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira".

Exemplos de pesquisas sobre tabuísmos linguísticos são Preti (2010), em estudo sobre o que o pesquisador chama de "linguagem proibida". Novodvorski e Lima (2019), que investigaram, em um *corpus* de legendas espanhol/português, a produtividade de significações

do vocábulo “cagar”, Ramos (2022) investigou a UF “*con el culo a cuatro manos*” em um *corpus* literário, e Marra (2022) que buscou descrever o uso do vocábulo “xerecou” em um *corpus* de comentários.

Esta pesquisa seguiu a proposta do guia PRESEEA[38] para o estudo da expressão tabu, para classificar e analisar os itens de interesse desta pesquisa. O guia ancora-se à classificação das quatro esferas básicas do tabu com base em Montero Cartelle (1981, 2000), Casas Gómez (1986) e Crespo-Fernández (2007). Segundo o guia, a primeira esfera, a mágico-religiosa, concentra o tabu ancestral, o qual é motivado pelo medo. A segunda, a esfera sexual, é um tabu social motivado pela decência. Já a terceira esfera, a escatológica, é também um tabu social, porém motivado pelo pudor. Por último, a quarta esfera também é social, e é um tipo de tabu motivado pelo respeito e pela delicadeza.

Na esfera mágico-religiosa encontram-se classificados vocábulos como *bruxa*, no âmbito do sobrenatural, e *virgem maria* no âmbito religioso. Nessa esfera ainda se classificam os vocábulos *feminicídio* no campo da morte e *mulher louca* no campo da mentalidade. Na esfera sexual estão a maioria dos itens de interesse dessa pesquisa, como partes do corpo da mulher e fluidos como *vagina* e *menstruação.* Na mesma esfera estão classificados os itens *aborto*, *mulher cis* e *mulher trans* e os itens chamados intermediários como *Madalena* e *Celestina*. No âmbito da esfera escatológica pode-se citar partes do corpo e, no âmbito da esfera social, vocábulos relacionados à raça, grupo social ou etnia de desprestígio e físico não desejável como *mulher negra, mulheres indígenas, mulheres dona de casa, mulher de rua,* e idade como *mulher madura*.

Portanto, segundo esse documento, as quatro esferas básicas da expressão tabu possuem motivações ancestral ou social e estão ancoradas a valores distintos, como o medo, a decência, o pudor e o respeito e a delicadeza.

A subseção seguinte trata do contexto de cultura, da situação da mulher no Brasil e na Argentina durante o recorte de tempo 2018-2022.

2.9. A situação das mulheres no Brasil e na Argentina: um breve panorama do contexto de cultura

[38] O Guia PRESSEA *de estudio de la expresión tabú* está disponível no link: https://preseea.uah.es/sites/default/files/2022-02/Gui%CC%81a%20PRESEEA%20de%20estudio%20de%20la%20expresio%CC%81n%20del%20tabu%CC%81_Cestero%20y%20Mayo%20%282022%29.pdf.

Esta subseção busca apresentar, de forma breve, o contexto de cultura em que brasileiras e argentinas estão inseridas. Para isso, apresento um conjunto de informações que juntas possibilitam compreender esse contexto. Ao final, busco estabelecer uma comparação entre os cenários brasileiro e argentino no que se refere a questões relacionadas às mulheres.

Nos últimos anos, ocorreram diversos avanços relacionados aos direitos e ao papel social de mulheres em diferentes países e, não foi diferente nas sociedades brasileira e argentina. Em conjunto, discussões sobre corpos e sexualidades femininas tornaram-se mais populares, impulsionadas por uma nova onda feminista, a partir do ano de 2016, conforme Arruzza *et al.* (2019, p. 31)[39].

Discussões sobre feminismos, violência contra a mulher e empoderamento político, sexual e financeiro de mulheres emergiram em muitos espaços, alcançando as mídias de massa como a televisão, os jornais e as revistas, bem como a atmosfera digital, ocupando ambientes de discussão diversos e chegando aos espaços de disseminação de (des)informações em massa, como é o caso de uma das plataformas de vídeo mais populares do mundo, o *YouTube*.[40]

A situação das brasileiras e argentinas apresenta semelhanças, mas também diferenças importantes, se considerado os temas "desigualdade de gênero", "violência de gênero" e "movimentos feministas", por exemplo. Fato é que a busca por igualdade de direitos e oportunidades é uma questão central em ambos os países.

Nos dois contextos, as mulheres sofrem com desigualdades no mercado de trabalho, com disparidades salariais e com a sub-representação em espaços de lideranças. Tanto no Brasil quanto na Argentina, há uma grande preocupação com a violência contra as mulheres, já que os países enfrentam altos índices de feminicídios e de violência doméstica. Em vista disso, os governos de ambas as nações promovem campanhas e existem diversos movimentos sociais que trabalham em prol da conscientização social sobre igualdade de gênero e de mudanças legislativas.

Nos últimos anos, os movimentos feministas ganharam força no Brasil e na Argentina, promovendo a sororidade e a autoestima. Esses movimentos também engajaram discussões sobre direitos reprodutivos, como a campanha "*Ni una menos*" na Argentina, e no Brasil a

[39] O marco para essa data, segundo Arruzza *et al.* (2019, p. 31) é o movimento grevista feminista, na Polônia [...] Em sequência, o movimento "*Ni uma menos*", na Argentina, se espalhou por países como Itália, Espanha, Brasil, Turquia, Peru, Estados Unidos, México, Chile e muitos outros. Nas palavras das autoras: "no início uma marola, depois uma onda, então uma enorme corrente: um novo movimento feminista global que pode adquirir força suficiente para romper alianças vigentes e alterar o mapa político".

[40] Informação disponível em: https://kinsta.com/pt/blog/estatisticas-do-youtube/ Acesso em: 15 dez. 2023.

campanha “Nem pense em me matar” são exemplos de diversas iniciativas que mobilizaram mulheres em torno de questões de violência de gênero e acesso a direitos.

Pode-se dizer que os principais pontos de afastamento dessas culturas, em relação à situação de mulheres, estão relacionados aos temas “legislação e políticas públicas”, “representação política”, “cultura e normas sociais” e ao “racismo”. Em 2021, a Argentina aprovou a legalização da interrupção voluntária da gravidez[41], o que representa um marco importante para os direitos reprodutivos. No Brasil, essa pauta ainda enfrenta muitos desafios e resistência, já que está entre os países com maior desigualdade de gênero na política, segundo Alves *et al.* (2019). Em relação à participação feminina em cargos políticos, a Argentina avança, possuindo historicamente uma maior participação política de mulheres que o Brasil.

Importante mencionar aspectos culturais que afastam esses países, como a forma como as mídias retratam as mulheres - de maneira estereotipada reforçando valores como a aparência e/ou a sedução -, e as expectativas sociais em relação aos papéis ditos femininos - como maternar e cuidar. A situação de mulheres negras nesses países também é diferente, haja vista os contextos históricos e culturais de cada nação.

Como no Brasil ocorreu um dos maiores sistemas de escravidão do mundo, esse fato deixou grandes desigualdades sociais e raciais que, ainda hoje, afetam as mulheres negras, pois estas experienciam a discriminação racial e de gênero[42], o que afeta suas atividades econômicas e sociais, como explicam as pesquisadoras Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro[43] e, mais recentemente, a pesquisadora Djamila Ribeiro[44]. As mulheres negras sofrem com a violência de forma desproporcional, pois são elas as principais vítimas de feminicídio e violência doméstica em comparação com as mulheres brancas, no Brasil[45]. A partir do conceito de interseccionalidade[46], os movimentos negros e feministas tem se fortalecido, promovendo o “feminismo negro” o qual busca destacar a igualdade racial e de gênero.

---

[41] Lei 27.610 – 2021 “interrupción voluntaria del embarazo – IVE \ interrupción legal del embarazo – IVE”.

[42] González (2019, p. l. 53) denuncia a representação negativa de mulheres negras, no Brasil. Segundo a autora: “mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler o jornal, ouvir o rádio e ver televisão.

[43] Segundo Hollanda (2019, p. 35) Pioneiras dos debates sobre a especificidade das relações entre gênero e raça, no Brasil.

[44] Filósofa, professora e pesquisadora, autora da obra *Quem tem medo do feminismo negro?*, publicado em 2018.

[45] Ver notícia: https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/03/28/mulheres-negras-representam-62percent-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional.ghtml.

[46] De acordo com Akotirene (2019, p. 14), “Interseccionalidade é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros.” Segundo a autora, “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” Akotirene considera a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado”.

Embora a Argentina também possua um histórico de discriminação racial, lá as mulheres negras têm menos visibilidade e espaço. Possivelmente isso se dá pelo fato de a população negra ser menor e menos "visível", se comparada ao Brasil. Nos últimos anos, houve um reconhecimento crescente da necessidade de se refletir sobre questões raciais dentro do movimento feminista argentino. Portanto, ambos os países demonstram atenção ao tema, mas os contextos são bem diferentes e as discussões se desenvolvem em estágios distintos.

Brasil e Argentina são considerados países patriarcais, com estruturas sociais, políticas e culturais que frequentemente refletem a dominação masculina. Nesses países, os homens dominam as posições de poder, e muitas vezes, perpetuam a ideia de que as mulheres são suas propriedades, contribuindo para a violência de gênero. Além disso, as expectativas sociais que as mulheres enfrentam, conduzem a papéis tradicionais, como mães, donas de casa e cuidadoras, alimentando assim, valores patriarcais e sustentando uma ordem social, um sistema que restringe o desenvolvimento profissional e pessoal dessa parcela da sociedade e mantém a dominação masculina através da violência simbólica, conforme explica Bourdieu (2020, p. 56), na citação destacada:

> Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizarem todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra que marcam rupturas no curso ordinário da vida. Às mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, são atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhe são destinados pela razão mítica, isto é, os que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a mamadeira e, sobretudo os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, a casa, a linguagem, uso utensílios guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, as mulheres *não podem se não se tornar o que elas são* segundo a razão mítica confirmando assim, [...] que elas estão naturalmente destinadas ao baixo, ao torto, ao pequeno, ao mesquinho, ao fútil etc. Elas estão condenadas a dar, a todo instante, aparência de fundamento natural a identidade minoritária que lhes é socialmente designada. [...] são elas que, encarregadas das preocupações vulgares da gestão quotidiana da economia doméstica, parece comprazer-se com as mesquinharias do cálculo, das contas e dos ganhos que o homem de honra deve ignorar.

Para o autor, a violência simbólica está relacionada às diferentes formas de dominação que são exercidas de maneira sutil e, por vezes, invisíveis, perpetuadas por normas culturais, sociais e institucionais que desvalorizam e subjugam as mulheres. Fishman (2010, p. 32) explica que diferentes estudos sobre a língua inglesa mostraram que existe uma relação hierárquica

entre homens e mulheres referente às palavras que os falantes usam para perceber e nomear o mundo, por exemplo o uso da forma genérica “homem” como referência à espécie humana, o acréscimo de sufixos para designar profissionais femininos, o uso assimétrico de nomes e sobrenomes - em que mulheres são mais chamadas pelo seu primeiro nome e os homens por seus sobrenomes -, diferenças de vocabulários como o da culinária e costura sendo mais utilizados por mulheres e o de esportes e mecânica por homens.

Em face ao exposto, pode-se dizer que, para Bourdieu, a violência simbólica se manifesta através dos valores e das normas vigentes que definem o que é compreendido como “adequado” ou “inadequado” para mulheres e homens. Desse modo, embora existam pontos de proximidade no contexto de cultura de brasileiras e argentinas, as diferenças nas legislações, a representação política e questões culturais refletem contextos únicos que moldam a experiência feminina nesses países, os quais são afetados pela violência simbólica da dominação masculina (Bourdieu, 2020). Como língua e sociedade estão intimamente relacionados, é possível identificar formas de discriminação, conforme explica Lakoff (2010, p. 14)

> as mulheres experimentam a discriminação linguística de duas maneiras: no modo como elas são ensinadas a usar a linguagem e no modo como o uso geral da linguagem as trata. [...] Ambas tendem a relegar as mulheres certas funções subservientes: aquelas de objeto sexual, ou serviçal, e portanto, certos itens lexicais têm significado quando aplicados aos homens e outro às mulheres construindo uma diferença que não pode ser prevista, exceto com referência aos diferentes papéis que os sexos desempenham na sociedade.

Ainda que as mulheres sejam maioria no Brasil[47] e na Argentina[48] elas ocupam menos espaços de poder e sofrem com a violência de gênero[49]. Esses países são também recordistas em violência contra as mulheres e possuem números expressivos de pobreza entre elas. Ainda que esses países tenham avançado em termos de políticas públicas para mulheres, tenham um histórico de movimentos feministas e já tenham tido uma mulher ocupando o cargo mais alto do legislativo, a presidência da república - o que é bastante significativo -, há muito ainda a se avançar em termos de igualdade de gênero.

No Brasil e na Argentina, mulheres têm conseguido ocupar espaços públicos, mas ainda não conseguiram acabar com a sobrecarga de afazeres domésticos, acumulando tarefas de

[47] Em 2022, a população brasileira era composta por 51,5% de mulheres. Censo 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE). Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19625-numero-de-homens-e-mulheres.html Acesso em: 15 dez. 2023.
[48] Em 2022, a população argentina era composta por 52,83% de mulheres.
[49] De acordo com Oliveira e Rodrigues (2021), o Brasil é o 5º país que mais mata mulheres no mundo. A Argentina também apresenta índices elevados de feminicídio e violência contra a mulher, e o movimento “Ni una menos” denunciou essa situação.

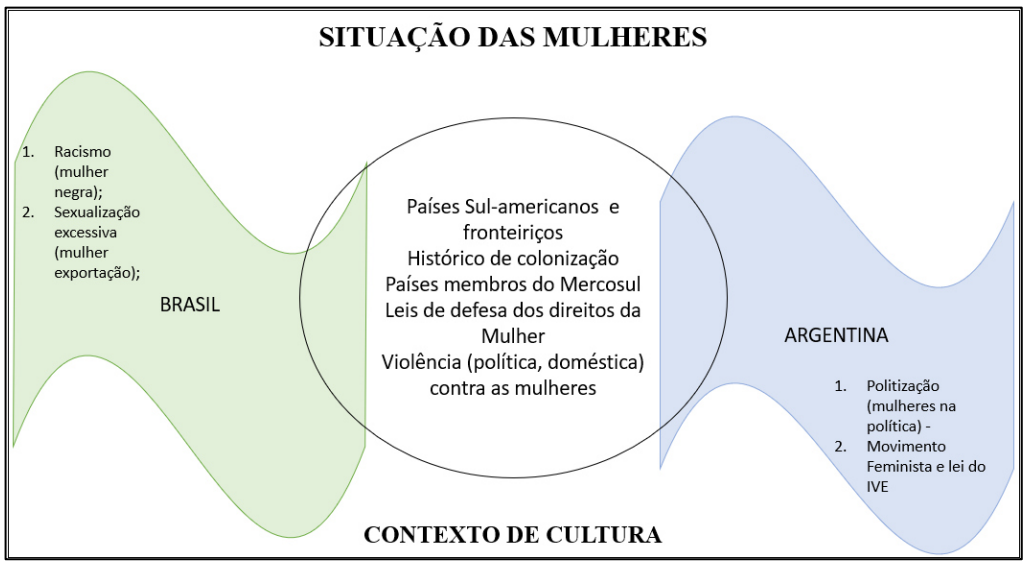
cuidado com funções. Esse contexto social, marcado por alguns avanços, facilita a transição de uma sociedade patriarcal, para uma sociedade pós-patriarcal, caracterizada por mudanças importantes nas relações de gênero, apontando para uma maior autonomia e empoderamento dessa parcela da sociedade, conforme explica Alves *et al.* (2019, p. 20).

Ao propor um estudo descritivo e contrastivo, é preciso considerar as peculiaridades de cada idioma e seu contexto de cultura para que seja possível interpretar os usos linguísticos de modo contextualizado. Isto é, "ao lado da descrição sintática, cabe investigar as circunstâncias discursivas que envolvem as estruturas linguísticas e seus contextos específicos de uso", como apontam Cunha *et al.* (2015, p. 21). Segundo Marcionilo (2010, p. 7) "em matéria de linguagem, gênero e sexualidade, estamos todos implicados", por isso a importância de se pesquisar os temas. O autor destaca que refletir sobre esses assuntos é produzir maior igualdade sem deixar de valorizar as diferenças. Por outro lado, Lakoff (2010, p. 29) pondera que

> Linguistas podem ajudar a apontar onde essas disparidades acontecem e também quando avanços ocorrem. Contudo, é preciso considerar que mudanças sociais geram mudanças linguísticas, e não o contrário; na melhor das hipóteses, mudanças linguísticas podem influenciar, embora lenta e indiretamente, mudanças de atitude.

Considerando os pontos de proximidade a afastamento no que se refere- à situação das mulheres no Brasil e na Argentina, a figura 6, abaixo, objetiva ilustrar e sintetizar esses aspectos, com base na obra de Blay e Avelar (2019).

FIGURA 6 - Proximidades e distanciamentos no contexto de cultura Brasil e Argentina



Fonte: Elaborado pela autora com base em Blay e Avelar (2019).

Portanto, ainda que Brasil e Argentina sejam países sul-americanos, integrem o mesmo bloco econômico, façam fronteira e possuam um histórico de colonização semelhante, há pontos de afastamento no que diz respeito à situação de mulheres negras, à sexualização dos corpos das mulheres, à politização da população feminina, às políticas públicas em relação à interrupção voluntária da gravidez e aos movimentos feministas.

Lima (2006) explica que o gênero social é um construto social elaborado no discurso e que está discursivamente ligado ao sexo biológico, logo mulheres devem ser femininas, com tudo que isso implica, estando a identidade feminina ligada ao fato de ser possuída, dócil, passiva e submissa. No entanto, a pesquisadora destaca que essa divisão tem sido transformada no contexto social atual, bem como nos textos socialmente produzidos.

O vocábulo "sexo" foi considerado uma das palavras-chave da sociedade moderna, pelo crítico de cultura Raymond Willians (2007, p. 372)[50]. O pesquisador, ao abordar os significados dessa palavra em inglês ao longo dos séculos, menciona como ela esteve relacionada às mulheres durante anos, como em: "sexo fraco", "sexo frágil", o "belo sexo" e o "segundo sexo". Os exemplos citados pelo autor demonstram que valores negativos (frágil e fraco), estéticos (belo) e de inferioridade (segundo) são as associados a mulheres.

Willians (2007), cita ainda, as palavras "sexualidade", com um sentido mais geral e abstrato, e "sexismo" e "sexista", explicando que nos últimos tempos seus significados "expandiram-se como uma crítica a todas ou à maioria das características ampliadas (psicológicas, culturais, sociais) da distinção entre os sexos". O pesquisador também explica que houve uma mudança devido as associações estabelecidas no século XX, sobretudo a rejeição de visões ou de apresentações de mulheres como objetos sexuais.

Diante do exposto, é preciso considerar a relação existente entre a desvalorização da mulher, de seu corpo e sexualidade. Há um desprestígio quando o assunto abordado está relacionado à menstruação, menopausa, aborto, vagina, por exemplo. Até pouco tempo, era raro encontrar material que abordassem essas temáticas nas mídias de massa e alternativas também. Falar sobre o órgão genital/sexual feminino, por exemplo, era um grande tabu, bem como assuntos sobre a vida sexual e a sexualidade femininas eram – e ainda são – considerados de cunho privado, conversas estigmatizadas e, muitas vezes, compreendidas como erradas, pejorativas, pecaminosas e impuras etc.

[50] No final dos anos 80, Raymond Williams desenvolveu uma pesquisa, na área de semântica-histórica sobre vários vocábulos, que deu origem a um vocabulário de cultura e sociedade. Segundo o autor, o vocabulário contém palavras-chave que demonstram a continuidade em passado e presente como também a descontinuidade, profundos conflitos de valor e crença.

Através da análise de UFs, é possível perceber a entrecruzamento de diferentes sentidos desses usos linguísticos. Ao descrevê-los, pode-se saber em que medida esses conceitos machistas e sexistas encontram-se entranhados na cultura, haja vista que a língua faz parte da cultura e esta pode demonstrar como a sociedade se organiza frente a temáticas como a situação das mulheres, de seus corpos e sexualidade na contemporaneidade.

A próxima subseção trata de mais uma teoria que deu suporte a esta pesquisa linguística, a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a representação de atores sociais de Van Leeuwen (1996, 1997).

2.10. Análise Crítica do Discurso e Representação de atores sociais

Esta pesquisa não está centrada diretamente nos estudos críticos discursivos, no entanto, o caminho analítico construído até aqui, leva a uma possível, mas não única, interpretação discursiva dos fraseologismos e metáforas sobre mulheres, seus corpos e sexualidade, encontradas no COFEM. Como dito anteriormente, a pesquisa aqui apresentada parte do léxico e alcança a semântica do discurso. Diante disso, faz-se necessário conhecer, basicamente, as premissas teóricas e metodológicas desse "modelo teórico-metodológico que estabelece um diálogo entre Ciência Social e a Linguística, especificamente a LSF", nas palavras de Ottoni (2014, p. 28).

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um campo de estudos aplicados, de base transdisciplinar, que busca compreender momentos de mudança e problemas sociais, através de diferentes metodologias de análise linguística. Essas metodologias buscam fazer mais visíveis as questões discursivas, mapeando conexões entre o uso da linguagem e as relações de poder da sociedade.

Segundo Ottoni (2014, p. 29), linguistas como Chouliarak e Fairclough enfatizam o diálogo entre ACD e LSF, uma vez que a "LSF é uma teoria linguística preocupada com a relação entre a linguagem e os elementos e aspectos da vida social e sua abordagem para a análise linguística de textos é sempre para o caráter social dos textos". A ACD é uma abordagem, segundo Melo (2018, p. 26)

> Uma forma de investigação que linguistas de diferentes disciplinas assumem ao analisar a linguagem, oferecendo suporte científico para o questionamento de problemas sociais que engendram poder por meio da manutenção e transformação de representações, identidades, sistemas de crença e conhecimento e relações sociais (Chouliaraki; Fairclough, 1999; Fairclough, 2001, 2003; Leal, 2009: Magalhães, 2010)

A ACD nasceu em um pequeno simpósio, em Amsterdã, no início da década de 90. Os linguistas Teun van Dijk, Gunther Krees, Ruth Wodak, Theo van Leeuween e Norman Fairclough reuniram-se para discutir questões linguístico-discursivas que contribuíssem para a compreensão da vida social, a fim de desnaturalizar crenças ancoradas a estruturas dominantes. Cada um desses pesquisadores seguiu caminhos específicos dentro do enfoque da ACD. Esses pesquisadores buscam compreender, a partir das lentes da ACD e de suas relações teóricas, desigualdades implícitas ou explícitas em textos, como por exemplo, as discriminações de gênero e o racismo.

Outros teóricos, sobretudo europeus inicialmente, interessados em explorar textos a partir dessa perspectiva teórica se aproximaram da ACD atraídos pela influência do discurso sobre a sociedade. Hoje, a ACD se encontra consolidada e segue se desenvolvendo, sendo aplicada nos mais variados temas, por linguistas da América Latina e outras regiões do mundo.

Batista Jr. *et al.* (2018, p. 13) explica que a área não é neutra, "ela sempre se posiciona criticamente". Assim, conforme os pesquisadores, a palavra "crítica" teria um sentido duplo, tanto "normativo quanto explanatório ao expor os mecanismos e articulações sociais que perpetuam as relações de poder". Já "discurso" para a ACD "é linguagem como forma de prática social, e não puramente individual ou situaciacional", conforme Vieira e Macedo (2018, p. 56).

Novodvorski (2008) cita a predileção da ACD por temas de relevância social, já que as pesquisas nessa área buscam compreender a relação entre linguagem, sociedade, ideologia e poder. Assim, como afirma Batista Jr. *et al.* (2018, p. 11) para a ACD "o poder não é discurso, mas é operado por ele para posicionar as pessoas em papéis que perpetuam o arranjo social".

Importante destacar que, na perspectiva da ACD, as práticas sociais moldam e são moldadas pelo discurso. Um exemplo citado por Batista Jr *et al.* (2018, p. 11) é o ato ilocutório[51] "Eu vos declaro *marido e mulher!*", pertencente ao rito de casamentos realizados por famílias tradicionais[52]. Fato é que esse ato ilocutório não é mais "incondicional" para a prática de casamento, atualmente, haja vista as mudanças sociais. Em vista disso, pode-se dizer que mudanças sociais promovidas pelo discurso em contextos de práticas familiares e afetivas

[51] Segundo Batista Jr. *et al*. (2018, p. 10) ato ilocutório é um ato de fala, conceito desenvolvido por Austin. É um enunciado que passa a produzir efeitos a partir do momento em que é pronunciado.
[52] Segundo Batista Jr. *et al.* (2018, p. 11) "para a prática da família tradicional, havia um discurso tradicional de gênero que posicionava o homem como provedor e a mulher, como cuidadora do lar".

alcançaram contextos diversos como o religioso, o midiático, o burocrático e o jurídico[53]. Em consequência disso, essa rede discursiva, isto é, a ordem do discurso, culminou na modificação de práticas sociais e discursivas, basicamente.

Batista Jr. *et al.* (2018, p. 12) explica que a rede discursiva interconecta os atores sociais e os demais elementos, mas só é possível acessá-los indiretamente e por meio das marcas textuais e das práticas discursivas. Portanto, a mudança social a partir da legalização do casamento de pessoas do mesmo gênero social, repercutiu sobre a cerimônia e sobre o gênero discursivo "certidão de casamento", ao passar a explicitar informações sobre os gêneros das pessoas envolvidas no casamento.

Em face do exposto, fica evidente como a ACD "busca ser uma prática transformadora da sociedade porque atribui aos analistas o papel de interventores sociais por meio do seu trabalho de análise, opondo-se às estratégias e aos discursos das elites" (Vieira; Macedo, 2018, p. 63). De acordo com Melo (2018, p. 34) é objetivo da ACD "ter um 'efeito na prática e nas relações sociais, por exemplo, no desenvolvimento pedagógico, na elaboração de modelos de uso linguístico não sexista ou em propostas para aumentar a inteligibilidade das notícias e textos' (Titscher et alii, 2000:165)".

O australiano Theo Van Leeuwen (1996), ex-produtor e diretor de TV, um dos linguistas fundadores da ACD, concentrou-se na comunicação visual e na multimodalidade, e desenvolveu o sistema sociossemântico de representação de atores sociais (RAS) a partir da LSF, proposta por Halliday e Matthiessen (2004). Ele utilizou-se, principalmente, das teorias da transitividade e da metáfora gramatical propostas por Halliday (1985) para embasar sua teoria. Van Leeuwen debruçou-se sobre a análise do componente experiencial da metafunção ideacional, através de um inventário de categorias sócio-semânticas para a análise da representação de atores sociais.

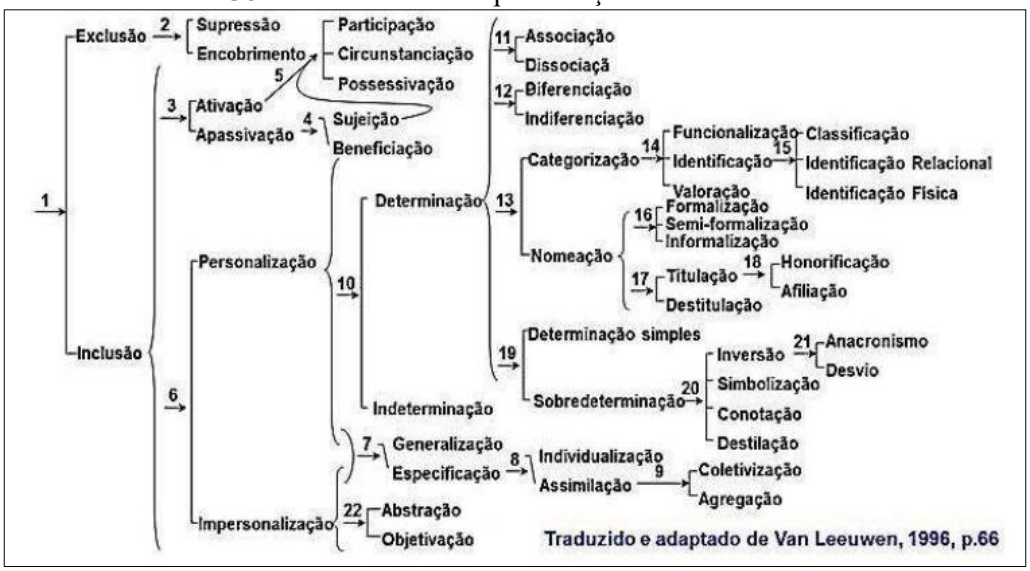
Van Leeuwen coaduna com Halliday (1985) na compreensão de "gramática como um potencial de significados", ainda que seu foco não esteja na questão gramatical. Para o pesquisador, as formas de representação estão relacionadas às escolhas lexicais feitas por pessoas para externar suas experiências de / no mundo. Theo van Leeuwen estuda as realizações linguísticas, focando as relações entre linguagem, cultura e sociedade. Por isso, o linguista se ampara na LSF hallidayana, a qual entende a linguagem como um potencial de significados

[53] No Brasil, por exemplo, em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) equiparou as uniões de pessoas do mesmo gênero social às uniões entre homens e mulheres. Com isso, o código Civil foi alterado passando a compreender outros formatos de família para além de um homem e uma mulher. Em 2013, casamentos de pessoas do mesmo gênero social passam a ser legais, a partir da resolução nº 175/2013, publicado pelo Conselho Nacional de Justiça.

produzidos em contextos de situação e cultura (cf. Halliday, 1978). Para Van Leeuwen (1993, p. 193) o discurso é uma forma de ação e de representação das práticas sociais. Por isso, o linguista acredita que a ACD está, ou deveria estar, interessada no discurso como instrumento de poder e controle e como instrumento de construção social da realidade, conforme Novodvorski (2014, p. 116).

Van Leeuwen (1996) propôs um tipo de análise de textos focada na semântica, com objetivo de identificar e compreender as formas possíveis de representar atores sociais, estabelecendo assim, categorias sociológicas e críticas que se realizam na linguagem. Com isso, o pesquisador propõe um complexo sistema que, de acordo com Novodvorski (2008, p. 33), é um "estudo sobre os modos como as representações recolocam os papéis e rearranjam as relações sociais entre os participantes dos textos". A seguir, a figura 7 proposta por Novodvorski (2008) demonstra a rede sistêmica de RAS:

FIGURA 7 - Sistema de representação de atores sociais



Fonte: Novodvorski, 2008, p. 33.

Devido à complexidade da proposta e extensão do sistema de representação de atores sociais, esta pesquisa dedicou-se apenas a uma parte dele, a saber: a **inclusão**. Essa escolha dá-se pelo fato de a busca partir do vocábulo mulher/*mujer.* Assim, nesta subseção, são abordados aspectos principais da teoria com enfoque para esta categoria de análise.

Inicialmente, van Leeuwen propõe duas formas de representar os atores sociais em dois grandes conjuntos, a **inclusão** e a **exclusão.** A **exclusão** pode ocorrer por **supressão** ou por **encobrimento**. Essa categoria não será examinada nesta pesquisa**.**

A **inclusão** de atores sociais pode ser realizada de diferentes maneiras, as subcategorias são: **ativação**, **apassivação**, **generalização**, **especificação**, **personalização** e **impersonalização**. Nesta pesquisa, as categorias foram observadas conforme os exemplos foram surgindo, isto é, não foi um objetivo encontrar exemplos de cada uma das subcategorias da **inclusão**, mas sim, observar como essas categorias se manifestaram nos exemplos identificados nesta pesquisa.

Para van Leeuwen as representações de atores sociais servem aos interesses e propósitos daqueles que escrevem para servir, assim, aos leitores a quem se dirigem. Segundo o pesquisador, o ator social pode ser **agente** ou **paciente**, pode ser representado **individual** ou **coletivamente**, e ainda, pode ser representado de maneira pessoal ou impessoal. Atores sociais podem ser retratados de forma geral, como pessoas comuns ou particular, como uma classe de pessoas, por exemplo. Conforme Gomes e Barbara (2011, p. 315) "as maneiras escolhidas para representar um ator social e suas atividades podem, por exemplo, construir a imagem de um indivíduo dinâmico ou passivo, personalizado ou impersoalizado entre outras".

Nesta pesquisa foram encontrados casos recorrentes de **possessivação** como em *minha mulher, sua mulher, mulher de, coisa de mulher* e de impersonalização, como **objetificação** como *mulher fruta* e *mulher melão***,** ou especificamente do tipo **somatização**[54], demonstram como "mulher" enquanto ator social tende a ser desvalorizada, ao ponto de ser objetificada de diferentes formas. Por outro lado, casos de **institucionalização** como *Casa da Mulher, Ministério da Mulher, Delegacia da Mulher* demonstram como mulheres ocupam espaço de importância social, nomeando instituições.

Seguindo os pressupostos da ACD e da RAS, foi possível aplicar algumas categorias do inventário sociossemântico proposto por van Leeuwen (1996) e adaptado em Novodvorski (2008) aos resultados encontrados nesta pesquisa e, assim, fazer uma identificação e posterior análise de padrões de RAS em fraseologias e metáforas com o item *mulher/mujer* encontradas no COFEM.

A partir desse cenário, coaduno com van Leeuween (1996), ao compreender que o discurso é a representação de práticas sociais diversas e que investigar a RAS possibilita uma análise de como mulheres, seus corpos e sexualidades são linguisticamente representados no discurso, através de UF e metáforas.

[54] A somatização é uma forma de objetificação, no qual o ator social é representado por meio de uma referência a alguma parte de seu corpo, nesta pesquisa destacaram-se referências ao órgão sexual feminino. Sciutto (2006, p. 43) entende que **somatismos** são todos aqueles fraseologismos que contenham lexemas que se referem a partes da anatomia humana ou animal, bem como fraseologismos compostos por linguagem metafórica ou metonímica que representem essas partes.

Outras pesquisas deram base para que a tese aqui proposta se desenvolvesse. A pesquisa de Gomes e Barbara (2011) sobre a representação sociocultural de Dilma Rousseff em revistas semanais brasileiras demonstrou que os subsistemas mais utilizados para a representar foi a ativação, passivação, personalização, impersonalização e determinação. O estudo de Freitas (2010) sobre a representação de atores sociais e a imagem da mulher no contexto do discurso feminista em contos de Maria Colassanti demonstrou que a mulher foi mais apassivada em comparação ao homem e foi mais suprimida e encoberta demonstrando uma imagem vulnerável frente à dominação masculina.

As pesquisas mostram que investigar e descrever os discursos que são promovidos nas mídias sobre temas relacionados a questões de gênero, como MCS ou que, de algum modo, propõem um olhar para o feminino, contribui para a compreensão de como estes textos forçam e representam as práticas sociais da sociedade atual, uma vez que essas produções textuais se servem e se transformam em novas práticas sociais ao repetirem o que ocorre em diferentes contextos sociais.

Nessa perspectiva, é possível compreender como mulheres enquanto "atores sociais" são representadas no discurso, ou seja, como elas enquanto participantes dessas práticas sociais podem ser representadas linguisticamente no discurso, sobretudo naqueles discursos sobre MCS. A partir disso, pode-se questionar: Quais as representações de MCS a partir de UFs e metafóricas em PB e EA?

Segundo van Leeuween, os atores sociais podem ser referidos mais em termos interpessoais do que experenciais, pois atores sociais são avaliados quando referidos em termos que os qualificam positiva ou negativamente. Isto acontece por meio dos substantivos e das expressões idiomáticas que apresentam tal avaliação, como por exemplo: *mulher da vida* e *mujeres verdes.*

Os meios de comunicação social de massas, quando desempenhando sua função, a de informar seus leitores e/ou ouvintes sobre diversos temas, registram suas impressões sobre a mudança social experienciada pelas mulheres no Brasil e na Argentina. Pode-se dizer que algumas mídias se concentram mais em determinadas pautas, e em outras menos. Mas, de alguma forma, todas contribuem ou contribuíram, na representação do momento atual, marcado pela mudança sociocultural e discursiva que circunda a questão da mulher, dos feminismos e

do empoderamento feminino[55] através de suas escolhas linguísticas, publicando e revelando, assim, interesses diversos relacionados a esses temas na atualidade.

Wodak (2004, p. 231) evidencia que a linguagem utilizada nas mídias de massa, delimita um espaço de poder, de lutas, um espaço de aparente transparência em que os estados das coisas são apresentados de modo isento, servindo para estabilizar e neutralizar significados. Por isso, é importante considerar que os meios de comunicação que transmitem eventos e ideias estão imersos em valores sociais e criam uma perspectiva em potencial sobre os eventos.

Ainda que sob diferentes abordagens, as publicações encontradas no *corpus* desta pesquisa apresentam representações diversas de mulheres, seus corpos e sexualidades, ou seja, apresentam a construção social dessas realidades, demonstrando, por meio dessa rede de valores, que a linguagem realiza, sujeitados às possibilidades da léxico-gramática, um submundo encoberto pelas palavras.

Por isso, a leitura crítica aqui proposta se faz necessária, já que o que vemos, isto é, os usos linguísticos, são apenas a ponta do iceberg da construção invisível do sentido, conforme explica Fauconnier (1999, p 1-2). Entendemos que as representações de MCS, realizadas por meio de escolhas linguísticas instanciadas em contextos diversos não são realizadas de forma aleatória, mas sim condicionadas segundo o contexto de ocorrência. Assim, "a seleção do léxico e a forma de combinarmos as palavras durante a produção do discurso devem ser pensadas como estratégias básicas de construção de sentido" (Duque, 2015, p. 27).

Conforme destacado por Gomes e Barbara (2011, p. 331), "a mídia tem papel fundamental na produção, sustentação e transformação de representações das mais variadas realidades socioculturais". Fowler (1991) entende que as notícias publicadas pela mídia são formas de representação do mundo pela linguagem. Assim, é possível entender, conforme Oliveira e Rodrigues (2021, p. 72),

> como essa imprensa hegemônica, que ainda é a mais consumida pela maioria dos leitores de notícias, subordina as suas escolhas narrativas aos pressupostos masculinistas, de branquitude, heteronormatividade, patriarcado, machismo e de misoginia.

Conforme evidenciado pelas jornalistas Oliveira e Rodrigues (2021, p. 57), ao observarem as manchetes de jornais de prestígio social, publicadas online, sobre violência contra a mulher, em particular sobre casos de feminicídio, "raramente veremos um título na voz

[55] De acordo com Avelar (2002 *apud* Alves, *et al*., 2019, p. 16) a progressiva participação das mulheres na vida política, deflagrada no século XX, deve ser vista sob a perspectiva das mudanças sociais, culturais e políticas das sociedades.

direta. O comum é a voz passiva, a qual o objeto direto ocupa o lugar de sujeito, colocando a mulher como o sujeito da ação em que ela é vítima". Ou seja, o item *mulher/mujer* aparece apassivado. As jornalistas denunciam uma predileção dos redatores desse tipo de notícia por uma estrutura chamada por elas de "gramática da manipulação". Segundo Viscardi (2024) sentenças que se concentram na vítima são muito comuns nos noticiários sobre violência contra a mulher, no PB.

Assim, nos interessa compreender processos de inclusão, através da apassivação, como nos casos das manchetes/títulos de textos jornalísticos que compõem o *corpus* desta pesquisa. Sobre isso, Oliveira e Rodrigues (2021, p. 61) destacam que:

> Ao colocar a mulher, vítima de feminicídio, abrindo o título *Mulher é encontrada morta*, *Mulher é assassinada*, ela ocupa o papel de agente da ação e o seu assassino passa a ter função secundária na ação. O mais assustador é que, na ampla a maioria dos casos, notícias sobre morte de mulheres com título *mulher é encontrada morta* se refere a feminicídios. Fazendo uma pesquisa simples dessas frases em qualquer site de busca, clicando em cada um dos casos a maioria poderia ser intitulada de outra forma que não na voz passiva.

Logo, ao lermos esses títulos podemos nos perguntar: "mas quem matou?". Viscardi (2024) explica que esses textos poderiam ser escritos de formas variadas como "trazer o sujeito apontado como agressor para a oração principal, explicitando com isso a relação de violência do homem contra a mulher - a base do feminicídio -, sem condená-lo previamente: 'Ex-marido é principal suspeito de matar mulher dentro de casa a facadas".

Dessa forma, surgem várias indagações: por que essas escolhas são feitas, que interesses elas estão servindo e quais os propósitos dessas escolhas? Haja vista a existência de diversas possibilidades para representar mulheres nesses títulos, por que a apassivação é utilizada com frequência em textos sobre feminicídio? Não é possível responder a essas indagações, porém, nesta pesquisa, pode-se identificar e descrever com que frequência esse tipo de construção linguística é utilizada no *corpus* de estudo, e assim, evidenciar como esse tipo de construção tem sido utilizada dentro do recorte temporal proposto, promovendo a partir disso reflexão e olhar crítico sobre o tema.

Segundo Novodvorski (2008, p. 172), essas escolhas gramaticais, realizadas no momento de representar o ator social, não são isentas dos próprios posicionamentos ideológicos, visto que o uso da linguagem serve não só à comunicação, mas também para codificar posições e valores individuais. Nesse sentido, Oliveira e Rodrigues (2021, p. 64) afirmam que o machismo e a misoginia são estruturais da sociedade brasileira. Ou seja, "são

parte de um conceito estruturante da formação do nosso pensamento e cultura", portanto interferem nas escolhas linguísticas utilizadas pelos jornalistas e comunicadores.

Para Viscardi (2024, p. 137) é preciso "mostrar que as escolhas sintáticas que fazemos têm implicações importantes na maneira como um episódio ganhará destaque, em quais aspectos ganharão o centro da discussão". Ainda segunda a pesquisadora,

> é preciso deixar claro quem comete tais agressões de maneira rotineira. Mulheres não são mortas por algum agente etéreo; homens agridem, violentam, matam mulheres. Essa informação, tantas vezes ignorada na produção de manchetes de casos de feminicídio, pode ter destaque em uma manchete que reporta uma violência [...] garantindo que todos os sujeitos que podem ter participado da ocorrência estejam destacados - em vez de ignorados ou deixados em segundo plano (Viscardi, 2024, p. 137).

Para Oliveira e Rodrigues (2021), o uso da voz passiva, nessas situações, "isenta assassinos de sua responsabilidade e ao mesmo tempo revitimiza a mulher". Assim, para as jornalistas "a narrativa tradicional da nossa sociedade está normatizada em um viés patriarcal, branco, cisgênero e heteronormativo e contribui para a manutenção da violência contra a mulher, ainda que no campo simbólico" (Oliveira; Rodrigues, 2021, p. 268).

Então, em face do exposto, situações em que o item *mulher/mujer* é apassivado, como as descritas anteriormente, podem ser examinadas criticamente com o auxílio da ACD e da RAS. Nesta pesquisa, importa saber como MCS são representadas através de fraseologismos e metáforas no COFEM - o *corpus* de estudo desta pesquisa -, o qual é composto por textos oriundos de contextos midiáticos, como textos jornalísticos da imprensa hegemônica e alternativa brasileira e argentina.

Na subseção seguinte, é apresentada mais uma abordagem teórica-metodológica que deu suporte às análises desta pesquisa, a LC.

2.11. Linguística de *Corpus*: uma abordagem teórico-metodológica

Nesta subseção, abordo brevemente como a LC surgiu e seus principais conceitos. Busco, ainda, demonstrar como a LC enquanto abordagem teórico-metodológica, associada às demais teorias que são mobilizadas nesta pesquisa, possibilita uma análise refinada, do ponto de vista quantitativo e qualitativo.

A LC foi concebida por John Sinclair tendo como um de seus princípios a empiria. Segundo Teubert (2009, p. 15), a LC foi desenvolvida como uma metodologia para descobrir coisas sobre uma língua em geral, a fim de auxiliar nas tarefas da linguística aplicada. Foi no

início da década de 60 que a LC despontou impulsionada pelo desenvolvimento do *Brown University Standard Corpus of Present-Day American English - Corpus Brown (1964)*[56]. Para Stubbs (1986), o advento dos *corpora* informatizados gerou uma espécie de mudança de paradigma na descrição linguística e na forma como compreendemos a língua e seu desenvolvimento ao longo do tempo. Rojo (2016, p. 285) destaca que a história da LC é curta, mas se desenvolveu rapidamente.

A LC dedica-se à coleta e à exploração de *corpora* ou de conjuntos de dados linguísticos (cf. Berber Sardinha, 2000, p. 35). Segundo Beber Sardinha (2004, p. 35), a LC é uma nova perspectiva da Linguística, isto porque ela torna possível o trabalho com grandes extensões de *corpora* textuais, em formato digital, que são utilizados para representar um estado de uso específico da língua. Na mesma direção, Fromm (2003, p. 2) define a LC como uma ciência incipiente, pois segundo o pesquisador, foi a partir da década de 80 que ela se popularizou, juntamente com o advento do computador como uma ferramenta acessível para mais pessoas e possibilitando o trabalho com banco de dados. Já Garcia (2012, p. 11) explica que somente a partir dos anos 90, após o "aumento dos computadores pessoais, textos em formatos digital e de ferramentas acessíveis de *corpora*, tais como o WordSmith Tools (Scott 1996), que a LC começou a se desenvolver de fato".

Há uma tensão em relação à definição da LC. Enquanto alguns linguistas a definem como metodologia ou disciplina, outros a entendem como abordagem. Stubbs (2001, p. 107) afirma que a LC é uma abordagem empírica para o estudo da linguagem. Parodi (2007, p. 13) defini a LC como um enfoque metodológico da língua que "apresenta oportunidades revolucionarias para a descrição, análise, e ensino de discursos de todo tipo". Gonçalves (2008, p. 387) diz que a LC é uma abordagem que permite a manipulação de muitos textos. Já Oliveira (2009) defende que a LC é uma abordagem teórico-metodológica que possibilita a observação de manifestações linguísticas de vários segmentos, em vários textos. Garcia (2012, p. 12) compreende a LC como uma nova metodologia e simultaneamente como uma disciplina. Por sua vez, Mello (2012, p. 31) define a LC como "área disciplinar que explora *corpora* computadorizados".

Importante mencionar que esta pesquisa assume, assim como Oliveira (2009), que a LC "não define somente uma metodologia emergente para o estudo da linguagem, mas uma nova maneira de fazer pesquisa, e de fato uma nova abordagem filosófica para este assunto". Desse

[56] O *Corpus* Brown continha um milhão de palavras, o que significava, naquela época, um trabalho de grande respeito (cf. Beber Sardinha, 2000, p. 323). Atualmente, devido as possibilidades de se analisar grandes extensões de *corpora*, através de diferentes *softwares* de análise linguística, os *corpora* estão cada vez maiores.

modo, os recursos que a LC dispõe facilitam o trabalho com a linguagem nas mais diversas áreas, já que esta abordagem teórico-metodológica propicia uma investigação minuciosa de uma grande quantidade de textos digitais, a partir de um olhar sobre os usos sistemáticos e os padrões linguísticos dos *corpora* investigados.

Teubert (2009, p. 18) explica que a LC começa investigando as evidências, insistindo em uma abordagem "de baixo para cima". Ou seja, a LC "não aceita categorias descritivas como garantidas, nem palavras, nem partes do discurso, nem os constituintes da gramática da estrutura frasal, nem características semânticas".

Nas palavras de Berber Sardinha (2008, p. 18), a LC possui um carácter interdisciplinar, possibilitando o diálogo entre áreas diversas. Ela também proporciona a possibilidade de mesclar análises quantitativas e qualitativas e de usar ferramentas combinadas, como é o caso desta pesquisa.

Existem três abordagens para a análise baseada em *corpora* linguísticos, são elas: a *corpus-based* – baseado em *corpus*, a *corpus-driven* – dirigido por *corpus* e, por último, a mistura desses dois modelos de análise. No primeiro caso, o estudo desenvolvido será baseado em *corpus*, enquanto o segundo será orientado pelo *corpus* (Tognini-Bonelli, 2001). As pesquisas baseadas em *corpus*, geralmente, usam dados de *corpus* para explorar hipóteses e teorias, buscando validá-las ou refutá-las, por exemplo. Já as investigações orientadas pelo *corpus*, se afastam da ideia da LC apenas como método e compreendem que o *corpus* é a única fonte de hipóteses sobre a língua (Tognini-Bonelli, 2001).

Esta investigação enquadra-se no método misto, pois inicialmente o *corpus* desta pesquisa - o COFEM - foi explorado partindo do item lexical mulher/*mujer*, buscando identificar UFs e metafóricas sexistas. Portanto, uma pesquisa baseada em *corpus*. Posteriormente, depois de alterar a forma de investigação para o método guiado pelo *corpus*, identifiquei, através de várias ocorrências de itens como *vagina* e *vulva* e seus sinônimos, UFs e metafóricas sexistas, por exemplo. Em outras palavras, foi observando o que se destacava no *corpus,* deixando o *corpus* "falar" - como diz Novodvorski -, que eu cheguei a resultados interessantes, desenvolvendo assim uma análise guiada pelo *corpus*. Ao final, fica claro que a combinação dos métodos resultou produtiva para os interesses desta investigação.

Oliveira (2009) explica que *corpora* podem ser classificados de duas formas. Os *corpora* podem ser gerais, isto é, buscam representar a língua de forma ampla e são compostos por uma variedade de gêneros discursivos, de registros, de assuntos e autores. E os *corpora*

podem ser especializados, ou seja, ter objetivos específicos e ser composto por textos de gêneros ou discursos específicos.

Segundo Teubert (2009, p. 14) o *corpus* é uma coleção baseada em princípios de dados de linguagem real, de textos (ou parte de textos) amostrados, e, portanto, representando um determinado discurso. De acordo com Rojo (2016, p. 285)

> um *corpus* é um conjunto de (fragmentos de) textos naturais, armazenados em formato eletrônico, representativos no conjunto de uma variedade linguística, em algum de seus componentes ou na sua totalidade, e reunidos com o propósito de facilitar seu estudo científico.

Parodi (2007, p. 21) destaca oito aspectos que devem ser considerados em relação a um *corpus* linguístico: a extensão, o formato, a representatividade, a diversificação, se é marcado ou etiquetado, a procedência, o tamanho das amostras e a classificação e descrição dos tipos temáticos e disciplinares.

Esses aspectos são importantes, porque no momento da análise textual é preciso considerar o contexto e os aspectos socioculturais que estão ligados aos textos, conforme explica Oliveira (2009). A autora destaca, ainda, que *corpora* bem documentados, que incluem informações ou classificações complementares em relação ao assunto ou época de produção dos textos, autores ou participantes em interações, permitem ao pesquisador recuperar parcialmente o contexto situacional e/ou cultural em que os textos se desenvolveram. Esta pesquisa buscou aplicar o que explica Oliveira (2009), considerando os aspectos mencionados por Parodi (2007) para construir um *corpus* satisfatório e bem documentado.

De acordo com o exposto por Novodvorski e Finatto (2014, p. 9), a LC ancorada às concepções de Stubbs (1986, 2001) e Sinclair (1991), compreende que o *corpus* é mais do que um simples aglomerado de textos que servem como uma ferramenta de análise, ele é um "conceito teórico" que possibilita a observação da linguagem em contextos reais de uso, já que esta se apresenta diferente quando investigada "extensiva e minunciosamente". Segundo os pesquisadores, um *corpus* é uma somatória de instâncias.

Considerando as definições apresentadas, pode-se dizer que, na concepção da LC, um *corpus* linguístico é uma coleção de textos em formato digital, selecionados a partir de critérios externos, que pretende ser representativo da linguagem ou de uma variedade linguística, e que possibilita a extração de informações linguísticas diversas desses textos por meio de programas computacionais capazes de identificar padrões, por exemplo.

Tognini-Bonelli (2001) destaca que os textos que compõem um *corpus* precisam ser "coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística", pois a LC preocupa-se em estudar a "linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador". Isto significa dizer que a LC possibilita a descrição de fatos da língua. Fatos esses que podem dizer muito sobre um povo e uma cultura, pois conforme Castilho (2010, p. 31) "é na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos no mundo e de como nos dirigimos ao outro".

Por conseguinte, a LC contribui para a exploração de grandes números de textos e para a compreensão de diversos temas e suas aplicações nos trabalhos sobre a língua e a linguagem. Nesta pesquisa, a LC aplicada à exploração de UFs, metáforas conceptuais, avaliações e representações de mulheres seus, corpos e sexualidades possibilitou a identificação, a descrição e a interpretação de alguns desses fenômenos linguísticos presentes no *corpus* da pesquisa.

Para a LC, a língua pode ser compreendida de um modo particular, o qual justifica a necessidade de se analisar textos autênticos em grande quantidade. Como ressaltam Novodvorski e Finatto (2014, p. 8), para os linguistas filiados à LC, a língua é compreendida como "um sistema probabilístico de combinatórias, no qual uma unidade se define pelas associações que mantém com outras unidades". Essa concepção de língua torna o trabalho a partir do ponto de vista da LC bastante confiável[57] e mostra que ela vai muito além da "contagem" de palavras.

A observação em massa de ocorrências, co-ocorrências e recorrência de itens lexicais, ou seja, observar padrões associativos, grupos de palavras, locuções, processos verbais, complementos e atributos nos dados de um *corpus* pode ajudar a compreender até que ponto as palavras estão se aglomerando para formar significados e assim auxiliar na compreensão daquilo que é reproduzido pela linguagem.

Em face do exposto, faz-se necessário destacar a relação entre a LC e a LSF hallidayana, ambas abordagens se complementam. Oliveira (2009) explica que as duas abordagens se aproximam em termos metodológicos - ao se preocuparem com a probabilidade de ocorrências - e teóricos - devido à valorização do aspecto cultural da linguagem, em que se valoriza o uso linguístico e sua funcionalidade. Como explica Oliveira (2009) em ambas as abordagens as análises devem ser feitas em textos e o contexto situacional é determinante tanto para a produção quanto para a análise textual.

[57] Segundo McEnery (2015), do ponto de vista científico, o método estatístico é replicável e imparcial, por isso é considerado de alta confiabilidade ou validade.

Conforme aponta Novodvorski e Finatto (2014, p. 9), os trabalhos na área da LC, no Brasil, vem crescendo e ganhando cada vez mais força, corroborando o potencial dessa abordagem teórico-metodológica, e confirmando que "todo *corpus* sempre traz questões novas ou questões que não se imaginava encontrar". Dessa forma, conforme mencionado pelos linguistas (2014, p. 15), as palavras que uma pessoa escolhe utilizar em meio a um todo de opções à sua disposição exibem um padrão de associação regular. Isto é, as palavras privilegiam um tipo de combinação, elas "preferem" determinadas associações e, ainda, "rejeitam" outras. Observar como determinadas palavras são preteridas ao passo que outras são privilegiadas, pode ajudar a indicar as preferências de pessoas dado o seu contexto de cultura, por exemplo. De modo semelhante, na LSF, a noção de sistema faz com que seja possível considerar que uma pessoa, em determinada situação, faça certas escolhas paradigmáticas e não outras, dentro das possibilidades por diferentes elementos no sistema.

Portanto, se a LC possibilita uma análise empírica, interdisciplinar, baseada na observação e exploração linguística de fatos da língua, em grandes *corpora* linguísticos, é possível utilizá-la buscando responder as seguintes questões: Quais palavras estão associadas ao vocábulo *mulher*/*mujer* no *corpus* desta pesquisa? Quais vocábulos tendem a ocorrer com maior frequência combinados com o item lexical *mulher/mujer*? Quais os fraseologismos mais comuns com *mulher/mujer*? Parafraseando Stubbs (2001), quais as palavras que sombreiam o item lexical *mulher/mujer*?

Para responder a essas perguntas, esta pesquisa ancorou-se aos pressupostos teórico-metodológicos da LC, buscando sistematizar os dados e observá-los em contextos autênticos de uso. Diante disso, fica evidente que esta etapa é de grande importância, talvez a mais valiosa da investigação, pois ela permite a identificação de características peculiares àqueles corpora. Em outras palavras, descobrir e reconhecer padrões de utilização da língua é fundamental, haja vista que toda teorização parte de uma observação atenta.

2.12. Considerações

Esta seção apresentou o referencial teórico que sustentou esta pesquisa e, assim, possibilitou que o pensamento crítico a respeito do tema desta tese fosse desenvolvido, buscando sempre as bases teóricas. É sabido que há muito para se abordar em cada uma das subseções desta seção, mas por questões de espaço, optei por abordar os pontos centrais de cada tema sempre tentando explicitar a forma como essas bases teóricas se relacionam e conversam

entre si. Além disso, também busquei relacionar as concepções teóricas ao que foi encontrado no *corpus* desta pesquisa.

Na próxima seção, apresento os métodos de pesquisa que foram utilizados neste estudo linguístico.

3. METODOLOGIA E *CORPUS* DA PESQUISA

3.1. Introdução

Nesta seção, apresento todas as etapas da metodologia aplicada a esta pesquisa, apresento o *corpus* estudado, descrevo os gêneros discursivos que fazem parte dele, abordo o contexto de cultura descrevendo a situação de mulheres no Brasil e na Argentina e apresentando as fontes dos textos do corpus de estudo. Esse caminho metodológico foi traçado pensando no viés desta pesquisa que é de base descritiva e leva em consideração os usos que se faz da linguagem, tomando a língua como um sistema probabilístico de combinatórias, filiando-se à LSF e à LC.

Na primeira fase das análises, o programa computacional *WordSmith Tools* doravante (WST) versão 6,0 (Scott, 2012) foi utilizado para o processamento e análise dos dados. Na segunda fase da investigação, foi utilizada a ferramenta online *Sketch Engine,* doravante (SE) elaborado por Kilgarrif e Rychlý (2003) para processar o *corpus* da pesquisa e ainda gerar ilustrações com dados sobre os itens investigados. No caso deste estudo, a combinação desses recursos foi produtiva, haja vista que eles se complementaram, o que possibilitou refinar a pesquisa.

Desse modo, pude buscar de maneira exaustiva as informações necessárias e explorar os recursos de cada ferramenta, de maneira a descrever como os usos linguísticos de interesse desta pesquisa são construídos e utilizados a fim de propor reflexão sobre as bases em que estão ancorados.

Este estudo se enquadra no tipo de pesquisa qualitativa e quantitativa, pois adota uma metodologia que depende da análise dos dados, focando na interpretação e observando o discurso no contexto social, mas também está baseada em padrões de uso linguísticos, comprovados por meio de dados estatísticos sobre os *corpora* investigados, como por exemplo o número de ocorrências de itens lexicais e suas combinatórias, para se chegar às conclusões.

Nesta etapa, também foram consultados dicionários de usos como Borba (2002) e fraseológicos como Silva (2013), Varela e Kubarth (1994), Barcia e Pauer (2010) para análises de usos linguísticos. Outros materiais significativos que foram consultados e fundamentam esta pesquisa são Maior (1980), Mattoso (1990); Xatara e Oliveira (2008), Zavaglia (2018) em PB e Burgos (1990), Bracken (2005), Aguirre (2009) e Vranic (2003) em espanhol.

Como já mencionado, as palavras se unem por algum motivo, não é arbitrário. Desse modo, investigar qual o léxico em torno do item *mulher/mujer* em PB e EA, observando esse

vocábulo em UFs e metáforas é importante, pois ajuda a compreender como a língua está sendo utilizada e, ainda, como esses usos sistemáticos contribuem para a representação de MCS e para o processo de estigmatização dessas pessoas e auxilia na reflexão da situação dessa parcela da sociedade, na contemporaneidade.

É importante salientar o lugar relevante que ocupam as diferentes ferramentas computacionais que foram utilizados nesta pesquisa. Assim, destacaremos a seguir o WST e o SE, utilizados para a exploração do *corpus* -, e o TransKriptor (2021)[58] utilizado para a transcrição dos sub*corpora* orais. As subseções seguintes descrevem as etapas metodológicas adotadas.

3.2. Procedimentos e ferramentas computacionais de análise linguística

Para que o estudo aqui proposto fosse possível, utilizei diferentes ferramentas do programa para análises lexicais *WordSmith Tools*, em suas diversas funcionalidades. Esse *software* é um pacote integrado de ferramentas, desenvolvido com o propósito de auxiliar na descrição e análise linguísticas em *corpus* composto por textos em formato digital. O WST tem sido bastante utilizado devido ao fato de possibilitar a realização de tarefas como contar palavras[59] e identificar todas as ocorrências de itens lexicais. O WST oferece três ferramentas, a saber: *WordList*, *Concord, Keywords*. Neste trabalho, foram utilizadas principalmente as duas primeiras citadas.

A primeira ferramenta, talvez a mais importante, gera a lista de palavras, contabiliza os *types* [60] (formas) e o *tokens* [61] (itens) do *corpus*. Ela também permite ordenar a lista alfabeticamente ou por número de frequência e organizar agrupamentos de formas em um mesmo item, por exemplo as formas encontradas no *corpus* desta pesquisa *xerecar*, *xerecou* e *xerecaram* foram agrupadas sobre o lema[62] *xereca*.

A segunda ferramenta é um concordanciador. Como o nome sugere, com ela é possível visualizar as linhas de concordância em que as ocorrências de determinada palavra ou várias estão listadas e acessar os contextos de uso destas palavras, além da possibilidade de organização da lista escolhendo destacar os itens à esquerda ou direita, sendo possível assim,

[58] Transcritor automático de arquivos de áudios e vídeo. Recurso pago, disponível através do endereço eletrônico: www.transkriptor.com
[59] Sequências de caracteres sem espaço.
[60] É o número de formas de palavras específicas no *corpus*. Ou seja, palavras diferentes.
[61] É a totalidade dos itens lexicogramaticais, considerando as repetições de cada item.
[62] No WST, a coluna 'lemma' é destinada aos 'lemas', que, de acordo com Berber Sardinha (2009), "são formas canônicas das palavras", por exemplo 'correr' é o lema de 'corro, corres, corre, corremos' etc. ou 'casa' é o lema de casas, casinha, casinhas, casarão etc.

observar as colocações, os colocados e a recorrência dessas estruturas em conjunto, e assim, visualizar padrões de escolha linguística.

Por último, a ferramenta *Keywords* é responsável por gerar lista de palavras que possibilitam a identificação de palavras-chave do texto em um *corpus*, através de uma comparação entre um *corpus* de estudo e um de referência, que deve ser entre 3 e 5 vezes maior que o *corpus* de estudo. Devido a essa limitação, as palavras-chave foram observadas em *subcorpora* do COFEM, como por exemplo, o *subcorpus* composto por transcrições de podcasts. O *corpus* de referência utilizado neste caso foi o *corpus* de entrevistas que utilizei em minha dissertação de mestrado[63].

De maneira semelhante, utilizei a ferramenta online SE, em sua versão paga para 4 milhões de palavras, para gerar mais informações sobre o COFEM, dentre elas nuvens de palavras e corroborar informações encontradas através do WST. As funcionalidades do SE são semelhantes às do WST e ao mesmo tempo se complementam. A possibilidade oferecida pelo SE de ler/processar diferentes formatos de texto plano[64], de gerar gráficos e ilustrações baseados em dados do *corpus* é o diferencial desse recurso.

O SE possui as ferramentas lista de frequência e lista de concordâncias. Essas ferramentas funcionam de modo muito semelhante ao WST. Ele também possui uma ferramenta de colocados, palavras-chave, em que é possível usar os *corpora* disponíveis na plataforma como *corpus* de referência, dentre outras funcionalidades. Importante mencionar que não foram esgotadas todas as funcionalidades do SE devido aos objetivos desta pesquisa.

Para dar suporte às análises, também foram utilizados recursos disponíveis *online* para consulta, a saber, o *Corpus* do Português (Davies, 2016, 2018) e o *Corpus del Español* (Davies, 2016, 2018), usados como *corpora* de observação e contraste, para corroborar ou reformular hipóteses, a partir do que encontramos no *corpus* desta investigação.

Outro recurso *online* de consulta foi o ADESSE[65], que é uma base de dados de verbos/processos e esquemas sintático-semânticos em espanhol. Com esse recurso foi possível compreender melhor algumas escolhas linguísticas. Também utilizei a *World Wide Web* (WWW) como fonte potencial de dados, através de mecanismos de pesquisa na *web*, como a ferramenta de busca do Google, através de modelos avançados de pesquisa com comandos

[63] Dissertação intitulada Avaliatividade em corpus de entrevistas de artistas: um estudo das escolhas lexicogramaticais de atitude.
[64] Em um determinado momento da pesquisa, problemas relacionados à codificação dos arquivos planos em formato .txt (unicode, ANSI e UFT8) começaram a ocorrer, principalmente quando eram processados muitos textos de uma vez no WST. Este problema começou a incomodar, motivando a utilização do SE.
[65] Disponível em: https://adesse.uvigo.es/. Acesso em: 22 set. 2023.

como o uso de aspas e dois pontos para pesquisas em fontes específicas e filtros de busca avançada, como idioma, região e recorte temporal, por exemplo. Faz-se necessário mencionar que a WWW não é um *corpus*, pois não foi planejado dentre outras questões, por isso, ressalta-se que essa foi uma ferramenta de consulta, apenas.

Assim, ancorados nos pressupostos da LC acreditamos ser possível identificar como mulheres, seus corpos e sexualidade são representadas no *corpus* desta pesquisa, partindo de uma análise léxico-gramatical para alcançar o nível semântico-discursivo, a fim de compreender como essas escolhas são mobilizadas para a construção de sentidos por meio de usos recorrentes de UFs, de usos metafóricos e avaliativos e como estes criam e reforçam representações e assim, indicam/reforçam práticas sociais.

Corroborando Stubbs (2001), entendemos que o significado é construído por meio de padrões repetidos de uso. Logo, a língua carrega uma enorme bagagem de significados sobre a sociedade de determinado tempo, seja através da escolha de palavras, da criação de novas, da não utilização ou interdição de outras, das associações de vocábulos em estruturas fixas ou semifixas etc. Dessa forma, os programas de análise linguística constituem uma parte importante, pois eles nos permitem chegar aos resultados de forma mais rápida e confiável, possibilitando assim a replicabilidade da pesquisa.

Esta seção buscou apresentar os procedimentos adotados neste estudo e as ferramentas que deram suporte à pesquisa, de modo a possibilitar a compreensão e a oferecer subsídios a outras pesquisas. A seção seguinte trata da criação e da estruturação do *corpus* de estudo utilizado nesta pesquisa.

3.3. Planejamento e organização do *corpus* de estudo

Esta subseção apresenta o passo a passo seguido para a constituição do *corpus* utilizado neste estudo e tem como propósito demonstrar, em detalhes, as diferentes ações realizadas e critérios adotados durante a pesquisa para se chegar aos resultados. A metodologia utilizada neste estudo está baseada na Linguística de *Corpus* (cf. Berber Sardinha, 2004), como o exposto em seção anterior. Nesse sentido, os procedimentos que foram adotados para exploração e análise, foram:

a) levantamento da bibliografia que ancora esta tese;
b) compilação manual e automatizada do *corpus* e montagem dos *subcorpora* de análise em PB e EA; armazenamento e organização através da criação de pastas e

renomeação de arquivos. Os arquivos foram renomeados com informações sobre a origem do texto e a data de publicação.

c) Conversão manual dos arquivos em formato PDF[66] para o formato TXT[67]. Após a conversão em TXT, os arquivos foram todos salvos na mesma codificação (Unicode). Esse processo também foi manual.
d) "limpeza" e revisão dos arquivos em TXT após a conversão. Eliminação de informações que não correspondem ao texto de interesse, como *links* e propagandas, além da eliminação de espaços e conferência de possíveis erros.
e) transcrição automática dos arquivos de áudio (MP3) *podcasts,* e vídeo (MP4 e AVI) *videocasts* com auxílio da ferramenta de transcrição *online* TransKriptor chegando ao formato TXT;
f) inserção de etiquetas com informações para diferenciar os participantes e para sinalizar trechos incompreensíveis.
g) revisão e correção dos textos transcritos automaticamente em PB e EA.
h) preparação do *corpus* para o processamento no *software* WST e no SE.
i) criação de fichas de identificação para os textos que compõem o *corpus*.
j) criação e inserção de cabeçalhos com dados sobre o texto, em parte do *corpus*;
k) criação de etiquetas e etiquetagem manual que indicam aspectos ou partes dos textos, como títulos, perguntas e respostas, textos de introdução do episódio etc.
l) identificação, coleta manual e classificação das ocorrências encontrados no *corpus* através da exploração das listas de palavras, listas de concordância e palavras-chave;
m) análise das ocorrências encontradas para fins quantitativos e qualitativos à luz das abordagens que guiam esta pesquisa;
n) triangulação dos dados e contraste dos resultados em PB e EA.

Importante mencionar que as etapas não ocorreram de forma completamente linear, tendo algumas sido executadas simultaneamente, outras iniciadas, pausadas e concluídas posteriormente etc. A seguir, apresentamos brevemente o *corpus* proposto para este estudo e quais os fatores que motivaram sua escolha.

[66] PDF significa *Portable Document Format*. É um formato de arquivo de texto.
[67] TXT significa vem da palavra em inglês *text* que significa texto. É uma extensão de arquivo que não contém formatação.

3.4. COFEM: Um *corpus* múltiplo, temático e bilíngue

O *corpus* desta pesquisa é considerado múltiplo, pois é constituído de textos de diferentes gêneros, contendo textos transcritos e escritos em PB e EA. A escolha das fontes foi motivada pelo fato de ser consumidora dessas mídias. Ele foi extraído de diferentes contextos midiáticos *online* em um recorte de 5 anos (2018-2022)[68]. O *corpus* é composto por um total de 232[69] transcrições de *podcasts* e *videocasts*, 497 textos jornalísticos e por 551 arquivos contendo comentários *online* em PB e EA.

O COFEM está organizado buscando um balanceamento por quantidade de fontes, de textos e data de publicação. O *corpus* foi balanceado por meio do número de fontes textuais, nos dois idiomas e, ainda, no seu tamanho, visto que o equilíbrio em termos de *tokens* e *types* foi um fator considerado. Houve, ainda, a tentativa de equilibrá-lo através do número de textos/ arquivos nos dois idiomas, porém não foi possível, haja vista a diferença de tamanho/duração dos programas de *podcasts* e *videocasts*, por exemplo.

O acrônimo escolhido para nomear o *corpus* desta pesquisa é COFEM, formado a partir da junção da palavra "*corpus"* e "feminino", em uma referência à temática desta pesquisa. Entendo que o *corpus* é temático pois escolhi coletar textos que tivessem alguma utilização do vocábulo mulher/*mujer* ou fizessem alguma referência a uma figura feminina, pelo menos. Já os comentários que compõem o *corpus* da pesquisa são reações da audiência dos textos transcritos.

O primeiro *subcorpus* está dividido em 88 episódios transcritos de programas de *podcasts* em PB, a saber: *Saia Justa*[70] , Corpo Especulado[71], Sufrágio[72] e *Conversa com Bial*[73], e em 114 episódios transcritos de *podcasts* em EA dos seguintes programas: *El deseo de Pandora*[74]*, Concha* Podcast*, Desmuteadas*[75] e *Conversaciones*[76]*.* Todos estavam, no momento

[68] Faz-se necessário destacar que o sub*corpus* de comentários não seguiu esse recorte temporal perfeitamente. Após sua compilação via python, identificou-se que foi desconsiderada a data em que o comentário foi publicado. Portanto, existem comentários que foram feitos durante o ano de 2023. Ano de coleta do *subcorpus* de comentários.
[69] Essa quantidade foi escolhida em virtude do tempo necessários para o trabalho com *corpus* oral.
[70] Endereço eletrônico: https://gnt.globo.com/programas/saia-justa/
[71] Endereço eletrônico: https://www.37grauspodcast.com/temporadas/corpo-especulado/
[72] Endereço eletrônico: https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/sufragio/#10
[73] Endereço eletrônico: https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/
[74] Endereço eletrônico: https://podcast.revistaanfibia.com/el-deseo-de-pandora/
[75] Endereço eletrônico: https://castbox.fm/channel/Desmuteadas-id4480282?country=br
[76] Endereço eletrônico:https://www.lanacion.com.ar/tema/conversaciones-en-la-nacion-tid53792/

da pesquisa, disponíveis na plataforma Google Podcasts[77] e Castbox[78]. O *subcorpus* de *videocasts* é composto por 16 episódios transcritos do programa *Mini Saia*[79] e 14 do programa *Concha*Podcast[80], todos publicados na plataforma de vídeos *Youtube*. Esses programas foram escolhidos, pois possuem perfil semelhante, de entrevista, de conversa e mesa redonda – o famosos "bate-papos" - participando do programa um jornalista e/ou comunicador e um ou mais entrevistados, em sua maioria pessoas de prestígio e/ou destaque social.

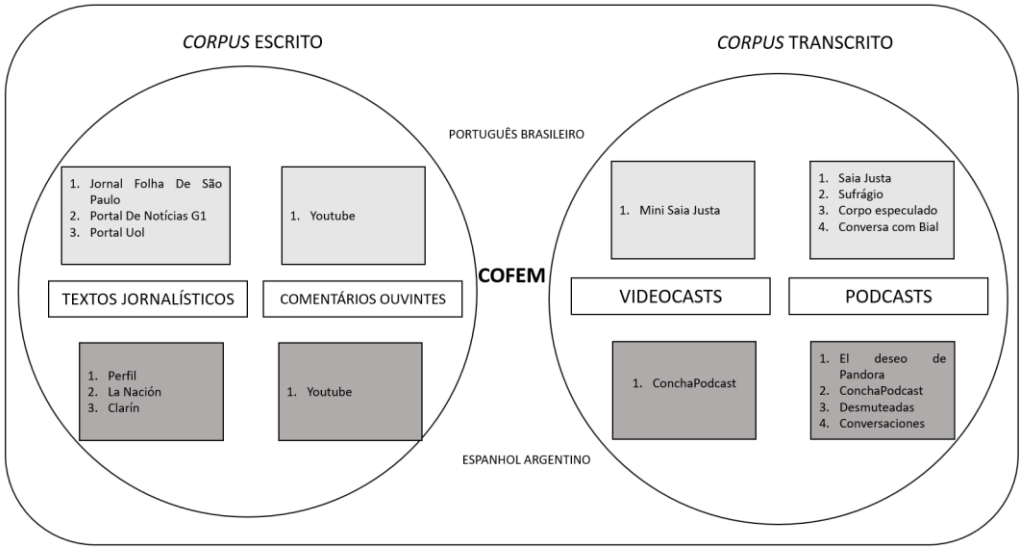
O *subcorpus* de comentários é composto pelos comentários dos ouvintes expectadores dos *videocasts Mini Saia, Conversaciones* e *Concha*Podcast. Todos os comentários foram extraídos automaticamente da plataforma de vídeos *YouTube*[81].

Por último, os textos jornalísticos que compõem o COFEM, foram extraídos dos jornais eletrônicos, a saber: Clarín[82], Perfil[83], Folha de São Paulo[84] e La Nación[85], e dos portais de notícias G1[86] e UOL[87]. Esses veículos de imprensa são tradicionais no Brasil e na Argentina e pertencem à mídia hegemônica.

A Figura 8, a seguir, ilustra o *corpus* de estudo desta investigação e tem como objetivo evidenciar o balanceamento das fontes e o perfil "equilibrado" das fontes dos textos que compõem o COFEM:

[77] Plataforma gratuita de conteúdo em áudios. Endereço eletrônico: https://podcasts.google.com/ Essa plataforma foi descontinuada em junho de 2024. Segundo o google, a plataforma deu lugar ao Youtube Music. Os usuários puderam transferir suas assinaturas de uma plataforma para a outra.
[78] Plataforma gratuita de conteúdo em áudios. Endereço eletrônico: https://castbox.fm/?country=br
[79] Lista de reprodução do canal GNT no *Youtube*: https://www.youtube.com/playlist?list=PLvvfh7mlR8VZmPLzMPNNsSTP-uqRqBwUC
[80] Lista de reprodução do canal do Youtube: https://www.youtube.com/@ConchaPodcast/videos
[81]Importante mencionar que os comentários coletados no Youtube foram extraídos com auxílio da linguagem python. O código para coleta automática foi criado no âmbito do GECon com ajuda do colega de grupo de pesquisa Prof. Ms. Wagner da Cunha Nunes, a quem agradeço muito pela contribuição. Os códigos encontram-se em anexo.
[82] Endereço eletrônico: https://www.clarin.com/
[83] Endereço eletrônico: https://www.perfil.com/
[84] Endereço eletrônico: https://www.folha.uol.com.br/
[85] Endereço eletrônico: https://www.lanacion.com.ar/
[86] Endereço eletrônico: https://g1.globo.com/
[87] Endereço eletrônico: https://www.uol.com.br/

FIGURA 8 – COFEM.



Fonte: A autora.

Portanto, após a observação da imagem, fica evidente o caráter múltiplo do COFEM, sendo composto por textos oriundos de diferentes fontes e diferentes gêneros discursivos. A seguir, sistematizamos as características do COFEM no quadro 1:

QUADRO 1 - O *corpus* de estudo.

Idiomas	Português brasileiro (PB) e espanhol argentino (EA) / bilíngue[88]
Tipo de *corpus*	Comparável/ equilibrado
Modo	Textos escritos e transcritos (falado e escrito)
Tipologia textual	Expositivo, argumentativo e narrativo (devido à variedade de textos)
Data da publicação	De janeiro de 2018 a dezembro de 2022[89]
Tipo de estudo	Sincrônico
Conteúdo	podcast*s*, *videocas*ts, comentários de usuários e textos jornalísticos
Tamanho	Médio (mais de 2 milhões de palavras)
Nível de codificação	Com etiquetas

Fonte: Adaptado de Marra (2017).

Este estudo visou a montagem de um *corpus* analítico variado, pois acredito que essa heterogeneidade contribui para a análise de como o vocábulo mulher/*mujer* tem sido utilizado e como esse uso, isto é, essa prática discursiva, tem sido reflexo de práticas sociais que fazem parte das culturas brasileira e argentina. Assim, a exploração deste *corpus* poderá demonstrar,

[88] Com relação ao *subcorpus* de comentários, é importante dizer não se pode afirmar que eles sejam totalmente compostos por comentários em PB e EA, haja vista suas características particularidades, mas é possível afirmar que esses comentários reagem a programas em PB e EA.
[89] Não se aplica ao *subcorpus* de comentários, conforme já explicado.

em alguma medida, como esses usos linguísticos reforçam e representam as práticas existentes na sociedade, em relação às MCS, sejam elas positivas ou negativas.

Com relação aos números, o COFEM pode ser considerado um *corpus* médio, haja vista a quantidade de formas (tokens). Portanto, o *corpus* de estudo possui as seguintes características:

TABELA 1 - Dados Quantitativos do COFEM.

	Nº de textos PB	**Forma**	**Item**	**Nº de textos EA**	**Forma**	**Item**
Textos Jornalísticos	246	150.198	15.387	251	233.208	21.855
Comentários[90]	356	1.429.812	52.715	195	140.539	18.348
Transcrições de Podcast**s**	88	369.024	20.439	114	557.176	27.847
Transcrições de Videocast	16	27.997	3.596	14	207.391	11.732

Fonte: Elaborado pela autora

O COFEM também é composto por um *subcorpus* de textos instrutivos, o qual não alimenta o *corpus* de estudo, exposto na tabela anterior. Ele serve apenas para consulta, contribuindo na compreensão, refutação ou corroboração de resultados encontrados no *corpus* de estudo.

Os textos instrutivos são guias, manuais e cartilhas de redação que buscam destacar usos sexistas da linguagem e, portanto, conduzem jornalistas, funcionários públicos e cidadãos em geral a redigirem seus textos considerando essa realidade social / linguística e se afastando dela. Assim, esses materiais orientam a não utilização de expressões que disseminam preconceitos, que objetificam identidades e corpos femininos e que os reduzam aos estereótipos de gênero, como submissão, apagamento, subalternidade, domesticidade etc.

Esses textos instrutivos também abordam a questão da invisibilidade feminina e, logo, evidenciam a necessidade de se adequar o uso da linguagem para se alcançar a equidade de gênero, proposta pela ONU.

[90] A maior parte do *corpus* de comentários em PB e EA foi compilada automaticamente via python. Portanto há uma quantidade expressiva de comentários se contados individualmente. Por isso, eles foram contabilizados por números de episódios comentados.

Nesses materiais há também a preocupação com a redação de textos jornalísticos que envolvem violência de gênero, haja vista a utilização recorrente da voz passiva em manchetes de feminicídio[91], como denunciado por Oliveira e Rodrigues (2021) e discutido por Viscardi (2024).

Em 2022, o Monitor de Violência do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, constatou que os casos de feminicídios alcançaram números recordes desde a criação da lei. Em resposta a dados como esse, no Brasil ocorreram manifestações em diversos locais, promovidos por coletivos feministas, movimentos estudantis e organizações de direitos humanos. As diferentes ações objetivaram denunciar a persistência da violência de gênero e reivindicar políticas públicas mais eficazes de prevenção, de proteção e de justiça para mulheres e meninas. Para além das manifestações nas ruas, ocorreu um aumento dos debates nas redes sociais, na mídia e em diferentes espaços institucionais, como escolas e universidades, que incorporaram com mais frequência discussões sobre equidade de gênero, direitos das mulheres e educação para a cidadania e equidade.

Naquele mesmo ano, o Dictionary.com[92] elegeu "*woman*" como palavra do ano, afirmando que esta era uma palavra "inseparável da história" daquele ano e refletia o contexto de discussões sobre gênero e a busca pela definição da palavra "mulher"[93]. Segundo o dicionário, as pesquisas pela palavra aumentaram significativamente naquele ano, os levando acreditar que o ano de 2022 seria "lembrado em parte pelo seu impacto nas mulheres e pelo impacto das mulheres no mundo em mudança" (tradução minha)[94].

Nos últimos anos, foi possível observar não só a criação de cartilhas, manuais e guias para um uso não sexista da linguagem, mas também a atualização de diferentes verbetes

[91] Segundo Oliveira e Rodrigues (2021, p. 255), "incorporado em 2015 à legislação brasileira, o crime de feminicídio tem pena que varia de doze a trinta anos[...]."
Em 2021 o vocábulo "Feminicídio" foi incluído pela Academia Brasileira de Letras - ABL em seu vocabulário ortográfico da língua portuguesa - VOLP. Sendo, portanto, classificado como substantivo masculino e definido como "Delito de homicídio praticado contra mulher decorrente de violência doméstica ou familiar e/ou por motivo de menosprezo ou discriminação de gênero." https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/feminicidio
[92] Dicionário *online* de língua inglesa.
[93] Notícia da CNN sobre a escolha do dicionário: https://edition.cnn.com/2022/12/13/us/dictionary-word-of-the-year-woman-2022-cec/index.html
[94] Página web do dictionary.com com a explicação sobre a escolha da palavra "*woman*". https://www.dictionary.com/e/word-of-the-year-2022/

relacionados à mulher, em diferentes dicionários, como foi o caso do *Cambridge Dictionary*[95] e *Oxford Languages*[96] que atualizaram a definição de *"woman"*.

Já no PB, casos semelhantes ocorreram com as definições de "patroa" e "mulher solteira" apresentadas pelo *Google*. Nesses casos as definições estavam ancoradas em bases sexistas e/ou machistas. Após questionamentos feitos publicamente por duas cantoras brasileiras, as definições apresentadas pelo *Google* também foram alteradas[97]. Outro caso semelhante ocorreu com o vocábulo "professora", em PB, com uma definição sexualizada e pejorativa, também apresentada pelo *Google*[98]. Neste último caso, vários dicionários se manifestaram explicando a origem da definição apresentada no verbete.

Esses exemplos foram mencionados aqui para evidenciar um momento de mudança e reflexão social e linguística que demonstra a intersecção entre língua, sociedade, cultura e gênero. Demonstrando, portanto, a necessidade de um *corpus* de consulta, o qual promove a reflexão sobre a temática investigada e ajuda na compreensão dos usos linguísticos e as mudanças situados nesse momento sócio-histórico discursivo.

O quadro 2 demonstra como o COFEM é constituído por um *subcorpus* de estudo e outro de consulta. Também objetiva demonstrar como o *corpus* da pesquisa é equilibrado em relação a proximidade das mídias a partir da posição lado a lado.

QUADRO 2 - As fontes do COFEM.

	Formato e gêneros discursivos	**Brasil PB**	**Argentina EA**
***Corpus* de estudo**	*Subcorpus* de Podcast Formato de talk show/entrevista	Saia Justa	El deseo de Pandora
		Corpo Especulado	ConchaPodcast
		Sufrágio	Desmuteadas
		Conversa com Bial	Conversaciones
	Subcorpus de *Videocast* Formato de talk show/entrevista	Mini Saia	ConchaPodcast
		Folha de São Paulo	La Nación

[95] Notícia sobre a atualização do verbete "*woman*" no dicionário *Cambridge*: https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/dicionario-mudou-definicao-de-mulher-para-adulto-que-se-identifica-como-tal-mesmo-tendo-nascido-com-sexo-diferente/

[96] Notícia sobre a atualização do verbete "*woman*" no dicionário *Oxford Languages*: https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2020/11/dicionario-de-oxford-altera-definicoes-sexistas-da-palavra-mulher.html

[97] Notícia sobre a atualização da definição de "mulher solteira" no *Google*: https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/09/4876033-dicionario-muda-definicoes-de-patroa-e-mulher-solteira-na-internet.html

[98] Notícia sobre a definição de "professora" no *Google*: https://claudia.abril.com.br/noticias/professora-significado-google-prostituta

	Subcorpus de textos jornalísticos Notícias, reportagens, entrevistas e artigos de opinião	Portal de Notícias G1	Clarín
		Portal de Notícias UOL	Perfil
	Subcorpus de comentários Participação de internautas cadastrados na plataforma	Canal GNT no Youtube:Playlist Mini Saia Justa	Canal ConchaPodcast no Youtube Canal La Nación: Playlist Conversaciones
***Corpus* de consulta**	*Subcorpus* de textos instrutivos Guias, cartilhas e manuais	Guia da linguagem não sexista (UFP); Guia para todxs nós	Guia para el uso inclusivo al género (ONU Mujeres); Comunicación inclusiva
		Cartilha – Linguagem cidadã; Linguagem inclusiva (Def. Pública do Paraná); Manual Universa	¿Y ahora como se dice? – Lenguaje no sexista; Guia para una comunicación con perspectiva de género;
		Guia de orientações para a inclusão linguística; Guia de linguagem inclusiva	Guia recomendaciones comunicación no sexista; Recomendaciones para una educación no sexista

Fonte: Elaborado pela autora.

Como mencionado em seção anterior, esta pesquisa é descritiva e parte de uma perspectiva Sistêmico-Funcional. Sob este ponto de vista serão analisados fraseologismos, metáforas e representações de MCS no COFEM, um *corpus* múltiplo, temático e bilíngue.

Durante a composição do COFEM surgiu um desafio. Que fontes (quando há a escolha) devem ser privilegiadas na hora de se montar o *corpus*? Deve-se privilegiar alguma fonte? Para resolver essas questões, este estudo focalizou os critérios para a seleção de fontes para o estudo da língua. Berlinck, Barbosa e Marine (2008) chamam a atenção para o fato de que a busca pelo texto que represente o menor grau de formalidade, aquele que mais se aproxima da fala, leva à exclusão de "textos tradicionalmente considerados 'mais formais', como textos jornalísticos" etc.

Novodvoski (2008) e Novodvorski e Bevilacqua (2021) demonstraram como estudos baseados em *corpus* jornalístico são produtivos. Por isso, também interessa a esta pesquisa esses tipos de textos. Assim, partilhando das concepções de Berlinck, Barbosa e Marine (2008), e Barbosa e Balsalobre (2008), consideramos relevante o uso do *veículo* "jornal" como fonte para pesquisas linguísticas.

Desse modo, o COFEM seguiu um desenho que permite observar textos com maior e menor grau de formalidade. Em consequência disso, tem um desenho mais representativo desses idiomas a partir de recortes diversos.

É importante destacar que, neste estudo, o uso de textos jornalísticos – transcritos e escritos - como *corpus*, o conhecimento do contexto histórico-social e dos propósitos do veículo de comunicação em questão são fundamentais, visto que essas características também poderão influenciar nas escolhas linguísticas do redator ao escrever o seu texto, do jornalista/apresentador ao narrar situações, ao fazer uma pergunta durante uma entrevista, ao conduzir um debate e participar de uma conversa.

Se por um lado os textos jornalísticos apresentam mais aspectos formais por serem escritos bem como pelo contexto formal que envolve as publicações jornalísticas, por outro os *subcorpora* de *podcasts* e *videocasts* demonstram uma linguagem mais informal, que se aproxima da subjetividade, da emissão de opiniões e valores e, são, justamente, marcados por esse traço que pode ser perceptível através do uso e organização da linguagem.

Com relação ao *subcorpus* de comentários *online*, é interesse deste estudo observar a utilização da língua através desse gênero, buscando compreender as escolhas feitas pelos expectadores através da linguagem *online*, utilizando um vocabulário marcado pela informalidade, rico em UFs, repleto de avaliações e metáforas linguísticas que realizam as metáforas sobre mulheres, seus corpos e sexualidade. O que é interessante para esta pesquisa.

Sendo assim, partindo dessas – e de outras – discussões, parece justificável um estudo que contemple o levantamento e a descrição de fraseologismos e metáforas utilizadas em representações de MCS, tendo como ponto inicial de análise a observação do vocábulo mulher/*mujer* e dos contextos em que eles ocorrem em um *corpus* bilíngue, constituído por *podcasts*, *videocasts*, textos jornalísticos e comentários de ouvintes, o qual intitula-se COFEM.

Para a realização da análise proposta, o caminho analítico percorrido foi planejado em 4 etapas, que se referem a dois níveis diferentes de análise. No primeiro nível, realizei a identificação dos itens de interesse e de seus padrões de uso. Depois, identifiquei e descrevi os fraseologismos de interesse da pesquisa. Portanto, as análises foram no nível léxico-gramatical. No segundo nível, o semântico-discursivo, identifiquei os usos metafóricos e avaliativos com os itens de interesse desta pesquisa.

Esses diferentes recortes analíticos, respeitando as abordagens e as características do COFEM, permitem compreender quais UFs e metáforas têm sido usadas em representações de

MCS e em que medida essas representações têm sido construídas com base no discurso sexista e machista.

Primeiramente, o *corpus* de estudo foi analisado como um todo, isto é, nesse momento todos os textos foram processados no WST para identificação de padrões de uso dos itens de interesse. Também foi feito o mesmo processo no SE, posteriormente, a fim de refinar os dados. Após essa etapa, os *subcorpora* foram processados separadamente a fim de identificar os candidatos a UFs. Portanto, no primeiro momento, analisamos o nível léxico gramatical. Nessa etapa, a análise foi focada nas UFs que fossem compostas pelo item de interesse e aquelas UFs que estivessem relacionadas ao item analisado, por exemplo *mulher de verdade* e *jogar nas costas das mulheres.*

A seguir, busquei descrever e interpretar as UFs mais utilizadas, mas também aquelas com potencial metafórico, como por exemplo *mulher de respeito* e *mulher da vida*, em PB e *mujer verde* e *mujer trofeo* em EA. Depois disso, observei os usos metafóricos ligados aos itens de interesse, a fim de identificar os mais recorrentes. Exemplos de usos metafóricos com sentindo de animalidade e objetificação se destacaram, os exemplos encontrados sustentam as metáforas conceptuais SER HUMANO É ALIMENTO e SER HUMANO É ANIMAL, em PB e EA, como nos casos de *mulher madura* e *conha madura.*

Por último, as ocorrências foram analisadas à luz da AVALIATIVIDADE, quando identificado potencial avaliativo. Nesta etapa, as análises alcançaram o nível semântico-discursivo, pois também foram realizadas análises baseadas na representação de atores sociais, buscando responder às questões como: Quais as representações de MCS são recorrentes no COFEM? Em que medida os *corpora* em PB e EA se aproximam ou se distanciam? Como a tríade MCS está sendo representada?

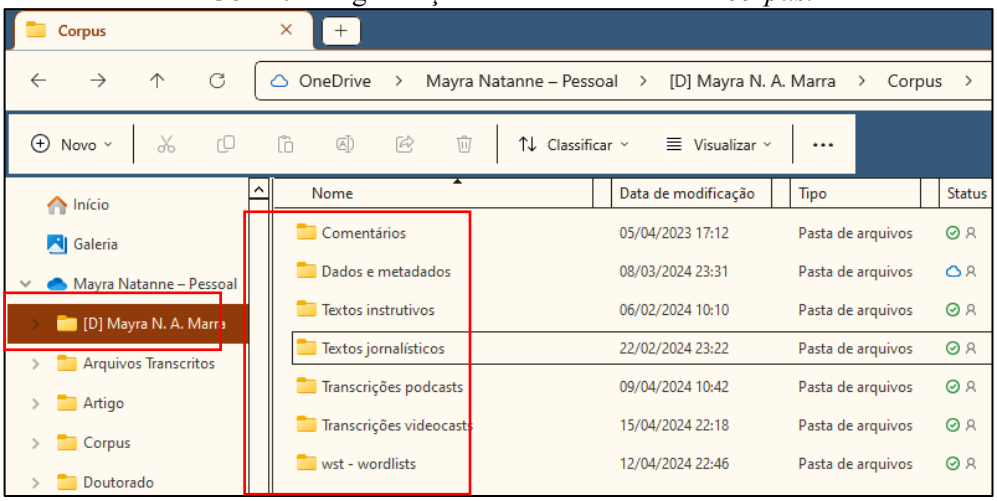
As respostas para essas perguntas serão apresentadas na seção de análise. A seguir, apresento um panorama sobre os formatos *podcast* e *videocast* com o objetivo de esclarecer como eles se popularizaram, atualmente no Brasil e na Argentina.

3.4.1. Da coleta aos procedimentos e categorias de análise

Para coletar os arquivos que compõem o *corpus* desta pesquisa, foi necessário seguir procedimentos específicos para a extração, a compilação, o armazenamento e o tratamento do *corpus*. O primeiro passo adotado foi a organização dos espaços de armazenamento dos

arquivos, pois como o COFEM é um *corpus* múltiplo, é preciso separar os tipos de arquivos coletados, assim como mostra a Figura 9, a seguir:

FIGURA 9 - Organização e armazenamento do *corpus.*



Fonte: Elaborado pela autora.

O primeiro espaço destacado em vermelho, identifica o armazenamento em nuvem e compartilhamento do *corpus* com o orientador desta pesquisa, o Prof. Dr. Ariel Novodvorski. O segundo espaço em destaque, demonstra as pastas nomeadas a partir dos nomes dos formatos de interesse: transcrições de *videocasts,* transcrições de *podcasts*, comentários, textos jornalísticos e textos instrutivos. Na figura também fica demonstrado a existência de um espaço para o armazenamento dos dados e metadados[99] do *corpus* investigado e uma pasta para armazenamento das *wordlists* geradas com o WST durante o processo de exploração do *corpus.*

A Figura 10, a seguir, demonstra o armazenamento dos arquivos de textos jornalísticos em formato primário, o PDF, e demonstra a mudança da extensão para se chegar ao formato texto plano, o TXT. Na imagem também é possível identificar o local de armazenamento e a data da coleta do texto. Primeiramente, os textos jornalísticos foram salvos em espaço particular, e após a sua conversão e tratamento, eles foram guardados na pasta compartilhada com o Prof. Dr. Ariel Novodvorski.

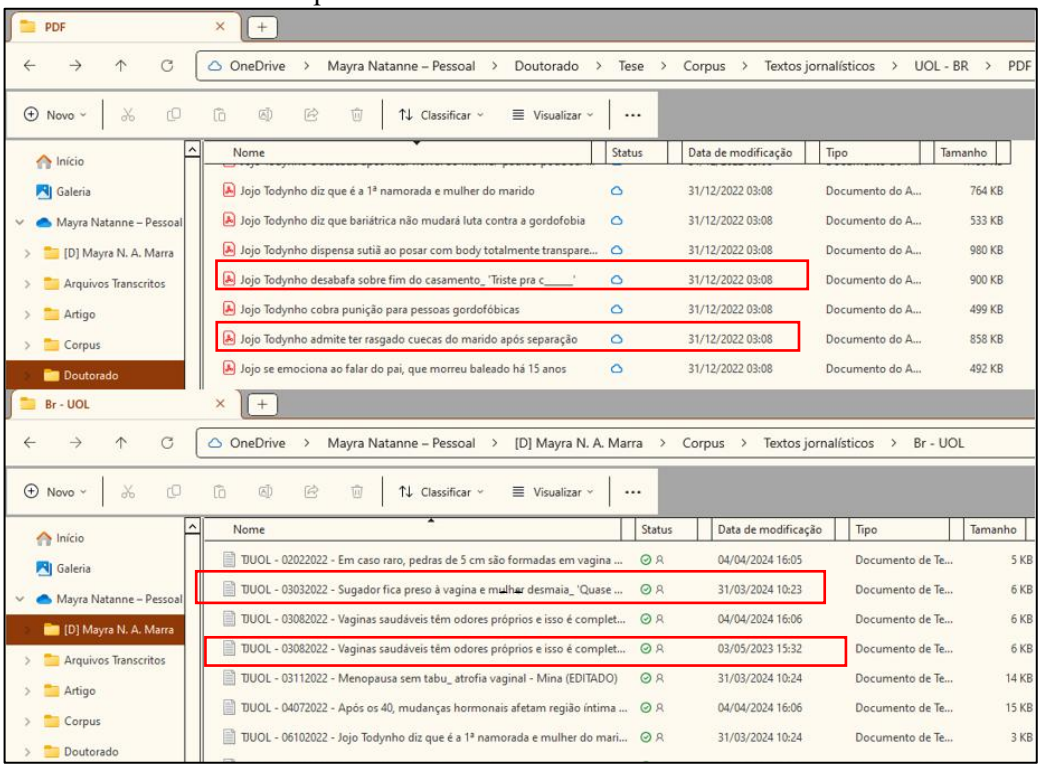
O armazenamento dos textos jornalísticos em PDF é um procedimento totalmente manual, pois no momento da coleta de textos é preciso acessá-los, selecioná-los com o cursor do mouse, clicar com o botão direito do mouse, e em seguida, “imprimir”. Nessa etapa do

[99] Foram criadas planilhas em um arquivo único, através do programa computacional Excel, em formato XML, para visualização conjunta dos dados, isto é, um banco de dados linguísticos baseados no COFEM. A organização das informações coletadas, dispostas através de diferentes planilhas agrupadas ajuda a reconhecer padrões linguísticos, como as unidades fraseológicas mais frequentes, os neologismos etc.

procedimento de coleta, ainda é preciso através de ferramenta “imprimir” selecionar a opção de destino do arquivo com “salvar em PDF”, por último é preciso escolher a pasta em que o arquivo será salvo.

Após essa etapa de armazenamento, os textos foram processados pelo *software* alemão PDF24 Creator[100] onde foi realizada a conversão automática de PDF para TXT. Após essa etapa, os arquivos foram renomeados segundo sua origem, data de publicação e títulos[101]. Outro procedimento metodológico adotado nessa etapa foi a conferência e “limpeza” dos arquivos em formato TXT. Foi necessário revisar e corrigir erros pontuais e retirar informações e textos que não faziam parte dos textos jornalísticos como propagandas, *links* e outros. Todos os *subcorpora* de textos jornalísticos passaram por processo semelhante. Na Figura 10 estão destacados em vermelho o local de armazenamento e um exemplo de texto antes e depois da conversão. A figura a seguir demonstra essa etapa.

FIGURA 10 - Exemplo de armazenamento textos em formato PDF e TXT.



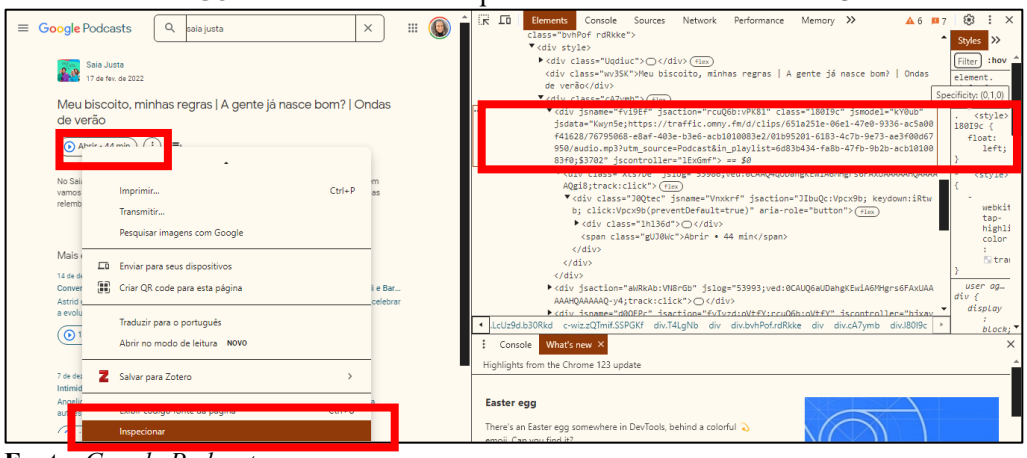
Fonte: Elaborado pela autora.

[100] O PDF24 oferece uma licença livre. Ele dispõe de uma coleção de ferramentas para conversão de diferentes extensões de arquivos. Assim, o processo pode é automatizado podendo ser realizado com grandes quantidades de arquivos de uma só vez. Endereço eletrônico do https://tools.pdf24.org/pt/

[101] Os títulos originais dos textos jornalísticos estão sendo mantidos durante essa etapa da pesquisa, mas posteriormente serão excluídos.

Já os *subcorpora* de podcast*s* e *videocasts* foram coletados de forma diferente dadas as características dos arquivos de áudio. O download dos *podcasts* foi realizado através do acesso à plataforma *GooglePodcasts* e/ou da gravação do áudio através da plataforma *Castbox*, como mencionado anteriormente. No primeiro caso, depois de acessar o *podcast* e o episódio de interesse, foi utilizada a ferramenta inspecionar[102]. Em seguida, é necessário encontrar, na seção *elements* da página em HTML[103], o endereço *web* do arquivo de áudio, possibilitando o acesso ao arquivo desejado, como demonstra a Figura 11, a seguir:

FIGURA 11 - Acesso ao arquivo de áudio em formato MP3.

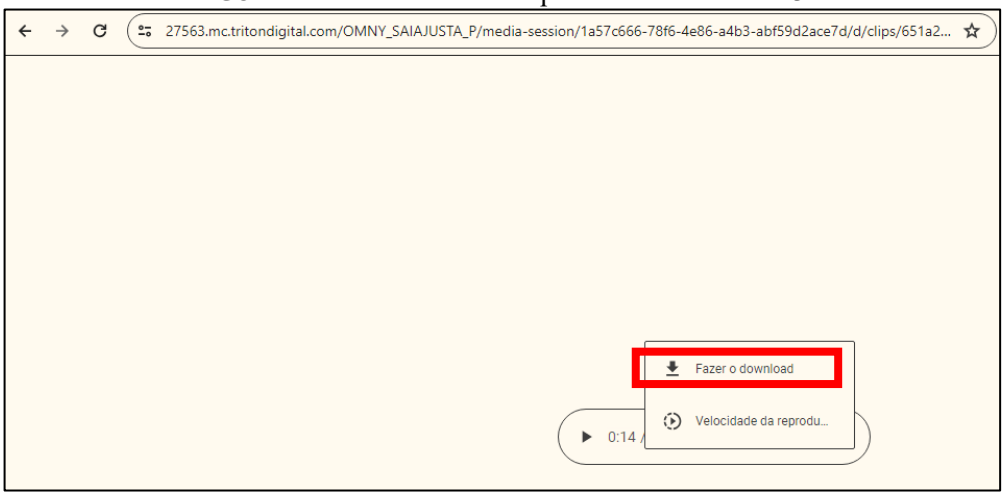


Fonte: *Google Podcasts.*

Após a identificação do endereço do arquivo, é necessário copiá-lo e acessá-lo em um novo navegador. Ao acessá-lo é possível realizar a descarga do arquivo em formato MP3[104]. Esse procedimento foi repetido com a maior parte dos *podcasts* de interesse dessa pesquisa. A Figura 12, a seguir, demonstra essa etapa.

[102] Recurso disponível no navegador Chrome, disponível através do clique com o botão direito do mouse no objeto de interesse. Essa ferramenta é utilizada para visualizar o código fonte de uma página web.
[103] *HyperTex Markup language,* que significa linguagem de marcação de hipertexto. O HTML é, basicamente, uma linguagem utilizada na construção de páginas na web.
[104] Extensão de arquivos em áudio.

FIGURA 12 - Download do arquivo em formato MP3.



Fonte: Página Web do arquivo escolhido para download.

É preciso mencionar que a maior parte da coleta do *corpus* de transcrições de *podcasts* foi realizada seguindo os procedimentos descritos anteriormente. Entretanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, identificamos que, na plataforma em questão, os arquivos são mantidos por um tempo determinado. Assim, para acessar episódios mais antigos, foi necessário recorrer a outra plataforma hospedeira de áudios. No *Castbox*, inicialmente, o acesso se deu através de gravações manuais, utilizando o aplicativo "gravador de som" do *Windows*, assim foi possível obter uma cópia dos episódios de interesse, já que nessa plataforma, em alguns casos, não foi possível localizar o endereço na web dos arquivos já que algumas das publicações são realizadas via *streaming*.

Para a coleta dos arquivos de áudio do *YouTube*, foi utilizado a ferramenta de *download* disponível na própria plataforma. Também recorremos à extração das legendas dos *videocasts* disponibilizadas. Esses arquivos podem ser acessados de várias formas. Nessa etapa da pesquisa, foram utilizadas diferentes ferramentas *online* de descarga gratuita, que oferecem a possibilidade de salvar as legendas em formato de texto plano. A ferramenta mais utilizada para descarregar as legendas foi o *Downsub*[105], um aplicativo gratuito que permite a extração de legendas automáticas sem a necessidade de instalação de qualquer extensão ou *software.* Porém, ao analisar as legendas automáticas geradas pela plataforma *YouTube*, foi possível perceber um número elevado de "falhas", principalmente em PB. Por isso, nessa etapa da pesquisa, esses arquivos de legendas foram "descartados".

Os sub*corpora* de transcrições de *podcasts* e *videocasts* seguiu o modelo de transcrição ortográfica, preservando as marcas de oralidade como repetições, hesitações, desvios

105 Endereço eletrônico: https://downsub.com/lang/pt

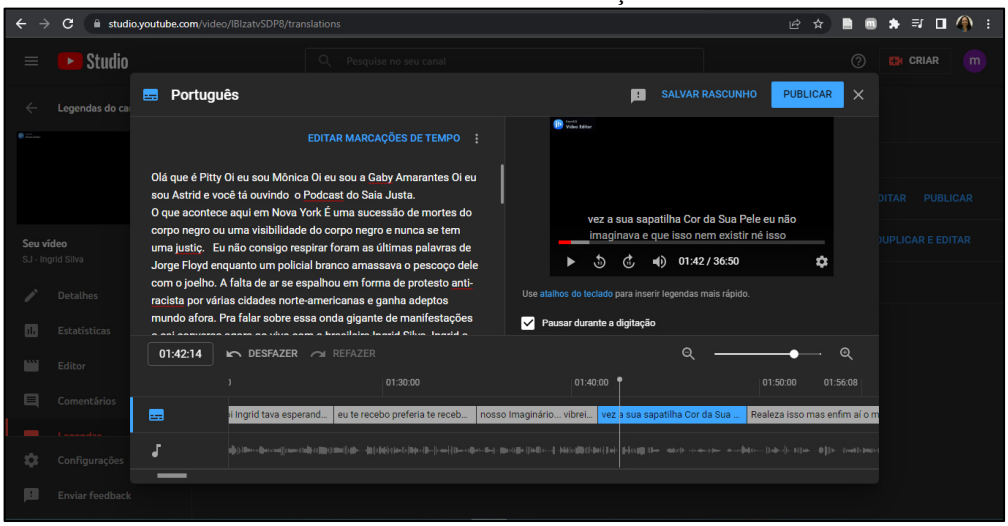
gramaticais, estruturas de apoio etc. Para as escolhas dos procedimentos adotados e das convenções de transcrição de um *corpus* de natureza oral me embasei nos preceitos do PRESEEA[106] e do NURC[107]. As transcrições apresentam pontuação devido à importância da prosódia semântica para essa pesquisa, já que é preciso compreender os contextos de usos linguísticos dos vocábulos que estão sendo investigados. Porém, optou-se por privilegiar a utilização de ponto final, vírgula, exclamação, interrogação e reticências.

Ao longo do processo, a metodologia criada para a transcrição passou por diferentes protótipos. Devido às características desse tipo de *corpus* a etapa de tratamento dos *subcorpora* de transcrições de *podcast* e *videocast* foi mais laboriosa, exigindo maior tempo e atenção, apresentando questões técnicas relativas à transcrição dos episódios. Por isso, as testagens foram muito importantes nesta etapa, pois ajudou na eleição da melhor ferramenta de transcrição automática, em outros termos, aquela que apresentasse menor número de erros e fosse mais rápida.

Para a transcrição dos arquivos de áudio foram testadas algumas ferramentas até chegar à mais eficiente, a partir do contexto desta pesquisa. A primeira opção foi a transcrição com auxílio da plataforma *YouTube*, especificamente da ferramenta "legendas". Nessa proposta, foi preciso realizar a postagem do arquivo em formato AVI[108] na plataforma (áudio ou vídeo). A partir do *upload* do arquivo de interesse, é preciso esperar o seu processamento – em média 4 horas. Após esse período, é possível realizar a correção de inadequações, acrescentar pontuação ao texto da legenda, sincronizá-lo se necessário, dentre outras possibilidades. A Figura 13, a seguir, demonstra essa etapa, apresentando o *layout* da ferramenta do YouTube:

[106] Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y América.
[107] Projeto Norma Linguística Urbana Culta do Rio de Janeiro.
[108] Sigla para *Audio Video Interactive*, um o formato de arquivo encapsulador, capaz de armazenar dados de vídeo e áudio.

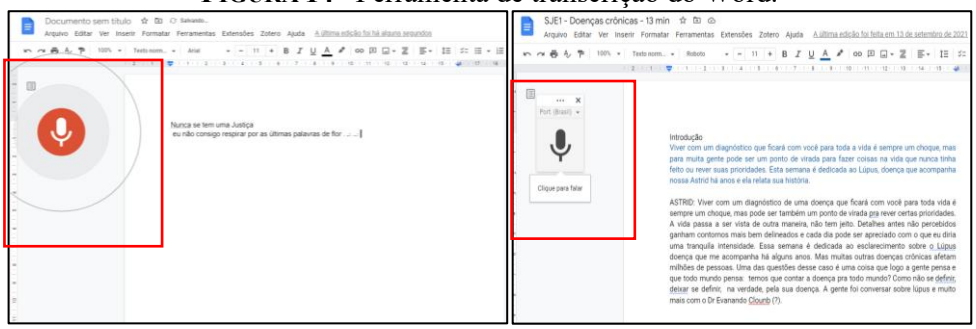
FIGURA 13 - Ferramenta de transcrição do *YouTube*.



Fonte: *Studio YouTube.*

A segunda e terceira opções testadas foram a interpretação automática de textos através do *Google Docs*, em sua versão *online,* por meio da ferramenta "digitação por voz", e do programa *Microsoft Word*, em sua versão *offline*, através da ferramenta "ditar". Nesse momento, optou-se pela transcrição com pontuação e sem filtro para "frases confidenciais", que são restrições a uso de vocábulos tabu e palavrões, por exemplo. Nas duas situações, é preciso colocar o áudio para tocar próximo ao microfone. Dessa forma, tanto o *google docs* quanto o *Word* conseguem transcrever o áudio. A seguir, a Figura 14 ilustra o *layout* do *googledocs* em execução, juntamente com a ferramenta "digitação por voz", a fim de demonstrar como a testagem de transcrição foi realizada nessa segunda etapa de teste. Importante destacar que as duas ferramentas possuem layout muito semelhante, motivo pelo qual não apresento as imagens da ferramenta do *Word*.

FIGURA 14 - Ferramenta de transcrição do Word.

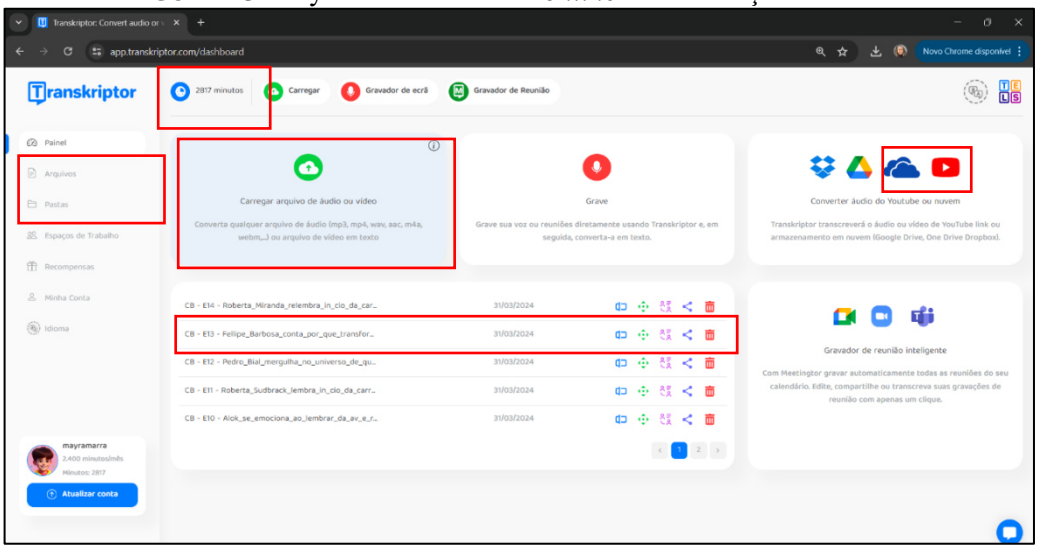


Fonte: A autora.

Após ampla testagem, concluí que os métodos anteriores não atenderam às expectativas da pesquisa, haja vista o tempo, atenção e trabalho gasto para se chegar à transcrição ou devido à qualidade da sua acurácia em relação aos idiomas PB e EA.

Dessa forma, optei por buscar um programa ou um método mais eficiente. Dentre as possibilidades pagas, a plataforma de transcrição *online Transkriptor* atendeu às expectativas e necessidades desta pesquisa. A seguir (Figura 15), apresento o "painel" dessa ferramenta, nele é possível visualizar os arquivos já transcritos, os minutos restantes disponíveis para utilização, além de acessar os botões de "carregar arquivo de áudio ou vídeo", "transcrever áudio ou vídeo do YouTube" e as pastas de armazenamento. Os últimos arquivos transcritos ficam disponíveis na primeira página:

FIGURA 15 - Layout da Ferramenta *online* de transcrição de áudios.



Fonte: *TransKriptor* (2021).

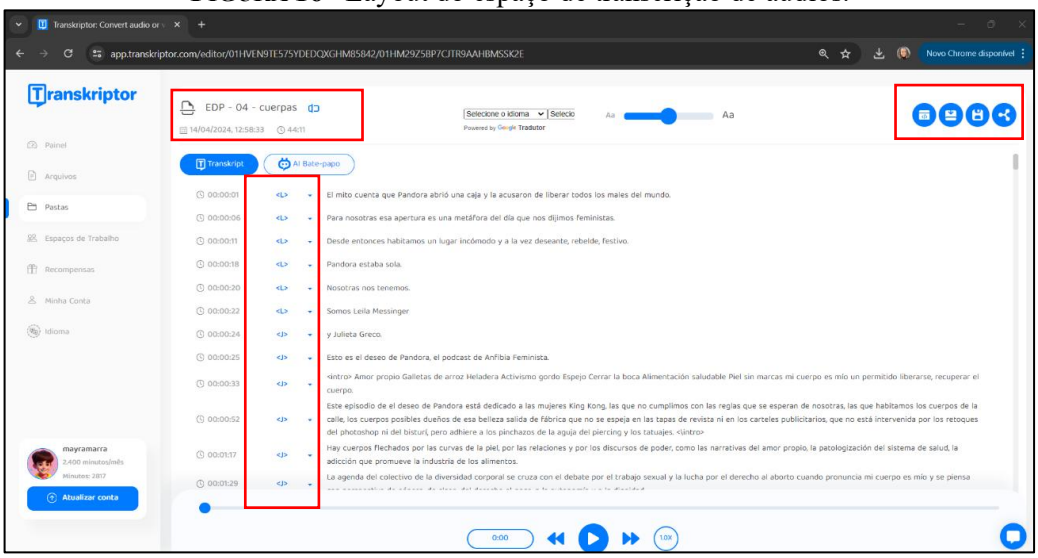
Conforme os destaques na figura 35, é possível adicionar arquivos em formato MP3[109] e MP4[110] à plataforma através do *upload.* Após essa ação, é preciso aguardar o processamento e transcrição automática do arquivo, tempo que pode variar dependendo do tamanho, podendo ser feita em alguns minutos. Com esta ferramenta, essa etapa da pesquisa foi muito mais rápida e apresentou maior qualidade do que os outros métodos testados, sendo mais precisa, pois apresentou uma quantidade pequena de erros, se comparado às outras. Outro fator importante é que com essa ferramenta de transcrição automática é possível identificar os locutores separando

[109] Refere-se à "MPEG-1/2 audio layer 3", um arquivo de áudio digital comprimido, que preserva a qualidade do áudio.
[110] Refere-se à "MPEG layer 4". Esse formato difere-se do anterior, pois armazena diferentes conteúdos, como áudio digital, vídeos e dados.

as falas, é possível ainda acrescentar etiquetas, editar o texto e baixá-lo em diferentes formatos de arquivos. Estes fatos motivaram a escolha do *Transkiptor* como ferramenta de transcrição nesta investigação.

Após o processamento do arquivo pela plataforma, isto é, quando o processo de transcrição termina, o programa disponibiliza o texto no espaço chamado "Painel" em um *layout* próprio, com ferramentas para edição e conferência da transcrição, com a possibilidade de identificar quem fala, aumentar ou diminuir a velocidade do áudio durante a revisão da transcrição, dentre outros recursos.

FIGURA 16 - Layout do espaço de transcrição de áudios.



Fonte: *TransKriptor* (2021).

Na Figura 16, os destaques no alto da página indicam o nome do arquivo, o espaço para renomeá-lo e os botões de *download,* salvar e exportar o arquivo. Já o destaque na vertical demonstra a separação por locutor. Nesse ponto foi possível acrescentar uma etiqueta indicando o nome de quem fala. Essas etiquetas são criadas com a letra inicial do nome do participante. Caso ajam dois participantes com a mesma inicial, acrescenta-se à etiqueta a inicial do sobrenome da pessoa.

Após a escolha do *software* de transcrição e processamento do arquivo de interesse, é preciso revisar o texto e acrescentar as etiquetas necessárias. Na figura acima, é possível ver a etiqueta de introdução "<intro>" e "</intro>. Elas marcam o início e o fim do texto de apresentação do episódio. Esse texto inicial tem a função de apresentar os assuntos a serem abordados no programa. Nessa etapa da transcrição também editei a forma como o texto se organizava em termos de paragrafação, separando texto introdutório do restante do episódio,

por exemplo. Outra atividade importante nessa etapa é a revisão e a correção de alguns problemas na transcrição em situações pontuais, como falas simultâneas, transcrição de gírias ou neologismos e pontuação, dentre outras situações que podem comprometer a análise linguística através de transcrições automáticas. Por isso, ressalto que os *subcorpora* de transcrições de *podcasts* e *videocasts* foram revisados e preparados para atender à análise linguística.

A figura a seguir demonstra o estágio final da transcrição. O texto em formato TXT, após o processo de transcrição e acréscimo de etiquetas identificadas através de parênteses angulares. Na figura 17, é possível visualizar etiquetas que marcam o início e o final das falas dos participantes do *videocast*, através das iniciais dos nomes das pessoas participantes dos episódios.

FIGURA 17 - Exemplos de etiquetagem do *subcorpus* de *videocast*.

<A> <intro> E a Karen Johns viralizou com o termo xerecar, nos seus comentários nas Olimpíadas. <risadas> A gente está muito acostumada a ouvir fulano botou o pau na mesa, o beltrano é o pica das galáxias. Mas depois desses jogos está mais do que provado que a gente precisa xerecar um pouco o nosso vocabulário também. Então, o saia justa quer saber como é que você quer xerecar? </intro> </A>

<A> Na verdade, pra quem não viu, explica porque o xerecar, na verdade, surgiu tão espontaneamente... eh.. conta, como é que foi? </>A

<K> Foi. Estava lá, estava lá na narração e aí... uma das competidoras caiu e ela deu uma batida nas partes íntimas numa parte do corrimão. </K>

<A> A xereca. No corrimão. </A>

<K> Aí eu falei: xerecou no campeonato. Xerecou. Só só saiu assim...</K>

<A> que é um negócio.... não é um verbo usado por você e e </A>

<K> eu achei que eu já tinha usado e depois eu até perguntei pro Lucas e ele falou não nunca ouvi você falando isso... então, realmente saiu ali na hora... mas, pra mim, é como se ele já existisse, antes </K>

<A> Pra mim também.</A>

Fonte: a autora.

No que se refere ao *subcorpus* de comentários, é importante destacar que também foram testados dois métodos de coleta, a saber: manual e automático. O primeiro foi realizado acessando as fontes uma a uma e selecionando o texto com o cursor do *mouse*, usando a ferramenta copiar e colar do *Windows*. Após a coleta dos comentários eles foram tratados no *Word*, etapa em que foram acrescentadas as etiquetas de interesse, e ainda, realizada a ocultação dos autores dos comentários. Já no método automático, através da linguagem de programação *python* aplicada à compilação de *corpora* linguístico, foi possível coletar mais comentários em um espaço de tempo menor, de maneira automatizada. Além disso, esse método possibilitou a coleta de comentários sem o nome do autor e separados por episódios comentados. Ou seja, cada episódio do *videocast* gerou um arquivo com seus respectivos comentários.

Na etapa seguinte, foi preciso organizar o armazenamento dos arquivos transcritos. O armazenamento dos arquivos em TXT já etiquetados e revisados seguiu a proposta de Novodvorski, por meio do depósito dos arquivos em pastas, através do compartilhamento em nuvem, devidamente organizadas por *subcorpora* e por fonte. Esta etapa é trabalhosa, demorada

e requer atenção para que se possa construir um *corpus* que possua as características elencadas por Parodi (2008, p. 107), a saber:

> Recolección de textos em entornos naturales, explicitud de los rasgos definitorios y compartidos por los textos constitutivos, formato final digital texto plano, [...] acceso a visualización completa de los textos, búsqueda de principios de proporcionalidad o representatividad, procedencia inicial especificada, indicación de una organización en torno a temas, tipos de textos, registros y géneros, registro de datos cuantitativos que permitan la comparación.

Ademais, esta seção buscou descrever os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, citando a modalidade desses textos, a quantidade e informações sobre a procedência como data e como foi coletado. Após a preparação do *corpus* para o processamento pelos programas de análise linguística, passa-se a outra etapa, o processamento dos textos. Primeiramente utilizei o WST e, posteriormente, o SE.

No WST, as ferramentas utilizadas para se chegar as análises foram a *WordList*, a qual contabiliza as palavras mais frequentes do *corpus* e as organiza em ordem de recorrência ou alfabética. A partir dessa ferramenta foi possível identificar a frequência dos itens de interesse dessa pesquisa.

Também foi utilizado a *KeyWords*, que identifica através de uma comparação entre *corpora* as palavras que apresentam maior chavicidade. Esta informação auxiliou na identificação dos temas mais recorrentes em recortes do *corpus* analisado.

Por último, foi utilizada a ferramenta *Concord*, a qual possibilitou a análise das palavras em seus contextos de usos, além de oportunizar a identificação das palavras usadas antes e depois do termo pesquisado, destacando-os por cor e organizando-os em ordem alfabética. Essa última ferramenta também informa os *clusters* e os colocados mais frequentes com o item pesquisado.

Após ampla exploração do *corpus* com o WST, o COFEM foi processado no SE. Nessa etapa, as ferramentas utilizadas foram: *Wordlist, collocates, Keywords, Word sketch, concordance* e *word frequence*. Com exceção da Word Sketch, que cria figuras, todas essas ferramentas possuem similaridades com as do WST. Importante mencionar que, nessa etapa, a ferramenta *Keywords* foi utilizada no PB e no EA em comparação com os *corpora* disponíveis no SE, são eles o PortuguêsTenTen- 2023 e EspanholTenTen-2023.

3.5. Mídias digitais: os casos dos formatos *podcasts* e dos *videocasts*

Esta subseção objetiva apresentar os conceitos básicos que envolvem os *podcasts* e *videocasts*, destacando sua evolução e caráter efêmero, intimamente relacionado às mudanças tecnológicas. Para isso, parto da problemática da própria definição desses termos, buscando traçar um panorama histórico desde sua criação até o "*boom*" atual de consumo dessas produções.

Em julho de 2021, quando esta pesquisa era apenas um projeto, a Academia Brasileira de Letras incluiu em sua 6ª edição do Vocabulário da Língua Portuguesa - Volp, a palavra *podcast*[111]. Ela foi classificada como substantivo masculino de origem inglesa, logo um estrangeirismo. A definição dessa palavra ainda varia de uma fonte para outra, demonstrando que não há consenso sobre o que é de fato um *podcast.*

Os *podcasts* existem há anos e são precursores do *videocast.* Segundo Valério (2021), o *podcast* "é a mídia que mais cresce no mundo". O autor considera que é um "universo que está em expansão". Desde a sua criação, a definição da palavra *podcast* passou por adequações, acompanhando os avanços tecnológicos que a envolvem, como os agregadores e o *podcasting*[112]

Segundo Assis (2014, p. 29), "o *podcast* já recebeu diversas definições, umas mais precisas, outras menos. Ele foi chamado de 'uma espécie de rádio pela internet' ou ainda 'uma forma de fazer *download* de arquivos de áudio'[...] essas definições não dão conta dessa mídia". De acordo com o autor, *podcast* é "um arquivo de mídia, tradicionalmente um arquivo em formato de áudio, transmitido via *podcasting*". Logo, essa definição também se tornou distinta da de outros autores mais recentes, porém ela ajuda a compreender a história desse formato.

O formato *podcast* surgiu no final dos anos 1999, com uma nova forma de transferir arquivos de áudio disponibilizado via *Really Simple Syndication* (RRS)[113] para o agregador, porém recebia outro nome. Foi então que essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de *podcasting*.

---

[111] Disponível em: https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letras-disponibiliza-6a-edicao-do-vocabulario-ortografico-da-lingua

[112] Segundo Assis (2014, p. 29), *podcasting* pode ser definido como uma forma de transmitir arquivos digitais, através da internet, utilizando a tecnologia de feedRSS e um agregador.

[113] De acordo com Lucio Luiz (2014, p. 9) "é uma tecnologia que já era utilizada por blogs [...] é uma maneira de um programa chamado agregador de conteúdo saber que um blog foi atualizado sem que a pessoa precise visitar o site. Ou seja, em vez do internauta ir até o conteúdo, é o conteúdo que vai para o internauta".

De acordo com Machado (2020), em texto publicado pela revista eletrônica Isto É[114] "A expressão '*podcast'* foi criada em 2004, pelo jornalista Ben Hammersley, e foi pensada a partir da junção de palavras, uma delas é *broadcast*[115]. No mesmo ano, começaram a aparecer os primeiros *podcasts* no Brasil. Com o avanço da internet e suas tecnologias, a alta no acesso à internet, a popularização do ciberespaço, os *smartphones* e a difusão do *streaming*[116], como afirma Valério (2020), os *podcasts* se popularizaram. Assim, esse formato vem, cada vez mais, ganhando espaço e o primeiro *boom*, no Brasil, ocorreu por volta de 2014[117].

Para Bontempo (2021, p. 21) a definição de *podcast,* atualmente, é outra. Para ele, *podcast* é "uma experiência auditiva que pode ser acessada onde, como e quando o ouvinte quiser. A definição do termo *podcast*, diretamente associada à tecnologia e aos dispositivos, não faz mais sentido". Bontempo (2021, p. 20) explica que

> O mundo mudou e o jeito de fazer podcast mudou com ele. Tem programa de rádio virando podcast e podcast transmitido por rádio. Tem até episódios de áudio no YouTube, o que é surpreendente à primeira vista. Áudios em um canal criado para ser exclusivo para vídeos. Agora, os áudios podem ser ouvidos nas caixas de som inteligentes, no celular, no tablet e até na TV. Diante desse cenário, a definição do termo podcast, diretamente associada à tecnologia e aos dispositivos, não faz mais sentido.

Ainda caracterizando o podcast, Bontempo (2021, p. 22), afirma que essa mídia está mais para a maneira que é consumida "o jeito de ouvir o conteúdo na plataforma, como ele é entregue ao ouvinte. É uma escuta ativa". Já Valério (2021, p. 31) conceitua o *podcast* como uma

> gravação de áudio que geralmente se torna uma série de episódios [...] uma espécie de programa de rádio sob demanda – que não é feito para rádio, mas para a internet – que pode ser ouvido em qualquer lugar e/ou equipamento capaz de reproduzir um arquivo de áudio digital.

Com relação à definição de *podcast* em dicionários populares, a problemática da definição se mantém. Para o dicionário *online* Dicio, *podcast* significa "arquivo de áudio ou em outro formato de mídia que, disponibilizado periodicamente na internet (entrevistas, vídeos, notícias, etc.), pode ser transmitido para um computador ou aparelhos portáteis de reprodução

---

[114] Disponível em: https://istoe.com.br/a-era-do-podcast/
[115] Em português "rede de transmissão pessoal sob demanda".
[116] Pode ser compreendido como uma tecnologia de transmissão de conteúdo digital, principalmente áudio e vídeo, realizada através da internet. Isto é, uma forma de distribuição de conteúdo digital, em oposição à descarga de dados.
[117] Disponível em: https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/o-que-que-o-podcast-brasileiro-tem/

de áudio"[118]. Já o dicionário Priberam[119], apresenta uma explicação diferente sobre a origem da palavra, explica que a palavra *podcast* teve sua origem a partir da junção de duas outras palavras, a saber: *iPod* – marca norte americana de aparelhos eletrônicos – e *broadcast* - que significa transmissão, em inglês. Ademais, *podcast* é definido como:

> ficheiro áudio ou multimédia, divulgado com periodicidade regular e com conteúdo semelhante ao de um programa de rádio, que pode ser descarregado da internet e lido do computador ou em um dispositivo próprio.

De modo mais detalhado, o dicionário Michaelis[120] define *podcast* como uma palavra da área da informática e a descreve de modo a destacar sua dinamicidade e suas diversas possibilidades:

> Conjunto de arquivos publicados pela mídia digital, composto de músicas, vídeos, notícias, que ficam armazenados em um servidor na internet, sujeito a atualizações constantes, e que podem ser automaticamente baixados para um computador ou transferidos para aparelhos de informática portáteis.

O *podcast* é, portanto, um formato de áudio ou vídeo que foi criado para ser consumido em momentos de atividades manuais, como atividades físicas e laborais que - não demandam alto nível de atenção - ou em momentos de locomoção, no transporte, por exemplo, ou no supermercado, na fila do banco etc. Bontempo (2021, p. 142) afirma que "a principal característica de um *podcast* é que a pessoa que escuta pode fazer ao mesmo tempo outra atividade. Traduzindo para a linguagem corporativa, isso significa produtividade", característica valorizada em sociedades capitalistas como a brasileira e argentina.

Segundo Valério (2021) "um episódio pode ser feito ao mesmo tempo em áudio e vídeo que podem ser assistidos em plataformas de vídeos". Como explica Tigre (2021, p. 52), "o vídeo não é uma obrigatoriedade, mas nos últimos anos, esses *podcasts* também são transmitidos ao vivo, com imagens, em plataformas como Youtube", o que pode ser chamado de *videocast*[121].

Essa tem sido uma estratégia para alcançar um público maior, também devido às possibilidades de monetizar os podcast*s*, contando com a colaboração dos comentadores, ou

---

[118] Disponível em: https://www.dicio.com.br/podcast/
[119] Disponível em: https://dicionario.priberam.org/podcast
[120] Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/podcast/
[121] Relevante mencionar que com *videocasts*, popularizou-se, no Brasil, os chamados "cortes", que são pequenos vídeos com partes das entrevistas com maior potencial de "viralização"[121], isto é, com capacidade de reverberar e ganhar mais engajamento e consequentemente mais monetização para os canais e seus produtores, conforme explica Tigre (2021, p. 52).

seja, da audiência - o público que consome o serviço - e, assim, aumentar o engajamento do programa/episódio e fortalecer suas comunidades, garantindo uma estabilidade na quantidade de ouvintes.

Valério (2021) destaca que "pessoas amam o senso de comunidade, pois isso lhes proporciona um sentimento de pertencimento. *Podcasters* estão sempre promovendo um senso de comunidade junto a seus ouvintes". Para o autor, "uma comunidade forte estará sempre ao lado de quem faz o *podcast*, exceto se houver uma 'quebra das regras'", dessa forma a comunidade seguirá apoiando e consumindo o *podcast* por muito tempo.

Reforçando essa ideia de comunidade, em publicação do Spotify [122] – tocador de *podcasts* mais acessado em 2019-2020[123]- em retomada de uma entrevista, com *podcasters*, Ju Wallauer destaca "a lealdade do público, lembrando que o '*podcast* constrói uma comunidade de pessoas que valorizam as mesmas coisas'. Por acompanhá-las em sua rotina, trazendo conteúdo que as faz refletir, o formato gera conexão profunda com a audiência". No mesmo texto, o *podcaster* Maurício Cid, ressalta a diferença do relacionamento com os ouvintes comparado aos outros formatos, nas palavras dele "a audiência é sua amiga, está junto de você para ver seu conteúdo acontecer". Por fim, Rodrigo Vizeu afirma que "ao contrário das notícias escritas, as pessoas querem realmente entender, consumir o conteúdo, e não apenas ler o título e reagir" aspecto que diferencia esse público consumidor de *podcasts,* os *podcasters*. Bonassoli (2014, p. 16) caracteriza o *podcast* como:

> uma mídia essencialmente colaborativa, seja intrapodcast que é pelo fato de os participantes colaborarem entre si em prol da criação do programa, seja extrapodcast, levando em conta que podcasters de diferentes programas colaboram uns com os outros.

Importante mencionar que existem, conforme Bonassoli (2014, p. 15), *podcasts* dos mais variados tamanhos, temas e estilos. Tamanha diversidade motivou o surgimento do termo *podosfera*, configurando-se como uma rede de relacionamento entre aqueles que produzem ou participam, os chamados *podcasters* e suas comunidades de ouvintes, batizados de *podouvintes*.

Já a palavra *videocast,* no momento da escrita desta tese, ainda não foi integrada ao PB. É considerado, portanto, um vocábulo estrangeiro e tem sua origem no inglês americano. Segundo o dicionário online *Dictionary*, significa uma transmissão televisiva apenas de

[122] Serviço de streaming de músicas, podcast e vídeos, lançado em 2008. É um dos tocadores de podcast mais utilizados pelos ouvintes brasileiros. Disponível em: https://ads.spotify.com/pt-BR/noticias-insights/o-que-que-o-podcast-brasileiro-tem/

[123] Segundo pesquisa da Associação Brasileira de Podcasters https://abpod.org/

vídeo[124]. Basicamente, um *videocast* é um *podcast* com conteúdo em vídeo, marcado por uma estética própria despojada, como por exemplo o uso de grandes fones de ouvidos e microfones à mostra.

Ao buscar informações que caracterizem e definam essas "novas" mídias digitais, ficou evidente que elas são formatos, isto é, configurações digitais de um arquivo de mídia, seja ele áudio ou vídeo. A partir dessa definição, assume-se aqui que essas mídias são formatos que dão suporte à diferentes gêneros discursivos, tais como entrevistas, conversas, debates, notícias etc.

No caso desta pesquisa, como já mencionado em seção anterior, privilegia-se os *podcasts* e *videocasts* que se estruturam em entrevistas e conversas, semelhantes aos *talk shows*. De maneira geral, pode-se dizer que esses são gêneros que agradam brasileiros e argentinos haja vista a quantidade de programas com esse tipo de perfil nas plataformas de áudio.

Segundo Tigre (2021, p. 51), a partir de pesquisa realizada no Brasil pela empresa Globo, os programas de entrevistas têm 55% da preferência do público brasileiro e as mesas redondas, com conversas e debates 36%.

Valério (2021) destaca que "houve um aumento significativo no interesse das pessoas em escala mundial" por *podcasts*, sendo este entendido como um "produto" no contexto capitalista. Bonassoli (2014, p. 17) destaca que "a grande vantagem do *podcast* é o seu poder de alcance. [...] é um produto barato e que pode impactar milhares de ouvintes". Com isso, o *podcast* se tornou um produto com potencial de meio de comunicação, passando a ser transmitido por diferentes plataformas, transformando-se em uma grande cadeia produtiva.

Com a sinalização de crescimento desse mercado, diversas empresas têm se interessado por essa mídia digital, produzindo conteúdos variados[125]. Esse movimento tem impulsionado o setor, propiciando a criação de novos *podcasts* com maior frequência, popularizando cada vez mais esse formato. Tanto a mídia hegemônica como a alternativa têm produzido conteúdos nesse formato. De acordo com Valério (2021) essa "indústria fonográfica digital" vem despertando o interesse de veículos de comunicação de massa, como emissoras de TV e jornais *online*[126], mas também atrai a mídia alternativa, devido ao seu baixo custo e fácil execução. Lanzetta (2021, p. 36) afirma que

---

[124] Disponível em: https://www.dictionary.com/browse/videocast

[125] Um bom exemplo seriam os *podcasts* jornalísticos, que Segundo Lanzetta (2021, p. 58) "começaram a pipocar depois que alguém na Globo descobriu que dava para fazer virtualmente qualquer coisa, de forma prática e barata, via *podcasting*."

[126] Conforme afirma Valério (2021) "não é à toa que gigantes do *mainstream* da comunicação, como os veículos do sistema Globo e os demais empresas de mídia do porte da Folha de São Paulo, Estadão, Veja etc. estão todos produzindo os *podcasts* sobre os mais variados assuntos. *Podcast* passou a ser cult. Tornou-se uma prática irresistível e muito lucrativa".

> o podcast é uma mídia propriamente dita, assim como a televisão, o jornal ou -veja só - o livro. [...] e uma mídia de nicho, justamente porque não precisa competir pela atenção do público, já que ele procura a mídia por conta própria. Uma das mágicas de toda a coisa.

Outro diferencial é que o formato dos *podcasts* é *on demand,* ou seja, não depende de uma grade de programação, é feito sob demanda para atender o público consumidor na hora e com o conteúdo que ele escolher. Assim, o consumidor tem muitas opções para ouvir quando quiser, pois ele não fica "preso", esperando pelo conteúdo que deseja ouvir. Geralmente essa forma de oferecer serviços funciona no formato *streaming.*

A periodicidade da publicação do *podcast* também é relevante, conforme destaca Valério (2021), uma vez que, não é interessante para esse formato um intervalo grande entre uma publicação e outra, podendo ser semanal, quinzenal ou diárias. No caso dos programas analisados nesta pesquisa, a periodicidade é em média semanal.

No texto intitulado "A era do *podcast*", publicado em agosto de 2020, pela revista Isto É – versão *online*[127] -, o Brasil foi chamado de "país do *podcast*", pois, naquele momento, era o segundo país que mais consumia o formato. O texto apresenta um dado importante, segundo pesquisa do Ibope, 50 milhões de brasileiros já tinham ouvido *podcasts*, desse total 16 milhões consumiam esse formato diariamente. Segundo a Podpesquisa 2020-2021[128], estima-se que 34,6 milhões de brasileiros consumiam essa mídia no período analisado. De acordo com uma notícia publicada pela revista Exame, em 2022, o Brasil foi considerado o terceiro país que mais consome *podcast* no mundo[129].

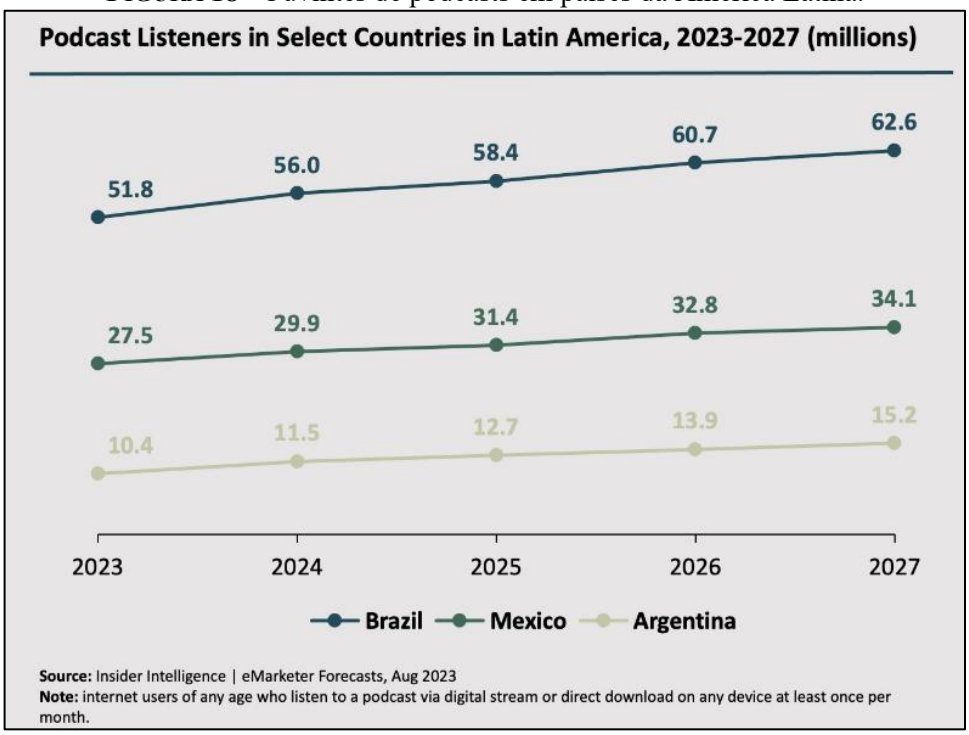
Quando se analisa o cenário da América Latina, segundo uma reportagem do CastNews[130], publicada em 2024, no ranking de países que mais consomem *podcasts,* o Brasil é o terceiro colocado com aproximadamente 117 milhões de consumidores e a Argentina é a décima segunda, com aproximadamente 10 milhões de consumidores. Portanto, segundo a reportagem, os países sul-americanos que mais consomem esse tipo de conteúdo digital são Brasil e Argentina.

---

[127] Disponível em: https://istoe.com.br/a-era-do-podcast/
[128] Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2021/10/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_Abpod-Resultado-ATUALIZADO.pdf
[129] Disponível em: https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/
[130] Disponível em: https://www.castnews.com.br/podcast-america-latina/

Segundo informações divulgadas pelo PodNews[131] a América Latina se tornará, até 2027, a região com mais ouvintes de *podcasts* do mundo. No gráfico divulgado pelo site, Brasil, México e Argentina são os destaques. A seguir, a Figura 18 demonstra o aumento exponencial do número de ouvintes de *podcasts*, considerando usuários da internet de qualquer idade que tenham consumido essa mídia pelo menos uma vez por mês, em qualquer dispositivo:

FIGURA 18 - Ouvintes de podcasts em países da América Latina.



Fonte: podnews.net.

Com a popularização do *podcast* e do *videocast*, houve um movimento de organização desse nicho. Evidências de como esse formato se consolida a cada dia são a criação de eventos especializados e associações de pessoas que trabalham com o formato. Segundo Luiz (2014, p. 11), em 2005 foi realizada a primeira edição *PODconBRasil*, e foi criada a Associação brasileira de *podcasts* – Abpocast[132]. De acordo com a PodPesquisa Produtor[133], as pesquisas realizadas entre 2019 e 2021, no Brasil, o perfil dos ouvintes desse tipo de mídia digital era predominantemente masculino, porém a participação de mulheres estava aumentando se comparado aos dados do ano de 2018.

[131]Disponível em: https://podnews.net/article/podcasting-in-latin-america?utm_source=podnews.net&utm_medium=email&utm_campaign=podnews.net:2024-02-15
[132] Disponível em: https://abpod.org/podpesquisa/
[133] Disponível em: https://drive.google.com/file/d/14fyrRYmz1QSOCI5DeEhssLQL376EbEUu/view

Segundo a Podpesquisa de 2019-2020, a média de idade das pessoas que consumiam *podcasts,* no Brasil, era de 28-29 anos. O estado civil da maioria era "solteiro". Outros dados revelados pela Podpesquisa foram o alto nível de escolaridade dos *podouvintes* – superior completo - e, a cor da pele, a maioria declarou-se branca. Esses dados reforçam o que disse Duarte (2014, p. 28) sobre o perfil do consumidor desse tipo de mídia. O autor afirma que o alcance dos *podcasts* é restrito a determinadas classe sociais, e explica

> diferente das mídias de massa tradicional, limita-se a algumas classes sociais que têm acesso facilitado à internet e melhores condições básicas de entender e acompanhar os programas.

De acordo com Luiz (2014, p. 12) os primeiros *podcasts* brasileiros possuíam um formato semelhante aos norte-americanos, com programas sem nenhuma edição, lembrando os programas "ao vivo". Característica que interessa a esta pesquisa, pois o *podcast,* enquanto mídia, valoriza a fala dos seus participantes, aproximando-se, muitas vezes, da conversa informal e o contexto sem edições e cortes é interessante para a pesquisa linguística.

Outra característica desses formatos, do ponto de vista linguístico, conforme destaca Duarte (2014), é o fato de haver uma valorização de "falares diferentes", isto é, de sotaques, gírias e regionalismos. Somado a isso, pode-se mencionar a utilização de UFs, metáforas conceptuais e tabuísmos linguísticos, aproximando-se da fala na vida cotidiana, diferenciando assim os *podcasts* e os *videocasts* da mídia hegemônica, tradicional, ainda que esses programas sejam produzidos por elas.

Nas palavras de Duarte (2014, p. 27) "cada modo de falar representa uma situação social, um *status* diferente, e a gente se identifica com essas diferenças, mesmo que não seja tão fácil reconhecê-las". Valério (2021) também destaca a importância da fala coloquial, para esse tipo de mídia, a qual imprime personalidade na hora de se expressar e reflete a "vida real" gerando identificação no *podouvinte*. No *corpus* desta pesquisa, essa característica se faz marcante nos programas escolhidos.

Tigre (2021, p. 51), ao explicar os tipos de *podcasts* que existem, divide o universo de produção em cinco formatos mais populares, a saber: *Mesacast*, Entrevista e *videocast*, *Storycast* e Notícias e *Insights*. Conforme o foco desta pesquisa, interessam o **Mesacast** e o **Entrevista e *videocast***. O primeiro, de acordo com o que o autor explica, é caracterizado pela necessidade em ouvir a palavra de especialistas, ou que busca promover uma discussão sobre determinado assunto. Já o segundo, de acordo com o Tigre (2021, p. 51) segue uma dinâmica

parecida com o primeiro, porém neste também há espaço para conversas, "com contornos que se aproximam mais das entrevistas do que de debates".

Um dado relevante da *Podpesquisa*[134] 2019-2020 indica que a maioria dos ouvintes de *podcasts* descobre novos programas através da indicação de amigos, por meio de outros *podcasters* e através da busca por temas específicos. Segundo os dados dessa pesquisa, os temas "cultura pop", "ciência", "política" e "feminismo" tiveram destaque em termos de crescimento da audiência. Dado que vai ao encontro dos *podcasts* e *videocasts* que compõem o COFEM, os quais são produções "feministas" ou que discutiram questões de gênero em algum momento. Valério (2021) destaca a diversidade desse tipo de mídia, haja vista que "existem os podcasts dos mais diversos assuntos e nichos".

Assim, cabe mencionar que nós, como seres sociais inseridos na dinâmica do ciberespaço[135], no contexto da cibercultura[136], construímos diversas relações através dos entrelaçamentos que as redes sociais propiciam, através da construção do conhecimento e o *podcast* – de mesmo modo o *videocast* -, como destaca Bonassoli (2014, p. 16), são exemplos dessas expressões de coletividade. Tais características são comuns no contexto do ciberespaço, que conforme Lévy (1956, p. 126) "é fruto de um verdadeiro movimento social com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (Interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes".

Lanzetta (2021, p. 37) aponta a importância do momento cultural, o qual estamos inseridos. Nos últimos anos, emergiu um interesse por áudios, especialmente, os curtos, impulsionados pela popularização de aplicativos de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. Essa "cultura do áudio" – como chama o autor – destacou uma característica importante: a valorização de conversas próximas, intimistas. Para o autor, o *podcast* se destacou por ser falado, conforme explica Lanzetta (2021, p. 37)

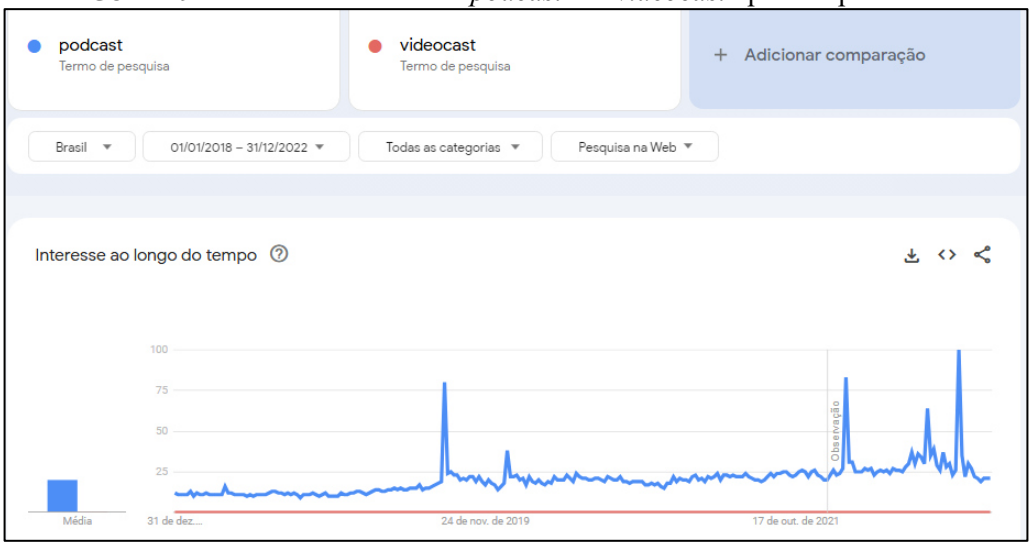
> Falamos cada vez mais na internet e possivelmente falaremos cada vez mais, porque a voz é o meio mais natural e orgânico que temos para transmitir nossas ideias e opiniões [...] o podcast tem, ironicamente, algo de próximo ao pessoal na relação entre produtor e ouvinte. É uma forma estranhamente boa de se sentir íntimo de uma voz desencarnada que pipoca no seu celular toda semana ou cada 15 dias.

[134] Disponível em: https://abpod.org/podpesquisa-2019/
[135] Segundo Lévy (1956, p. 17) "O Ciberespaço, que também chamarei de rede, é um novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo".
[136] Segundo Lévy (1956, p. 17) "o conjunto de técnicas, materiais e intelectuais de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço".

Como o *podcast* tem como característica o foco em torno da intimidade que é construída, Bontempo (2021, p. 23) destaca a importância dos fones de ouvidos, objeto bastante utilizado pelos consumidores de *podcasts*. Nas palavras do autor, utilizar o fone "cria uma experiência singular de intimidade, proporcionando um isolamento, um mundo à parte onde só existem aquele que ouve e aquele que fala, intimidade pura". Lanzetta (2021, p. 40) destaca que o ponto elementar do *podcast* é que ele é, "antes de qualquer coisa, uma conversa". Ainda segundo o autor, o *podcast* é autêntico, pois configura-se como "um espaço novo, um espaço que permite o alcance massificado, mas também o despojo da vida real".

De acordo com a ferramenta *Google Trends*[137], um recurso do *Google* para identificar vocábulos mais populares e frequentes na internet, no Brasil e na Argentina, a palavra *podcast* é mais pesquisada do que a palavra *videocast*. No Brasil, houve um interesse médio pela palavra durante os anos de 2018-2022, como mostra a Figura 19, a seguir:

FIGURA 19 - Gráfico de interesse "*podcast*" e "*videocast*" por tempo - Brasil.



Fonte: *Google Trends*.

Os resultados da pesquisa indicam a popularidade da palavra *podcast* em comparação à palavra *videocast*, de acordo com o interesse de usuários do *Google*[138] ao longo do tempo em todas as categorias disponíveis. De janeiro de 2018 a dezembro de 2022 a busca pela palavra, realizada por brasileiros, sofreu um grande pico em 2019 e outros dois em 2021 e 2022 e se manteve em crescimento até os dias atuais, mesmo passando por períodos de baixa procura. A

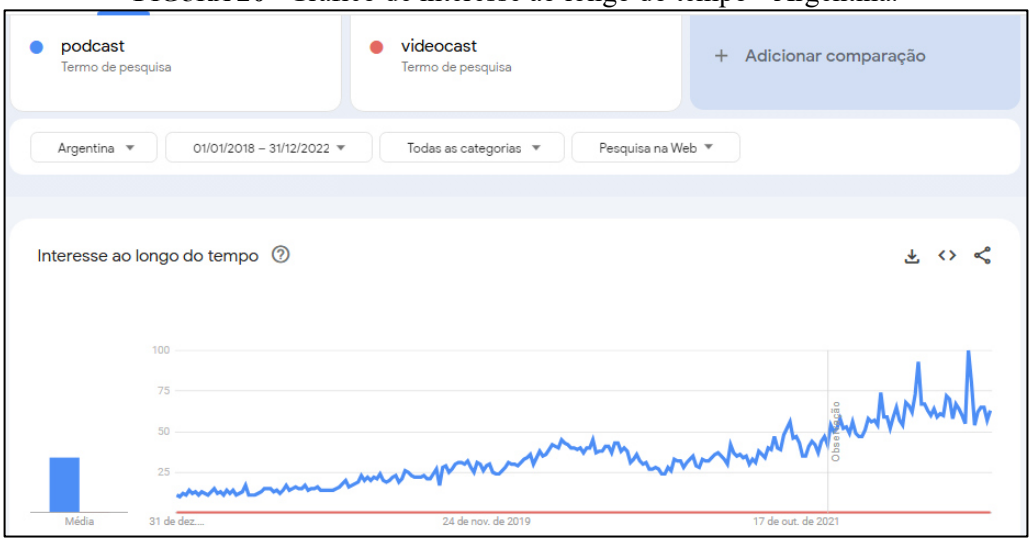
[137] Ferramenta que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente em várias regiões do mundo e em vários idiomas. Disponível em: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2016-01-01%202024-04-16&geo=BR&q=podcast

[138] Empresa multinacional de serviços *online* e *software* dos Estados Unidos.

pesquisa pela palavra podcast também indicou quais as localidades do Brasil que mais buscaram por essa palavra, na internet. Os resultados concentram-se, sobretudo, na região sudeste, mas há outras regiões do país como centro-oeste e sul. Os estados que se destacaram foram: Rio de Janeiro, Espírito Santo, Distrito Federal, São Paulo e Santa Catarina.

Com relação à popularização dessas palavras na Argentina, os resultados do *Google Trends*[139] são semelhantes em relação aos dados brasileiros, sendo a palavra *videocast* muito pouco pesquisada. Já em relação à palavra mais popular, os dados demonstram um interesse em ascensão. O gráfico a seguir (Figura 20) mostra a escalada de procura pelo vocábulo "*podcast*":

FIGURA 20 - Gráfico de interesse ao longo do tempo - Argentina.



Fonte: *Google Trends.*

De modo semelhante ao Brasil, os resultados demonstram como a busca pelo vocábulo "*podcast*" na Argentina vem crescendo exponencialmente, ainda que apresente momentos de queda, demonstrando um contexto de cultura similar nessas nações. As regiões do país que mais buscaram essa palavra foram a cidade autônoma de Buenos Aires, Río Negro, Terra do Fogo, Córdoba e Chubut.

Os formatos de *podcast* mais populares no Brasil são os de entrevistas, de acordo com Bontempo (2021, p. 13). Para o autor, esse formato é um clássico, possuindo uma estrutura simplificada, com um anfitrião e um convidado a cada episódio. É comum que os ouvintes enviem perguntas e comentários pelas redes sociais, antes dos episódios ou durante a transmissão ao vivo. Também é muito popular o formato "bate-papo" ou "mesa de boteco", nas

[139] Disponível em: https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2016-01-01%202024-04-16&geo=AR&q=podcast

palavras do autor. Nessa estrutura é comum mais de um apresentador regular. Há um apresentador principal que direciona a conversa, fazendo indagações e guiando os assuntos a serem abordados garantindo, assim, que todos participem na conversa. Também pode haver mais de um convidado, o importante é todos abordarem os mesmos assuntos, geralmente um assunto específico por bloco ou episódios temáticos.

Comumente, as entrevistas são realizadas por jornalistas e/ou comunicadores que buscam as opiniões e explicações de seus entrevistados. De acordo com Lanzetta (2021, p. 61) o foco do episódio é sempre o convidado. Os convidados são especialistas, celebridades, profissionais de destaque e, por vezes, pessoas comuns.

No episódio, além do conteúdo da entrevista, também costumam-se apresentar o *podcast*, o conteúdo/tema e o convidado. Essa introdução é importante para persuadir o consumidor a ouvir o *podcast* até o final, enfim, consumi-lo. Os episódios de podcast costumam apresentar título, texto de descrição e uma imagem de capa – podendo ser uma imagem temática, referente ao assunto abordado naquele episódio ou a logomarca do programa. Geralmente, os episódios têm duração média 10 a 45 minutos, segundo dados da PodPesquisa.

Portanto, o *podcast* e o *videocast* têm uma mesma origem e possuem traços parecidos, sendo considerados por muitos como sinônimos. Estes são formatos "recentes" que ainda estão sendo definidos e eles são diretamente influenciados pelas evoluções tecnológicas e pelo capitalismo. Eles carregam características interessantes do ponto de vista linguístico, destacando a valorização de aspectos da fala e da conversa informal. Assim sendo, interessa a esta pesquisa a investigação desse recorte da língua que tem potencial para demonstrar diversas características do PB e do EA, como o uso de UFs e metáforas em representações de MCS.

Esta seção buscou traçar um panorama sobre a história dos formatos a fim de demonstrar como eles são interessantes para pesquisas linguísticas como a apresentada aqui. Além do caráter histórico, busquei descrever as principais características dos formatos, destacando aspectos relacionados aos tipos de programas, público consumidor, linguagem utilizada e temáticas. Por vezes, foram apresentadas mais informações sobre a situação dos *podcasts* no Brasil, pois há mais material à disposição sobre o assunto, corroborando o fato do Brasil estar mais "adiantado" na produção e consumo de *podcasts* e *videocasts* se comparado à Argentina.

3.6. O comentário público no ciberespaço

Esta subseção visa apresentar características do gênero discursivo "comentário *online*", aquele publicado em redes sociais, na internet. Segundo o dicionário *online* Dicio, "comentário"

significa: “ponderação, observação, análise, opinião expressa sobre um tema. Notas explicativas de quaisquer assuntos. Crítica maliciosa”. Essa é uma definição geral, pois ao pensarmos em “comentário *online*” como um gênero discursivo, podemos destacar outras finalidades, como por exemplo, elogio, injúria, propaganda, declaração etc.

Charaudeau (2006, p. 176) explica que o gênero comentário está para a argumentação, uma vez que ele “problematiza os acontecimentos, constrói hipóteses, desenvolve teses, traz provas, impõem conclusão”. O comentário, segundo o pesquisador,

> põe o leitor em questão: exige uma atividade intelectiva, um trabalho de raciocínio, uma tomada de posição contra ou a favor, e desta atividade não há ninguém, no fim da troca, que saia incólume (o comentário é histérico).

Santos (2018, p. 77) explica que o comentário *online* é marcado pela informalidade, nas palavras da pesquisadora “percebe-se o uso de uma linguagem carregada de deboche, palavrões, ameaças, ironias, etc. num espaço público”. Outra característica destacada pela autora é que o comentário *online* se parece com a conversa que ocorre em uma festa realizada em praça pública, pois “não há limites para definir os participantes desse grande diálogo”. A ideia de que o comentário *online* é um espaço para a expressão do ouvinte/leitor “cria condições favoráveis para a liberdade de expressão”[140]. Portanto, essas características são interessantes do ponto de vista linguístico, pois permite um olhar para usos peculiares da língua.

A montagem do *corpus* de comentários *online* levou em consideração diferentes fatores. Primeiramente, porque esse gênero envolve uma realidade da população brasileira e argentina que, atualmente, participam de diferentes espaços virtuais e se comunicam com diferentes interlocutores, exemplo disso são elevados números de acesso às plataformas de áudio/vídeo e aos portais de notícias. É sabido que o número de pessoas que acessam a internet diariamente cresce a cada ano[141]. Foi considerada a relação entre os comentários, os *podcasts*, os *videocasts*, pois eles estabelecem uma interlocução entre os veículos de comunicação e seus consumidores.

Outra característica interessante é o caráter argumentativo opinativo desse tipo de produção textual. Comumente apresentam avaliações, elogios, discussões de assuntos

---

[140] As diferentes formas de compreender o conceito de “liberdade de expressão”, na atualidade, tem gerado inúmeras divergências, tendo como consequência comentários, muitas vezes, criminosos que desrespeitam, atacam e depreciam o outro sob a desculpa da “liberdade de expressão”.

[141] Segundo o IBGE, em 2021, o número de domicílios com acesso à internet chegou a 90% dos lares brasileiros. Disponível em: https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa#:~:text=Conectividade-,90%25%20dos%20lares%20brasileiros%20j%C3%A1%20tem%20acesso,internet%20no%20Brasil%2C%20aponta%20pesquisa&text=Em%202021%2C%20o%20n%C3%BAmero%20de,mais%20do%20que%20em%202019. Acesso em: 15 dez. 2022.

polêmicos, críticas e discordâncias frente aos temas abordados e/ou às pessoas envolvidas no episódio/programa. Pode ser considerado um gênero híbrido que mescla oralidade com escrita e são textos produtivos quanto à criatividade lexical, fraseologismos, metáforas e avaliações. Nesses espaços as pessoas tendem a usar metáforas, expressões populares diversas, através de uma escrita típica deste tipo de espaço, que valoriza a economia linguística, é marcada por abreviações, as mensagens são geralmente curtas, há muita criatividade lexical, uso de *emojis*, marcas de oralidade, dentre outras características.

Os comentários que compõem o *corpus* desta pesquisa foram retirados da plataforma de vídeos *YouTube*. Nesse espaço, as pessoas tendem a escrever livremente, o que demonstra que esses registros também são expressões consideradas muito importantes desde a perspectiva da linguística, passando pela relação entre os programas com sua audiência quanto pela questão da interação com o público.

Cabe mencionar que a plataforma de vídeos *YouTube* é um site que permite que os seus usuários compartilhem vídeos, disponibilizando-os na internet. Nesse ambiente virtual, também é possível interagir com seus autores/divulgadores por meio de comentários escritos, publicados na página do vídeo. Assim, a audiência comenta o *videocast* ou *podcast* e interage com o canal e com outros ouvintes.

Como ressaltam Barton e Lee (2015, p. 60), "o *YouTube* é visto como site de rede social, devido às relações únicas desenvolvidas entre quem sobe o vídeo e seus espectadores". Portanto, segundo os autores, o *YouTube* é "rico em espaços de escrita, pois além das legendas e anotações no vídeo, a seção de comentários é o principal espaço de escrita interativa do site [...] os comentários podem ser avaliados pelos usuários (votar a favor ou contra)". É possível, ainda, que os comentaristas respondam uns aos outros, criando por exemplo, longos debates e discussões, com réplicas e tréplicas.

Barton e Lee (2015, p. 62) citam, ainda, a popularidade desse espaço virtual, o qual abrange diferentes modos de construção de significados e diferentes dinâmicas de interação. Destacam que o "YouTube se baseia no aspecto visual e inclui bastante interação com estranhos". Os pesquisadores também pontuam que o *YouTube* tem um perfil etário amplo entre os usuários da rede e possui funções mais abrangentes que as redes sociais. O usuário dessa plataforma precisa articular suas opiniões, sentimentos e/ou atitudes em relação a algo ou alguém para interagir a partir do material publicado.

Outro aspecto a ser destacado sobre o espaço de escrita "comentários" no YouTube, segundo Barton e Lee (2015, p. 119), é o fato de que esse espaço de escrita licencia a produção conjunta de posições sobre vários aspectos do vídeo publicado.

> Alguns podem se alinhar[...], enquanto outros podem assumir uma postura de oposição. Às vezes, esses comentários podem se referir diretamente ao conteúdo do vídeo enviado; em outros momentos, os comentários podem mudar temas e iniciar novos tópicos de discussão entre si.

Assim, coadunando com Barton e Lee (2015, p. 65) os "usuários comuns da internet têm um poder sem precedentes de escolha e criatividade". Por isso, conforme as palavras dos pesquisadores, "parece razoável dar uma olhada nas atividades e práticas sociais reais que cercam essa escrita". No caso desta pesquisa, interessam os usos de fraseologismos e metáforas em representações de MCS.

Segundo Araújo (2020, p. 262), os espaços de comentários *online* em redes sociais podem ser considerados muito hostis em situações que envolvem temas como a violência contra a mulher, sobretudo em textos jornalísticos que informem sobre estupros, pois "as redes sociais, nas quais tanto ódio é destilado todos os dias, ampliam essa crueldade". A jornalista lista comentários com avaliações sobre as vítimas, julgamentos e muito desrespeito e falta de empatia para com a mulher que sofreu a violência noticiada. Araújo explica que os grandes sites de notícias, como o G1, portal de notícias da Globo, têm adotado o procedimento de apagar comentários ou "fechar" o espaço de comentários quando eles ultrapassam os limites da liberdade de expressão e, caracterizam-se como agressões virtuais, passando a ser ofensivos e até criminosos. Araújo enfatiza que "não é à toa que exatamente as reportagens sobre estupro aparecem, em sua maioria, sem a seção de comentários".

Em 2014, foi sancionado O Marco Civil da Internet, uma norma legal[142] que objetiva disciplinar o uso da internet. Junto ao Marco, foi criada uma lei específica para o ambiente virtual, que segundo Araújo (2020, p. 266), dentre outras ações, "permite aos sites a retirada de conteúdos que estejam em desacordo com a lei e com as diretrizes dadas aos usuários caso haja denúncia". No caso do espaço para comentários que compõem o *corpus* desta investigação, - o YouTube - há a opção de denunciar comentários, reportando às plataformas o motivo da denúncia.

Outra ação regulatória prevista no Marco Civil é a compreensão de que "crimes como injúria, calúnia e difamação cometidos em sites e redes sociais serão julgados da mesma forma

[142] Lei nº. 12. 965 de 23 de abril de 2014.

que crimes convencionais cometidos 'pessoalmente': as penas se baseiam no Código Penal", conforme explica Araújo (2020, p. 266). Sobre os xingamentos, insultos e humilhações realizados nos espaços de comentários online, a jornalista esclarece que se enquadram no crime de injúria. Araújo conclui, "seja com multa ou prisão, ou ambas, todos podem ser responsabilizados pelo que postam em sites e redes sociais", conforme Araújo (2020, p. 267). Araújo expõe que esses comentários *online* não são apenas agressões gratuitas, vindas de pessoas que se escondem no suposto anonimato que a internet proporciona a seus usuários, tão pouco expressão do pensamento de uma minoria de indivíduos, para ela esses "comentários são reflexo dos pensamentos e crenças de grande parte da sociedade" (Araújo, 2020, p. 268).

A jornalista britânica Sieghart (2022), chama de "lacuna de autoridade" o fenômeno do desprezo e/ou descrédito da mulher, sendo este um viés inconsciente, como uma marca de cultura marcado no cérebro. Isso posto, esse viés está presente em diferentes campos tradicionalmente dominados por homens, como a cultura, a política, a ciência, os negócios etc. Ela demonstra, por meio de vários estudos, que todas as pessoas do gênero feminino estão atravessadas por esse "*authority gap*". Sieghart (2022, p. 94) cita uma pesquisa, realizada na Universidade da Califórnia, que investigou mais de um milhão de postagens em um fórum[143] *online* de economia. Nessa pesquisa, ao observarem as 30 palavras mais utilizadas nesse espaço sobre as economistas mulheres, encontraram vocábulos e expressões que demonstram o lugar de desprestígio da figura feminina, alguns exemplos são: "mais gostosa", "gata", "peitos", "feminazi", "vagabunda", "bonitinha", "vagina", "maravilhosa", "lésbica" etc.

Pelas características dos comentários *online*, acredito que um estudo baseado em *corpus* de comentários *online* é produtivo, pois possibilita a descrição e o estudo da inter-relação entre as práticas de produção de texto e os espaços de produção escrita em novas mídias digitais, em que as pessoas empregam a linguagem *online,* muitas vezes de maneira informal, utilizando abreviações, neologismos, jargões, UFs, metáforas, etc., quando participam de *sites* como o *YouTube*, e através dessas produções escritas expressam suas opiniões, tecem suas avaliações e demonstram suas atitudes sobre temas variados.

Portanto, investigar a linguagem específica da internet através de comentários escritos *online* é viável, uma vez que "usuários da língua *online* também desenvolveram seu próprio repertório e convenções linguísticos para a língua que empregam *online*", conforme destacam

[143] De acordo com Sieghart (2022, p. 94), "fórum é o equivalente digital de bate-papos na hora do cafezinho", na vida real.

Barton e Lee (2015, p. 149). Além desses comentários representarem usos autênticos, também podem mostrar padrões de representação de MCS.

Logo, buscar compreender as UFs utilizadas para representar mulheres, seus corpos e sexualidade em um *corpus* de comentários *online* escritos é relevante, pois esse gênero discursivo é marcado por características interessantes, como a informalidade, por exemplo. Ademais, esse gênero possibilita o compartilhamento de pontos de vista sobre determinados conteúdos e/ou pessoas que estão envolvidas em um contexto específico em um dado momento.

3.7. Os textos jornalísticos no contexto das mídias digitais

Esta subseção objetiva apresentar, brevemente, informações sobre os textos jornalísticos midiáticos, isto é, aqueles textos produzidos para e publicados na internet. Como a denominação "textos jornalísticos" é ampla, a seguir explicarei os gêneros jornalísticos que compõem o *subcorpus* desta pesquisa.

No *corpus* deste estudo, há textos oriundos do jornalismo informativo, bem como do opinativo, porém não na mesma quantidade. Foram privilegiados os gêneros discursivos: notícia, reportagem, entrevista e coluna, devido à sua oferta abundante. Mas, há também resenhas e crônicas.

A fim de descrever, brevemente, cada um desses gêneros, apresento a seguir algumas características gerais de cada um desses gêneros. A notícia é um texto que tem como principal objetivo informar o leitor sobre algum fato recente e/ou relevante, de maneira clara, concisa e objetiva. Deve ser escrito com uma linguagem impessoal e possuir um caráter atual e verídico.

Já a reportagem é um texto mais profundo que a notícia, pois além da informação, a reportagem busca explicar, contextualizar e analisar os fatos, apresentando múltiplos pontos de vista sobre o tema. É um texto mais elaborado, podendo incluir entrevista, dados estatísticos e testemunhos. Quanto ao uso da linguagem, a reportagem aceita maior liberdade estilística e subjetividade do repórter.

A entrevista, por sua vez, é um gênero textual marcado pela interlocução entre o jornalista e sua fonte. Esse texto objetiva divulgar opiniões, experiências ou conhecimentos sobre algum tema. Possui uma estrutura dialógica, geralmente introduzida por um pequeno texto informativo sobre a pessoa entrevistada. Quanto ao uso da linguagem, pode-se dizer que é predominantemente objetiva, podendo ser formal ou informal a depender do veículo e do público-alvo.

A coluna, no contexto jornalístico, pode ser considerada como um texto opinativo, publicado regularmente por um mesmo autor ou grupo de autores. Sua principal função é publicar análises, interpretações e comentários sobre diferentes temas, como política, cultura, economia ou vida cotidiana, a partir de uma perspectiva pessoal e subjetiva. É importante mencionar que embora a coluna mantenha um vínculo com os fatos e com a atualidade, esse texto distingue-se por seu estilo autoral e pela liberdade argumentativa e expressiva do colunista, o qual pode usar recursos retóricos, literários e humorísticos. Portanto, a coluna é um gênero que articula informação e opinião, ajudando no debate público e formação crítica do leitor.

A resenha, por sua vez, no âmbito jornalístico caracteriza-se por apresentar, descrever e avaliar criticamente uma obra cultural, como por exemplo, peças teatrais, livros, shows, exposições, filmes etc. Ela combina informações objetivas sobre o conteúdo da obra analisada com a opinião fundamentada do autor da resenha. Utiliza-se uma linguagem formal e analítica, podendo variar conforme o público-alvo do veículo. Sua função é orientar o leitor sobre a relevância, a qualidade e as contribuições da obra resenhada.

Por último, a crônica jornalística é considerada um gênero que aborda fatos cotidianos ou temas sociais com leveza e subjetividade, além de apresentar um estilo próprio do autor do texto. A crônica combina elementos narrativos e reflexivos. Geralmente são textos marcados pelo humor, pela ironia ou até crítica social. A linguagem costuma ser acessível e próxima da oralidade.

Os textos analisados nesta pesquisa foram coletados dos jornais Perfil[144], Folha de São Paulo[145] , La Nación[146], e do portal de notícias G1[147]. O primeiro critério de seleção dos textos jornalísticos foi o recorte temporal – a partir de 2018 até 2022. Em seguida, o critério aplicado foi a temática. Foram coletados textos a partir da busca pela palavra-chave "mulher/*mujer*" – na manchete, na linha fina ou no corpo do texto. Também há textos que abordam temas relacionados ao gênero feminino, à situação de mulheres e questões como o feminismo, menstruação e menopausa, por exemplo.

Outro fator motivador para o *corpus* de textos jornalísticos é o fato de que a imprensa, através de sua linguagem, noticia e registra um momento de mudança nos discursos sobre

[144] Endereço eletrônico: https://www.perfil.com/
[145] Endereço eletrônico: https://www.folha.uol.com.br/
[146] Endereço eletrônico: https://www.lanacion.com.ar/
[147] Endereço eletrônico: https://g1.globo.com/

igualdade de gêneros e sobre mulheres no Brasil e na Argentina. Emerim (2012, p. 45) explica que

> Vivemos em uma sociedade em que grande parte das relações de interação se fazem pelos/através dos meios de comunicação. O papel que a mídia ocupa nesse processo se deve ao fato de ela mediar hoje muitas trocas entre os sujeitos sociais. Nessa medida, as mídias, aliadas à globalização econômica e ao constante desenvolvimento tecnológico, vem acarretando profundas alterações na sociedade contemporânea.

As mídias digitais funcionam como condicionador de valores e até criadores. Por isso, um fenômeno do *ciberjornalismo*[148] que nos chama atenção é o *clickbait*[149], em português "isca de cliques", que são as manchetes chamativas, os títulos de textos com apelo sentimental ou escandalosos que expressam senso de urgência ou sensacionalismo. A função desse tipo de título é despertar no leitor curiosidade e atenção. Desse modo, esses títulos servem de "isca" para conseguir acesso às páginas, que muitas vezes apresentam conteúdos superficiais, reproduzidos de outras páginas, contendo erros etc., mas que conseguiram "fisgar" o leitor e assim, gerar os custos financeiros para o *site* que divulgou o *link*. Esse recurso é rotineiramente utilizado por *sites* brasileiros e argentinos.

Nessas manchetes, muitas vezes, são usados como recursos as aspas para retomar as falas e o uso de asteriscos para uma "quase" interdição do dizer, pois muitas manchetes são construídas utilizando-se da interdiscursividade, e nesse processo de resgate da fala literal de alguém, o uso do asterisco é uma estratégia para causar a curiosidade, explorar o assunto a ser tratado de modo "popular", mas ainda obedecendo às regras do espaço "formal" do jornalismo, em que há normas a serem seguidas, como a restrição à tabuísmos linguísticos.

Observar os textos jornalísticos contribui para a percepção de que há "fórmulas" para se noticiar determinados temas. Emerim (2012, p. 60) explica que o jornalismo

> não "repassa" meramente os acontecimentos, pois, para torná-los notícia, precisa adequá-los ao veículo, ao público a que se destina, visto que um dos propósitos da mídia é difundir informações de caráter atual, com o objetivo de informar e orientar seu público consumidor.

[148] De acordo com o Dicionário Priberam, é um tipo de jornalismo em que a investigação ou a publicação é feita através da internet ou de outra rede de computadores. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/ciberjornalismo. Acesso em: 20 maio 2023.

[149] Segundo o Dicionário Collins, é um *hiperlink* destinado a induzir o espectador a clicar em outro site; incentivar os usuários do site a clicar em outro site usando um hiperlink atraente. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/pt/dictionary/english/clickbait. Acesso em: 20 maio 2023.

Diante, do exposto, é possível questionar o uso sistemático de estruturas - como por exemplo as utilizadas para noticiar crimes de ódio como feminicídios, pois elas demonstram uma "adequação" estereotipada, que revitimiza a figura feminina. Nesse tipo de notícia, é recorrente o uso da voz passiva nos títulos, dando destaque à vítima através da apassivação, como em *mulher é morta.* Já em textos sobre violência contra a mulher, as "fórmulas" se mantém, *mulher é agredida* é um exemplo.

Quando o assunto é o tráfico de drogas praticado por mulheres, a sequência que se destaca é *droga na vagina.* Também se nota um uso de eufemismos e disfemismos em textos jornalísticos que abordam questões relacionadas ao corpo e sexualidade de mulheres, por exemplo a emergência do vocábulo *pepeca,* um eufemismo - com tom infantilizado -, em lugar de uma metáfora zoomórfica, também com valor eufemístico, *perereca*, um vocábulo popularmente utilizado para designar vagina/vulva. Esses exemplos demonstram um tabu linguístico ao informar o público leitor sobre a saúde da mulher com um eufemismo, mas não para noticiar crimes relacionados ao tráfico de drogas, por exemplo.

Para finalizar, vale destacar que esses textos privilegiam o uso formal da língua e buscam seguir as normas gramaticais impostas nos idiomas correspondentes, afastando-se do uso coloquial da linguagem, do uso de gírias, de tabuísmos e chulismos. Entretanto, é preciso dizer que em muitos textos há reproduções das falas de outrem, ou em determinados momentos, os jornalistas buscaram uma expressão mais informal para expressar o que desejavam, de modo proposital.

Esta seção apresentou informações sobre textos jornalísticos e discorreu brevemente sobre gêneros discursivos da esfera jornalística que integram o COFEM. Na próxima seção, comento rapidamente o contexto de cultura em que brasileiras e argentinas estão inseridas, durante o recorte temporal desta pesquisa, para assim poder compreender as UFs encontradas em representações de MCS em PB e EA.

3.8. Os *subcorpora* de pesquisa

Nesta seção, serão abordadas questões sobre o *design* dos *subcorpora*, sobre os procedimentos de coleta, armazenamento e registros de textos e as metodologias adotados durante o desenvolvimento da pesquisa. O *corpus* de estudo utilizado nesta investigação é autêntico (Berber Sardinha, 2004), isto é, os textos não foram produzidos para a pesquisa linguística. Também, pretende ser representativo da língua utilizada em espaços midiáticos digitais, pela comunidade discursiva brasileira e argentina, como já mencionado.

Na tabela a seguir (Tabela 2), apresento os dados sobre o COFEM organizados de acordo com os *subcorpora.* Desta vez, os *subcorpora* estão separados por textos transcritos e escritos e são apresentados dados numéricos referentes à quantidade de textos e às formas e aos itens de cada *subcorpora*. Na Tabela 2, são apresentados os dados do *subcorpus* de transcrições, isto é, de textos falados, mas que foram transcritos (*podcasts* e *videocasts*) para este estudo:

TABELA 2 - Textos transcritos COFEM.

***Subcorpus* e idioma**	**Título**	**Nº episódios**	**Total de transcrições**	**Forma**	**Item**	**Razão forma item**
TTP - PB	Saia Justa	50	88	369.024	20.439	5.54
	Corpo especulado	6				
	Sufrágio	7				
	Conversa com Bial	24				
TTP - EA	El deseo de Pandora	27	114	557.176	27.847	5.0
	Desmuteadas	39				
	ConchaPodcast	24				
	Conversaciones	23				
TTV - PB	Mini Saia	15	16	27.997	3.596	12.84
TTV - EA	Concha Podcast	14	14	207.391	11.732	5.66

Fonte: A autora.

Já na Tabela 3, os dados destacados são sobre os textos escritos, aqueles que foram coletados nesse formato e que representam essa variedade da língua, em níveis diferentes de formalidade, haja vista os gêneros discursivos desses textos (textos jornalísticos e comentários).

TABELA 3 - Textos escritos COFEM.

Subcorpus	**Título**	**Nª de textos**	**Total de textos**	**Forma**	**Item**	**Razão forma item**
TJ - PB	Folha de São Paulo	51	246	150.198	15.387	10.56
	G1	126				
	UOL	53				
TJ - EA	La Nación	64	271	233.208	21.855	9.56
	Clarín	42				
	Perfil	112				
Comentários EA[150]	Conversaciones	146	195	140.539	18.348	13.26
	Concha Podcast	52				
Comentários PB[151]	Mini Saia	356	356	1.429.812	52.715	3,72

[150] Devido ao grande número de comentários coletados, foi considerado como texto a coletânea de comentários oriundos de um *videocast*.
[151] Devido ao grande número de comentários coletados, foi considerado como texto a coletânea de comentários oriundos de um *videocast*.

Fonte: A autora

Esta apresentação dos dados, feita em diferentes recortes, possibilita uma visão mais detalhada de como o COFEM é composto, destacando o seu tamanho, o registro do texto e as suas fontes. A seguir, apresento os *subcorpora* através de outro recorte, o das línguas.

3.8.1. O *subcorpus* do PB

O sub*corpus* do PB é formado pelas transcrições dos episódios de quatro *podcasts* e um *videocast,* a saber*:* Saia Justa, Corpo Especulado, Sufrágio e Conversa com Bial, e o *videocast* Mini Saia. Além desses textos transcritos, há os textos escritos oriundos de comentários do programa Mini Saia e textos jornalísticos da Folha de São Paulo, do Portal de notícias G1 e do Uol.

TABELA 4 - Dados *subcorpus* PB.

Idioma	Título	Nº episódios/ textos	Total de transcrições/ textos	Forma	Item	Razão forma item
PB	Saia Justa	50	88	369.024	20.439	5.54
	Corpo especulado	6				
	Sufrágio	7				
	Conversa com o Bial	24				
	Mini Saia	16	16	27.997	3.596	12.84
	Comentários Mini Saia	356	356	1.429.812	52.715	3,72
	Folha de São Paulo	51	246	150.198	15.387	10.56
	G1	126				
	UOL	53				
			TOTAL	1.977.031	92.137	

Fonte: A autora.

O *podcast* do *Saia Justa* e o *videocast Mini Saia* são produtos derivados do programa de TV, também intitulado *Saia Justa*[152], do canal brasileiro de televisão por assinatura GNT[153]. O programa de televisão *Saia Justa* é uma produção de sucesso que existe há mais de 20 anos e teve como apresentadoras diferentes mulheres brasileiras que possuíam/possuem grande destaque social referente a sua área de atuação, por exemplo: jornalistas, cantoras, escritoras, atrizes, artistas etc. Tradicionalmente, a bancada do programa é composta por mulheres que

[152] Durante o período analisado o programa Saia Justa foi apresentado e mediado por Astrid Fontenelle. Com ela as apresentadoras Mônica Martelli, Pitty e Gaby Amarantos promoveram conversas, debates e discussões com um(a) convidada(o) sobre temas diversos. O programa vai ao ar toda semana sempre de uma perspectiva que destaca diferentes experiências e vozes femininas.
[153] Endereço eletrônico do canal. https://gnt.globo.com/

dialogam sobre temas diversos, mas buscando sempre o recorte de gênero. O programa original é transmitido integralmente na rede privada de televisão e, depois, é disponibilizado na internet, editado e com tamanho reduzido, em formato de *podcast* – em plataformas de áudio - e em formato de *videocast*, intitulado *Mini Saia* - em uma plataforma de vídeos.

O canal GNT possui uma página no *YouTube*, e nela há listas de reprodução específicas para cada programa da emissora, sendo uma delas para o *Mini Saia.* O *corpus* de comentários em PB é composto pelos comentários dessa *playlist*, eram 363 vídeos disponíveis no momento da coleta automática via python[154]. A imagem a seguir (Figura 21), demonstra a forma como os *videocasts* são disponibilizados ao público:

FIGURA 21 - Canal GNT, playlist Saia Justa, episódios Mini Saia.



Fonte: *YouTube.*

Já o podcast do *Saia Justa* foi publicado em diferentes plataformas de áudio. Para o acesso ao conteúdo, inicialmente, adotei as plataformas *Google Podcasts* (encerrada em 2024) e *Castbox*, como fontes principais de acesso aos programas. Nessas plataformas, o Saia Justa possui página própria, com logomarca e texto introdutório. A imagem a seguir, mostra a capa do Saia Justa, no Google Podcast.

FIGURA 22 - Apresentação do Saia Justa no *Google Podcasts*.



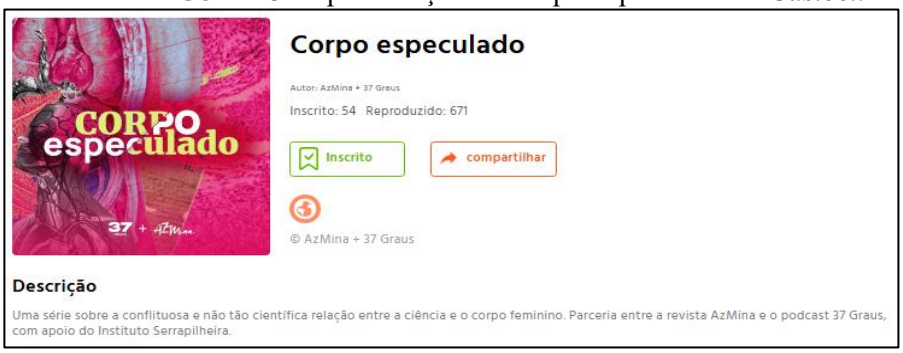
Fonte: *Google Podcasts.*

[154] O código utilizado está no apêndice.

Há diferenças entre os subprodutos *videocast* e *podcast* do programa Saia Justa. As mais importantes são a extensão dos episódios, os recortes temáticos, e o fato de os nomes e descrições dos episódios se diferenciarem. No caso do *videocast*, o próprio nome sugere um tamanho "curto" para o episódio. O *Mini Saia* é organizado por temáticas, buscando uma edição que contemple a participação de todas as pessoas envolvidas naquele episódio, opinando e discutindo sobre um tema. Portanto, um programa "mini", mais objetivo e baseado em recortes das falas das participantes. O *podcast* do Saia Justa, por outro lado, é mais longo, apresenta discussões mais profundas, menos cortes e uma variedade de temas por episódio.

Também integra o *subcorpus* em PB desta pesquisa os episódios do *podcast* chamado *Corpo Especulado*, uma produção da revista *AZmina* em parceria com o 37grauspodcast, sendo este uma produção jornalística alternativa, independente, com recorte de gênero. O objetivo desse programa é discutir e explorar a diversidade dos corpos femininos, tensionando os padrões hegemônicos de beleza e buscando promover aceitação e valorização dos diferentes tipos de corpos que existem. A seguir, apresento uma imagem da capa do *podcast*, na plataforma *Castbox* (Figura 23).

FIGURA 23 - Apresentação do Corpo Especulado no *Castbox*.



Fonte: Castbox.fm

Os episódios do programa intitulado *Sufrágio*, um *podcast* produzido pelo Jornal Folha de São Paulo também fazem parte do COFEM. Os episódios do programa foram publicados em plataformas de áudio e na página da Folha de São Paulo. O objetivo desse programa é discutir e promover a participação política das mulheres, e para isso, o programa aborda questões relacionadas à igualdade de gênero e à representação feminina na política brasileira. A seguir, uma imagem da capa desse *podcast* (Figura 24), extraída da plataforma *Castbox*:

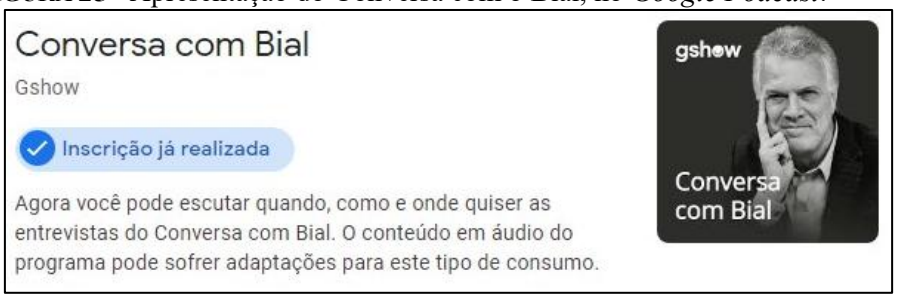
FIGURA 24 - Apresentação do Sufrágio no *Castbox*.



Fonte: Castbox.fm

Outra fonte do *subcorpus* em PB, é o *podcast* do *Conversa com Bial*, um produto derivado do programa de televisão de mesmo título, exibido pela TV Globo – canal público de televisão brasileira. Este é um tradicional programa brasileiro, marcado pelo formato de entrevista do famoso e experiente apresentador Pedro Bial. O apresentador entrevista diferentes personalidades públicas brasileiras, artistas em geral, escritores, jornalistas, atletas dentre outros. O programa é marcado pela conversa descontraída, sendo composto pela entrevista em si, por trechos de vídeos, apresentações de músicas e participação da plateia. A imagem a seguir ilustra a capa do *podcast*:

FIGURA 25 - Apresentação do Conversa com o Bial, no *Google Podcast*.



Fonte: *Google Podcasts*.

As fontes brasileiras dos textos jornalísticos que compõem o COFEM são importantes veículos de comunicação, com diferentes características, enfoques e públicos-alvo. Os textos foram coletados do jornal Folha de São Paulo e das plataformas digitais G1 e Uol, como já mencionado em seção anterior. Com relação ao estilo desses veículos, pode-se dizer que a Folha de São Paulo tem um perfil mais analítico e crítico, enquanto o G1 está focado em reportagens mais diretas e em tempo real. O Uol, por sua vez, combina elementos de notícias com entretenimento e opinião.

A seguir, apresento as capas desses jornais eletrônicos, a fim de destacar o perfil visual de cada um. Nesses jornais, as principais cores utilizadas são o azul, uma cor fria, que no campo do simbólico está relacionada à pureza e associada à verdade (Chevalier, 2001, p. 107) e o vermelho, por sua vez, uma cor quente, relacionada ao popular (Chevalier, 2001, p. 944).

Na capa da Folha de São Paulo imperam cores sóbrias, como o azul o cinza, o branco e o preto. Também se encontram destacadas as colunas de opinião, situadas no alto da página e uma manchete principal, destacada em letras maiores, como é possível notar (Figura 26):

FIGURA 26 - Capa da Folha de São Paulo.



Fonte: Folha de São Paulo

Já o portal de notícias G1 possui um formato diferente, em que a notícia é o foco, o que impacta a disposição das informações, sendo este mais marcado pelo aspecto imagético, amparando-se nas imagens, e não há destaques de colunas. O G1 é um site chamativo, haja vista as cores predominantes que são o vermelho, o branco e o preto. Essas cores podem sinalizar urgência e atenção. A seguir, uma imagem da capa do G1 (Figura 27):

FIGURA 27 - Capa do G1.



Fonte: G1.

Por último, o portal Uol tem um arranjo que se distingue dos anteriores, pois apresenta uma informação central, no início da página seguida outras em letras menores. É composto por várias manchetes acompanhadas de imagens. As cores predominantes são o preto e o branco, conforme imagem a seguir (Figura 28):

FIGURA 28 - Capa do UOL.



Fonte: Uol.

Além das diferenças visuais, o público-alvo também se distingue de um jornal para o outro. Enquanto a Folha de São Paulo busca um público mais acadêmico e profissional, o G1 busca um público mais amplo e o Uol atende a uma diversidade de interesses.

Esta subseção buscou descrever, sucintamente, as fontes do *subcorpus* em PB, a fim de demonstrar o contexto de criação dos textos e suas influências. Assim, contribuindo para a compreensão de características sobre os textos e usos linguísticos em PB que compõem o COFEM.

3.8.2. O *subcorpus* do EA

O *subcorpus* do EA é formado por transcrições de episódios de quatro *podcasts* e um *videocast,* a saber*: El deseo de Pandora*, *Desmuteadas*, *Concha*Podcast *e Conversaciones, e o videocast Conchapodcast.* Além desses textos transcritos, há textos oriundos de comentários dos programas Conversaciones e ConchaPodcast e textos jornalísticos publicados pelos jornais Clarín, La Nación e Perfil, conforme disposto na Tabela 5.

TABELA 5 - Dados *subcorpus* EA.

Idioma	Podcast	**Nº episódios/textos**	**Total de transcrições/textos**	**Forma**	**Item**	**Razão forma item**
EA	El deseo de Pandora	27	114	557.176	27.847	5
	Desmuteadas	39				
	ConchaPodcast	24				
	Concha Podcast	14	14	207.391	11.732	5.66
	La Nación	64	251	233.208	21.855	9.56
	Clarín	42				
	Perfil	112				
	Conversaciones	146	195	140.539	18.348	13.26
	Concha Podcast	52				
			TOTAL	1.138.314	79.782	

Fonte: A autora.

O *podcast El deseo de pandora* é filiado à categoria Anfíbia feminista, da Revista digital Anfíbia – de Buenos Aires, Argentina. A plataforma de conteúdos pertence à Universidade Nacional de San Martín UNSAM – uma instituição pública. A revista produz textos, *podcasts*, *videocasts*, oficinas e jornalismo. O programa está disponível na página oficial do *podcast* e nos tocadores de áudio *Castbox* e *Google*. Os episódios possuem formato de entrevista e os convidados são especialistas e artistas em geral. O programa é apresentado por duas mulheres e utiliza-se uma linguagem cotidiana, informal, contendo, por vezes, tabuísmos linguísticos, como palavrões e xingamentos. Os episódios têm em média 45 a 60 minutos. A seguir, uma imagem da capa do *podcast,* no *Google Podcasts* (Figura 29).

FIGURA 29 - Apresentação do El Deseo de Pandora, no *Google Podcasts*.



Fonte: *Google Podcasts.*

Já o *Concha* Podcast é uma produção independente, feita por três mulheres. O programa tem um formato de conversas informais, mas que contam com uma pessoa convidada para dialogar sobre a temática proposta no episódio. Geralmente, cada episódio aborda um tema e as apresentadoras têm um perfil descontraído e utilizam uma linguagem popular. O programa tem um recorte de gênero e busca abordar temas tabus. Os episódios têm duração de 60 minutos, aproximadamente. A imagem a seguir ilustra a apresentação do *podcast*:

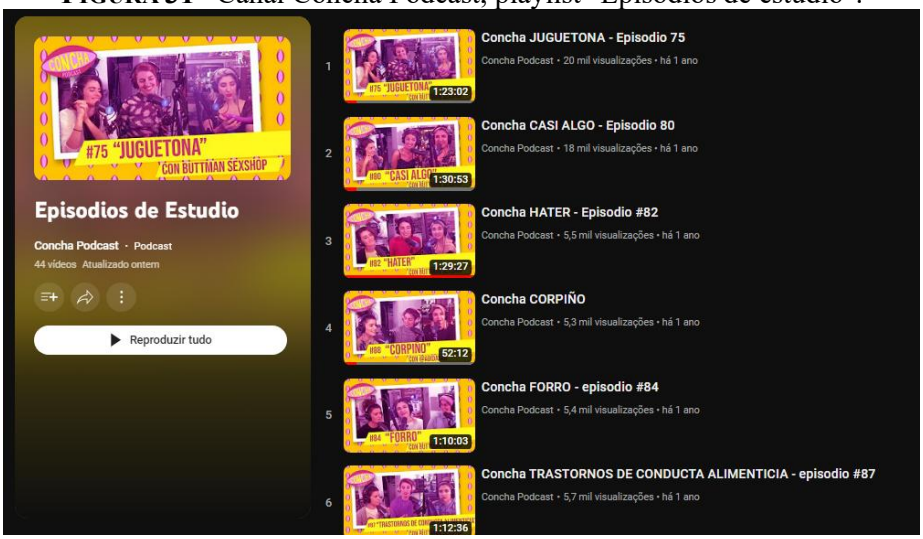
FIGURA 30 - Apresentação do ConchaPodcast, no *Google Podcasts*.



Fonte: *Google Podcasts.*

O *Concha* Podcast também tem um canal no *YouTube* onde disponibiliza os *podcasts* em formato com imagens, ou *videocasts* – os vídeos do momento da gravação do programa. Esses programas também são marcados por temáticas, mas nem sempre ocorre a participação de convidados. Os episódios duram em média 60 minutos. Os comentários desses *videocasts* compõem o COFEM. Esses comentários foram coletados manualmente, pois no momento da coleta o número de comentários era "pequeno". Portanto, a seguir, a Figura 31 ilustra o canal *Concha* Podcast, no *YouTube*:

FIGURA 31 - Canal Concha Podcast, playlist "Episódios de estúdio".



Fonte: Youtube.

Outro podcast que integra o *corpus* desta pesquisa é o *Desmuteadas* (Figura 32), produzido pela rádio Télam[155], o programa é apresentado por uma mulher, Lucía Ríos. São episódios temáticos, com a participação de várias mulheres entrevistadas, geralmente, especialistas sobre o tema do episódio. Os programas são relativamente curtos se comparados aos demais *podcasts*, com uma média de 10 minutos por episódio.

FIGURA 32 - Apresentação do Desmuteadas, no *Castbox*.



Fonte: Castbox.fm

O *podcast Conversaciones* (Figura 33) é uma produção do periódico argentino *La nación.* Os programas são derivados de entrevistas feitas para a TV. Os episódios são trechos de entrevistas com artistas em geral, políticos e figuras públicas. O programa é conduzido por uma ou um jornalista.

[155] A Telám era uma agência pública de notícias da Argentina, e estava subordinada à Secretaria de Meios Públicos, do Ministério das Comunicações da Argentina. A agência foi encerrada em 2024, pelo presidente Javier Milei.

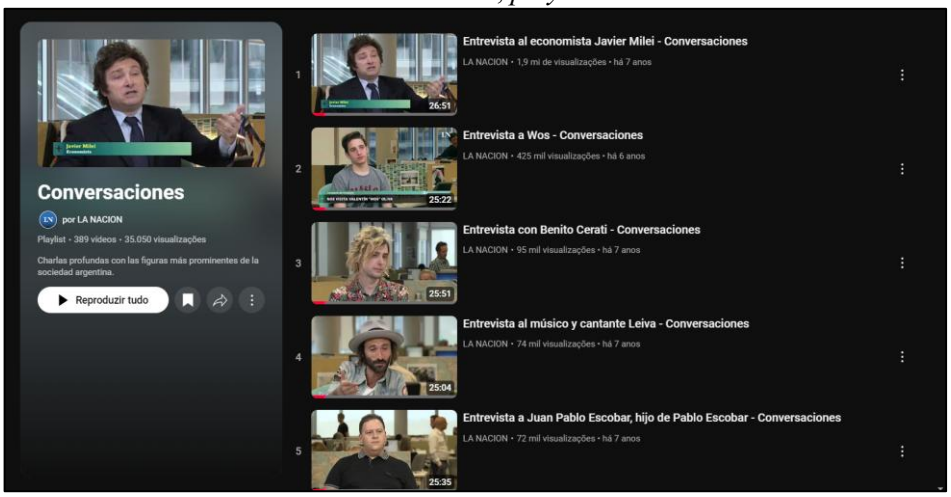
FIGURA 33 - Apresentação do Conversaciones, no Google Podcasts.



Fonte: *Google Podcasts*.

O programa Conversaciones é uma produção tradicional argentina. Ele também está disponível em formato de vídeos, em uma playlist no canal do periódico La Nación. A duração dos episódios é em média 25 minutos. Os comentários a esses episódios fazem parte do COFEM, porém esses comentários foram coletados automaticamente, via *python*, da mesma forma que os outros comentários descritos anteriormente. A imagem a seguir (Figura 34) ilustra a playlist dos episódios do *Conversaciones*:

FIGURA 34 - Canal LA NACIÓN, *playlist* Conversaciones.



Fonte: *YouTube*.

Os jornais argentinos, fontes dos textos escritos do COFEM, são importantes veículos no cenário midiático da Argentina e possuem características distintas. Enquanto o Clarín é um jornal de ampla circulação, marcado pelo apelo sensacionalista, o Perfil possui como características a análise e a investigação. O La Nación, por sua vez, adota uma abordagem mais conservadora e formal. Com relação ao público-alvo, o Clarín atinge um público amplo, já o Perfil atrai pessoas que buscam textos mais densos e detalhistas e o La Nación, está para um

público mais restrito, elitizado e conservador. A seguir apresento a capa do jornal Clarín (Figura 35), onde destacam-se as cores branco e vermelho, como se pode ver:

FIGURA 35 - Capa do Clarín.



Fonte: clarin.com

Nesse jornal, a disposição das informações é feita de forma a dar destaque a uma manchete, mas outras manchetes em tamanhos memores são apresentadas no mesmo nível. Já o jornal *La Nación* utiliza cores mais sóbrias, como o azul, o cinza, o branco e o preto. A disposição das informações na página inicial também se diferencia dos demais jornais, com mostra a imagem a seguir (Figura 36):

FIGURA 36 – Capa do La Nacion.



Fonte: lanacion.com.ar

O jornal La Nacion está organizado de forma semelhante a um jornal impresso. Há uma manchete principal destacada em letras grandes, outras manchetes menores e um destaque para

as “últimas notícias”. O Jornal Perfil também utiliza as cores azul, branco e preto em sua capa. A disposição das informações é distinta das demais, apresentando três colunas. Ao centro situa-se a manchete principal, destacada em letras maiores e, ao lado, outras notícias acompanhadas de imagens e manchetes em letras menores, como mostra a Figura 37, a seguir:

FIGURA 37 - Capa do Perfil.



Fonte: perfil.com

Esta subseção buscou descrever, de forma breve, as fontes do *subcorpus* em EA, a fim de demonstrar o contexto de criação dos textos e suas influências. Assim, contribuindo para a compreensão de características sobre os textos e usos linguísticos em EA que compõem o COFEM.

3.9. Considerações

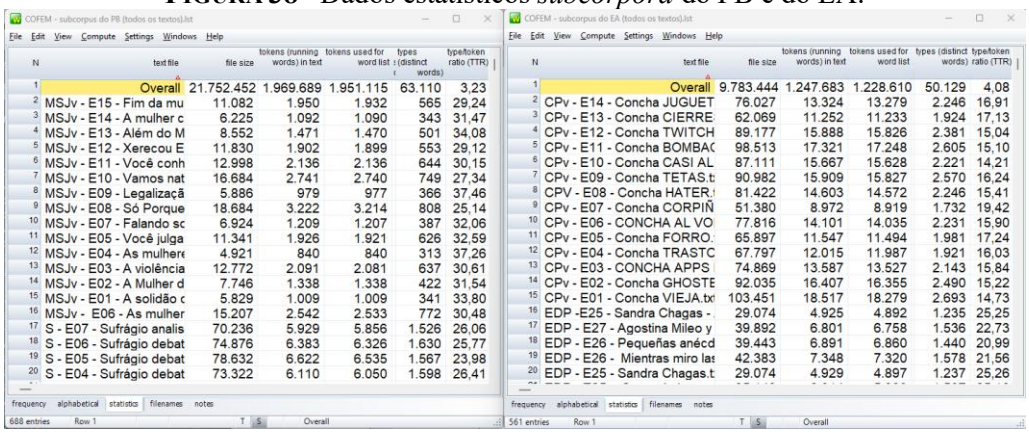
Esta subseção buscou descrever, em detalhes, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, desde a coleta, montagem e exploração do *corpus* através de programas de transcrição e análise linguística. Isto é, tratou das etapas executadas durante a preparação, exploração e análise do COFEM, das ferramentas utilizadas, e das fontes dos textos que compõem o *corpus* analisado. Desse modo, buscou possibilitar a replicação desses métodos em outras pesquisas e demonstrar o caráter empírico desta investigação. Importante destacar o ineditismo do COFEM, um *corpus* temático, múltiplo e bilíngue, criado seguindo a proposta teórico metodológica da LC.

4. APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DOS DADOS

4.1. Introdução

Nesta seção, exponho os resultados encontrados com o auxílio do WST e do SE buscando destacar aqueles que chamaram a atenção e são de interesse desta pesquisa. Também apresento uma breve análise dos contextos de ocorrência, evidenciando os padrões de usos linguísticos identificados nos sub*corpora* do COFEM. A seguir, apresento a Figura 38, com informações desses *subcorpora* do PB e EA:

FIGURA 38 - Dados estatísticos *subcorpora* do PB e do EA.



COFEM - subcorpus do PB (todos os textos).lst

N	text file	file size	tokens (running words) in text	tokens used for word list	types (distinct words)	type/token ratio (TTR)
1	Overall	21.752.452	1.969.689	1.951.115	63.110	3,23
2	MSJv - E15 - Fim da mu	11.082	1.950	1.932	565	29,24
3	MSJv - E14 - A mulher c	6.225	1.092	1.090	343	31,47
4	MSJv - E13 - Além do M	8.552	1.471	1.470	501	34,08
5	MSJv - E12 - Xerecou E	11.830	1.902	1.899	553	29,12
6	MSJv - E11 - Você conh	12.998	2.136	2.136	644	30,15
7	MSJv - E10 - Vamos nat	16.684	2.741	2.740	749	27,34
8	MSJv - E09 - Legalizaçã	5.886	979	977	366	37,46
9	MSJv - E08 - Só Porque	18.684	3.222	3.214	808	25,14
10	MSJv - E07 - Falando sc	6.924	1.209	1.207	387	32,06
11	MSJv - E05 - Você julga	11.341	1.926	1.921	626	32,59
12	MSJv - E04 - As mulher	4.921	840	840	313	37,26
13	MSJv - E03 - A violência	12.772	2.091	2.081	637	30,61
14	MSJv - E02 - A Mulher d	7.746	1.338	1.338	422	31,54
15	MSJv - E01 - A solidão c	5.829	1.009	1.009	341	33,80
16	MSJv - E06 - As mulher	15.207	2.542	2.533	772	30,48
17	S - E07 - Sufrágio analis	70.236	5.929	5.856	1.526	26,06
18	S - E06 - Sufrágio debat	74.876	6.383	6.326	1.630	25,77
19	S - E05 - Sufrágio debat	78.632	6.622	6.535	1.567	23,98
20	S - E04 - Sufrágio debat	73.322	6.110	6.050	1.598	26,41

COFEM - subcorpus do EA (todos os textos).lst

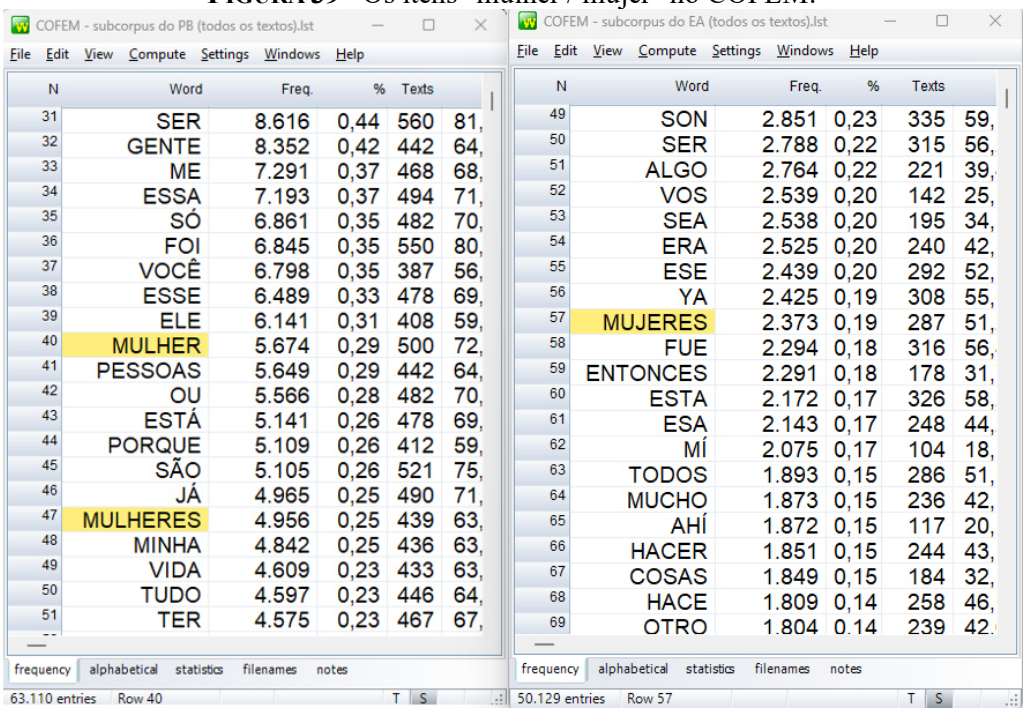
N	text file	file size	tokens (running words) in text	tokens used for word list	types (distinct words)	type/token ratio (TTR)
1	Overall	9.783.444	1.247.683	1.228.610	50.129	4,08
2	CPv - E14 - Concha JUGUET	76.027	13.324	13.279	2.246	16,91
3	CPv - E13 - Concha CIERRE	62.069	11.252	11.233	1.924	17,13
4	CPv - E12 - Concha TWITCH	89.177	15.888	15.826	2.381	15,04
5	CPv - E11 - Concha BOMBAC	98.513	17.321	17.248	2.605	15,10
6	CPv - E10 - Concha CASI AL	87.111	15.667	15.628	2.221	14,21
7	CPv - E09 - Concha TETAS.t	90.982	15.909	15.827	2.570	16,24
8	CPV - E08 - Concha HATER.	81.422	14.603	14.572	2.246	15,41
9	CPv - E07 - Concha CORPIÑ	51.380	8.972	8.919	1.732	19,42
10	CPv - E06 - CONCHA AL VO	77.816	14.101	14.035	2.231	15,90
11	CPv - E05 - Concha FORRO.	65.897	11.547	11.494	1.981	17,24
12	CPv - E04 - Concha TRASTC	67.797	12.015	11.987	1.921	16,03
13	CPv - E03 - CONCHA APPS	74.869	13.587	13.527	2.143	15,84
14	CPv - E02 - Concha GHOSTE	92.035	16.407	16.355	2.490	15,22
15	CPv - E01 - Concha VIEJA.tx	103.451	18.517	18.279	2.693	14,73
16	EDP -E25 - Sandra Chagas -	29.074	4.925	4.892	1.235	25,25
17	EDP - E27 - Agostina Mileo y	39.892	6.801	6.758	1.536	22,73
18	EDP - E26 - Pequeñas anécd	39.443	6.891	6.860	1.440	20,99
19	EDP - E26 - Mientras miro las	42.383	7.348	7.320	1.578	21,56
20	EDP - E25 - Sandra Chagas.t	29.074	4.929	4.897	1.237	25,26

Fonte: WST

Na Figura 38, é possível visualizar os dados estatísticos de modo comparado. O s*ubcorpus* do PB possui um número maior de textos, total de 688, se comparado ao *subcorpus* do EA, com 561 textos. Na questão forma/item, os *corpora* se aproximaram, pois o *ratio* foi de 3,23 e 4,08, respectivamente. O número de itens diferentes também foi próximo, sendo que no *subcorpus* do PB foi 63.110 e no do EA foi 50.129.

Para iniciar a exploração do COFEM, parto da observação dos contextos de utilização do vocábulo mulher/*mujer* - como já mencionado -, sempre observando os itens que "sombreiam" esse vocábulo. Em um segundo momento, ao identificar o alto número de ocorrências desse vocábulo em ambos os *subcorpora*, passo a observar a utilização de outros itens, através das temáticas relacionadas ao corpo e sexualidade femininos. A seguir, a Figura 39 mostra que os itens "mulher" e "mulheres" estão situados na 40ª e 47ª posição na *wordlist* do *subcorpus* do PB. Já no *subcorpus* do EA esses itens estão na posição 103ª e 57ª, respectivamente, o que indica uma frequência menor do que no *subcorpus* do PB. Conforme mostra a imagem a seguir, o item "*mujer*" não pode ser visto na imagem devido a sua posição mais "distante" na lista.

FIGURA 39 - Os itens "mulher / mujer" no COFEM.



COFEM - subcorpus do PB (todos os textos).lst

File Edit View Compute Settings Windows Help

N	Word	Freq.	%	Texts	
31	SER	8.616	0,44	560	81,
32	GENTE	8.352	0,42	442	64,
33	ME	7.291	0,37	468	68,
34	ESSA	7.193	0,37	494	71,
35	SÓ	6.861	0,35	482	70,
36	FOI	6.845	0,35	550	80,
37	VOCÊ	6.798	0,35	387	56,
38	ESSE	6.489	0,33	478	69,
39	ELE	6.141	0,31	408	59,
40	MULHER	5.674	0,29	500	72,
41	PESSOAS	5.649	0,29	442	64,
42	OU	5.566	0,28	482	70,
43	ESTÁ	5.141	0,26	478	69,
44	PORQUE	5.109	0,26	412	59,
45	SÃO	5.105	0,26	521	75,
46	JÁ	4.965	0,25	490	71,
47	MULHERES	4.956	0,25	439	63,
48	MINHA	4.842	0,25	436	63,
49	VIDA	4.609	0,23	433	63,
50	TUDO	4.597	0,23	446	64,
51	TER	4.575	0,23	467	67,

frequency alphabetical statistics filenames notes

63.110 entries Row 40

COFEM - subcorpus do EA (todos os textos).lst

File Edit View Compute Settings Windows Help

N	Word	Freq.	%	Texts	
49	SON	2.851	0,23	335	59,
50	SER	2.788	0,22	315	56,
51	ALGO	2.764	0,22	221	39,
52	VOS	2.539	0,20	142	25,
53	SEA	2.538	0,20	195	34,
54	ERA	2.525	0,20	240	42,
55	ESE	2.439	0,20	292	52,
56	YA	2.425	0,19	308	55,
57	MUJERES	2.373	0,19	287	51,
58	FUE	2.294	0,18	316	56,
59	ENTONCES	2.291	0,18	178	31,
60	ESTA	2.172	0,17	326	58,
61	ESA	2.143	0,17	248	44,
62	MÍ	2.075	0,17	104	18,
63	TODOS	1.893	0,15	286	51,
64	MUCHO	1.873	0,15	236	42,
65	AHÍ	1.872	0,15	117	20,
66	HACER	1.851	0,15	244	43,
67	COSAS	1.849	0,15	184	32,
68	HACE	1.809	0,14	258	46,
69	OTRO	1.804	0,14	239	42,

frequency alphabetical statistics filenames notes

50.129 entries Row 57

Fonte: WST.

Posteriormente, os itens lexicais de interesse, aqueles identificados com a ajuda da *wordlist* e escolhidos através da observação das temáticas do *corpus*, foram organizados por campos lexicais e semânticos. Assim, foram definidos cinco campos, a saber: **Políticas Públicas** para mulheres, como leis nomeadas a partir de nomes de mulheres e nomes de instituições para mulheres, exemplos encontrados no COFEM são *Maria da Penha, Ley Micaela* e *Delegacia da Mulher, Ministerio de la Mujer.*

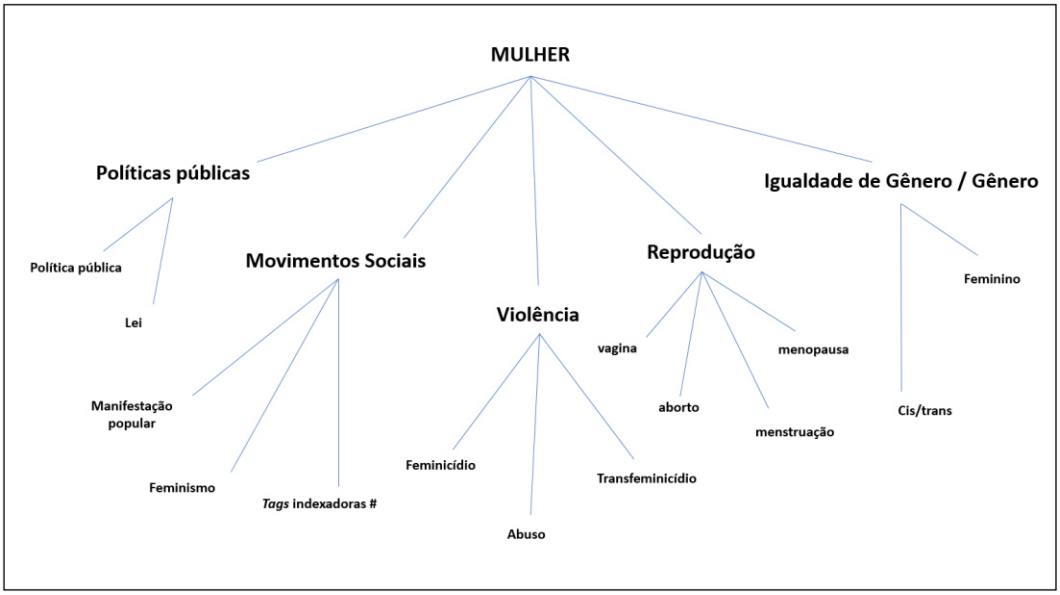
Já o campo **Movimentos Sociais**, enquadra expressões como *movimento de libertação das mulheres* e *mujeres cannábicas*, nomes de manifestações como *Marcha das Vadias*, *Marcha de las mujeres*, etiquetas indexadoras, chamadas popularmente de *hashtags* [156] , como *#porqueemulher* e *#niunamenos.* O próprio vocábulo *feminismo,* com os exemplos *feminismo negro* e *feminismo de masas*.

O campo **Violência** foi definido a partir dos itens lexicais *feminicídio/femicidio* e *transfeminicídio/transfemicidio* e do item *abuso* em detrimento dos principais tipos de violência contra a mulher. No quarto campo, intitulado **Reprodução**, interessa observar vocábulos tabus como *menstruação/ menstruación*, *menopausa/ menopausia*, *vagina* e *aborto*. Por último, o campo lexical nomeado como **Identidade de gênero / Gênero**, foi definido a partir da utilização

[156] Segundo o Dicio, hashtag é um recurso de agrupamento que identifica grupos e conteúdos específicos, através do símbo cerquilha (#) antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual o esse símbolo se relacionada. Disponível em: https://www.dicio.com.br/hashtag/

dos vocábulos, *feminino/ femenino, cisgênero/ cisgénero* e *transgênero/transgénero*, também as formas abreviadas *cis* e *trans*, como por exemplo as associadas ao vocábulo mulher/*mujer* - recorrentes no COFEM -, como *mulher cis* e *mujer trans*. A seguir, a Figura 40 ilustra essa separação:

FIGURA 40 - Campos lexicais e semânticos estabelecidos para o item Mulher.



Fonte: A autora.

A figura apresentada foi elaborada para auxiliar a classificação das temáticas relacionadas a MCS encontradas no COFEM e para definir quais outros vocábulos seriam ponto de "entrada" no *corpus.* As análises iniciais partiram da exploração dos vocábulos *mulher(es)* e *mujer(es)* e do campo "reprodução", observando especificamente o item *xereca*, utilizado como sinônimo para *vagina*[157] em PB e *concha* em EA. Então, motivada pelo interesse em tabuísmos linguísticos, por perceber um aumento nas menções à genitália feminina em diferentes espaços nas mídias digitais, iniciei a exploração do *corpus*.

Posteriormente, identifiquei, através do SE, que vários desses itens lexicais são palavras-chave no *subcorpus* do PB e do *subcorpu*s do EA, o que fez com que eu mantivesse o foco de observação nesses vocábulos. A seguir, apresento uma imagem da ferramenta *Keywords*, do SE, com os resultados para o *subcorpus* do PB (Figura 41):

[157] Também fui influenciada pelo episódio "Pussy" da série documental "A história do Palavrão (History of Swear Words, 2021), da Netflix. São 6 episódios, cada um dedicado a um palavrão em língua inglesa. O episódio 5 é sobre o vocábulo "pussy" e conta como o vocábulo se transformou em uma ofensa, até ser utilizado por rappers em suas letras como orgulho, poder e autonomia.

FIGURA 41 - Keywords *subcorpus* do PB, no Sketch Engine



Fonte: Sketch Engine.

A imagem mostra os 100 primeiros itens identificados, organizados em lista. Os vocábulos considerados chave são apresentados em ordem de *chavicidade*. Os itens em destaque são aqueles que interessam a pesquisa. Na décima posição está *vagina,* já o tabuísmo *xereca* está na 81ª posição. A seguir, a lista completa dos itens chave que são de interesse desta pesquisa, observados os 300 primeiros itens da lista de *Keywords* foram organizados no Quadro 3:

QUADRO 3 - Keywords *subcorpus* do PB

vagina, vulva, abortar, aborto, feminismo, xereca, vaginal, feminista, clitóris, pepeca, vaginas, mulherada, menstruar, mulherão, menopausa, mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

A mesma ferramenta do SE permite observar as palavras-chave compostas por mais de um item. Ao observar os resultados, foram identificados diversos candidatos a UFs, as quais foram organizadas no Quadro 4:

QUADRO 4 - Keywords multi-word terms, do *subcorpus* do PB.

Mulher + adj. (+)	**Mulher + adj. (-)**	**Mulher + cor, raça, classe, origem, id. género**	**Mulher + militância**
mulher maravilhosa mulher inteligente mulher incrível mulher linda mulher fantástica mulher forte mulher inteligentíssima	mulher pobre mulher chata mulher madura mulher psicopata	mulher negra mulher trans mulher branca mulher preta mulher brasileira	mulher feminista

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos exemplos expostos no quadro anterior, é possível perceber que os atributos utilizados para representar mulheres são avaliações no campo da ética e da estética e os exemplos foram em sua maioria positivos, demostrando a utilização recorrente de adjetivos como "maravilhosa", "inteligente", "incrível" e "linda". Com relação aos atributos negativos, as avaliações partem dos mesmos campos e reforçam a negação a questões estéticas e éticas. Nesse grupo, destaca-se a UF *mulher madura*, a qual será analisada de modo mais detalhado na seção 5.

Outras colocações que foram consideradas chave e que despertaram atenção foram aquelas que se referiam ao corpo, à vida, à solidão e à sexualidade. Esses itens estão destacados no Quadro 5, a seguir:

QUADRO 5 - Keywords multi-word terms *subcorpus* do PB

corpo da mulher, vida das mulheres, solidão da mulher, o corpo das mulheres, vida da mulher, parte da vida das mulheres, solidão da mulher negra, mulher com mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

Os itens destacados evidenciam o uso de UFs transparentes e que são utilizadas com frequência como *vida das mulheres* e *corpo das mulheres*. Já os resultados *solidão da mulher* e *solidão da mulher negra*, trazem à tona um tema problematizado por movimentos feministas. Por último, interessante destacar *mulher com mulher*, esta é uma expressão preconceituosa utilizada para se referir ao relacionamento lésbico, portando relacionado à sexualidade.

Faz-se necessário destacar que a partir das análises dos contextos da UF *mulher negra*, motivada pelo elevado número de ocorrências dessa colocação em PB, identifiquei um léxico negativo orbitando essa UF, o que não ocorreu em EA, como mostram os exemplos do Quadro 6, a seguir:

QUADRO 6 - *Mulher negra* em PB

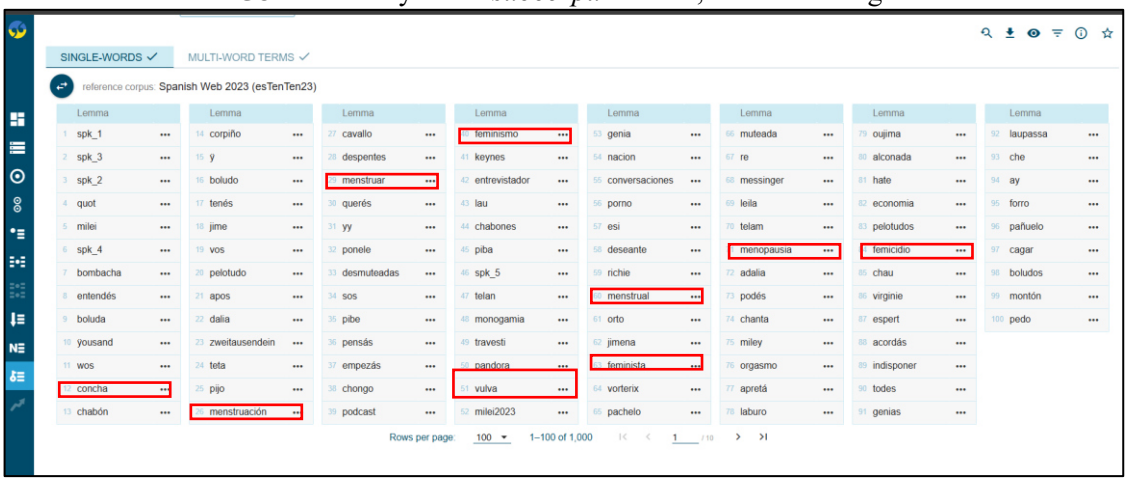
PB	
Mulher negra e moradora da favela	Mulher negra e periférica
Mulher negra da favela	Mulher negra guerreira
Mulher negra e oriunda da favela	Mulher negra lutadora
Mulher negra favelada	Mulher negra vítima de violência

Mulher preta, pobre e periférica	Mulher preta de periferia
Solidão da mulher negra	Mulheres negras pobres

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a análise do *subcorpus* do EA o mesmo processo foi repetido, a saber: observar os usos das palavras-chave por meio da ferramenta *Keywords* do SE; destacar os itens de interesse; observar e destacar os *multi-word terms*. A seguir uma imagem (Figura 42) para ilustrar essa etapa realizada no *subcorpus* do EA:

FIGURA 42 - Keywords *subcorpus* do EA, no Sketch Engine



Fonte: Sketch Engine.

Dos vocábulos considerados chave, *concha,* na posição 12ª, e *vulva,* na posição 51ª, demonstram um contexto semelhante nos dois *subcorpora* em que aparecem os itens tabu de duas maneiras, uma forma metafórica, conotativa e outra literal, denotativa. A seguir, apresento a lista completa (Quadro 7) dos itens chave que se relacionam com reprodução, observados os 300 primeiros casos:

QUADRO 7 - Keywords *subcorpus* do EA.

concha, menstruación, menstruar, vulva, menopausia, menstruante, aborto, menstruo, vagina, menstrúan, abortar, calocha

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, como em PB, as palavras-chave compostas apontaram para candidatos a UF em EA. Diferentemente, não foram encontrados muitos adjetivos com carga positiva ou negativa nos primeiros 300 casos. A seguir, apresento o Quadro 8, com as ocorrências organizadas:

QUADRO 8 - Keywords multi-word terms, do *subcorpus* do EA.

Mujer + identidad de género	**Mujer + color, etnia**	**Mujer +, origen**	**Mujer + militancia**	**Mujer + sexualidad**
Mujer cis Mujer trans	Mujer negra	Mujer argentina	Mujer feminista	Mujer lesbiana

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos resultados expostos no quadro anterior, fica evidente que os itens considerados chave, não possuem o mesmo tipo de carga avaliativa que ocorreu nos exemplos em PB. Entretanto, importante destacar a UFs *mujer trans* e *mujer negra* são consideradas vocábulos chaves nos dois *subcorpora.* Também ocorreram exemplos considerados chave relacionados ao corpo e ao comportamento de mulheres, conforme mostra o Quadro 9, a seguir:

QUADRO 9 – keywords multi-word, do *subcorpus* do EA.

cuerpo de las mujeres, salud de las mujeres, derechos de las mujeres, vida de las mujeres, mujer al volante

Fonte: Elaborado pela autora.

De modo semelhante ao PB, os itens destacados em EA são UFs transparentes, que usadas frequentemente indicam temáticas abordadas no *corpus*, como *cuerpo de las mujeres* e *derechos de las mujeres.* Já o resultado *mujer al volante,* foi uma colocação interessante que apontou para o uso de uma UF popular "*mujer al volante, peligro constante*", a qual será descrito na seção 5.

Depois desse trabalho analisando as palavras-chave e comparando os resultados dos *subcorpora,* passei a observar as *wordlists* geradas pelo SE. Com essa ferramenta, pude identificar que *mulher*, no *subcorpus* do PB e *mujer* no *subcorpus* do EA foram o "nome" mais recorrente, demonstrando mais um ponto de convergência entre os *subcorpora.*

Em relação aos processos que mais ocorreram em ambos *os subcorpora* com os itens *mulher/mujer*, os tipos que mais se destacaram foram os existenciais, mentais, comportamentais e verbais. Mas há exemplos com todos os tipos de processos. A seguir, apresento os resultados encontrados lado a lado (Quadro 10):

QUADRO 10 - processos mais frequentes no COFEM.

Mulher + verbo	**Mujer + verbo**
Ser, ter, ir, estar, querer, poder, fazer, dever, falar, **sofrer**, passar, precisar, abortar, ficar, **morrer**, saber, sentir, dizer, gostar, usar, dar	Gustar, ser, haber, **morir**, asesinar, nacer, empoderar, **sufrir**, internar, vestir, ver, encontrar

Fonte: Elaborado pela autora.

Há processos que se repetem em ambos os idiomas, mas o que se destacou nesse momento foram *morrer* e *sufrir,* os quais foram usados para descrever não apenas experiências pessoais, mas também questões sociais mais amplas que afetam as mulheres nesses países. O processo "morrer" é classificado como um processo comportamental, pois descreve uma ação fisiológica. Já o processo "sofrer" é classificado como mental, pois expressa um estado interno relacionado a sentimentos e sensações. Ao inverter a ordem sintática, os processos mais recorrentes foram os do Quadro 11:

Quadro 11 - processos mais frequentes no COFEM 2.

Verbo + mulher	**Verbo + mujer**
Ver, amar, ouvir, existir, gostar, conhecer, representar, ter, ajudar, julgar, deixar, colocar	Poder, tener, querer, ir, deber, necesitar, sufrir, hacer, marchar, trabajar, participar, saber, vivir, poner, llegar, consumir, volver, tomar, decir, empezar, seguir

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste caso, chamam atenção os processos *julgar* e *sufrir*, os quais apontam para questões sociais que afetam brasileiras e argentinas, como a violência de gênero. "Julgar" é um processo verbal do tipo mental, pois envolve uma atividade de pensamento, avaliação, isto é, julgamento realizado pelo sujeito. Por último, antes de passar a observação em recortes do COFEM, identifiquei todas as formas que poderiam ser agrupadas nos lemas *mulher* e *mujer*. Os resultados demonstraram usos no aumentativo, diminutivo e coletivo, por exemplo, conforme mostra a Tabela 6, a seguir:

TABELA 6 - Resultados a partir do lema *mulher/mujer* no COFEM.

Subcorpus do PB	Frequência	Subcorpus do EA	Frequência
Mulher	5.674	Mujeres	2.373
Mulheres	4.956	Mujer	1.319
Mulherada	83	Ex mujer	6
Mulherão	34	Mujercitas	1
Mulherzinha	23	Mujeril	1
Ex-mulher	9	Mujerón	1
Mulheridade	7	Mujermente	1
Mulherões	4	Mujerzuela	1
Mulheraço	3		
Mulherengo	2		
Mulherzinhas	2		
Pró-mulheres	2		
Ex-mulheres	1		
Mulheradas	1		
Mulheridades	1		
Mulherista	1		
Mulherzita	1		

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados encontrados demonstraram uma variedade maior em PB, em comparação ao EA. Entretanto, ainda assim, houve pontos de proximidade como por exemplo a utilização do diminutivo pejorativo *mulherzinha* e *mujercita*. Também houve correspondência entre o aumentativo, aquele usado de forma positiva, relacionado à estética, o *mulherão* e *mujerón.* Esses resultados serão retomados na seção seguinte quando abordados em seus contextos de uso. Em termos de neologismos, interessante destacar o termo *mulheridade*, em PB, o qual ainda não está dicionarizado e, em EA, o adverbio *mujermente.*

Para os demais vocábulos de interesse desta pesquisa, esse processo foi repetido, a saber: observação da lista de palavras, observação das estatísticas de uso, dos colocados e dos *clusters*. Porém, os dados encontrados serão apresentados durante as análises dos itens, na próxima seção. Nessa etapa, farei a identificação dos usos das lexias de interesse através das ferramentas *wordlist*, *concord* e análise dos padrões de uso. A seguir, encontram-se pequenas análises dos *subcorpora* em termos de fonte e registro. Esses recortes permitem identificar diferenças nos usos de um tipo de fonte para outra, bem como a distribuição dos itens de interesse.

Com relação à dispersão, interessa saber o quão igualmente ou não os itens analisados estão dispostos em diferentes textos e, portanto, distribuídas no *corpus*. Esses itens aparecem em apenas um *subcorpus* ou são característicos de vários textos? Em termos de conectividade,

quais as redes de colocação estão relacionadas? Elas se repetem nos *subcorpora* analisados? Quais os vocábulos que se associam mais frequentemente? Para responder a esses questionamentos, o mesmo processo de investigação foi realizado nos *subcorpora* que integram o COFEM.

4.2. Análises baseadas no *subcorpus* de transcrições de *videocasts*

Conforme descrito anteriormente, o *subcorpus* de textos transcritos, pode ser dividido em transcrições de *videocasts* e de *podcasts*. Portanto, a seguir são apresentadas análises descritivas do *subcorpus* de *videocasts,* primeiramente em PB e depois em EA.

4.2.1. Em PB

O *subcorpus* de transcrições de *videocasts* em PB possui 32. 047 formas e 3.596 itens. Neste recorte do COFEM, foi possível identificar que os itens *mulher(es)* ocorreram 343 vezes. Os itens mais recorrentes em conjunto com *mulher(es)* e que se destacaram foram organizados na Tabela 7, a seguir:

TABELA 7 - Resultados *subcorpus* de transcrições em PB.

Mulher + adjetivo	Frequência
Mulher negra	20
Mulher trans	13
Mulher gorda	4
Mulher contemporânea	3
Mulher plus	2
Mulheres hétero	2
Mulher *hold*	2
Mulheres cis	2
Mulheres solidárias	2
Mulher branca/ mulheres brancas	2
Mulheres fortíssimas Mulher forte	2

Fonte: A autora.

Nesta etapa, foi possível identificar que UFs transparentes como *mulher negra* e *mulher trans,* são recorrentes devido ao número de ocorrências encontrado. Outros candidatos a UFs se destacaram como *porque é mulher*, *só podia ser mulher* e *nós, mulheres,* apresentados na Tabela 8, a seguir:

TABELA 8 - Resultados *subcorpus* de transcrições PB.

Candidato a UF	Frequência
Só podia ser mulher	3
Porque é mulher	4
Nós mulheres	8

Fonte: A autora.

Esses resultados demonstram como existem expressões que ilustram uma ideia de que certas situações ou comportamentos são esperados ou atribuídos às mulheres devido a estereótipos de gênero. Especialmente a UF *só podia ser mulher* pode ser vista como uma crítica às expectativas, que muitas vezes estão ancoradas a construções sociais que colocam as mulheres em papéis limitados. Já a UF *nós mulheres*, demonstra como o discurso está alinhado à coletividade, demonstrando a voz de um grupo de pessoas.

Também encontrei, nesse recorte do COFEM, expressões recorrentes com a construção sintática preposição + artigo + *mulher*, como por exemplo: *objetificação da mulher, hipersexualização da, padrão da mulher, solidão da mulher, vida das mulheres, coisa de mulher, lugar de mulher, violência contra a mulher.*

O binômio *homem e mulher* também foi recorrente, ocorrendo mais na forma plural *homens e mulheres*. Uma variação dessa UF é *homem ou mulher*, o qual também ocorreu nesse recorte do *corpus*.

Com relação aos processos, nesse recorte do *corpus*, os itens mais recorrentes utilizados em conjunto com os itens *mulher(es*), foram: *estar, ir, ser, ter, fazer, poder, entender, falar, ver, reproduzir, vestir e sentir.*

4.2.2. Em EA

No *subcorpus* de transcrições de *videocasts* em EA, há 233.030 formas e 11.732 itens. Nesse recorte do COFEM foram identificadas 339 ocorrências dos itens *mujer(es).* A seguir, apresento os itens que mais coocorreram com o vocábulo de interesse (Tabela 9):

TABELA 9 - Resultados *subcorpus* de transcrições de EA.

Mujer + adjetivo	Frequência
Mujeres viejas	3
Mujeres mecánicas	2
Mujeres conductoras	2

Mujeres jóvenes	2
Mujeres grandes	2

Fonte: A autora.

A partir desses resultados, é possível notar que, diferente do *subcorpus* de *videocasts* transcritos em PB, o recorte em EA mostrou combinações recorrentes diferentes, como o reforço de gênero aplicado aos exemplos *mujer mecánica* e *mujer conductora*. Repetições como as encontradas nesse recorte do *corpus* demonstram que há uma preocupação em reforçar o gênero e desafiar os estereótipos tradicionais associados à direção e à mecânica de automóveis, que historicamente tem sido considerados domínios masculinos. Assim, essas estruturas demonstram a busca não só por visibilidade, mas também promovem o empoderamento, desafiando estereótipos e fomentando a mudança cultural através da inclusão. Entretanto, as demais ocorrências destacadas demonstram que os temas se repetem, como a idade e a forma do corpo das mulheres. Outros candidatos a UFs que se destacaram foram: *mujer al volante* e *mujer al volante, peligro constante* (Tabela 10):

TABELA 10 - Resultados *subcorpus* de transcrições EA.

Candidato a UF	Frequência
Mujer al volante	8
Mujer al volante, peligro constante	1

Fonte: A autora.

Os exemplos destacados na tabela acima, demonstram que o tema da mobilidade feminina é recorrente no *subcorpus*. Nos textos analisados, há um destaque para o tema devido ao preconceito existente na sociedade argentina, de que as mulheres não são tão boas motoristas quanto os homens. Portanto, o candidato a UF *mujer al volante*, não se refere apenas ao ato de dirigir, mas também a um movimento mais amplo, que objetiva empoderar mulheres no âmbito da mobilidade urbana.

O binômio *hombre y mujer* também se destacou, haja vista a sua recorrência. No entanto, diferente do PB, o binômio contendo a forma plural é diferente, tanto a ordem dos vocábulos quanto o item *varón,* como é o caso de *mujeres y varores*.

Com relação aos processos utilizados em conjunto com os itens *mujer(es),* os mais frequentes foram: *querer, buscar, empezar, necesitar, venir, poder, tener e decir*.

4.2.3. Contraste

Ao observar os *subcorpora* de transcrições de *videocasts*, em uma perspectiva contrastiva, é possível perceber pontos de aproximação, mas também de afastamento. Partindo das temáticas tratadas nos episódios analisados, é possível afirmar que os assuntos abordados em PB giram em torno das temáticas: solidão da mulher negra, das expectativas e pressões sociais que as mulheres enfrentam, da solidariedade feminina, da violência contra a mulher, dos padrões de beleza e representatividade e da desconstrução de mitos relacionados às mulheres.

Já os temas abordados em EA são os seguintes: o envelhecimento das mulheres, o sofrimento após separações conjugais, a saúde e diversidade sexual femininas, os relacionamentos e a vulnerabilidade emocional, a cultura do ódio e a violência contra as mulheres nos ciberespaços e a autoaceitação de mulheres em relação às expectativas sociais.

Apesar das discussões envolverem temas semelhantes, as unidades destacadas também apontaram para diferenças como a discussões sobre a situação de mulheres negras no Brasil.

4.3. Análises baseadas no *subcorpus* de transcrições de *podcasts*

Nesta subseção, apresento os resultados da exploração de parte do *subcorpus* de textos transcritos, o s*ubcorpus* de transcrições de *podcasts.* Começo pelos resultados em PB, para em seguida, partir para os resultados em EA.

4.3.1. Em PB

O *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em PB é composto por 443.871 formas. Nesse *subcorpu*s, há 1.406 ocorrências dos itens *mulher(es).* Os itens que mais ocorreram em conjunto com *mulher(es)* foram:

TABELA 11 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* EA.

Mulher + adjetivo	Frequência
Mulher negra Mulheres negras	49
Mulher trans Mulheres trans	19
Mulheres eleitas Mulher eleita	11
Mulheres brasileiras Mulher brasileira	13
Mulher forte	9

Mulheres brancas Mulher branca	5
Mulher cis	5
Mulheres rurais	5
Mulheres evangélicas	4
Mulheres potiguares	3
Mulher nua	3
Mulheres velhas	3

Fonte: A autora.

Neste *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em PB, também foi possível observar padrões de uso de candidatos a UFs a partir de temáticas, como "cor da pele" e/ou "raça/etnia", "identidade de gênero/gênero", "classe social", "sexualidade", "origem", "estado de ânimo" e "política". A seguir, no Quadro 12, apresento os resultados encontrados agrupados em "cor da pele" e/ou "raça/etnia":

Quadro 12 - Candidatos a UFs *subcorpus* transcrições de *podcasts* em PB.

Mulheres brancas, mulheres e pessoas negras, mulheres não brancas, mulheres negras, mulheres indígenas

Fonte: a autora.

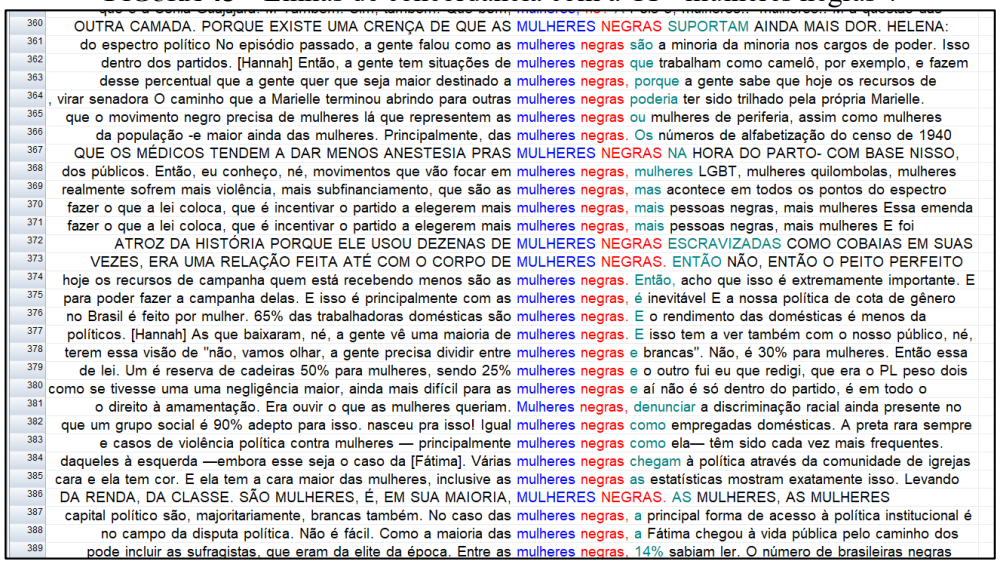
Os resultados demonstram a utilização de diferentes classificações para se referir, caracterizar, identificar mulheres a partir de sua etnia/raça. O que ficou evidente devido, principalmente, à quantidade de ocorrências encontradas é que os participantes dos programas buscam evidenciar, através de suas escolhas linguísticas, características étnicas e raciais para se referir ao público feminino.

Neste recorte analisado, os destaques foram a UF *mulher negra* e sua forma no plural, *mulheres negras*. Na figura a seguir, a UF *mulheres negras,* nos contextos apresentados, aparece de modo sistemático associado a complementos de sentido negativo, marcados por desprestígio social, exclusão histórica e vulnerabilidade social. Trata-se de uma construção linguística que aponta não apenas para uma identidade social, mas também para uma posição marcada pela interseccionalidade entre gênero, raça e classe.

Os enunciados vinculam a mulher negra a condições de subalternidade como trabalho informal ou doméstico, violência, analfabetismo e negação de direitos, reforçando semanticamente a representação de uma mulher historicamente marginalizada. Essa recorrência discursiva não é neutra, ela reflete e reproduz relações sociais desiguais, o que contribui para uma naturalização de "hierarquias raciais" e de gênero. Desse modo, a linguagem funciona

como veículo de manutenção simbólica de exclusão, ao reiterar sentidos que associam a mulher negra à invisibilidade, à dor e à precariedade. A seguir, a lista de ocorrências, em PB, demonstra isso (Figura 43):

FIGURA 43 – Linhas de concordância com a UF "mulheres negras".



360	OUTRA CAMADA. PORQUE EXISTE UMA CRENÇA DE QUE AS	MULHERES NEGRAS	SUPORTAM AINDA MAIS DOR. HELENA:
361	do espectro político No episódio passado, a gente falou como as	mulheres negras	são a minoria da minoria nos cargos de poder. Isso
362	dentro dos partidos. [Hannah] Então, a gente tem situações de	mulheres negras	que trabalham como camelô, por exemplo, e fazem
363	desse percentual que a gente quer que seja maior destinado a	mulheres negras,	porque a gente sabe que hoje os recursos de
364	, virar senadora O caminho que a Marielle terminou abrindo para outras	mulheres negras	poderia ter sido trilhado pela própria Marielle.
365	que o movimento negro precisa de mulheres lá que representem as	mulheres negras	ou mulheres de periferia, assim como mulheres
366	da população -e maior ainda das mulheres. Principalmente, das	mulheres negras.	Os números de alfabetização do censo de 1940
367	QUE OS MÉDICOS TENDEM A DAR MENOS ANESTESIA PRAS	MULHERES NEGRAS	NA HORA DO PARTO- COM BASE NISSO,
368	dos públicos. Então, eu conheço, né, movimentos que vão focar em	mulheres negras,	mulheres LGBT, mulheres quilombolas, mulheres
369	realmente sofrem mais violência, mais subfinanciamento, que são as	mulheres negras,	mas acontece em todos os pontos do espectro
370	fazer o que a lei coloca, que é incentivar o partido a elegerem mais	mulheres negras,	mais pessoas negras, mais mulheres Essa emenda
371	fazer o que a lei coloca, que é incentivar o partido a elegerem mais	mulheres negras,	mais pessoas negras, mais mulheres E foi
372	ATROZ DA HISTÓRIA PORQUE ELE USOU DEZENAS DE	MULHERES NEGRAS	ESCRAVIZADAS COMO COBAIAS EM SUAS
373	VEZES, ERA UMA RELAÇÃO FEITA ATÉ COM O CORPO DE	MULHERES NEGRAS.	ENTÃO NÃO, ENTÃO O PEITO PERFEITO
374	hoje os recursos de campanha quem está recebendo menos são as	mulheres negras.	Então, acho que isso é extremamente importante. E
375	para poder fazer a campanha delas. E isso é principalmente com as	mulheres negras,	é inevitável E a nossa política de cota de gênero
376	no Brasil é feito por mulher. 65% das trabalhadoras domésticas são	mulheres negras.	E o rendimento das domésticas é menos da
377	políticos. [Hannah] As que baixaram, né, a gente vê uma maioria de	mulheres negras.	E isso tem a ver também com o nosso público, né,
378	terem essa visão de "não, vamos olhar, a gente precisa dividir entre	mulheres negras	e brancas". Não, é 30% para mulheres. Então essa
379	de lei. Um é reserva de cadeiras 50% para mulheres, sendo 25%	mulheres negras	e o outro fui eu que redigi, que era o PL peso dois
380	como se tivesse uma uma negligência maior, ainda mais difícil para as	mulheres negras	e aí não é só dentro do partido, é em todo o
381	o direito à amamentação. Era ouvir o que as mulheres queriam.	Mulheres negras,	denunciar a discriminação racial ainda presente no
382	que um grupo social é 90% adepto para isso. nasceu pra isso! Igual	mulheres negras	como empregadas domésticas. A preta rara sempre
383	e casos de violência política contra mulheres — principalmente	mulheres negras	como ela— têm sido cada vez mais frequentes.
384	daqueles à esquerda —embora esse seja o caso da [Fátima]. Várias	mulheres negras	chegam à política através da comunidade de igrejas
385	cara e ela tem cor. E ela tem a cara maior das mulheres, inclusive as	mulheres negras	as estatísticas mostram exatamente isso. Levando
386	DA RENDA, DA CLASSE. SÃO MULHERES, É, EM SUA MAIORIA,	MULHERES NEGRAS.	AS MULHERES, AS MULHERES
387	capital político são, majoritariamente, brancas também. No caso das	mulheres negras,	a principal forma de acesso à política institucional é
388	no campo da disputa política. Não é fácil. Como a maioria das	mulheres negras,	a Fátima chegou à vida pública pelo caminho dos
389	pode incluir as sufragistas, que eram da elite da época. Entre as	mulheres negras,	14% sabiam ler. O número de brasileiras negras

Fonte: WST.

A recorrência das UFs *mulher(es) negra(s)* pode ser compreendido como uma evidência de um aceno às perspectivas propostas pelo feminismo negro, decolonial, em que se reconhece a existência desse grupo de pessoas e suas individualidades, isto é, a individualidade de cada ser humano. Com isso, o reconhecimento das consequências estruturais da relação entre duas características de subordinação aponta para ideais interseccionais, os quais compreendem que a interação entre diferentes e múltiplos fatores sociais definem uma pessoa e, deste modo, essas "combinações" motivam diferentes (des)vantagens, corroborando a ideia de que as mulheres são múltiplas e possuem diferentes valores e são lidas de formas distintas na/pela sociedade. Também demonstra a visibilidade dada a essas mulheres negras, as quais foram por vezes "apagadas" da história. Assim, esse movimento demonstra uma reação ao passado. Esses dados demonstram, ainda, um movimento impulsionando a ideia de que as mulheres negras (r)existem e podem ocupar diferentes espaços, bem como a ideia de combater o apagamento dessas mulheres nos textos e, portanto, na história.

Desse modo, a alta frequência de utilização da UF *mulher negra* demonstra não somente a existência dessa parcela da população, como também evidencia um momento de mudança social e discursiva importante. Mendes (2002, p. 156), em seu Dicionário da Mulher, define "mulher negra" como aquela que "é duas vezes discriminada, negra e mulher." Já em outra

definição da autora (Mendes, 2002, p. 172), agora “mulheres negras”, ela discorre sobre a situação dessa parcela de mulheres brasileiras:

> Com dificuldade as mulheres negras, no Brasil, estão se organizando e denunciando que a crueldade do racismo e do machismo incide de modo diferenciado sobre mulheres negras e de tal forma em tamanha profundidade que nenhuma pessoa que não tenha vivenciado a condição de mulher negra, por mais solidário que seja, jamais saberá.

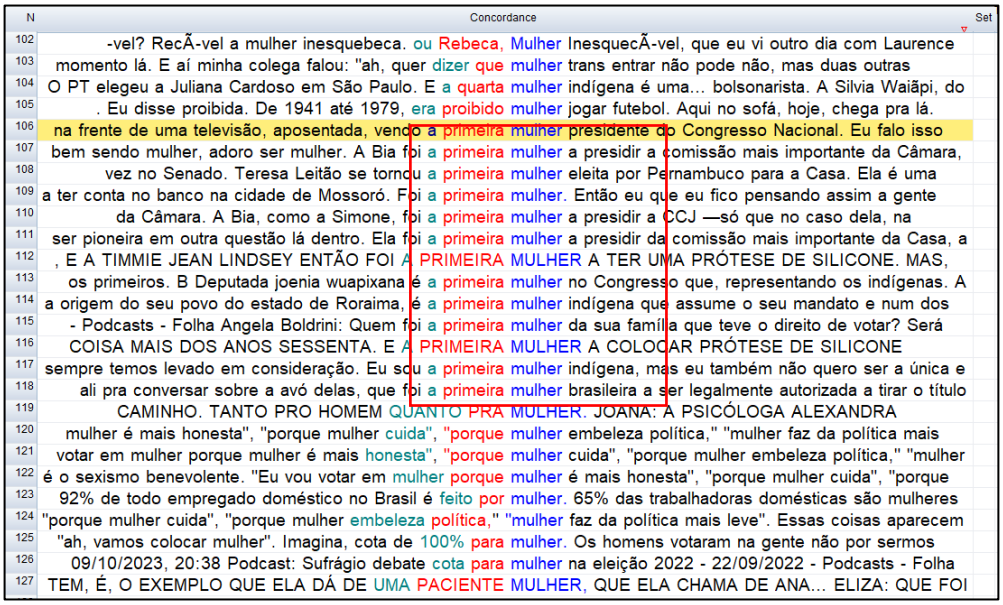
Outro candidato a UF identificada foi *mulheres indígenas*. Assim como as mulheres negras, as indígenas brasileiras enfrentam uma situação marcada por desafios significativos, incluindo violência – tanto físicas quanto estruturais -, marginalização, apagamento e falta de direitos, conforme discutido em um dos episódios que compõem o *subcorpus.*

Mendes (2002, p. 152), no verbete “mulheres índias”, retoma a criação, através da Constituição de1988, da Lei 6001/73, o Estatuto do Índio, acrescentando informações que estavam no Código Civil brasileiro e que alteravam a situação do indígena e da mulher que eram consideradas incapazes. Atualmente, é possível perceber que a situação mudou um pouco, haja vista a alteração do nome da data “Dia do Índio” para “Dia dos Povos indígenas”, em julho de 2022[158]. A mudança ocorreu devido a compreensão de que “índio” é um termo reducionista e pejorativo. Outra evidência de mudança é a eleição de mulheres indígenas para ocupar cargos políticos, como Sônia Guajajara e Célia Xakriabá[159].

Outro dado interessante, identificado neste s*ubcorpus*, foi a ocorrência de *a primeira mulher*, revelando em seus contextos de uso, a marca histórica da exclusão feminina de espaços de autonomia, decisão e poder. A recorrência de *a primeira mulher* é uma construção que celebra conquistas individuais, mas que também expõe as barreiras estruturais enfrentadas por mulheres em diferentes campos sociais. “A primeira mulher” pode ser considerado, portanto, um marco discursivo da desigualdade de gênero, ao mesmo tempo em que demonstra a transformação social e discursiva, destacando a representatividade e as conquistas de mulheres em diferentes contextos sociais. A figura a seguir (Figura 44), ilustra a ocorrência desse dado:

[158] Fonte: https://www.tre-rr.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Abril/brasil-celebra-1o-dia-dos-povos-indigenas-apos-mudanca-em-lei. Acesso em: 5 abr. 2023.
[159] Fonte: https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Politica/noticia/2022/10/quem-sao-mulheres-indigenas-eleitas-deputadas-em-2022.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

FIGURA 44 - Lista de concordâncias com o item *mulher*.



N	Concordance	Set
102	-vel? RecÃ-vel a mulher inesquebeca. ou Rebeca, Mulher InesquecÃ-vel, que eu vi outro dia com Laurence	
103	momento lá. E aí minha colega falou: "ah, quer dizer que mulher trans entrar não pode não, mas duas outras	
104	O PT elegeu a Juliana Cardoso em São Paulo. E a quarta mulher indígena é uma... bolsonarista. A Silvia Waiãpi, do	
105	. Eu disse proibida. De 1941 até 1979, era proibido mulher jogar futebol. Aqui no sofá, hoje, chega pra lá.	
106	na frente de uma televisão, aposentada, vendo a primeira mulher presidente do Congresso Nacional. Eu falo isso	
107	bem sendo mulher, adoro ser mulher. A Bia foi a primeira mulher a presidir a comissão mais importante da Câmara,	
108	vez no Senado. Teresa Leitão se tornou a primeira mulher eleita por Pernambuco para a Casa. Ela é uma	
109	a ter conta no banco na cidade de Mossoró. Foi a primeira mulher. Então eu que eu fico pensando assim a gente	
110	da Câmara. A Bia, como a Simone, foi a primeira mulher a presidir a CCJ —só que no caso dela, na	
111	ser pioneira em outra questão lá dentro. Ela foi a primeira mulher a presidir da comissão mais importante da Casa, a	
112	, E A TIMMIE JEAN LINDSEY ENTÃO FOI A PRIMEIRA MULHER A TER UMA PRÓTESE DE SILICONE. MAS,	
113	os primeiros. B Deputada joenia wuapixana é a primeira mulher no Congresso que, representando os indígenas. A	
114	a origem do seu povo do estado de Roraima, é a primeira mulher indígena que assume o seu mandato e num dos	
115	- Podcasts - Folha Angela Boldrini: Quem foi a primeira mulher da sua família que teve o direito de votar? Será	
116	COISA MAIS DOS ANOS SESSENTA. E A PRIMEIRA MULHER A COLOCAR PRÓTESE DE SILICONE	
117	sempre temos levado em consideração. Eu sou a primeira mulher indígena, mas eu também não quero ser a única e	
118	ali pra conversar sobre a avó delas, que foi a primeira mulher brasileira a ser legalmente autorizada a tirar o título	
119	CAMINHO. TANTO PRO HOMEM QUANTO PRA MULHER. JOANA: A PSICÓLOGA ALEXANDRA	
120	mulher é mais honesta", "porque mulher cuida", "porque mulher embeleza política," "mulher faz da política mais	
121	votar em mulher porque mulher é mais honesta", "porque mulher cuida", "porque mulher embeleza política," "mulher	
122	é o sexismo benevolente. "Eu vou votar em mulher porque mulher é mais honesta", "porque mulher cuida", "porque	
123	92% de todo empregado doméstico no Brasil é feito por mulher. 65% das trabalhadoras domésticas são mulheres	
124	"porque mulher cuida", "porque mulher embeleza política," "mulher faz da política mais leve". Essas coisas aparecem	
125	"ah, vamos colocar mulher". Imagina, cota de 100% para mulher. Os homens votaram na gente não por sermos	
126	09/10/2023, 20:38 Podcast: Sufrágio debate cota para mulher na eleição 2022 - 22/09/2022 - Podcasts - Folha	
127	TEM, É, O EXEMPLO QUE ELA DÁ DE UMA PACIENTE MULHER, QUE ELA CHAMA DE ANA... ELIZA: QUE FOI	

Fonte: WST

Os exemplos encontrados apontam para a participação feminina na política e em espaços de poder. Esse dado pode ser observado a partir do contexto de uso de *mulher indígena,* destacando a existência d*a primeira mulher indígena* a assumir o mandato. A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados:

TABELA 12 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em PB.

Candidato a UF	Frequência
a primeira mulher	1
a primeira mulher eleita	1
a primeira mulher presidente	1
a primeira mulher a presidir a CCJ	1
a primeira mulher a colocar prótese	1
a primeira mulher a ter uma prótese	1
a primeira mulher no Congresso	1
a primeira mulher a presidir	2

Fonte: a autora.

Também foi identificado a ocorrência de UFs que se referem ao corpo feminino, especificamente em relação a sua genitália. Essas ocorrências demonstram o avanço das discussões sobre a diferença entre sexo e sexualidade, entre gênero social e sexo biológico,

sobre estereótipos de gênero etc. Também evidenciam o momento de mudança social e discursiva em relação a essas temáticas, no Brasil. Os itens mais recorrentes foram *mulher cis*, *mulheres transexuais* e *mulheres trans,* conforme a tabela a seguir (Tabela 13):

TABELA 13 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulheres transexuais	1
Mulher cis Mulheres cis	4
Mulheres trans Mulher trans	16

Fonte: A autora.

Os dados mostram que foram usadas com mais frequência as formas abreviadas *trans* e *cis*. No campo "sexualidade", os candidatos a UFs que chamaram a atenção foram:

TABELA 14 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulher de vida fácil	2

Fonte: A autora.

O campo "classe" destacou-se por demonstrar um nível de avaliação negativo. Os exemplos são combinações de distintas características que quando acumuladas demonstram, como em camadas, a subalternidade, a pobreza e o desprestígio, por exemplo. As ocorrências encontradas foram: *mulheres em situação de vulnerabilidade*, *mulheres em situação de prostituição, mulheres de nível universitário*, *mulheres encarceradas* e *mulheres escravizadas*.

Outro campo que se destacou foi "origem". Os candidatos a UFs mais recorrentes foram *mulheres brasileiras*, *mulheres potiguares* e *mulheres rurais,* conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA 15 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulheres potiguares	3
Mulheres rurais	4
Mulheres brasileiras	13

Fonte: A autora.

Mendes (2002, p. 166) define a “mulher rural” através de um poema de Paulo Nunes Batista, de mesmo título que o verbete. Nele, o autor diz que a vida da mulher rural é lutar. Ele descreve as características físicas negativas e psicológicas desse grupo de mulheres, cita a rotina de trabalho de cuidado realizado em casa com a família, a submissão e devoção ao marido, cita o casamento ainda na adolescência\ juventude e o número alto de filhos. Os principais vocábulos usados para caracterizar essa “mulher rural” do poema são: mãe, esposa, companheira, heroína, dedicada, esquecida.

Já sobre o candidato a UF *mulheres brasileiras*, Mendes (2002, p. 141) no verbete “mulher brasileira” aponta para situação de desvalorização e submissão desse grupo de pessoas. Segundo a autora, “na imensa vastidão do território nacional, o machismo impera e domina”. Ela ainda descreve as diferentes, porém negativas situações das mulheres do interior do país e as dos centros, criando uma dualidade: a serva constante e permanente do homem e mulheres pouco mais independentes, respectivamente. Portanto, destaca-se as diferentes realidades das mulheres brasileiras.

No campo da “política”, os resultados encontrados evidenciam a marcação do gênero feminino em espaços historicamente ocupados por homens como por exemplo “mulheres parlamentares”, “mulheres candidatas” e “mulher na política”. Ao nomear mulheres com base em sua atuação política ou ideológica, tais expressões revelam relações assimétricas de poder e reforçam a percepção de que a presença feminina nesses contextos ainda é vista como exceção, em outras palavras, a presença de mulheres nesses espaços ainda é vista como algo fora do padrão histórico, que foi construído associado a figura masculina. Encontrei, no *subcorpus*, um número maior de ocorrências relacionadas a essa temática, conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA 16 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulheres parlamentares	1
Mulheres de esquerda	1
Mulheres engajadas	1
Mulheres candidatas	2
Mulheres feministas Mulher feminista	2
Mulheres eleitas Mulher eleita	11

Mulheres na política Mulher na política	11

Fonte: A autora.

Os dados mostram que a UF *mulher na política* é a mais recorrente, o que aponta para um contexto em que menciona e discute esse assunto, ainda que pouco. Por último, identifiquei os candidatos a UFs a partir dos atributos, como por exemplo *mulheres loucas* e *mulheres competitivas*. Mais uma vez, esses são atributos que podem ser negativos, a depender da situação, quando usados como xingamento ou apontado como característica negativa. Logo, eles podem apontar para contextos de desvalorização da figura feminina.

4.3.2. Em EA

O *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em EA possui 646,891 formas. Os itens *mujer(es)* ocorreram 1.525 vezes. Os itens que mais coocorreram foram (Tabela 17):

TABELA 17 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcast* em EA.

Candidato a UF	Frequência
Mujeres King Kong	1
Mujeres directoras	1
Mujer indígena	3
Mujer argentina	3
Mujer poderosa	3
Mujer afrodescendiente Mujeres afro	4
Mujer blanca	3
Mujer deseante	5
Mujeres feministas	6
Mujeres lesbianas Mujer lesbiana	9
Mujeres negras Mujer negra	12
Mujeres trans	14

Fonte: A autora.

Essas ocorrências refletem diferentes contextos e discussões sobre a identidade, a representação e a experiência de mulheres, especialmente em relação aos preconceitos. Da mesma forma que em PB, é possível organizar os resultados por tema, como “raça”, “identidade

de gênero/gênero", "sexualidade" e "origem". O que se destaca aqui é a ocorrência de *mujeres negras* e *mujer afrodescendiente*, haja vista o contexto argentino. Interessante observar o reforço de gênero em *mujeres directoras*, exemplo de destaque e visibilidade a presença feminina em posições de liderança. Outro dado a ser comentado é *mujer deseante,* uma expressão utilizada para mulheres que reivindicam seus desejos emocionais e sexuais. Dessa forma, sua ocorrência demonstra a mudança social frente a temas considerados tabus, desafiando assim normas tradicionais que buscam limitar a sexualidade feminina, demonstrando que as mulheres têm direito ao desejo, ao prazer e a uma sexualidade positiva, saudável e empoderada.

Assim como no *subcorpus* de transcrições em PB, neste recorte em EA o candidato a UF *primera mujer* também ocorreu. Na tabela a seguir, os exemplos encontrados:

TABELA 18 - Resultados *subcorpus* de transcrições de *podcasts* em EA.

Candidato a UF	Frequência
la primera mujer	2
la primera mujer de Adán	1
primera mujer a la presidencia	1

Fonte: A autora.

Apesar da coocorrência dos itens, os exemplos em EA diferem dos encontrados no *subcorpus* do PB. Dos exemplos encontrados, apenas o último tem uma relação com os avanços das mulheres em contextos sociais, como *la primera mujer a la presidencia.*

Os processos que mais ocorrem em conjunto com os itens *mujer(es),* são: *poder, ir, tener, trabajar, querer, saber, deber, hacer, venir, jugar, necesitar* e *decir*. Os binômios que mais ocorreram foram *hombres y mujeres* e *varones y mujeres.*

Outros candidatos a UFs encontradas são: *cuerpo de las mujeres, derechos de las mujeres, movimiento de las mujeres, rol de las mujeres, salud de las mujeres, la vida de las mujeres.*

4.3.3. Contraste

Depois de observar os *subcorpora* de transcrições de podcast*s* em PB e EA, ficou clara a semelhança das temáticas, como também as UFs mais recorrentes, diferente do que aconteceu

com o *subcorpus* de transcrições de *videocasts*. Também foi possível notar uma quantidade maior de candidatos a UFs destacadas, considerando os exemplos encontrados.

Os temas abordados nos episódios transcritos demonstram a complexidade da experiência feminina e, ainda, apontam para diferentes representações de mulheres. Os temas estão relacionados e evidenciam discursos sobre diversidade corporal e objetificação do corpo feminino, sobre igualdade de gênero e direitos e saúde reprodutivos, sobre ativismo e empoderamento, sobre expectativas sociais referente às mulheres e desafios cotidianos, sobre a representação de mulheres em espaços de poder e o impacto da violência na vida delas.

4.4. Análises baseadas no *subcorpus* de textos jornalísticos

Nesta seção apresento os resultados da exploração do *subcorpus* de textos escritos, o *subcorpus* de textos jornalísticos. Inicio pelos resultados em PB, para em seguida, partir para os resultados em EA.

4.4.1. Em PB

As análises dos textos jornalísticos em PB que compõem o COFEM demonstraram resultados diferentes dos *subcorpora* anteriores. Este *subcorpus* está composto por 164.583 formas e 15.198 itens. Os itens *mulher(es)* ocorrem 1.123 vezes nesse recorte. Os colocados que apresentaram maior frequência são (Tabela 19):

TABELA 19 - Resultados *subcorpus* de textos jornalísticos PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulheres negras Mulher negra	41
Mulheres trans Mulher trans	18
Mulheres brasileiras Mulher brasileira	9
Mulher branca	6
Mulheres pobres	3

Fonte: A autora.

Neste *subcorpus* também ocorreu a UF *primeira mulher,* os exemplos são*: primeira mulher a presidir AMB, primeira mulher a ganhar uma medalha, primeira mulher e skatista*

brasileira, primeira mulher eleita. Os exemplos apontam para o empoderamento feminino por meio da representatividade em lugares de prestígio e poder, como já comentado anteriormente.

Os processos mais frequentes foram: *ir, estar, ter, passar, poder, ser, nascer, dever, sentir, sofrer, precisar* e *querer*. Nesse recorte, um aspecto se destaca, a frequência de uso da voz passiva, como nos exemplos: *mulher é presa*, *mulher foi levada, mulher foi conduzida, mulheres são flagradas,* conforme mostra a tabela a seguir:

TABELA 20 - Resultados textos jornalísticos PB.

Mulher por apassivação	Frequência
Mulher é estuprada	1
Mulher foi encaminhada	1
Mulher foi pega	2
Mulher foi submetida	2
Mulher foi flagrada	3
Mulher foi detida	4
Mulher foi levada	7
Mulher foi conduzida	8
Mulher foi presa	11
Mulher é flagrada	14
Mulher é detida	15
Mulher é presa	36

Fonte: A autora.

Interessante mencionar que na maioria dos casos de utilização da voz passiva, destacados na tabela acima, fazem referência a crimes relacionados ao tráfico de drogas. Ademais, junto à voz passiva, encontra-se outro candidato à UF metafórica *droga na vagina.* Essa recorrência aponta para uma certa preferência dos redatores dos textos jornalísticos por esse tipo de construção em notícias que versam sobre prisões de mulheres, em visitas à presídios e penitenciárias, que tentam entrar com drogas nesses espaços, escondendo-as em seus corpos.

Outra UF que se destaca, porém essa com potencial metafórico, é *mulher de respeito*. Essa UF é utilizada para se referir a um estereótipo feminino, aquela que é honrada, digna de consideração e dignidade. Essa UF pode ser utilizada em relação a expectativas sociais e ao fato de desafiar a desvalorização e a violência de gênero.

4.4.2. Em EA

O *subcorpus* de textos jornalísticos em EA é formado por 253.918 formas. Os itens *mujer(es)* foram utilizados 1.524 vezes. As ocorrências mais frequentes desses itens em conjunto com adjetivos foram *mujer rica*, *mujeres jóvenes* e *mujeres originarias*, como mostra a tabela 21, a seguir:

TABELA 21 - Resultados *subcorpus* de textos jornalísticos EA.

Candidato a UF	Frequência
Mujer rica	1
Mujeres conductoras	2
Mujer pobre Mujeres pobres	2
Mujer fuerte	2
Mujeres rurales Mujer rural	3
Mujer afgana Mujeres afganas	3
Mujeres originarias	4
Mujer blanca	4
Mujer trans Mujeres trans	4
Mujer verde Mujeres verdes	4
Mujeres indígenas Mujer indígena	5
Mujeres argentinas Mujer argentina	5
Mujeres jóvenes	9
Mujer maravilla	22

Fonte: A autora.

Os resultados encontrados demonstram, mais uma vez, a utilização do reforço de gênero, no caso de *mujeres conductoras* e, ainda, o uso de características como "raça", "classe" e "origem" para caracterizar as mulheres citadas nos textos. Também fica evidente o uso recorrente de "*mujeres trans*" nos textos jornalísticos argentinos. A UF *mujer verde* é metafórica, de cunho pejorativo e será explorada na seção de análise dos dados.

Os processos que mais ocorreram com os itens investigados foram *tener, poder, deber, marchar, querer, participar, vivir, sufrir, hacer, seguir* e *lograr.* Mais suma vez, o processo "*sufrir*" está entre os que mais ocorrem junto ao item *mujer*. Também identifiquei o uso da voz passiva de modo recorrente em EA, como nos exemplos destacados na tabela 22, abaixo:

TABELA 22 - Resultados *subcorpus* textos jornalísticos EA.

Mulheres por apassivação	Frequência
Mujeres fueron detenidas	2
Mujeres fueron asesinadas	3
Mujeres fueron victimas	2
Mujeres fueron heridas	1

Fonte: A autora.

Outros usos que se destacaram neste *subcorpus* foram os binômios *hombres y mujeres, mujeres y disidencias, varones y mujeres, mujeres y niños.* Também chamaram a atenção os candidatos a UFs *mujer de carácter, mujeres de raza* e *mujeres de color,* como mostra a tabela a seguir:

TABELA 23 - Resultados *subcorpus* textos jornalísticos EA.

Candidato a UF	Frequência
Mujer de carácter	3
Mujeres de raza	2
Mujeres de color	3
Mujer de la calle	3

Fonte: A autora.

Os dados mostram ocorrências de UFs que podem ser consideradas preconceituosas, já que "*color*" e "*raza*" são características marcadas, que estigmatizam um grupo de pessoas, ainda que todas as pessoas possuam essas características. Assim como em outros *subcorpora,* houve ocorrências de *derecho de las mujeres, cuerpo de la mujer, la vida de las mujeres, movimiento de mujeres, salud de las mujeres, muertes de mujeres,* demonstrando as temáticas abordadas nos textos jornalísticos que compõem o *subcorpus.* Uma ocorrência que chamou

atenção foi *mujer de la calle.* Uma UF consagrada, pejorativa e metafórica que será explorada na seção 5.

4.4.3. Contraste

Ao observar os *subcorpora* de textos jornalísticos em contraste, foi possível identificar que os candidatos a UFs, muitas vezes, se repetem, como foi o caso de *mulheres trans / mujeres trans*. Também fica evidente o uso da voz passiva nos textos, porém em PB esse uso foi mais evidente nos contextos que tratavam de crimes cometidos por mulheres. Já em EA, esse recurso foi identificado em contextos em que as mulheres eram as vítimas.

Foi possível observar que, de modo semelhante, os *subcorpora* utilizam-se de características físicas, condição social e identidade de gênero para se referir aos grupos de mulheres noticiadas nos jornais. Portanto, aqui também há uma valorização da ideia de que existem questões interseccionais que afetam mulheres brasileiras e argentinas.

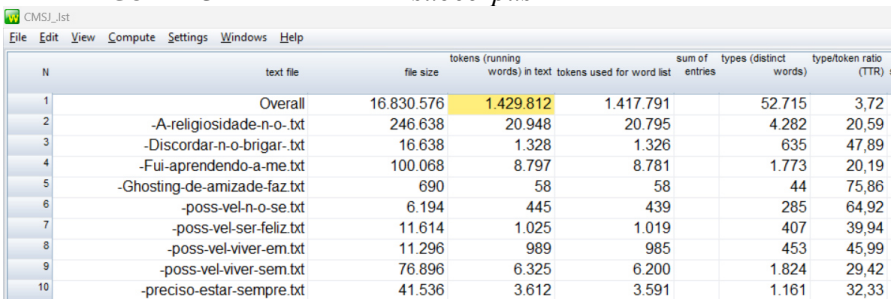
4.5. Análises baseadas no *subcorpus* de comentários da audiência

A seguir, exponho os resultados da exploração de parte do *subcorpus* de textos escritos, o *subcorpus* de comentários do *YouTube*, como já citado anteriormente. Começo pelos resultados em PB, para em seguida, partir para os resultados em EA.

4.5.1. Em PB

As análises do *subcorpus* de comentários em PB foram realizadas a partir de comentários da audiência do *videocast* Mini Saia. Esses comentários foram coletados das páginas em que os episódios foram publicados, na plataforma do *YouTube*, conforme já explicado. Esse recorte resultou na análise de um *subcorpus* mais abundante em itens diferentes, demonstrando maior flexibilidade na utilização da linguagem, no que se refere à criatividade lexical, à utilização de abreviações e a não utilização da norma padrão de escrita. Nesse *subcorpus* também é recorrente o uso de *emojis*, de letras repetidas e ausência de pontuação ou o excesso delas. O *subcorpus* de comentários em PB possui 1.429.812 formas e 52.715 itens, como mostra a Figura 45, a seguir:

FIGURA 45 - Estatísticas do *subcorpus* de comentários em PB.



CMSJ_lst

File Edit View Compute Settings Windows Help

N	text file	file size	tokens (running words) in text	tokens used for word list	sum of entries	types (distinct words)	type/token ratio (TTR)
1	Overall	16.830.576	1.429.812	1.417.791		52.715	3,72
2	-A-religiosidade-n-o-.txt	246.638	20.948	20.795		4.282	20,59
3	-Discordar-n-o-brigar-.txt	16.638	1.328	1.326		635	47,89
4	-Fui-aprendendo-a-me.txt	100.068	8.797	8.781		1.773	20,19
5	-Ghosting-de-amizade-faz.txt	690	58	58		44	75,86
6	-poss-vel-n-o-se.txt	6.194	445	439		285	64,92
7	-poss-vel-ser-feliz.txt	11.614	1.025	1.019		407	39,94
8	-poss-vel-viver-em.txt	11.296	989	985		453	45,99
9	-poss-vel-viver-sem.txt	76.896	6.325	6.200		1.824	29,42
10	-preciso-estar-sempre.txt	41.536	3.612	3.591		1.161	32,33

Fonte: WST.

Este recorte do COFEM apresentou uma alta frequência dos itens *mulher(es),* como mostra a *wordlist* com os itens lexicais de interesse em destaque. Em comparação com outros *subcorpora* analisados nas seções anteriores, pode-se afirmar que a utilização dos vocábulos pesquisados foi relevante, já que o item *mulher* ocorreu 4.169 vezes, *mulheres* 3.357 vezes.

FIGURA 46 - Lista de palavras *subcorpus* de comentários em PB.



CMSJ_lst

File Edit View Compute Settings Windows Help

N	Word	Freq.	%	Texts	% Lemmas	Set
26	NA	7.793	0,55	318	89,58	
27	OS	7.248	0,51	306	86,20	
28	PRA	7.079	0,50	303	85,35	
29	SER	6.958	0,49	305	85,92	
30	COMO	6.941	0,49	317	89,30	
31	ISSO	6.297	0,44	300	84,51	
32	ME	5.784	0,40	307	86,48	
33	SÓ	5.595	0,39	303	85,35	
34	ESSA	5.239	0,37	304	85,63	
35	ESSE	4.946	0,35	303	85,35	
36	PESSOAS	4.620	0,32	271	76,34	
37	Q	4.564	0,32	264	74,37	
38	FOI	4.416	0,31	266	74,93	
39	OU	4.192	0,29	269	75,77	
40	MULHER	4.169	0,29	258	72,68	
41	ESTÁ	3.843	0,27	275	77,46	
42	QUEM	3.794	0,27	251	70,70	
43	ELE	3.775	0,26	222	62,54	
44	MINHA	3.759	0,26	277	78,03	
45	VIDA	3.751	0,26	268	75,49	
46	TUDO	3.711	0,26	291	81,97	
47	SÃO	3.668	0,26	272	76,62	
48	MEU	3.575	0,25	278	78,31	
49	TER	3.446	0,24	267	75,21	
50	DEUS	3.408	0,24	205	57,75	
51	MULHERES	3.357	0,23	254	71,55	
52	JÁ	3.325	0,23	275	77,46	
53	GENTE	3.271	0,23	284	80,00	
54	MESMO	3.266	0,23	279	78,59	
55	SEMPRE	3.188	0,22	286	80,56	
56	SEM	3.061	0,21	268	75,49	

frequency alphabetical statistics filenames notes

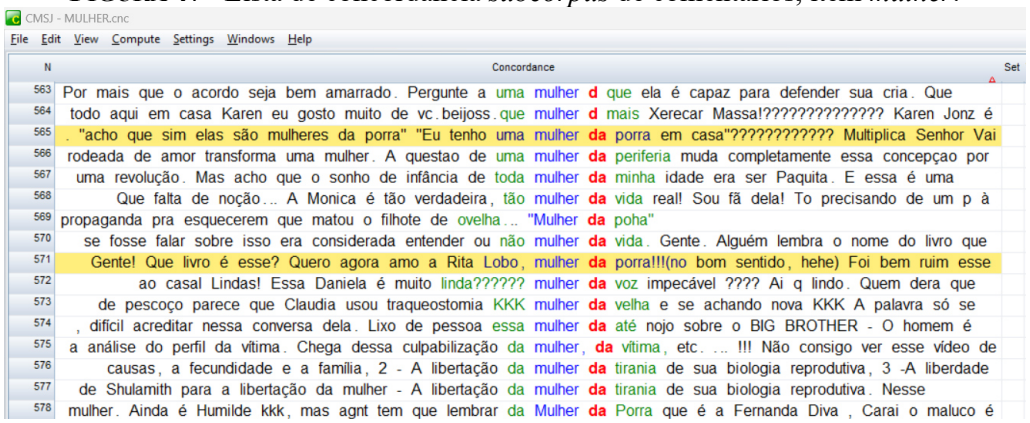
52.715 entries Row 51 T S MULHERES

Fonte: WST.

Os usos dos itens *mulher(es)* podem ser ilustrados pela lista de concordância com exemplos de UFs como *mulher da vida* e *mulher da porra.* Os comentários no *YouTube*, do ponto de vista linguístico, apresentam características específicas que refletem a complexidade das interações em espaços públicos de interação *online* e esses aspectos "destacados" pela audiência podem impactar a percepção e a experiência de mulheres, já que neste tipo de espaço

de interação a visibilidade e a crítica são intensificadas, haja vista a elevada quantidade de julgamentos, muitos relacionados à aparência, ao estilo de vida, ao comportamento e às escolhas de mulheres. Na imagem a seguir (Figura 47), é possível identificar essas questões:

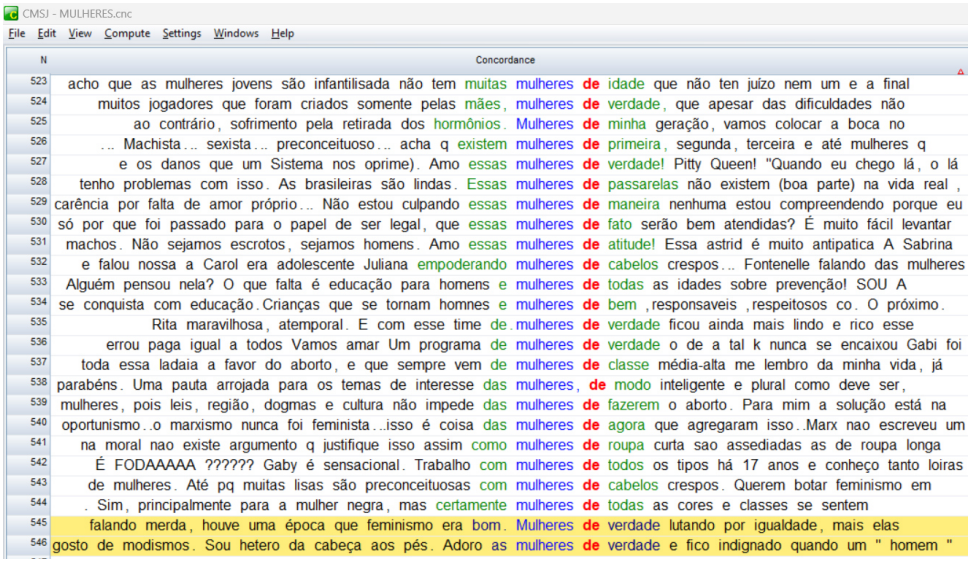
FIGURA 47 - Lista de concordância *subcorpus* de comentários, item *mulher*.



Fonte: WST.

Os comentários, em geral, são superficiais, concentrando-se em aspectos físicos, muitas vezes afastando-se do conteúdo do *videocast*. Por outro lado, apesar das críticas, os comentários podem estabelecer um espaço para a empatia, onde pessoas compartilham suas experiências, se identificam e se apoiam mutuamente. Sobre o item *mulheres*, segundo mais frequente no recorte analisado, a imagem a seguir ilustra a utilização das UFs *mulheres de verdade* e *mulheres de primeira:*

FIGURA 48 - Lista de concordância, *subcorpus* de comentários, item *mulheres*.



Fonte: WST.

Após o processamento do *subcorpus* nos programas de análise linguística, identifiquei os candidatos a UFs mais frequentes para *mulheres*, como mostra a Tabela 24, a seguir:

TABELA 24 - Resultados do *subcorpus* de comentários em PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulheres negras	110
Mulheres maravilhosas	92
Mulheres inteligentes Mulheres inteligentíssimas	69
Mulheres pobres	53
Mulheres incríveis	38
Mulheres lindas	38
Mulheres brancas	17
Mulheres fortes	13
Mulheres psicopatas	12
Mulheres pretas	11
Mulheres brasileiras	10
Mulheres empoderadas	9
Mulheres feministas	8
Mulheres maduras	7
Mulheres machistas	6
Mulheres trans	6
Mulheres admiráveis	6
Mulheres guerreiras	5
Mulheres cientistas	4
Mulheres poderosas	4
Mulheres reais	4
Mulheres foda	3
Mulheres vítimas	3

Fonte: A autora.

Com relação ao campo "sexualidade", as UFs identificadas foram: *mulher da vida*, *mulheres lésbicas* e *mulher de rua*. Os resultados que mais se destacam são *mulher da vida e mulher de rua,* haja vista o fato de serem UFs consagradas, com valor metafórico e carga semântica negativa. Esses exemplos demonstram que as UFs são usadas por pessoas em situações de comunicação informais, como os comentários. A Tabela 25, a seguir, apresenta as UFs encontradas:

TABELA 25 - Resultados *subcorpus* de comentários em PB.

Candidato a UF	Frequência
Mulher hétero	1
Mulher lésbica Mulheres lésbicas	3
Mulher da vida	1
Mulher de rua	1

Fonte: A autora.

Outras UFs que se relacionam ao comportamento de mulheres, identificadas no *subcorpus* de comentários, tem relação com a ideia de que a mulher está para a casa e não para a rua, como *mulher bela, recatada e do lar, mulher dona de casa* e *mulher do lar,* como mostra a Tabela 26, a seguir:

TABELA 26 - Resultados *subcorpus* de comentários em PB.

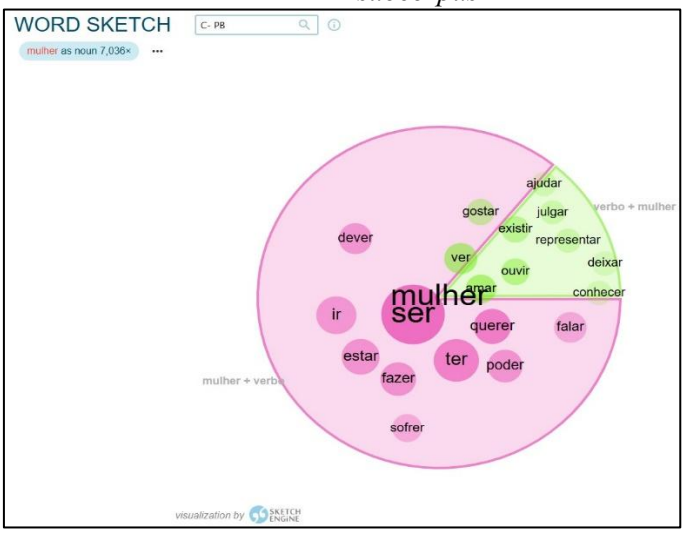
Candidato a UF	Frequência
Mulher bela, recatada e do lar Mulheres belas, recatadas e do lar	2
Mulher dona de casa	2
Mulher do lar	1

Fonte: A autora.

Por último, importante mencionar que a UF *mulheres de fases* ocorreu uma vez, neste *subcorpus* e, refere-se à efemeridade das mulheres, mas também as fases do ciclo menstrual, sendo esta uma UF de interesse para esta pesquisa. Outro resultado importante foi *em briga de marido [e mulher] se mete a colher, sim!,* Entretanto, nesse exemplo de uso o item "mulher" está suprimido, fazendo referência ao item já mencionado no contexto de ocorrência.

Os processos mais recorrentes em conjunto ao item *mulher* foram: *ser, ter, ir, estar, querer, fazer, poder, dever, falar, sofrer, ficar, abortar, morrer, precisar, passar* e *dizer*. A Figura 49, a seguir, mostra os processos que que estão na "órbita" do item *mulher*

FIGURA 49 - Word Sketch item "mulher" *subcorpus* comentários em PB.

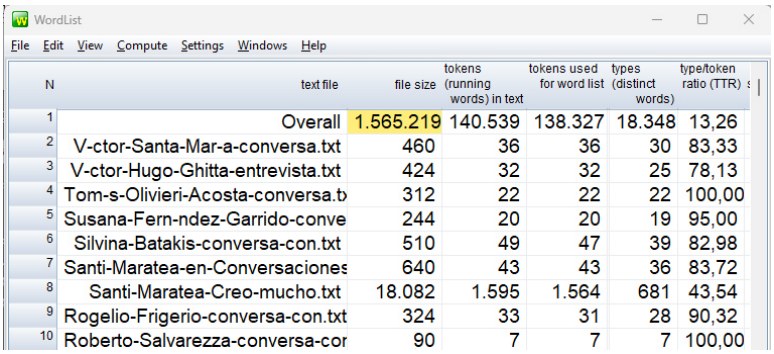


Fonte: Sketch Engine.

4.5.2. Em EA

O *subcorpus* de comentários em EA é composto por comentários da audiência dos *videocasts* ConchaPodcast e Conversaciones. Este *subcorpus* é menor, contendo 133.327 formas e 18.348 itens, como mostra a Figura 50, a seguir:

FIGURA 50 - Estatísticas do *subcorpus* de comentários em EA.



WordList

File Edit View Compute Settings Windows Help

N	text file	file size	tokens (running words) in text	tokens used for word list	types (distinct words)	type/token ratio (TTR)
1	Overall	1.565.219	140.539	138.327	18.348	13,26
2	V-ctor-Santa-Mar-a-conversa.txt	460	36	36	30	83,33
3	V-ctor-Hugo-Ghitta-entrevista.txt	424	32	32	25	78,13
4	Tom-s-Olivieri-Acosta-conversa.b	312	22	22	22	100,00
5	Susana-Fern-ndez-Garrido-conve	244	20	20	19	95,00
6	Silvina-Batakis-conversa-con.txt	510	49	47	39	82,98
7	Santi-Maratea-en-Conversaciones	640	43	43	36	83,72
8	Santi-Maratea-Creo-mucho.txt	18.082	1.595	1.564	681	43,54
9	Rogelio-Frigerio-conversa-con.txt	324	33	31	28	90,32
10	Roberto-Salvarezza-conversa-cor	90	7	7	7	100,00

Fonte: WST.

Os itens de interesse desta pesquisa, diferentemente do *subcorpus* em PB, ocorreram poucas vezes se comparados. O item *mujer* ocorreu 43 vezes e o item *mujeres* 31. Esse fato se deu, pois, ainda que os *videocasts* sejam populares na Argentina, eles não possuem a mesma quantidade de audiência que o Mini Saia Justa, no Brasil. Também se observou que os públicos que acompanham os programas utilizaram outras formas de modo mais recorrente para se citar ou se dirigir as mulheres participantes dos programas como *mina, concha*, *chica* etc. Portanto,

os poucos colocados que se destacaram nesse recorte do COFEM estão organizados na Tabela 27, a seguir:

TABELA 27 - Resultados *subcorpus* de comentários EA.

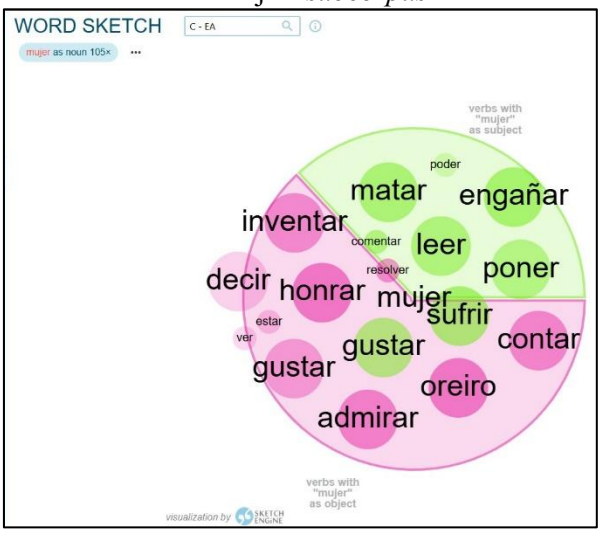
Candidato a UF	Frequência
Mujer espontánea	2
Mujer inteligente	2
Mujer interesante	2
Mujer linda	2
Mujeres maravilla	2

Fonte: A autora.

A partir dos dados encontrados, pode-se dizer que apenas *mujer maravilla* é uma UF metafórica. Outras estruturas que são candidatos a UFs encontradas neste recorte do COFEM são *hecho por mujeres* e *escrito por mujeres*. Para citar mais aspectos evidentes nos comentários em EA, as construções recorrentes *mujer de*, *mi mujer* e *su mujer* apontam para a utilização de mulher como sinônimo de esposa.

Com relação aos processos, aqueles que mais ocorreram junto ao item *mujer* foram: *sufrir, engañar, gustar, matar, leer, comentar, poner* e *poder,* conforme mostra a figura a seguir, gerada com auxílio do SE:

FIGURA 51 - Word Sketch item "mujer" *subcorpus* comentários em EA.



Fonte: Sketch Engine.

4.5.3. Contraste

Após analisar os *subcorpora* de comentários em PB e EA, ficou evidente a diferença em termos quantitativos, já que o número de ocorrências dos itens investigados foi menor em EA. Desse modo, os dados demonstraram que, neste caso, as UFs encontradas não se repetiram. O que se repetiu foi o destaque do processo mental *sofrer/ sufrir*, presente nos dois recortes. Outra característica semelhante foi a ocorrência de colocações com atributos positivos, como *inteligentes* e *lindas*, demonstrando mais uma vez o prestígio da audiência frente a aspectos físicos e mentais das mulheres participantes dos programas assistidos pelos comentaristas.

4.6. Considerações

As análises aqui relatadas foram desenvolvidas de acordo com os processos metodológicos descritos anteriormente. Cada seção buscou evidenciar os pontos mais relevantes encontrados em cada *subcorpus* do COFEM. Ao longo das descrições tentei demonstrar as diferentes ferramentas utilizadas, apresentando imagens para ilustrar o processo. Entretanto, é importante mencionar que as etapas de exploração do COFEM foram idênticas em cada *subcorpus* consideradas as suas características. As análises realizadas nos *subcorpora* seguiram os seguintes passos: (1) Descrição das características de cada *subcorpus*. (2) identificação dos itens de interesse. (3) Apresentação de resultados quantitativos e interpretação de dados encontrados com auxílio do *WordSmith Tools* e do *Sketch Engine.*

A seguir, serão realizadas análises de UFs encontradas no COFEM em nível lexical e semântico, priorizando as UFs com potencial metafórico e traçando uma perspectiva contrastiva português/espanhol quando possível.

5. ANÁLISE DESCRITIVA NOS NÍVEIS LEXICAL E SEMÂNTICO

5.1. Introdução

Nesta seção, a fim de identificar UFs e metáforas relacionadas à MCS, em um *corpus* comparável português/espanhol, apresenta-se a análise dos dados organizados em dez seções. O estudo aqui apresentado foi desenvolvido com foco na léxico-gramática, entretanto a interpretação analítica dos dados, por vezes, alcança o nível discursivo quando observadas as metáforas e as representações de MCS em UFs. Os excertos analisados foram extraídos dos diferentes *subcorpora* do COFEM e serão apresentados de modo contrastivo PB/EA quando possível. Os fragmentos analisados são apresentados em quadros numerados, com informações sobre a UFs como descrição morfossintática (exceto enunciados fraseológicos), contexto de ocorrência, classificação e mapeamento.

Para a realização das análises, os seguintes passos foram adotados: (1) Identificação e descrição dos itens de interesse por campo semântico e lexical. (2) Observação, identificação e extração de UFs e metáforas subjacentes. (3) Análise de AVALIATIVIDADE e da representação de atores sociais, de acordo com os itens de interesse quando possível.

Nesta seção, foram analisados 8 vocábulos e suas flexões em PB e EA, são eles: *mulher, vagina, menstruação, menopausa, aborto, feminina, feminicídio e feminismo*. Essas escolhas foram baseadas em um recorte, a partir dos campos lexicais e semânticos estabelecidos para o item *mulher*, na seção 4. Esse recorte foi necessário, devido à quantidade de informações encontradas e ao espaço e tempo desta tese, o que demonstra a possibilidade de exploração do COFEM para trabalhos futuros. A seguir, apresento um quadro que sintetiza esse recorte e, ao mesmo tempo, apresenta os temas das seções desta seção:

QUADRO 13 - Itens analisados

Hiperônimo:	
(1) *mulher (es)*	*mujer (es)*
Campo Reprodução	
(2) *vagina (s)*	*vagina (s)*
(3) *menstruação*	*menstruación*
(4) *menopausa*	*menopausia*
(5) *aborto (s).*	*aborto(s)*
Campo Identidade de Gênero/ gênero	
(6) *feminina (o)(s)*	*femenina (o)(s)*
Campo violência	
(7) *feminicídio (s)*	*femicidio (s)*
Campo Movimentos sociais	
(8) *feminismo (s)*	*feminismo (s)*

Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe mencionar que, devido ao espaço, as análises não foram esgotadas. Optou-se por realizar uma seleção dos itens com maior potencial metafórico e avaliativo, e aqueles que possuem equivalentes em PB e EA.

5.2. Os itens *mulher(es) / mujer(es)*

Esta subseção tem como objetivo identificar, descrever e analisar UFs e metáforas em representações de MCS através da exploração dos itens *mulher(es)/ mujer(es)*. Importante mencionar que os resultados preliminares das análises expostas nesta seção foram divulgados em eventos científicos[160].

A partir da exploração do COFEM, a primeira informação encontrada é que os itens no plural, *mulheres / mujeres* foram os nomes mais frequentes em ambos os idiomas. Em relação ao item *mulher* e a sua flexão de número em PB e EA, as UFs selecionadas para a análise foram aquelas que se referem ao comportamento e à conduta de mulheres brasileiras e argentinas, o que implica em observar UFs e metáforas que se refiram a uma série de aspectos sociais, culturais e psicológicos que moldam como mulheres são percebidas e se comportam em diferentes contextos. O comportamento feminino é frequentemente moldado em expectativas sociais, como os papéis tradicionais de esposa, mãe e cuidadora.

Historicamente, mulheres são julgadas e criticadas com frequência por seus comportamentos e escolhas, sobretudo aquelas relacionadas à vida sexual e à aparência. Fato este que reflete um padrão de crítica frente ao tema MCS. Esse contexto opressor em relação ao comportamento de mulheres provocou respostas sociais como, por exemplo, a valorização da autonomia dessa parcela da sociedade, haja vista a necessidade de tensionar as normas que limitam o comportamento feminino. Assim, pode-se dizer que o empoderamento feminino emerge nesses contextos, já que mulheres reivindicam seus direitos e se expressam de forma mais "livre", atualmente. Entretando, ainda que o contexto apresente mudanças, evidências linguísticas como UFs encontradas no COFEM demonstram que mulheres ainda são avaliadas e representadas de formas negativas por meio do léxico e do uso de metáforas conceptuais.

Diante do exposto, as primeiras UFs investigadas foram aquelas relacionadas ao comportamento sexual da mulher, como por exemplo, *mulher da vida* e *mulher de rua* em PB

[160] III Escola de Verão em Estudos Linguísticos, em Uberlândia - Brasil. Corpus Approaches to Grammar and Discourse, no Rio de Janeiro - Brasil.

e *mujer de la calle* e *mujer de vida fácil* em EA. A primeira UF descrita e classificada, como mostra o Quadro 14, a seguir, é *mulher da vida*:

QUADRO 14 - UF *mulher da vida*

1	**Mulher da vida:** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Locução Nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Infelizmente a mulher sempre foi podada de tudo até de conhecer o próprio próprio corpo, até as mães não quando nos educava dizia no olhar isso não faça isso não toca ali não toca na vulva não toca na vagina e ainda bem que agora estamos despertando pra nos conhecer intimamente saber. Os homens era permitido falar e gostar de sexo as mulheres se fosse falar sobre isso era considerada entender ou não *mulher* **da vida.**
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa, tabu linguístico

Fonte: Elaborado pela autora.

A UF *mulher da vida* pode ser classificada como uma locução nominal. Ela está relacionada a ideias pejorativas e depreciativas sobre o comportamento sexual feminino, sendo, portanto, uma UF de valor semântico negativo, que funciona como uma avaliação, um julgamento de estima social. No PB, por exemplo, essa UF denomina mulheres em situação de prostituição ou que exercem a ocupação[161] e/ou para àquelas que possuem comportamentos sexuais diferentes dos tradicionais.

O excerto analisado demonstra que a arcaica ideia de que "uma mulher de princípios nada devia saber sobre sexo", conforme Priore (2023, p. 87), ainda se mantém. Antigamente, acreditava-se que, "uma vez conhecedora de atividades sexuais, as mulheres não podiam deixar de exercê-la", essa ideia ainda existe na sociedade brasileira, como explica Priore (2023, p. 91).

No excerto analisado, a pessoa comentarista explica, através de uma comparação com a situação dos homens, que as mulheres eram reprimidas sexualmente. Para exemplificar sua afirmação, a comentarista utiliza o processo relacional *ser* e o processo comportamental *permitir,* para descrever o estereótipo de uma *mulher da vida*, isto é, uma mulher que conhece o seu corpo, que fala e gosta de sexo. O processo relacional *ser* está para a caracterização de uma entidade, neste caso a *mulher*. Também é possível refletir através dos usos dos processos verbal *falar* e do mental *gostar* os quais estão relacionados ao estereótipo de mulher vivida, experiente sexualmente, isto é, aquela que fala e gosta de sexo, que já teve vários parceiros sexuais[162]. Esse tipo de comportamento é desaprovado em sociedades com heranças patriarcais, pois é considerado, de maneira geral, como contrário ao costume, portanto, ruim. Desse modo,

[161] Priore (2023, p. 223) explica que, no Brasil, em 2003, após um projeto de lei propor o reconhecimento da prostituição como um "serviço de natureza sexual", a legislação trabalhista reconheceu a atividade de profissionais do sexo como parte da Classificação Brasileira de Ocupações.

[162] Santicioli (2019, p. 112) comenta que, nos anos 50, no Brasil, vigorava a visão de mulher como "boa moça", época em que se chamava 'garota fácil' ou 'corrompida' a mulher que era atraente e fazia sucesso entre os homens, mas nenhum deles gostaria de desposá-la ou tê-la como "mãe de seus filhos".

a UF *mulher da vida* funciona como avaliação negativa e expressa o julgamento externo sobre a vida e comportamento sexual de uma mulher, podendo assim representá-la de modo negativo.

No comentário destacado, há uma avaliação semântica do tipo julgamento, pois se relaciona à ética. Nesse sentido, os julgamentos desse tipo avaliam o caráter das pessoas e a forma como se comportam na vida social. Segundo Martin e White (2005), avaliações desse tipo estão ancoradas na cultura. É ainda um julgamento do tipo sanção social, pois está relacionado à ética jurídica e religiosa, uma vez que ser *mulher da vida*, isto é, ser prostituta, na tradição cristã que vem dos tempos de colônia, "está associado à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato", conforme explica Priore (2023, p. 89).

Assim, a mulher que fugisse à regra comportamental imposta era julgada negativamente pela sociedade. De acordo com a autora, aquela que "se deixasse conduzir por excessos, guiar por suas necessidades, só podia terminar na sarjeta, espreitada pela doença e miséria profunda". Priore explica que a prostituta era vista como mau exemplo para as esposas e como ameaça aos homens, pois ela colocava em perigo a honra das famílias e as grandes fortunas, ou seja, a *mulher da vida,* antigamente, nas palavras da autora era "o inimigo ideal para se atirar pedras"[163].

Maior (1980), Nascentes (1986), Mattoso (1990), Varela e Kubarth (1994), Borba (2002), Xatara e Oliveira (2008), Barcia e Pauer (2010), Preti (2010) e Silva (2013) descrevem a utilização da UF *mulher da vida* com significado de "meretriz", "prostituta" e "puta". A diferença entre as obras está na rede sinonímica de *mulher da vida*, pois cada linguista apresenta um conjunto de diferentes UFs com o vocábulo *mulher*, que possuem esse mesmo sentido. Assim, pode-se dizer que *mulher da vida* é uma UF metafórica, uma avaliação negativa no âmbito da ética, já amplamente consagrada pelo uso, portanto fixa e idiomática.

Maior (1980, p. 82) menciona a UF "mulher-da-vida" como "meretriz". No dicionário, há ainda a UF "mulher de vida fácil" – também encontrado no COFEM -, "mulher de ponta de rua", "mulher do mundo", "mulher dama" e "mulher à toa". Todas as UF citadas são, para o autor, sinônimas de "meretriz".

Varela e Kubarth (1994, p.177) classificam *mujer de la vida* como uma UF informal, com significado de "prostituta", além de informar que esta é uma UF antiquada. Na mesma

[163] Essa afirmação é corroborada por uma famosa canção brasileira, do cantor e compositor Chico Buarque, intitulada "Geni e o Zepelim" em que a personagem protagonista da canção se chama Geni. No decorrer da letra descreve-se o comportamento sexual "inadequado" dessa mulher. No refrão, faz-se referência ao ato de "jogar pedras" como forma de repressão a essa figura feminina: "Joga pedra na Geni, ela é feita pra apanhar, Ela é boa pra cuspir, Ela da pra qualquer um, Maldita Geni". No COFEM em PB, há um comentário que faz referência a essa canção, associando-a ao conteúdo tratado no episódio. O comentarista cita a "verdade sobre Geni".

obra, cita-se ainda *mujer de mala vida*, *mujer de mal vivir* e *mujer de vida alegre*, todas com o mesmo valor semântico. Já no dicionário María Moliner (2000, p. 941), no verbete "*mujer*", as UFs *mujer de la vida* e *mujer de vida alegre* são apresentadas como sinônimos de "prostituta". Barcia e Pauer (2010, p. 177) apresentam as locuções *de la vida* e *de la davi*[164] e explicam que essas UFs são utilizadas colocadas com o vocábulo *mujer* e possuem sentido de "prostituta". A UF *mujer de la vida fácil* como sinônimo de "prostituta" ocorreu no COFEM, como mostra o Quadro 15:

QUADRO 15 - UF *mujer de la vida fácil.*

2	**Mujer de la vida fácil:** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Locução Nominal
	Contexto de ocorrência: TJC
	Fragmento: Fue la primera Aventurera, una producción que encabezó Carmen Salinas durante 1998, donde interpretó a una *mujer* **de la vida fácil**, seductora y posesiva. (TJC – 15062019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa, tabu linguístico.

Fonte: Elaborado pela autora.

No caso do excerto destacado, o sintagma verbal *interpretar* demonstra a existência dessa figura social, a *mujer de la vida fácil*. Isto é, aquela figura feminina possuidora dos atributos s*eductora* e *posesiva,* características associadas a este estereótipo feminino, à prostituta. A mesma UF também ocorreu em PB - *mulher de vida fácil* -, possuindo o mesmo sentido, isto é, associado a uma figura feminina que exerce a sua liberdade e desenvolve atividades em um espaço externo à casa, ou seja, aquelas que eram "públicas"[165], como mostra o Quadro 16, a seguir:

QUADRO 16 - UF *mulher de vida fácil.*

3	**Mulher de vida fácil** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Locução Nominal
	Contexto de ocorrência: TTp SE03
	Fragmento: Ela já eleita, disse que ela andando ela foi interpelada por um homem da cidade dizendo que lugar de mulher deveria ser em casa, cuidando dos filhos, porque eles diziam que só *mulheres* **de vida, de vida fácil** é que iriam estar nos espaços, nos espaços públicos, nas arenas públicas, discursando em palanques e falando que as *mulheres* **de vida fácil** é que eram dadas a esse tipo de coisa, ao que ela respondeu com um belo soco na cara do interlocutor.
	Classificação: Fixa e idiomática

[164] "Davi", neste contexto, é utilizado no lugar de "vida". Há uma troca de posição de sílaba, "vida" vira "davi". De acordo com Matías (2022), esta é uma característica do espanhol portenho, herdada do lunfardo. Disponível em: https://ventureoutspanish.com/vesres-in-porteno-spanish/ Acesso em: 20 jun. 2023. Essa modificação é mais comumente realizada em vocábulos com duas sílabas, como vida no exemplo encontrado ou "Jermu" destacado por Carmo e Yanakiew (2005, p. 279).

[165] Silva (2013) menciona a UF "mulher pública" como sinônimo de meretriz em diferentes UF com o vocábulo mulher.

	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa.tabu linguístico

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo anterior, o processo relacional *ser* atribui uma característica e identifica a *mulher de vida fácil*. No excerto analisado, fica evidente o julgamento negativo, feito por um homem que, por meio dos processos verbais *ofender* e *interpelar,* se dirige à mulher para julgá-la frente ao seu comportamento[166]. Como resposta a esse julgamento negativo, uma agressão – um "belo soco" -, em forma de negação e de discordância. Priore (2023, p. 89), explica que, nos tempos de Brasil colônia, as mulheres que "se deixassem levar por excessos, que se deixassem guiar pelas suas necessidades, só poderiam terminar na sarjeta", conforme Priore (2023, p. 87). Na sessão do vocabulário erótico-obsceno, Preti (2010, p. 566) menciona "mulher à toa" e "mulher dama" também como sinônimo de prostitutas. O quadro anterior, mostrou o exemplo de ocorrência de *mulher de vida fácil.* Nele, o sentido aplicado está relacionado à transgressão da norma imposta às mulheres, que era permanecer em casa, restritas ao interior, à vida privada, à casa, e não ao externo, à vida pública[167].

Nascentes (1986, p. 192) cita a UF "mulher da vida" definindo-a como sinônimo de prostituta. Para este autor, possuem o mesmo valor semântico, as UFs "mulher à toa", "mulher-dama", "mulher de porta de rua" e "mulher da vida airada". Outra UF consagrada, encontrada no COFEM em PB, foi *mulher de vida duvidosa.* Silva (2013, p. 953), define a *mulher de vida duvidosa* como prostituta. No exemplo a seguir, a pessoa comentarista se refere a uma personagem bíblica feminina, Madalena, a qual frequentemente é associada a uma figura feminina transgressora, que não tinha um comportamento adequado para a sociedade cristã da época. Porém, conta a estória bíblica que essa mulher se arrependeu e foi perdoada por seus "pecados" conforme o Quadro 17, abaixo:

QUADRO 17 - UF mulher de vida duvidosa

4	**Mulher de vida duvidosa:** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Locução Nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Vale a pena uma família cristã. Quando Jesus perdoou Madalena por ser uma ***mulher*** **de vida duvidosa** ele falou vá mais não peques mais
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa. Tabu linguístico

[166] Chocano (2020, p. 206) explica que, na tradição cultural do ocidente, é comum a ideia de "calar as mulheres que expressam sua opinião em público". Segunda a autora, essa exclusão das mulheres dos discursos públicos é proposital, ostensiva e até mesmo performativa, uma vez que, na Grécia antiga, essa exclusão era considera parte integral do crescimento como homem".

[167] Santicioli (2019, p. l. 111) explica que, no decorrer do século XX, "a mulher não deveria falar alto, falar palavrões, fumar em público, frequentar bares, andar desacompanhada pelas ruas, vestir-se com roupas impróprias ou ter 'namoros escandalosos'".

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo, essa UF consagrada, fixa e idiomática é utilizada como um atributo negativo através do processo relacional *ser*. Portanto, aqui é possível inferir que se comportar desta forma é pecaminoso, logo precisa ser "perdoado". Em espanhol, segundo Varela e Kubarth (1996, p. 177), existem as UFs "*mujer de mal vivir*" e "*mujer de mala vida*", as quais são usadas com sentido muito próximo ao exemplo apresentado em PB, no entanto essa UF não ocorreu no COFEM em EA. Moliner (2000, p. 941) menciona "*mujer de vida airada*" o "*del arte*" como sinónimos de prostituta. Ademais, também apresenta o sentido de "*mujer fatal*", "*mujer galante*" e "*mujer de vida alegre*", utilizadas para designar mulheres que se divertiam e namoravam, também chamadas "*vampiresas*".

Preti (2010, p. 197) classifica "mulheres da vida" dentro da categoria "prostituição" e explica que a associação entre os traços semânticos como erotismo e dinheiro é propícia a criações das mais variadas expressões preconceituosas contra a prostituta, como por exemplo "ganhar a vida", "vida fácil". Essas expressões, segundo o autor, eram marcadas pela malícia, no dicionário analisado por ele, o que simboliza de forma evidente a marginalização dessas mulheres naquele período.

Outra referência consultada, Borba (2002, p. 1068) cita "mulher da vida" como sinônimo de prostituta e apresenta a UF "mulher da rua" com o mesmo valor semântico. Por sua vez, Mattoso (1990, p. 259) indica o sentido de "puta" para "mulher da vida", assim como para "mulher do mundo", "mulher da rua" – esta última também encontrada no COFEM. Mattoso cita "mulher de vida airada/fácil" como sinônimos de "puta" que é, segundo o autor, o mesmo que "prostituta". Xatara e Oliveira (2008, p. 493) classificam "mulher da vida" como um idiomatismo e explicam que o seu sentido é "prostituta" e funciona de forma semelhante à "mulher de vida fácil", "mulher da rua", "mulher da zona". O Quadro 18, a seguir, apresenta outro exemplo de UF encontrado no COFEM, *mulher de rua*:

QUADRO 18 - UF "mulher de rua"

5	**Mulher de rua:** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Loc. Nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Adorei o depoimento da Luiza, inclusive quando ela disse que não é porque é *mulher* **de rua** que tem que apanhar! Eu amo essas mulheres, programa perfeito. (CMS)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa. Tabu linguístico.

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo destacado, a comentarista demonstra concordância em relação à negação de um preconceito que existe na sociedade brasileira, a de que "prostitutas têm que/ ou gostam de apanhar"[168]. Assim, ao ponderar essa ideia, a pessoa comentarista utiliza o processo relacional *ser* para caracterizar e identificar a mulher que se prostitui, através da UF *mulher de rua*. Portanto, esse é mais um exemplo que demonstra a ordem simbólica da dominação masculina, conforme Bourdieu – mulheres não devem se relacionar com o externo, neste caso, a "rua".

A locução *da rua*, demonstra a desvalorização de mulheres que frequentam e/ou que se encontram nesse espaço geográfico. Araújo (2020, p. 295) lembra que o termo "mulher pública" foi utilizado no Código Penal Brasileiro de 1890, e "era basicamente um eufemismo para profissionais do sexo, apenas com a diferença de abranger também as cafetinas, que não se prostituem, mas ganham dinheiro agenciando a prostituição". Priore (2023, p. 88) explica que as mulheres públicas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida e até explorada por algumas chefes de família. Em espanhol, também existe a UF *mujer pública* com o sentido de *mujer de la vida*, conforme mostra o dicionário María Moliner (2000, p. 941). Não foi encontrado no COFEM a UF *mulher pública* com sentido de *mulher da vida.* Os contextos em que essa UF ocorreram demonstram que o sentido aplicado foi denotativo, isto é, foi utilizado o sentido literal, sendo considerada, portanto, uma UF de sentido transparente, em EA.

De modo semelhante ao caso de *mulher pública* em PB, a UF *mujer de la calle* também ocorreu no COFEM em EA, porém apresentou sentido diferente do utilizado no contexto destacado anteriormente, em PB. Nos exemplos encontrados em EA, *mulher de calle* não foi utilizado metaforicamente para se referir ao comportamento sexual, à prostituição. Os significados encontrados são mais denotativos, pois significam uma mulher sem casa, aquela

[168] Priore (2020, p. 8) "debitam mulher um tipo de comportamento que incita a violência: "mulher gosta de apanhar", ironizava o dramaturgo Nelson Rodrigues".

que vive na rua, que não tem onde morar, isto é, em "estado de rua", como mostra o exemplo a seguir, Quadro 19:

QUADRO 19 - UF "mulher de la calle"

6	**Mujer de la calle:** (Substantivo + preposição + artigo + substantivo) Loc. Nominal
	Contexto de ocorrência: TJC
	Fragmento: Además, recordó sus festejos en Buenos Aires, durante su infancia y juventud. "Como Jesús, que nació pobre: ese día María era una *mujer* **de la calle**, porque no tenía un lugar adecuado para dar a luz", señaló el Sumo Pontífice para destacar qué pensará esta Navidad
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica, pejorativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que o exemplo encontrado não tenha sido empregado com uma ideia sexual sobre a mulher, é possível identificar uma carga semântica negativa, haja vista o fato de "de la calle" estar associado ao atributo "pobre". A UF *mujer de la calle* também é utilizada para identificar e para caracterizar uma mulher, a personagem bíblica "Maria", por meio do processo relacional *ser*.

Logo, a partir dos exemplos destacados, ficou evidente a relação metafórica espacial dentro x fora e a relação da mulher com o espaço geográfico (da rua, pública, da esquina, da janela[169], da vida, de vida fácil, do mundo) que representam o externo, aquilo que está fora, como sendo característico do comportamento sexual feminino indesejado, promíscuo, errado. Ademais, fica evidente o desprestígio social atribuído a mulheres sexualmente ativas, pois, como afirma Gowan (2021, p. 17) aquelas que "deixassem seus desejos aflorarem eram vistas como maléficas e perigosas".

Ainda relacionado ao tema comportamento sexual, no COFEM ocorreu a UF *garota de programa,* esta também é consagrada e idiomática. Da mesma forma, é utilizada para se referir às prostitutas, porém funciona como um eufemismo, diferente das UFs apresentadas anteriormente que se caracterizam como disfemismos. Segundo o dicionário Priberam, *garota de programa* é "uma mulher jovem que vende seus serviços sexuais sem se expor na rua

[169] Priore (2023, p. 87) explica que a janela sempre foi considera um lugar suspeito e perigoso, havendo muita referência na literatura do século XIX às "janeleiras" ou aos namoros de janela. Portanto, a janela funciona como fronteira entre a casa e a rua, entre o interno e o externo, entre a vida privada e a vida pública. No Brasil, são famosas as estátuas de madeira, cerâmica ou gesso - um tipo de escultura popular -, chamadas "namoradeiras" para se enfeitar as janelas, em referência às janeleiras, mulheres que ficavam na janela para observar a rua, principalmente em dias de festas religiosas. Preti (2010, p. 58) explica que o sintagma mulher de janela destaca talvez na maioria dos casos um dos poucos contatos diários com a rua para a mulher 'aprisionada' pelo marido e pela moral, num ambiente de intrigas de uma cidade" antigamente. [...] A moça janeleira acabou por uma degeneração de sentido, por significar não só a namoradeira, mas também a mulher fácil e até a prostituta.

geralmente com negociação ou marcação". No primeiro exemplo destacado, a comentarista subjuga essa figura, atribuindo-lhe menor valor ao utilizar a expressão *até uma,* conforme Quadro 20*:*

QUADRO 20 - UF "garota de programa"

7	**Garota de programa** (Substantivo + preposição + substantivo) Loc. nominal
	Contexto de ocorrência: CY MSJ
	Fragmentos: É de ficar corado de vergonha mesmo. Na tanto assunto bom pra ser discutido. O Brasil e o mundo cheio de problemas a serem debatidos e trazidos à pauta. Não e não. Não ao baixo nível. De corar *qualquer uma*, *até uma* **garota de programa**, com todo respeito a esta. (CMSJ) mulheres na mha condição ainda torceram na época para que eu me desce mal. Diziam: "ela vai virar **gp** em Sp". "Vê se pode uma mulher sem marido se manter na capital " e tudo mais que imaginarem de misoginia, preconceito de classe e machismo estrutural (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo; pejorativo. Tabu linguístico

Fonte: Elaborado pela autora.

Garota de programa, ou *gp* (abreviação) – como mostra o segundo exemplo apresentado no quadro*,* é uma UF que denomina uma mulher que se envolve em uma atividade de prostituição. Xatara e Oliveira (2008, p. 660) mencionam *garota de programa* e *mulher de programa* como sinônimo de prostituta. Mendes (2002, p. 146) define *mulher de programa* como "prostituta disfarçada que pode ser encontrada nos anúncios de jornais [...], lares de boas famílias, entre universitárias [...]". A UF *garota de programa* se refere à imagem estandardizada de "prostituta", a de uma mulher jovem, uma "garota". Essa mulher jovem é uma profissional, que exerce atividade sexual em troca de pagamento, isto é, que faz um "programa" com alguém, oferecendo um serviço. Essa é uma UF fixa e idiomática, utilizada em contextos informais, podendo conter conotação negativa, dependendo da forma como é usada. É uma UF com sentido eufemístico, haja vista que essas pessoas enfrentam estigmatização e discriminação na sociedade. Em contrapartida, pode-se dizer que a UF eufemística *garota de programa*, carrega uma série de implicações sociais, legais e culturais que variam dependendo do contexto.

Outra UF que se refere a esse grupo de pessoas e que foi recorrente no COFEM, em PB, tendo ocorrido 16 vezes, foi a UF *marcha das vadias*[170]*,* um disfemismo utilizado de modo a reapropriar o valor das *mulheres vadias* como profissionais importantes. Nascentes (1989, p. 192) cita "mulher vadia" como "prostituta". Silva (2013, p. 955) cita "mulher vadia" como

[170] O excerto encontrado no COFEM foi: Agora, a elite da moda joga com variações de lingerie e pele aparente para formar uma grande "marcha das vadias". O movimento, iniciado em 2011, ganhou força com as denúncias de assédio da campanha MeToo. Todos os anos ele arrasta milhares delas às ruas pelo direito de não temer se vestir como "vadia". (TJFSP29092018)

sinônimo para prostituta, meretriz. Já Maior (1980, p. 84) cita mulher-vadia, grafado com hífen, além de atribuir o mesmo sentido que os demais autores.

Outra UF encontrada no COFEM, em PB, relacionada ao comportamento sexual de uma mulher foi *mulher rodada*. Esta é uma UF fixa e idiomática, o que foi constatado por meio da consulta ao Corpus do Português (Davis, 2016). É, também, metafórica, sendo formada por um processo verbal no particípio e se refere a uma mulher que se envolve sexualmente com mais de uma pessoa. A metáfora estabelecida aqui é com o processo material *rodar*, como se a mulher tivesse a capacidade de rodar, como a roda de um automóvel, ou seja, como um objeto que tem rodas e que pode ser possuído por alguém, usado, comprado e revendido, o qual passa por muitos lugares e donos, e, portanto, por parceiros sexuais, como um carro rodado, experiente, que já percorreu muitos quilômetros. Essa representação é negativa, uma vez que a sociedade capitalista valoriza o automóvel novo, inédito e exclusivo, pode-se pensar que o automóvel rodado tem um valor inferior devido à sua condição de usado, gasto e experiente. Portanto, essa UF objetifica a figura feminina com comportamento sexual ativo e a menospreza, como mostra o exemplo a seguir, no Quadro 21:

QUADRO 21 - UF "Mulher rodada"

8	**Mulher rodada:** (substantivo + adjetivo) colocação
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Um monte de **mulher rodada** ....doida pra t um.macho aí vem com esse discurso pra aliviar..... (C MSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica, pejorativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme Gowan (2021, p. 13) explica, "o sexo não é para mulheres, ele só existe para o outro; é algo que devemos guardar para um dia 'dar' para alguém, no caso um homem. Uma mulher que deseja algo mais é taxada como uma mulher que 'não presta' e 'não se valoriza'. Desse modo, pode-se inferir que a mulher representada pela UF *mulher rodada* não é valorizada, ela é desmerecida e desvalidada. Como pode-se perceber, no exemplo destacado, a comentarista critica as participantes do programa através da utilização da UF *mulher rodada*, pelo fato delas estarem falando sobre questões relacionadas à sexualidade feminina.

A ocorrência de UFs metafóricas já amplamente consagradas pelo uso, com sentido negativo e depreciativo, funciona como avaliação negativa e expressam o julgamento externo sobre a vida de mulheres que estão envolvidas em atividades sexuais seja em troca de dinheiro ou não, ou as que são vistas como promíscuas. Portanto, *mulher rodada* é mais um exemplo,

em PB, de como a linguagem pode ajudar a perpetuar estigmas e preconceitos em relação às MCS, especialmente em contextos de sexualidade e autonomia.

Logo, pode-se dizer que as UFs aqui apresentadas, relacionam-se ao comportamento de mulheres, sobretudo ao comportamento sexual. Essas UFs são consagradas, fixas e idiomáticas, e mesmo que estejam "ultrapassadas" ou que sejam avaliações negativas, que carregam preconceitos, elas ainda são utilizadas. Essas UFs estão ancoradas a valores do período colonial, tendo resistido ao tempo e carregado os estigmas negativos impostos às MCS no que diz respeito, principalmente, aos comportamentos sexuais diferentes daqueles que são esperados pela sociedade. Logo, fica evidente a interação entre língua e sociedade, considerando-se aquela como reprodução e/ou reflexo desta, conforme (Preti, 2010). Também podemos refletir sobre o valor semântico dessas UFs, que são em sua maioria disfemísticas, avaliações do tipo julgamento, negativos e, dependendo do contexto de uso, são ofensivas.

Ao inverter a análise, e pensá-la em sentido contrário, a mulher voltada para espaços internos, fechados, privados como, por exemplo, *dona de casa* e *mulher do lar* como sendo a "mulher honesta"[171] comprovam o estereótipo prestigiado e aceito pela sociedade brasileira e argentina ainda hoje, aquela denominada *bela, recatada e do lar*, quase santa, designada para o cuidado da família e da casa, apenas[172]. Gowan (2021, p. 15) explica que "às mulheres cabia o recato da vida privada sendo permitidos apenas assuntos corriqueiros que não colocassem em risco a hegemonia masculina". Corroborando, o que diz Bourdieu sobre a ordem simbólica da dominação masculina. A seguir, no Quadro 22, temos exemplos de utilização da UF *dona de casa*, encontrados no COFEM, em PB:

QUADRO 22 - UF "Dona de casa"

9	**Dona de casa:** (Substantivo + preposição + substantivo) Loc. nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmentos: Na tv aberta o publico é heterogêneo por isso na tv aberta a audiência é alta nesta época de coronavirus principalmente. Nós **Donas de casa** e os Pobres q são a maioria do Brasil assistem só TV ABERTA (CMSJ) Ela faz um top 5 de razões pelas quais crianças são tão odiáveis quanto os cristão-democratas: louvam a família nuclear, advogam por mulheres **donas de casa**, são obcecadas por antigas tradições, são moralistas e amam a nobreza (TJFSP27082018)
	Classificação: Fixa e idiomática

[171] Segundo Araújo (2020, p. 294), em 2009 o Brasil ganhou uma lei mais clara e abrangente, pois o artigo 2013 do Código Penal Brasileiro, que define o crime de estupro. Até 2005, o Código Penal Brasileiro caracterizada o crime de estupro como "ter conjunção carnal com mulher honesta". Segundo a autora, "outra mudança importante na lei foi a retirada do texto da famigerada figura da "mulher honesta" O que significava que, se a vítima da violência trabalhasse como prostituta ou tivesse uma reputação de ter se envolvido com vários parceiros sexuais a pena para o agressor era menor.

[172] Santicioli (2019, p. 111) explica que, no decorrer do século XX, as mulheres eram denominas, normalmente, por meio das palavras: "casta, pura, santa, 'moça de bem', honesta, em contraposição à impura, pecadora e, de forma mais depreciativa, 'puta'.

	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

A UF *dona de casa* ocorreu 59 vezes no COFEM, em PB, e significa, segundo Borba (2002, p. 525) e Silva (2013, p. 525), uma mulher que "executa as funções domésticas em seu lar". Mendes (2002, p. 87), ao definir *dona de casa* explica que a mulher *dona de casa* é também conhecida como 'rainha do lar'". A UF "rainha do lar" foi mencionada por Silva (2013, p. 1254) como sinônimo de "dona de casa e mãe de família". No Brasil, as mulheres de elite, conhecidas por "donas" pouco saíam de casa, empregando seu tempo em bordados, costuras, bolos e conservas, segundo Priore (2020, p. 33). As atividades domésticas também asseguravam às mulheres um status de "dona de casa ideal", "anjo da casa" e "rainha do lar", como explica Santicioli (2019, p. 113).

Gil (2023, p. 87) ao abordar a questão do trabalho doméstico e a economia do cuidado, afirma que, a partir do contexto de colonização brasileiro, nas classes média e alta - que possuíam pessoas negras escravizadas -, as "mulheres estavam no comando do ambiente doméstico, dando ordens sobre o que fazer e como executar as tarefas do lar, enquanto os homens se responsabilizavam pelo trabalho produtivo que acontecia além das paredes da residência"[173]. Essa afirmação vai ao encontro da expressão apresentada por Mendes (2002), explicando os papéis atribuídos à "rainha do lar". Atualmente, *dona de casa* é utilizado para representar não só mulheres brancas e/ou ricas, mas todas aquelas que exercem essa função. De acordo com Chocano (2020, p. 180) a UF "dona de casa" passou de uma conotação servil, à evocação de dedicar-se ao cuidado da casa e de si mesma em período integral.

Mendes (2002) apresenta uma definição para *dona de casa* em tom de crítica, enfatizando as muitas funções desempenhadas pela mulher no âmbito doméstico e destacando o que é esperado dessa mulher *dona de casa,* também em relação ao casamento e à subordinação à figura masculina. Nas palavras de Mendes (2002, p.87), a *dona de casa* é

> aquela que durante anos ininterruptos acorda antes de todos, prepara o café completo, serve a mesa, arruma a casa, as gavetas, as camas de todos, lava o banheiro como se fosse a única a usá-lo, lava a roupa e passa, cozinha, lava os pratos, faz compras, leva e busca as crianças na escola, faz pagamentos bancários, arruma as malas de todos quando viajam, mantém em dia a correspondência familiar, precisa ser um verdadeiro computador para lembrar todas as datas importantes até mesmo da família do marido e dos amigos dele e não se esquecer dos compromissos sociais, precisa ser de tudo um pouco: enfermeira, assistente social, psicóloga, massagista, costureira, cabeleireira,

[173] De acordo com Gil (2023, p. l. 87), a tradicional família branca brasileira foi estruturada de forma nuclear e hermética, isolada dentro da chamada "Casa Grande": o homem cuidava de todo o contato com o mundo exterior, com a vida social; a mulher cuidava da casa que era administrada como um negócio doméstico, no qual o marido não tinha tanta voz.

> manicure. Tem que achar coisas perdidas por qualquer membro da casa e entregar em mãos, enxuga o banheiro que todos molham, lava os lençóis que "ele" ensopa de "coisas", desfaz as roupas apertadas dos maiores e refaz para os menores, é responsável pela higiene pessoal de cada um, leva a culpa de qualquer coisa que saia errado mas, no caso de sucesso oferece os louros ao esposo, educa sozinha as crianças, frequenta as reuniões de pais e mestres (só mães comparecem) é advogada em brigas infantis, cuida dos animais domésticos, varre, esfrega, tira o pó, encera e mantém tudo brilhando, cuida do jardim, do lixo. Quando mora em sítio ou fazenda é responsável pela horta e faz pães, biscoitos, queijo e manteiga e ainda prepara o sabão com ossos e banha. Nunca vai a qualquer divertimento e de noite tem que estar disposta e sorridente para uma "mal dada" do maridão, se não é culpada por ele ter que arrumar uma amante.

A partir da citação da autora é possível recuperar aspectos que promovem uma valorização do interno, do privado e do doméstico frente ao que significa ser uma *dona de casa*. Por outro lado, a descrição feita pela autora também aponta diversos problemas enfrentados pelas mulheres *donas de casa*, como a violência psicológica e sexual[174]. Também ficam evidentes a submissão em relação à figura masculina e a desvalorização da *dona de casa*. Gil (2023, p. 59) explica que desde a Grécia Antiga até os tempos atuais, todo o trabalho envolvido no "gerenciamento do lar recai sobre as mulheres e outras pessoas consideradas inferiores – outrora os escravizados; hoje, os pobres, geralmente pretas e pardas, ou migrantes".

O papel tradicional da mulher como responsável pelo lar e pela família é frequentemente criticado em contextos que buscam promover a igualdade de gênero e a valorização das mulheres em diversas esferas da vida. Conforme Gil (2023, p. 60), são essas pessoas que garantem a "sobrevivência dos corpos" e sem elas "não haveria atividade remunerada, mercados, especialização do trabalho ou vida política e social". Portanto, a autora problematiza a existência de uma "economia do cuidado" a qual não tem seu valor devidamente reconhecido e que não é remunerada. Em outras palavras, as tarefas que envolvem a manutenção do lar e das pessoas que vivem nele não são pagas e identificadas como a base da economia e da sociedade.

Em um dos exemplos apresentados com a UF *dona de casa*, a comentarista destaca a quantidade de mulheres *donas de casa* pobres, no Brasil. É possível, portanto, identificar a relação estabelecida por ela, através do processo relacional *ser*, o qual identifica e caracteriza esse grupo de pessoas, isto é, a comentarista destaca a realidade de muitas *donas de casa* de classes desfavorecidas, atualmente. Já no segundo excerto destacado, o processo verbal *exaltar*

[174] Araújo (2020, p. 86) aborda uma problemática social brasileira, a compreensão errônea do que é "débito conjugal" do que é estupro marital. Segundo a autora, "o companheiro estuprador tem o perfil de quem acredita que pode obter o que quer pela força bruta, e nunca aceita um não como resposta. Muitas mulheres também acham que têm a obrigação de ceder, mesmo contra a sua vontade". Dados do Atlas da violência 2024, denunciam que as principais vítimas de violência doméstica e intrafamiliar são meninas e mulheres que sofrem, principalmente, com violência física e sexual. Ver notícia: https://forumseguranca.org.br/publicacoes/atlas-da-violencia/.

demonstra a valorização dessa figura, exemplificando que há uma parcela da sociedade que reivindica a permanência e dedicação total das mulheres aos espaços domésticos.

No COFEM em EA, também ocorreram exemplos dessa UF, foram 12 casos com valor semântico semelhante aos encontrados em PB, como mostra o exemplo a seguir (Quadro 23):

QUADRO 23 - UF "ama de casa"

10	**Ama de casa** (Substantivo + preposição + substantivo) Loc. nominal
	Contexto de ocorrência: TTp CP E09 e TJP27072022
	Fragmentos: Recién se traslucía como es una re complicación para la sociedad entera que la mujer trabaje. ¿Porque quién se ocupa de limpiar? si la *mujer* no es **ama de casa**, ¿Qué pasa con todo eso? ¿Entonces les complica la vida a todos en realidad, viste? Es como... qué paja que las minas laburen! No quieras querer hacer algo afuera de la casa. (CPE09) "Lo que aparece presentado en la segunda autopsia fue lo que llevó a acusarlos y lo mismo que tuvo en cuenta la jueza de Garantías para ordenar la detención". Amelia, la **ama de casa** que cubrió a su hijo femicida, lavó su ropa con sangre y recibió perpetua (TJP27072022)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível perceber, nos exemplos em EA, a UF *ama de casa* também está associada a uma função desempenhada por uma mulher, o trabalho doméstico. Entretanto, segundo a RAE, *ama* é a "*esposa del amo*" ou a "mulher que amamenta o filho alheio". O vocábulo *amo* dentre os vários significados possíveis apresentados pelo dicionário, significa aquele que é "dono de casa ou família", "possuidor de algo" ou ainda "pessoa que possui empregados a seu serviço" e "dono de escravos". Portanto, esse vocábulo está, historicamente, relacionado ao contexto de escravidão e trabalho subalternos. No primeiro exemplo apresentado, o processo relacional *ser* novamente é utilizado para caracterizar e identificar essa mulher que limpa e cuida da casa. No segundo exemplo, à figura feminina é atribuída a característica de *ama de casa,* mais uma vez associada ao serviço de limpeza – *lavar –,* um processo material, que indica fazer a limpeza de algo.

Outra UF em PB encontrada no COFEM que demonstra a representação da mulher relacionada ao interior e ao doméstico é a UF *do lar.* Silva (2013, p. 801) cita a UF *do lar* como sinônimo de "dona de casa". Essa locução nominal foi utilizada, no exemplo a seguir (Quadro 24), em conjunto ao processo relacional *ser,* caracterizando a figura feminina "mãe" como *do lar,* isto é, atribuindo-lhe como ofício a função de cuidar do lar:

QUADRO 24 - UF "do lar"

11	**Do lar** (preposição + substantivo) Loc. nominal
	Contexto de ocorrência: TTv CBE14
	Fragmento: De onde você tirou essa ideia, menina, de ser caminhoneira? Olha, minha família até hoje quer entender. Meu pai é tratorista, minha mãe é *do lar*. Meus irmãos todos... Nós todos se criamo na lavoura, trabalhando com o pai ali no pesado. Desde criança, eu queria ser caminhoneira.
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

No COFEM em EA, o mais próximo dessa UF encontrada foi *mujer hogareña*, sendo utilizada como um atributo[175]. Também foi identificado no *corpus* em PB a ocorrência de uma UF recorrente no contexto brasileiro, a saber: *bela, recatada e do lar.* Esse trinômio[176] se refere a um estereótipo de feminilidade tradicional, em que o atributo *bela* refere-se à aparência física em conformidade com os padrões estéticos valorizados pela sociedade. Já o atributo *recatada* refere-se ao comportamento esperado de mulher, uma postura modesta, reservada e discreta. Por último, a locução nominal *do lar* refere-se ao papel da mulher como responsável pelo ambiente doméstico, enfatizando a ideia de que seu "lugar" é em casa, cuidando da família e das tarefas domésticas. No exemplo a seguir, essa UF é utilizada em tom de crítica, como sendo atributos das mulheres apresentadoras do programa:

QUADRO 25 - UF "bela, recatada e do lar"

12	**Bela, recatada e do lar:** colocação de trinômio
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: no Saia Justa, acharam 4 *mulheres* **Belas, Recatadas e do Lar**, com bom senso e formação média, q nos matam de tédio e mesmice (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

O tom crítico do comentário pode ser compreendido por meio do processo existencial *matar,* o qual é utilizado de forma metafórica, uma vez que não se pode de fato morrer de tédio. Essa expressão sinaliza uma hipérbole, demonstrando a insatisfação do comentarista com as participantes do programa. Essa também é uma avaliação do tipo julgamento, negativa. O sentido dessa UF é frequentemente criticado, pois delimita as oportunidades e a liberdade de MCS, reforçando papéis tradicionais de gênero que não reconhecem a diversidade de

[175] Ver exemplo: Ese ideal de la mujer blanca, sumisa, hogareña y al servicio del hombre existe desde 1492, desde la colonización. Se reforzó en el período de las Bellas Artes, donde las mujeres fueron retratadas a partir de la mirada masculina: ingenuas, delicadas, con poca ropa pero no vulgares. (TJLN18032019)

[176] De acordo com Tagnin (2013, p. 86), outro aspecto que pode ser convencionado no nível sintático é a ordem das ocorrências dos elementos. O trinômio é, geralmente, formado por três palavras da mesma categoria gramatical e ligadas por uma preposição e ou conjunção.

experiências femininas para além das domésticas. Gowan (2021, p. 176) menciona a existência de mulheres "que já não querem mais ser a bela, recatada e do lar". Essa UF é usada, muitas vezes, para tensionar a ordem simbólica de dominação, para propor reflexão e discutir como esses estereótipos de gênero podem ser prejudiciais, já que a igualdade de gênero, proposta pela ONU, visa a valorização das mulheres em todas as suas capacidades e escolhas, independente de elas estarem dentro ou fora de seus lares.

Outra UF encontrada no COFEM em PB que corrobora a figura recatada que a mulher do lar, aquela casada, deveria ter. Mais uma vez a ideia de que a mulher deveria mostrar-se como "honesta" através de seu comportamento e vestimenta. Santicioli (2020, p. 11) explica que a oposição ao estereótipo de prostituta demarcava o modo como a *mulher honesta* deveria se portar diante dos demais, como ela deveria se vestir, falar e até andar para não se tornar, na visão dos outros uma 'mulher da vida', 'mulher feliz'. O Quadro 26, a seguir, mostra o exemplo encontrado em PB:

QUADRO 26 - UF "não basta ser honesta é preciso parecer honesta"

13	**Não basta a mulher ser honesta é preciso parecer honesta:** desautomatização
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: frase que eu me espelho pois acho ideal para todas às *mulheres* independente do estado civil : ***não basta à *mulher* ser honesta ela principalmente tem que parecer honesta***(CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Transparente; desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora.

Nascentes (1989, p. 192), menciona a existência da UF "ser como a mulher de Cézar". Este enunciado fraseológico, remete a outra UF, esta apresentada por Vázquez (s. d., p. 395) em que o autor menciona uma UF semelhante em sua lista de "frases célebres" usadas na Argentina: "*la mujer de Cesar no sólo debe ser honrada, sino parecerlo".* Como é possível notar, a UF que ocorreu no COFEM em PB é uma desautomatização da UF original, apresentada em sua forma completa por Vázquez. Segundo o autor, na atualidade, esta UF é utilizada para prevenir pessoas que por sua forma de se comportar em público possam servir de tema para comentários negativos. Corroborando, assim, as representações que emergem dos usos linguísticos destacados até aqui, o que significa dizer que a mulher além de se comportar segundo as normas tradicionais, ela precisa também vestir-se de acordo com as expectativas sociais para evitar o julgamento alheio.

As UFs encontradas demonstram como a dominação masculina é exercida no campo do simbólico, haja vista o fato de que existem diferentes UFs sendo utilizadas para representar

mulheres que trabalham com sexo - sem distinção entre trabalho (in)voluntário - ou aquelas que possuem comportamento sexual diferente da norma social patriarcal "imposta" às mulheres. Por outro lado, as UFs encontradas também apontam para uma representação de mulheres casadas, modestas e castas. Estas, por sua vez, com uma valorização associada à honestidade, o que eleva o prestígio dessa figura frente às demais existentes. Como explica Araújo (2020, p. 294), não à toa até 2005 o Código Penal Brasileiro ainda caracterizava o estupro como "ter conjunção carnal com mulher honesta". Ou seja, se a pessoa vítima do estupro fosse uma *mulher de vida duvidosa*, a pena para o agressor era abrandada.

Em decorrência de um contexto doméstico em que a violência se manifesta de diferentes formas, onde as mulheres dona de casa são as principais vítimas de seus maridos agressores, surge no Brasil um enunciado fraseológico em referência a essa situação conflituosa: *Em briga de marido e mulher não se mete a colher*. Esta é uma afirmação popular que aconselha a não interferir em desavenças conjugais, pois nessa perspectiva elas são compreendidas como íntimas e pessoais, portanto, restritas ao casal e ao ambiente doméstico. Logo, cada casal deveria resolver seus problemas dentro do lar e lidar com suas próprias questões sem a interferência de outrem. No COFEM, ocorreu 1 exemplo dessa UF, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 27 - UF "em briga de marido e mulher não se mete a colher" em PB

14	**Em briga de marido e mulher não se mete a colher:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: (TJG1 – 15072021)
	Fragmento: No caso da violência doméstica, é preciso ultrapassar uma cultura que, de certa forma, ainda reproduz um antigo discurso de que "em briga de *marido e mulher* não se mete a colher", frase esta que, dentre outras, é sintoma de uma sociedade machista
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

No excerto destacado, a UF em questão é caracterizada como "antigo discurso", e através do processo relacional *ser*, a pessoa redatora do texto utiliza uma metáfora para caracterizar essa UF como *sintoma* de um problema, neste caso a "doença" é a sociedade machista. Segundo o dicionário Priberam, a UF "meter a colher" significa intrometer-se no que não lhe diz respeito". Xatara e Oliveira (2008, p. 490) explica que "meter a colher" é um idiomatismo e significa "dar pitaco, meter o bedelho; meter o bico; meter o nariz; intrometer-se". Esse contexto problemático licencia a materialização de outra UF desautomatizada em resposta: *Em briga de marido e mulher se mete a colher*, isto é, através de uma manipulação fraseológica muda-se a ideia principal da UF original, promovendo um novo sentido, o de que

a comunidade, a família ou amigos podem ter um papel de ajuda na resolução de conflitos conjugais[177]. Essa ideia é frequentemente reforçada em campanhas, no Brasil, contra a violência doméstica. Essa UF ocorreu 4 vezes no COFEM. A seguir, o Quadro 28 apresenta exemplos:

QUADRO 28 - UF "Em briga de marido e mulher se mete a colher"

15	**Em briga de marido e mulher se mete a colher sim:** desautomatização
	Contexto de ocorrência: TJG1 e CY
	Fragmento: Em briga de marido [e mulher] se mete a colher sim, a colher, a porrada, a vassoura, a cadeira etc... até que a polícia chegue. Agressores dando dislike (CMSJ) 'Em briga de marido e *mulher* se mete a colher sim porque a segunda agressão vai ser mais grave, a terceira ainda mais grave e um dia ela vai morrer', diz advogada. (TJG107082018)
	Classificação: Semi - Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico**,** desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas ocorrências demonstram a desconstrução de normas sociais, pois, ao desafiarem a lógica dominante, elas tensionam e promovem reflexão. No primeiro exemplo, a pessoa comentarista suprimiu o vocábulo *mulher,* mas ainda assim é possível reconhecer a UF original através do início *em briga de marido* e do final, contendo o idiomatismo *se mete a colher*. Esse exemplo reafirma e intensifica a necessidade de terceiros se envolverem em brigas conjugais, por meio de uma hipérbole, pois a ideia de *meter a colher* é reforçada através de uma sequência de objetos domésticos como a *vassoura* e a *cadeira*, as quais podem ser usadas como instrumentos de defesa, como "armas", demonstrando a criatividade lexical através de uma desautomatização. Já o segundo exemplo, mais próximo da UF original, publicado em um texto jornalístico, exemplifica uma desautomatização em que apenas se inverte a negação para afirmação: *não se mete* passa a ser *se mete sim.*

Essas UFs também emergem de um contexto em que as mulheres atendiam à visão esperada de "boa esposa", aquela com qualidades morais, paciência e capacidade de satisfazer o marido e de "esposa feliz" e "companheira perfeita", que desenvolvia todas as atividades domésticas sozinha, sem a participação do marido, e que, caso fosse traída, "deveria fingir não saber, pois poderia ser abandonada, o que não era desejável", conforme explica Santicioli (2020, p. 112). Fica evidente, portanto, que diferentes questões sociais e culturais influenciam a criação de UFs, com temáticas que envolvem MCS.

[177] Essa ideia também está contina na UF encontrada no COFEM "em mulher não se bate nem com uma flor". Exemplo de uso: Convicto de que em mulher não se bate nem com uma flor, o jovem matou o padrasto, um policial militar, quando viu a mãe ser espancada em casa. Foi um ato desesperado de defesa. (TJG120042018).

Na esteira das discussões sobre a figura feminina estar associada apenas a lugares internos e privados, conforme a ordem simbólica da dominação masculina de Bourdieu, outra UF encontrada no COFEM em PB e EA demonstra a tensão em relação ao tema, *lugar de mulher* e *lugar de la mujer*. Estas colocações apontam para contextos de usos linguísticos que denominam os espaços em que mulheres devem transitar. Conforme já explicado, a princípio o *lugar de mulher* era entendido como "em casa". Assim, a UF *lugar de mulher* se destaca e passa a ser utilizada com frequência em PB, como uma resposta, uma forma de desafiar as normas sociais tradicionalistas, promovendo a ideia de que mulheres têm liberdade para ocupar diferentes espaços que desejarem, principalmente aqueles de poder, seja no mercado de trabalho, na política, na ciência, nas artes ou qualquer área da vida pública. Veja o Quadro 29:

QUADRO 29 - UF "lugar de mulher"

16	**Lugar de mulher: (**substantivo + preposição + substantivo) locução nominal
	Contexto de ocorrência: TTp SE02
	Fragmento: Depois de anos sendo ridicularizadas pela opinião pública, que não via as eleições como "**lugar de** *mulher*", elas seguiam trabalhando. (S E02)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Transparente

Fonte: Elaborado pela autora.

Em EA, acontece de forma semelhante, a UF *lugar de la mujer* foi utilizada no excerto a seguir, para se referir à reconstrução do lugar da mulher na sociedade atual, isto é, as mudanças relacionadas à liberdade das mulheres para escolher seus caminhos e definir seus próprios lugares na sociedade, sem serem restringidas por estereótipos ou expectativas tradicionais. O Quadro 30 apresenta o exemplo encontrado no COFEM em EA:

QUADRO 30 - UF "lugar de la mujer"

17	**Lugar de la mujer: (**substantivo + preposição + artigo feminino + substantivo) locução nominal
	Contexto de ocorrência: TJC08032020
	Fragmento: hoy hay muchas identidades de género que se están escribiendo, y que son necesarias considerar en este recorrido o reconstrucción del **lugar de la** *mujer* en la sociedad. (TJC08032020)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Transparente

Fonte: Elaborado pela autora.

A UF "*lugar de la mujer*" pode ser considerada fixa e idiomática por apresentar uma estrutura estável e sentido não composicional. A UF possui um valor idiomático, pois seu sentido ultrapassa a literalidade e se vincula a representações sociais e ideológicas sobre o papel da mulher na sociedade. Historicamente, essa UF foi associada à domesticidade e à

subalternidade, porém ela pode adquirir novos sentidos em contextos atuais, que são contextos de resistência e que evidenciam a sua reatualização crítica, como no enunciado fraseológico "lugar de mulher é onde ela quiser", que será comentado mais à frente.

Essa ideia de *lugar da mulher* licencia a materialização de diferentes colocações com o item *mulheres* e *mujeres* como mostram os resultados identificados no COFEM e apresentados no Quadro 31, a seguir:

QUADRO 31 - Colocações com os itens *Mulheres* / *Mujeres*

Mulher(es) + área de atuação, área do conhecimento PB	**Mujer(es) + área de atuação, área do conhecimento EA**
Mulheres na política	Mujeres en la política
Mulheres na ciência	Mujeres en el agro
Mulheres no poder	Mujeres en los lugares de poder
Mulheres no Skate	Mujeres en los *E-Sports*
Mulheres no comando	Mujeres en el humor
Mulheres no topo	

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao observar as ocorrências em conjunto, percebe-se que os "lugares" associados às mulheres são "áreas" que historicamente estão relacionados à figura masculina, ou seja, as mulheres não ocuparam esses espaços ou estão sub-representadas neles.[178] Mendes (2002, p. 173), no verbete "mulheres no poder", afirma que quanto maior o poder, maior são as barreiras para as mulheres, haja vista os dados estatísticos apresentados pela autora, os quais demonstram a sub-representação da mulher principalmente nos cargos do legislativo. As áreas do conhecimento como ciência, agro (agronomia) e política são grandes exemplos disso e já foram citados neste trabalho, anteriormente. Além disso, os campos do humor, como as comédias e o *stand up* e os esportes, especificamente o skate e os esportes eletrônicos, com competições *online,* são atividades historicamente relacionadas ao masculino. Ademais, além dos estereótipos de gênero impostas pela cultura dominante, diferentes fatores combinados contribuem para a sub-representação de mulheres nessas áreas, como por exemplo uma cultura de exclusão, a falta de representatividade, a desigualdade de oportunidades, ambientes hostis etc.

Outra área historicamente associada ao homem e não à mulher é o trânsito e tudo o que está em seu entorno, como por exemplo a mecânica automotiva. No COFEM ocorreram

[178] Bourdieu (2020, p. 100) explica que a ordem simbólica da dominação masculina pode ser observada nas relações de trabalho, na representação das mulheres nas mídias como TV, em novelas, debates públicos e nas profissões. O filósofo explica, ainda, que "a perspectiva de feminização de uma profissão reduz sua desejabilidade e prestígio".

exemplos de um enunciado fraseológico fixo e idiomático, já consagrado em ambos os idiomas, *mujer al volante peligro constante!*. Foram encontrados 4 casos em EA e 1 ocorrência em PB. Esse é um ditado popular, frequentemente associado à cultura do machismo, a qual desvaloriza capacidades que as mulheres têm, como a de conduzir um veículo – uma atividade externa ao ambiente doméstico. Mais uma vez, essa UF representa negativamente as mulheres, pois reforça a ideia de que certos papéis ou habilidades não são "naturalmente" para as mulheres, isto é, o trânsito não é "lugar de mulher". O exemplo a seguir (Quadro 32) demonstra como essa ideia também está arraigada à sociedade argentina:

QUADRO 32 - UF "*Mujer al volante peligro constante*"

18	**Mujer al volante peligro constante:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TTp CPE06
	Fragmento Pero bueno, hay algo de la *mujer* y el auto…en todo el mundo. Y crecimos con esta idea de ***mujer* al volante, peligro constante**. (CP E06)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Metafórico, pejorativo, avaliação depreciativa

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo destacado no quadro acima, a participante do programa afirma que este estereótipo faz parte da vida de mulheres, haja vista a escolha do processo existencial *crescer* utilizado para se referir ao processo de existir e experenciar a vida e, propriamente, de tornar-se adulto. Já em PB, o exemplo apresentado no Quadro 33, abaixo, demonstra a insatisfação da pessoa que redigiu o texto jornalístico, já que neste caso, há uma avaliação explícita da UF. No exemplo selecionado, a UF é avaliada em termos de apreciação, recebendo os atributos *velha* e *preconceituosa* como características, conforme mostra o quadro a seguir:

QUADRO 33 - UF "mulher ao volante perigo constante"

19	**Mulher ao volante perigo constante:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TJUOL19082021
	Fragmento Contra fatos, não há argumentos Só que os números desmentem a velha (e preconceituosa) frase de que " mulher ao volante é um perigo constante". TJUOL19082021
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo, fica evidente o desprestígio em relação à UF *mulher ao volante perigo constante*, este é um exemplo de apreciação do tipo valoração, pois atribui um valor semântico negativo à uma *frase*, um "objeto abstrato". Nesse contexto de desvalorização de mulheres no

trânsito, emerge outra UF frequente no PB e encontrada no COFEM, a fórmula situacional *Tinha que ser mulher!*, conforme o exemplo exposto no quadro a seguir:

QUADRO 34 - UF "Tinha que ser mulher"

20	**Tinha que ser mulher:** fórmula
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Logo vem alguém para apontar o dedo e criar generalizações, tipo **"tinha que ser** *mulher***"**. (CMSJ) Eu já ouvi várias vezes esse termo "**tinha que ser** *mulher* " e por ter uma mãe que sempre me ensinou a respeitar as mulheres eu agradeço (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

Tagnin (2013, p. 121) explica que as fórmulas fixas, aquelas ditas a título de comentário em determinadas situações, podem ser frases feitas, citações ou provérbios. No caso de *Tinha que ser mulher!*, pode-se dizer que, como esta é usada em situações que envolvem crítica negativa e preconceituosa em relação a um comportamento específico feminino, entendida em um contexto tradicionalista de base patriarcalista, como "típico" ou "esperado" de uma mulher, trata-se de uma expressão coloquial, que pode ser usada em tom irônico ou negativo, em situações em que mulheres são vistas como responsáveis por problemas, como por exemplo, batidas de trânsito, falta de destreza para estacionar, incapacidade para viajar longas distâncias, não conseguir fazer a manutenção do automóvel ou não entender de mecânica automotiva, dentre outros.

Nesse mesmo contexto de desvalorização, também ocorre em PB um candidato a UF que virou *hashtag* no Brasil, *porque é mulher.* Rotineiramente, essa afirmação é usada quando mulheres "erram" ou se envolvem em situações problemáticas, por exemplo uma batida de trânsito ou um baixo desempenho em alguma atividade, conforme mostra o exemplo a seguir, no Quadro 35:

QUADRO 35 - UF "porque é mulher"

21	**Porque é mulher:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência:
	Fragmento: Se a mulher nao ganha é **porque é** *mulher*... se ganha é **porque é** *mulher*... hahahah Mulher é tudo de bom! Garra!
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

Porém, como é evidenciado no comentário, *porque é mulher* não é usado apenas em contextos de "derrotas", ela pode ser aplicada a situações de "vitória" que envolvem mulheres, como foi o caso que originou o movimento na internet. Uma jogadora brasileira de esportes eletrônicos recebeu diversas críticas por ter vencido um campeonato, sendo acusada de ter vencido por ser mulher[179]. Em face do exposto, pode-se inferir que a UF *porque é mulher* é usada para criticar a forma como mulheres são tratadas ou percebidas em diversas situações – positivas ou negativas -, sugerindo que sua identidade de gênero é um fator que influencia o modo como são tratadas na sociedade em geral.

A partir do contexto exposto, é possível compreender outra UF em PB, bastante recorrente e encontrada no COFEM: *lugar de mulher é onde ela quiser!* Este enunciado fraseológico tem sido utilizado como uma máxima por mulheres que reivindicam o seu direito de escolher livremente seus próprios caminhos. Esse enunciado fraseológico reflete uma postura feminista que busca desafiar as expectativas tradicionais, conforme já mencionado anteriormente. No exemplo destacado, uma comentarista indaga o porquê do desprestígio de uma atividade artesanal - o fazer crochê -, questionando a ideia de que a mulher que exerce essa atividade tem liberdade para isso, haja vista o argumento desse enunciado fraseológico, o qual ela utiliza como uma indagação retorica para desenvolver a sua argumentação, como mostra o Quadro 36, a seguir:

QUADRO 36 - UF "lugar de mulher é onde ela quiser"

22	**Lugar de mulher é onde ela quiser!:** Enunciado Fraseológico
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: vcs não levantam a bandeira de que a mulher faz o que ela quiser? **Que o lugar da *mulher* é onde ela quiser** ? Qual o problema com o crochê? Mulher que faz crochê está com a vida acaba?.
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Sentido transparente.

Fonte: Elaborado pela autora.

Outra UF metafórica encontrada no COFEM, em PB, foi "seguir a cartilha". Essa UF é recorrente no PB e pode ser corroborada pelos 89 usos encontrados no *Corpus* do Português (Davis, 2016). A "cartilha" referida na UF é um livro didático que ensina o básico sobre leitura. O exemplo encontrado no *corpus* de estudo desta pesquisa demonstra a desautomatização através da utilização dessa UF com o vocábulo *mulheres*, indicando a existência de um conjunto de regras de "ser" e "estar" no mundo como uma mulher, conforme mencionado anteriormente. O Quadro 37, a seguir, apresenta o exemplo:

[179] Ver mais em: https://www.acidamentesensivel.com/2019/11/movimento-porqueemulher-ganha-forca.html

Quadro 37 - UF “seguir a cartilha das mulheres”

23	**Seguir a cartilha das “mulheres”:** (Verbo + artigo+ substantivo + preposição + artigo + substantivo) Loc. Verbal desautomatizada
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Insuportável essa mania que o brasileiro tem agora de **seguir cartilha.** Sou *mulher* logo tenho que **seguir a cartilha** *"das mulheres"* e falar somente o que está escrito lá. Senao, vem uns comentários aleatório dizendo que "mandou mal". Mandou mal pra quem? Parem de achar que todos têm que falar o que vcs querem ouvir.
	Classificação: Semi - fixa e idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica “seguir a cartilha”. Cumprir o que se tem como regra, convicção, ideia.

Fonte: Elaborado pela autora

As discussões sobre conformidades às normas sociais é um tema recorrente nos debates sobre gênero, haja vista o fato de que essa “cartilha” pode incluir ideias sobre como as mulheres devem se comportar, se vestir, ou quais papéis elas têm que desempenhar na família e na sociedade. No exemplo destacado, a comentarista utiliza essa UF para se referir aos temas que devem ser abordados por mulheres, demonstrando que a “cartilha” ensina o que pode ser dito por uma mulher, portanto apontando para um controle social sobre o discurso feminino. Para estruturar sua crítica, a comentarista utiliza o processo comportamental *ter,* indicando uma ordem, um dever a ser cumprido, junto ao processo verbal *falar.* Assim, a comentarista estabelece a relação entre a obrigação de falar apenas o que é permitido pela “cartilha”.

Pode-se dizer que são exemplos de mulheres que *seguem a cartilha* a *mulher multitarefa* e a *mulher maravilha*, ambas UFs encontradas em PB e EA. A UF *mulher multirarefa* foi encontrada no COFEM em ambos os idiomas e ocorreu 1 vez em PB e 4 vezes em EA. Esta é uma colocação de valor metafórico, usada para se referir a mulheres que realizam várias funções ao mesmo tempo. Essa habilidade de “equilibrar” as diversas responsabilidades é frequentemente associada à figura feminina, representando aquelas que conseguem balancear as atividades domésticas com outras responsabilidades como o trabalho e as demais obrigações sociais. A seguir, o exemplo encontrado no COFEM em PB:

QUADRO 38 - UF "mulher multitarefa"

24	**Mulher multitarefa: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Mas retomando o assunto *mulheres* **multitarefas** ... Essa realidade existe e é imensa!!!!!! É um abismo entre pessoas com e sem oportunidades na vida. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Disfemismo

Fonte: Elaborado pela autora

No excerto destacado, *mulher multitarefas* está como um "tema" a ser discutido. A pessoa comentarista, em tom crítico, reconhece a existência dessa figura feminina que realiza muitas atividades ao mesmo tempo, além de caracterizá-la com o atributo *imenso*, conferindo um sentido hiperbólico através de uma metáfora que indica grandeza. Dessa forma, a comentarista evidencia e reafirma a situação dessas mulheres. O atributo *multitarefa*s é rotineiramente utilizado para caracterizar aparelhos eletrônicos e sistemas operacionais, portanto seu valor semântico está atrelado a objetos, sejam eles físicos ou eletrônicos/ virtuais.

Em outras palavras, esse adjetivo aponta para uma objetificação da mulher, haja vista que essa suposta versatilidade tem relação com estereótipos de gênero, reforçando a ideia de que as mulheres são responsáveis por uma série de tarefas e que são feitas para isso, portanto são capazes de agir como máquinas. Isso pode impactar a saúde mental dessa parcela da sociedade, pois a pressão social exercida sobre essas mulheres pode levar a expectativas insustentáveis. A seguir, o exemplo encontrado no COFEM, em EA:

QUADRO 39 - UF "*mujer multitarea*"

25	**Mujer multitareas: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TJP11102021
	Fragmento: Madres de la pospandemia: la *mujer* '**multitarea**' y el riesgo del estrés crónico En cuanto al costo, depende de la capacidad económica de cada uno. (TJP11102021)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Disfemismo, depreciativo.

Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível inferir, de modo semelhante, a UF *mujer multitarea*, caracteriza um grupo de mulheres - as mães -, como representante desse estereótipo de uma pessoa que é capaz de cuidar de tudo e de todos ao mesmo tempo. Outra UF encontrada no *corpus* em EA que reforça essa ideia é *mujer maravilla,* que ocorreu 25 vezes. Essa UF é uma colocação e faz referência à personagem fictícia de mesmo nome, criada por William Moulton Marston, na década de 40, para as histórias em quadrinhos estadunidenses da *DC comics*. A Mulher Maravilha é uma heroína da cultura pop, baseada em figuras mitológicas gregas. Essa personagem, por vezes, simboliza a luta pela igualdade de gênero, representando a força, a coragem e independência das mulheres. A seguir o exemplo encontrado no COFEM, em EA:

QUADRO 40 - UF "*mujer maravilla*"

26	**Mujer maravilla: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TTv CVE14 e CY
	Fragmentos: hay una cosa de la mujer, de sentirse muchas veces una *mujer* **maravilla**, de creer que puede con todo. (CVE14)

	Holis a las *mujeres* **maravilla**, me encantó verlas, hermoso viaje y el look de oki me encantó, besos (CCP)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora

No primeiro exemplo destacado, a apresentadora do programa comenta que é comum que as mulheres se sintam capazes de realizar tudo o que têm vontade, portanto acreditem, por vezes, que podem fazer tudo. Para isso, ela utiliza o processo mental *sentir,* relacionando-o à super-heroína. Para expressar a ideia de modo metafórico a apresentadora utilizou-se de uma personagem, a *Mujer Maravilla*, a heroína. Em PB, a utilização da UF *mulher maravilha* ocorreu 4 vezes, com sentido semelhante, como mostra o exemplo a seguir:

QUADRO 41 – UF "mulher maravilha"

27	**Mulher maravilha:** (substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento Muito obrigada por essa discussão. Eu, já há muito tempo, me perguntava o porque de toda esse estereótipo da *mulher* **maravilha**. Isso é muita pressão. Mulher também tem suas tristezas, cansaços, depressão, afinal de contas somos seres humanos. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora

No exemplo em PB, o tom crítico é evidente. A pessoa comentarista caracteriza a *mulher maravilha* como um estereótipo negativo e critica esse "atributo", apontando para a problemática do excesso de obrigações e para o excesso de expectativas sociais imposta às mulheres através do processo relacional *ser* e do atributo *pressão*, demonstrando uma postura de julgamento negativo para com a UF *mulher maravilha*. Fica evidente que a crítica está relacionada à característica de "multifuncionalidade" atribuída, muitas vezes, a esse grupo de pessoas, pois se refere a mulheres que equilibram várias responsabilidades, da mesma forma que a *mulher multitarefas.* Assim, pode-se dizer que, enquanto *mulher maravilha* é um eufemismo, *mulher multitarefas* é um disfemismo. Essa ideia do "equilíbrio" de atividades associada à figura feminina motivou uma colocação criativa, identificada no COFEM em PB, a colocação *mulher pratinho*[180]*,* aquela que tenta equilibrar os vários pratos girando ao mesmo tempo, como uma malabarista circense.

Outras UFs recorrentes no *corpus* de estudo, em PB, foram *mulher de verdade* e *mulher real.* Ambas as expressões são metafóricas e carregam a ideia de que existem mulheres que não

[180] Exemplo retirado do COFEM: Nossa, super me sinto a *mulher pratinho*. Essa cobrança de ser boa em tudo e de não ter falhas, me consome bastante (CMSJ).

são “reais”, isto é, que não são “de verdade”, que vivem a realidade da maior parte das mulheres. Entretanto, elas possuem diferenças em sua utilização. A primeira UF, *mulher de verdade,* é usada também para designar mais um estereótipo de mulher, pois se refere a um conjunto de características e expectativas sociais e culturais sobre a figura da “verdadeira mulher”. Essa UF pode ser usada tanto para reforçar estereótipos quanto para promover a inclusão de mulheres e o empoderamento feminino, dependendo do contexto. Nos exemplos extraídos em PB, é possível depreender o primeiro sentido, aquele relacionado à *dona de casa*, à *mulher multitarefa,* como mostra o Quadro 42:

QUADRO 42 - UF "mulher de verdade"

28	**Mulher de verdade: (**Substantivo + preposição + artigo + substantivo) locução nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmentos: Minha mãe era *mulher* **de verdade**! (C- MSJ) Isso é *mulher* **de verdade** (C- MSJ) Eu lembro que ela sofria ao teu lado Passava fome pros filhos terem o que comer Mas entenda que agora é tudo mudado Pra Amélia eu só quero agradecer Amélia não tinha a menor vaidade Ela também era *mulher* **de verdade** (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Positivo, elogioso, metafórico.

Fonte: Elaborado pela autora.

No último exemplo, a pessoa comentarista utiliza um trecho de uma famosa canção brasileira intitulada “Ai! Que saudade da Amélia”, a qual conta a história de uma mulher que possuía todas as características necessárias para ser intitulada de *mulher de verdade,* aquela que se sacrifica pelos filhos, pela família. A música composta por Mário Lago e Ataulfo Alves foi escrita nos anos 40, inspirada na figura de uma empregada, uma mulher com características submissas. Com o sucesso da canção, no Brasil, o vocábulo “amélia” foi dicionarizado e, segundo o Dicio, significa uma “trabalhadora, ativa”. Já o dicionário Priberam, define “amélia*”* como uma “mulher meiga e serviçal”. O Vocabulário da Academia Brasileira de Letras – VOLP, apresenta a seguinte definição: “mulher abnegada”. Isto posto, é possível afirmar então, que a *mulher de verdade* é aquela que carrega características como a submissão, a docilidade e a subserviência. Nos excertos apresentados no quadro anterior, o processo utilizado é o relacional *ser*, identificando e atribuindo a característica de *mulher de verdade* à figura materna, à participante do programa e à própria personagem da canção, a Amélia.

Assim como *mulher de verdade*, *mulher real* é uma UF utilizada para se referir a um estereótipo feminino, aquela que não possui uma vida privilegiada, que não têm procedimentos

estéticos e que não vive uma vida pública, não é famosa, não trabalha com sua imagem. Enfim, uma mulher comum, aquela com uma "vida real", como a maioria das pessoas no mundo.

Outra UF recorrente no COFEM, em PB, é *mulher de respeito,* tendo ocorrido 3 vezes. Este é mais um exemplo de UF que se refere a uma representação feminina ancorada a bases patriarcais, aquela que é vista como digna de estima e consideração, tendo suas características valorizadas socialmente. Essa representação é usada para pessoas que se comportam de maneira "adequada", seguindo as normas morais e sociais da comunidade, como ser honesta, educada e ética em suas relações. Nos exemplos destacados, o processo utilizado com a UF é o relacional *ser,* o que significa que *mulher de respeito* é utilizado para identificar uma pessoa e caracterizá-la. Esta é também uma avaliação, um julgamento frente ao comportamento social e possui valor semântico positivo:

QUADRO 43 - UF "mulher de respeito"

29	**Mulher de respeito: (**substantivo + preposição + substantivo) Locução nominal
	Contexto de ocorrência: TJUOL e CY
	Fragmentos: Que *mulher* **"de respeito",** como é o caso de uma parlamentar, também sofre assédio, e que um homem "de respeito", como um parlamentar também pode ser um assediador (TJUOL 11022021) perguntou à filha o que ela faria se alguém pegasse seu braço e, inicialmente, ela o empurra de leve, mas logo dá um tapa na cara do pai e grita **"eu sou uma *mulher* de respeito".** (TJUOL 26072021) A ***mulher* de respeito** ? Agora é isso? (C- MSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: Positivo, elogioso, metafórico.

Fonte: Elaborado pela autora.

Outro exemplo com valor semântico semelhante encontrado no COFEM, em PB, foi *mulher de valor.* Essa UF é usada para caracterizar uma mulher que é reconhecida e respeitada devido ao seu caráter, às suas qualidades e conquistas. Nesse sentido, ao se usar a UF *mulher de respeito* consideram-se características como integridade ética, respeito e autoestima. Portanto, mulher de respeito é uma UF que encapsula os sentidos de dignidade, força e respeito, refletindo qualidades "femininas" que são valorizadas e admiradas em uma sociedade de bases patriarcais como a brasileira.

Até aqui foram destacados, através das UFs encontradas, aspectos morais relacionados à forma como mulheres devem *ser* ou *estar* no mundo. Ao passar, então, à análise da exaltação da aparência física feminina, é possível perceber aspectos relacionados a uma supervalorização como as UFs *um mulherão* e *un mujerón,* encontradas no COFEM. Pode-se dizer que essas UFs identificam e caracterizam mulheres que se destacam por sua beleza, elegância e capacidade de

atração, podendo ser associado a características comportamentais como força e confiança. O Quadro 44, apresenta os exemplos em PB encontrados no COFEM:

QUADRO 44 - UF "ser um mulherão"

30	**Ser um mulherão:** loc. adjetiva
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Luana *mulherão* **com M maiusculo**! (C MSJ) Corretíssima! **Um** *mulherão* desse! Idade não faz de ngm velha (C MSJ) Um cara fez que ia colocar a mão na bunda dela e olhou pra mim e sorriu como quem diz, quem não faria com **um** *mulherão* desse. (C MSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, apreciativo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos encontrados, há uma avaliação sobre a aparência de mulheres. No primeiro caso, *mulherão com M maiúsculo* demonstra uma desautomatização, isto é, um uso criativo combinado com outra UF, *ser um homem com H maiúsculo* ou *ser X com letra maiúscula.* No exemplo analisado, essa estrutura é usada como um elemento hiperbólico, responsável por intensificar o sentido de *mulherão.* Nesse caso, há uma junção criativa demonstrando um exemplo de manipulação fraseológica, isto é a ideia de *ser um mulherão* e com letra *maiúscula* – indicando uma valorização, haja vista que nomes próprios e importantes são escritos com letra maiúscula -, intensificando o sentido de *mulherão e* atribuindo-lhe o status de substantivo próprio o qual deve ser redigido com letra maiúscula, ao contrário do substantivo comum. Nos demais exemplos destacados em PB, é possível dizer que *um mulherão* ocorre como uma avaliação com o sentido de apreciação por composição e reação, respectivamente.

Interessante notar que o vocábulo *mulherão* se coloca com um artigo indefinido masculino, o que indica uma reversão de gênero gramatical, já que *mulherão* é o aumentativo do substantivo feminino – *mulher*. Moura e Mader (2020, p. 47) explicam que a reversão de gênero gramatical com a função apreciativa, como é o caso de *um mulherão*, é comumente empregada com gênero masculino, pois este está associado em muitas línguas e culturas a prestígio e status. De acordo com os autores, no PB existe essa mesma tendência, a função apreciativa ocorre quando a reversão do gênero se dá com o uso do gênero masculino para denotar mulheres, mas não com o uso do gênero feminino para denotar homens. Isto posto, pode-se dizer que há um traço semântico a mais em *um mulherão*, talvez oriundos da suposta grandeza e imponência tipicamente atribuída aos homens. Assim, ser *um mulherão*, além de

estar fortemente associado à beleza, à aparência e, portanto, à forma física, também se associa à ideia de poder, já que evidencia um papel social de destaque, o que, geralmente, está associado ao mundo masculino. Nesses casos, portanto, é possível perceber como a ordem simbólica da dominação masculina afeta os usos linguísticos.

No EA, ocorreu de forma semelhante o mesmo tipo de apreciação. A pessoa comentarista, ao elogiar a apresentadora do programa, usou o artigo indefinido *un* para se referir ao vocábulo *mujerón.* Logo, é possível perceber que o uso do masculino foi empregado neste exemplo para elogiar e valorizar a figura feminina, representada pela forma aumentativa do substantivo feminino *mujer*, conforme mostra o exemplo abaixo:

QUADRO 45 - UF "*Ser un mujerón*"

31	**Ser um mujerón:** loc. adjetiva
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Feliz cumple, Laura!!!! Sos **un** *mujerón*. (CCP)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e apreciativa

Fonte: Elaborado pela autora.

Como é possível identificar, a pessoa comentarista, ao parabenizar a apresentadora, escolhe elogiá-la com a UF *un mujerón*. Neste caso, o processo relacional *ser* estabelece o sentido atribuindo essa característica à pessoa elogiada, demonstrando uma avaliação do tipo apreciação, de modo semelhante ao que ocorreu em PB.

Outro exemplo encontrado no COFEM, em PB, com valor semântico e uso semelhante, foi a UF *mulherão da porra,* a qual ocorreu 6 vezes. Esta é uma colocação que pode ocorrer em conjunto ao processo relacional *ser,* pois, como nos exemplos anteriores, esta é uma característica que identifica uma mulher. Logo, esta UF tem valor apreciativo, sendo uma avaliação positiva, que considera um conjunto de características, como já mencionado – beleza, sedução e atitude -, tanto físicas quanto psicológicas. O quadro, a seguir, apresenta exemplos dessa UF.

QUADRO 46 - UF "mulherão da porra"

32	**Mulherão da porra:** colocação (substantivo + preposição+ artigo + substantivo
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Nunca serão um *mulherão* **da porra** igual a minha mulher!!! (CMSJ) Pitty *mulherão* **da porra** ! Linda e sensata! (CMSJ) Gratidao Djamila é inspiração <3 um *mulherão* **da porra** ! (CMSJ) Que livro é esse? Quero agora amo a Rita Lobo, *mulher* **da porra** !!!(no bom sentido, hehe) (CMSJ)

	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica e apreciativa

Fonte: Elaborado pela autora.

O que ocorre de diferente aqui é que o recurso utilizado para intensificar *um mulherão* é o vocábulo tabuístico *porra.* Segundo o dicionário Priberam, *porra* é um instrumento utilizado para golpear, sendo sinônimo de "porrete". Outro valor semântico desse item está associado ao esperma, sendo, portanto, classificado como um item vulgar. Este vocábulo, quando usado como interjeição, pode significar uma expressão de irritação ou desagrado. Outra acepção encontrada no dicionário Dicio, diz que *porra* é o órgão sexual masculino ou aquilo que é considerado excessivamente ruim, uma porcaria. Nenhuma das definições encontradas contemplam o sentido empregado em *mulherão da porra.* No entanto, elas apontam para possíveis motivações para essa colocação. No contexto dos exemplos, *da porra* possui valor positivo, sendo um intensificador de *mulherão* ou de *mulher,* como mostra o último exemplo. Provavelmente, o sentido que se aplica ao uso linguístico *mulherão da porra* esteja relacionado à força do porrete e ao poder desse instrumento. Também é possível pensar na associação dos valores que o esperma e/ou o falo possuem em uma sociedade patriarcalista, o que leva a pensar que *da porra* pode funcionar como uma locução que acentua o valor de *mulherão*.

Semelhante ao item *mulherão*, ocorreu no COFEM em PB a forma *mulheraço*[181], também empregada em um contexto de avaliação positiva do tipo apreciação. *Mulheraço* é uma forma gráfica informal única, composta pelo substantivo *mulher* mais o sufixo *aço.* Sua origem está ancorada ao vocábulo *mulheraça*, de acordo com o Dicio[182]. *Mulheraço* significa, segundo o dicionário Priberam[183] uma "mulher grande" ou uma "mulher muito bonita e vistosa", sendo classificada como um sinônimo de *mulherão.* Nesse caso, *mulheraço* surge a partir da derivação sufixal com "aço", além de ocorrer a reversão de gênero gramatical, passando de um vocábulo feminino a um vocábulo masculino. Este item funciona como uma avaliação positiva, do tipo apreciação, a qual envolve questões muito semelhantes ao item *mulherão.* É possível inferir que o valor aumentativo expresso por *mulheraça* é intensificado ao passar para a forma masculina *mulheraço*, acrescentando o traço semântico de poder. Novodvorski (2022, p. 14) afirma que, ao valor de aumentativo do sufixo "aço", outros traços semânticos se acrescentam, como por exemplo o valor apreciativo.

[181] Exemplo encontrado no COFEM: Que cabelo lindooooo da Astrid! Lacrouuuuu *mulheraço* ! (CMSJ)
[182] Ver definição em: https://www.dicio.com.br/mulheraco/
[183] Ver definição em: https://dicionario.priberam.org/mulhera%C3%A7a

Outra UF encontrada no COFEM, em PB, que se refere ao corpo feminino é *mulher padrão*. Essa colocação é utilizada para se referir a um "modelo" ou "ideal de mulher" que é rotineiramente promovido pela cultura popular, pela mídia e sociedade como um todo. O conceito de *mulher padrão* está associado, sobretudo, a atributos físicos, mas pode, dependendo do contexto, referir-se também a características comportamentais e sociais. O Quadro 47, a seguir, apresenta as ocorrências encontradas no COFEM:

QUADRO 47 - UF "mulher padrão" em PB

33	**Mulher padrão: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TTv MSJE15
	Fragmento: Às vezes é uma ***mulher* padrão.** Até pra você ser uma mulher gorda , você também é padrão. (MSJ E15) Ser mulher é uma merda mesmo pq...uma ***mulher* padrão de beleza** como a Luísa é odiado tempo todo,imagina outras. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

A UF *mulher padrão* associa diferentes aspectos, como ideais de beleza, de comportamento e de papéis de gênero. Também está relacionado ao uso dessa UF uma crítica aos estereótipos, pois a ideia de uma mulher "padronizada", da mesma forma que um objeto produzido em uma fábrica, além de objetificar mulheres também limita a diversidade de corpos e experiencias femininas. Nos dois exemplos destacados, *mulher padrão* é utilizado em conjunto ao processo relacional *ser,* o qual identifica e caracteriza *mulher.* Nos exemplos o item *padrão* se refere a um estereótipo de beleza e de aparência física estandardizado e prestigiado pela sociedade. No segundo exemplo, a pessoa comentarista usou uma desautomatização, ou seja, ela justapôs duas UFs em uma só, *padrão de beleza* e *mulher padrão*.

No mesmo grupo de UFs que se referem à aparência física, e que é utilizado como uma crítica à objetificação das mulheres é *mulher objeto* e *mujer objeto,* ambas encontradas no COFEM. Esta é uma colocação consagrada, que demonstra o poder associativo das palavras. É uma colocação fixada pela norma, a partir do uso pela comunidade de falantes, tanto em PB quando em EA. Silva (2013, p. 954) menciona essa UF, porém grafada com hífen – "mulher-objeto" – e significa "mulher tratada como um objeto". Já Borba (2002, p. 1068) define a UF *mulher objeto* como "mulher considerada apenas como instrumento de prazer". O Quadro 48, a seguir, mostra um exemplo encontrado em PB:

QUADRO 48 - UF "mulher objeto" em PB

34	**Mulher objeto: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência:
	Fragmento: A mídia favorece e sempre favoreceu a venda do corpo das mulheres,e *mulher* **objeto** sempre foi a sua praia!? (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo apresentado, a UF *mulher objeto* foi utilizada junto ao processo relacional *ser*, de modo a identificar e caracterizar essa figura feminina. Além disso, a pessoa comentarista, utiliza-se de outra UF, *ser a sua praia*, de sentido metafórico, para indicar a preferência de outrem pela *mulher objeto*. Dessa forma, fica demonstrado que a *mulher objeto* é do agrado de alguém e se alinha aos seus interesses, gostos e expectativas. Entretanto, essa expressão é mais comumente utilizada para se referir a atividades, situações e temas que uma pessoa aprecia. Essa é uma UF de uso informal, característico da fala, e utilizada da forma como foi, pode imprimir à *mulher objeto* mais um traço semântico que reforça a sua desvalorização. O Quadro 49, a seguir, apresenta os exemplos de uso da UF *mujer objeto*, encontrado em EA:

QUADRO 49 - UF "*mujer objeto*" em EA

35	**Mujer objeto: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TJP e TTpCPE03
	Fragmentos: Hay algo de *mujer* **objeto** que seguís siendo *mujer* **objeto**. Pero ser feminista para mí, bueno, es como una cosa muy amplia. (CPE03) Sus canciones -esas que ya no cantaba- hablaban del poder del hombre sobre la mujer, de la *mujer* **objeto**, del maltrato como venganza de un engaño. (TJP15102019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos encontrados em EA, aplica-se o mesmo sentido encontrado em PB. De acordo com a RAE[184], *mujer objeto* significa "mulher valorizada exclusivamente pela sua beleza ou capacidade de atração sexual". Esse sentido, vai ao encontro do que está sendo comentado no primeiro excerto do quadro anterior. A apresentadora do programa comenta que mesmo em situações de empoderamento, muitas mulheres continuam sendo vistas ou se comportando como *mulher objeto*. Mais uma vez o processo relacional "ser" é utilizado, nesse caso em uma perífrase verbal *seguir siendo*, de modo a identificar e caracterizar essa figura feminina. O segundo fragmento, por sua vez, utiliza o processo verbal *hablar,* no pretérito, para

[184] Definição de *mujer*, segundo a RAE*:* https://dle.rae.es/mujer?m=form#EYP9ID3

abordar os temas cantados nas canções, e estabelecer a relação de *mujer objeto* como tema de uma música.

Outro exemplo encontrado no COFEM que aponta para um sentindo semelhante ao de *mujer objeto,* é *mujer trofeo.* Esse uso foi corroborado pelos 28 casos encontrados no Corpus del Español, de Davies (2016). Santicioli (2020, p. 114) afirma que, na década de 1970, algumas mudanças na forma de conceber os papéis femininos ocorreram. A mulher casada passa a ser associada à imagem de "parceira" e "companheira", dando espaço à mulher "profissional" que, por sua vez, passa a se dedicar a atividades laborais fora de casa. Nesse contexto de transformações sociais, surge um desprestígio pelas mulheres que são casadas e que se dedicam "apenas" aos afazeres domésticos. Elas passam a ser vistas como "troféus", "bibelôs" ou "bonequinhas de luxo", em oposição às mulheres que se realizavam profissionalmente.

No exemplo encontrado no COFEM, em EA, a UF *mujer trofeo,* se refere a uma personagem de um filme, a boneca Barbie – um ícone da cultura pop -, conhecida mundialmente pela sua beleza. O estereótipo da boneca sugere uma imagem de mulher como objeto de desejo, cujo valor é medido pela sua aparência e sedução:

QUADRO 50 - UF "*Mujer trofeo*" em EA

36	**Mujer trofeo: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TJCL
	Fragmento: Ahora se sumó una crítica más visible: se llama Trophy Wife Barbie (La Barbie *mujer* **trofeo**) y es una creación de una artista conceptual que en Instagram muestra a la clásica mujer de plástico en situaciones más parecidas a las de una *mujer* **real**.
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativa, desautomatização,

Fonte: Elaborado pela autora.

O filme intitulado com o mesmo nome da boneca é uma produção estadunidense do gênero comédia que problematiza a imagem de "boneca perfeita" em uma metáfora com a "mulher perfeita". O exemplo destacado vem de um texto jornalístico que foi produzido em razão das diversas discussões sobre o filme, haja vista que a temática da obra buscou construir uma crítica em relação à figura da *mulher troféu*. Por isso, no excerto destacado, *mujer trofeo* é um atributo, sendo também uma avaliação metafórica negativa, aplicada à boneca. Esse uso pode ser interpretado, ainda, como uma desautomatização da UF *esposa trofeo,* corroborado pelos 40 usos encontrados no *Corpus del Español,* Davies (2016). Outro exemplo semelhante encontrado no COFEM em EA, foi a UF *mujer premio*, exposto no quadro a seguir:

QUADRO 51 - UF "*mujer premio*" em EA

37	**Mujer premio: (**substantivo + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TTV CPE06
	Fragmento: Y hoy un poco lo que lo que les decía yo pensando la mujer y el auto como como imagen juntas, estas dos cosas juntas en general nunca es la mujer adentro manejando, es la mujer en la gomería, en el almanaque, en pelotas, es la mujer sentada al lado del dueño del auto que es, no sé, un señor, la *mujer* **premio**, la mujer que la promotora en el tesoro. Como que la mujer nunca está dentro del auto, está alrededor del auto embelleciendo la escena o sumándole al chabón que se sienta mejor. (CPE06)
	Classificação: semifixa**,** idiomática
	Mapeamento: pejorativa, disfemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo destacado, a pessoa comentarista explica sua compreensão de que o contexto automotivo não é um espaço para mulheres. Para ela, nesse contexto, as mulheres são vistas como importantes devido, apenas, à sua aparência física e à sua capacidade de atrair homens, de seduzir. Dessa forma, a mulher serviria como adorno, como acessório do veículo e/ou de seu condutor. Essa UF é metafórica, uma vez que objetifica a mulher, tornando-a um objeto "de valor" por sua beleza, um adorno que enfeita o carro, um acessório automotivo de um homem, ou ainda, como um chaveiro que "enfeita" a chave do carro. Por isso, ela pode ser compreendida como uma avaliação negativa, relacionada à composição, isto é, à aparência da *mujer premio*. Ademais, pode ser, ainda, um julgamento, dependendo do ponto de vista e do contexto, pois tem relação com a forma como a mulher se comporta, atuando como uma promotora de beleza.

No COFEM em PB, há exemplos semelhantes que corroboram a ideia que subjaz à noção de mulher como adorno, como nos exemplos: *a mulher abrilhanta o ambiente*, *as mulheres abrilhantam a política, a mulher embeleza a política.* Todos esses usos têm como base a ideia de mulher como objeto, como adorno, aquela que enfeita e ornamenta o espaço com sua presença.

De modo semelhante, em PB, ocorreu a UF *ser um hino de mulher.* O gênero discursivo "hino" é uma composição musical em homenagem a algo ou alguém. Pode ser um cântico religioso ou não. Geralmente, é uma letra versificada, em tom poético, elogiosa que exalta as ações de um povo, de um time, de uma comunidade, partido ou de um indivíduo que merece destaque e veneração. A UF *ser um hino*, ocorreu 5 vezes no COFEM em PB, sendo que em 3 casos ela foi desautomatizada e transformada em *ser um hino de mulher.* Essa UF é um exemplo de avaliação do tipo apreciação, neste caso específico, de uma mulher. Pode também ser interpretada como uma avaliação do tipo julgamento, por envolver não apenas características físicas, mas principalmente, características éticas valorizadas socialmente, como a integridade

e a moral. É possível inferir que uma *mulhe*r considerada um *hino* é um reconhecimento e uma valorização das experiências e conquistas dela frente a temas como empoderamento e busca pela igualdade, por exemplo. *Ser um hino* pode significar, também, uma celebração do que aquela pessoa representa. No caso dos exemplos apresentados, as figuras mencionadas são mulheres com profissões notáveis, que têm destaque social e que discutem questões sobre o empoderamento feminino, encorajando outras mulheres a se afirmarem e se valorizarem, como mostram os exemplos a seguir, no Quadro 52:

QUADRO 52 - UF "Ser um hino de mulher" em PB

38	**Ser um hino de mulher:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmentos: Djamila **é um hino de** *mulher*!!! Que pessoa inteligente, sem contar que é linda!(CMSJ) Conceição Evaristo **é um hino de** *mulher*! Tida vez que ouço Conceição eu choro, maravilhosa (CMSJ) Atendi ela no aeroporto algumas vezes, e ela é maravilhosaaaa, inteligentíssima, educada, interessante. Ela é **um hino**!
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e apreciativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos apresentados, o processo relacional *ser* é utilizado para identificar e caracterizar a mulher com o atributo *hino*. Essa UF foi corroborada pelos 9 casos encontrados no Corpus do Português (Davies, 2016), demonstrando, portanto, que essa é uma UF fixa e idiomática. Os usos dessa UF apontam para um sentindo que envolve inteligência e expertise e beleza.

Outra UF encontrada no COFEM, em PB, que é relacionada à aparência e ao comportamento femininos, ao mesmo tempo, é *mulher madura.* Essa UF pode ser utilizada para se referir a uma mulher que apresenta um desenvolvimento emocional e psicológicos acima da média. O vocábulo *maduro* é um adjetivo que segundo o dicionário Priberam, significa "que está em estado de ser colhido ou comido, que atingiu a maturidade, que já passou da juventude" ou, por último, "que é feito com o que resulta de uma reflexão ou ponderação". A colocação *mulher madura,* pode ser interpretada como uma UF que se materializa porque é licenciada pela metáfora conceptual SER HUMANO É ALIMENTO, pois atribui o sentido de alimento à mulher ao caracterizá-la pelo seu "estado" reduzindo-a a sua idade. Uma possibilidade de interpretação é a existência de uma metáfora específica, como MULHER É COMIDA[185]. Neves (1998, p. 97)

[185] No *corpus* desta pesquisa foram encontrados diferentes usos linguísticos que apontam para essa metáfora, como *comer mulher*, *delícia de mulher* e *mulher gostosa*. Esses usos linguísticos, serão melhor investigados em outra oportunidade, dada a complexidade da temática.

explica esquemas conceptuais e metafóricos que emergem da metáfora O CORPO DA MULHER É COMIDA. Pode-se dizer que a UF *mulher madura* carrega um sentindo negativo, uma vez que a sociedade atual cultua a juventude e a tem como referência de sucesso e beleza. Entretanto, nos últimos anos, em reação à essa sociedade etarista, surgiu um movimento de valorização da maturidade, o que se reflete no empoderamento das mulheres que se reconhecem como *maduras,* mas reivindicam a aceitação e a valorização dessa característica. No quadro a seguir, é possível inferir essa situação a partir do comentário de uma pessoa:

QUADRO 53 - UF "mulher madura" em PB

39	**Mulher madura:** colocação
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Chega dessa cultura que vê a *mulher* **madura** como um abacate vencendo. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

Fonte: Elaborado pela autora.

Em EA, ocorreu a colocação *concha madura*[186], exemplo de uso linguístico criativo, para se referir à mulher através de um somatismo, representando-a através do nome de uma parte de seu corpo e atribuindo a ele a característica de *madura*, aplicando o mesmo sentido que em PB, o de mulher experiente. Esse uso, portanto, carrega o mesmo traço semântico de "alimento pronto para ser colhido ou comido". Outro uso criativo encontrado no COFEM em EA com o atributo *maduro,* foi *niña madura*[187]. No entanto*, niña madura* significa uma jovem com alto nível de desenvolvimento emocional, intelectual e psicológico, portanto um uso diferente dos descritos anteriormente, com valor semântico positivo.

Outro uso criativo encontrado no COFEM, em PB, com traço semântico relacionado aos alimentos, foi a UF *mulher fruta*[188]*.* Esta é uma expressão que surgiu no Brasil, e foi utilizada para caracterizar mulheres através de seus atributos físicos, isto é, pela beleza e forma física. É uma UF que pode ser entendida como pejorativa por objetificar a mulher e reduzi-la a um alimento, pois o valor dessa *mulher fruta* é medido pela sua aparência. Na primeira década dos anos 2000, impulsionado pela ascensão do estilo musical Funk, surgiram várias dançarinas que se intitulavam *mulher fruta,* no Brasil. Essas mulheres foram nomeadas a partir de frutas

[186] Excerto: Bienvenidos a Concha. En este episodio *Concha* **madura**, que no es lo mismo que vieja que se diga, creo que es lo primero. (CPE16)
[187] Excerto: Y que quizás en tu caso tenía que ver con otra cosa, madurar porque eras una *niña* **madura**, porque te habían pasado cosas, pasan cosas, no es que como todos los que vengan de familias medianamente disfuncionales seguramente podrán entenderlo por eso todos.
[188] Excerto: Se algum dia alguém em chamar de **madura** vou me sentir uma *mulher* **fruta** (CMSJ)

relacionadas às partes ou formatos de seus corpos. Portanto, nesse contexto, a colocação não é vista como negativa, mas sim como uma expressão de empoderamento, já que essas mulheres estariam no "controle" desses usos linguísticos.

Gowan (2021, p. 34) explica que "o culto à magreza e à juventude se estabeleceu nos anos 1990, mas continua imensamente poderoso, segue interessante para a indústria da moda, para a indústria farmacêutica e para a indústria da cirurgia plástica e dos tratamentos estéticos". Diante do contexto descrito por Gowan (2021), é possível compreender o desprestígio da UF *mulher madura,* pela sociedade capitalista. Também é possível entender como surge, nesse cenário, outra UF encontrada no COFEM em PB, *mulher conservada*. O quadro abaixo apresenta exemplos de uso:

QUADRO 54 - UF "mulher conservada" em PB

40	**Mulher conservada:** colocação
	Contexto de ocorrência: CY e TTp SJE20
	Fragmento: Acho engraçado, qdo alguém fala: como ela está **conservada**! Imagino a pessoa dentro um pote, tipo pícles kkkk (CMSJ) Maria Bethânia está muito **conservada** né gente? Ela pintou o cabelo? (CMSJ) E você… se considera uma *mulher* **conservada**? (SJE20)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos exemplos encontrados, fica evidente a ideia de que a *mulher conservada* é aquela que aparenta estar em boa forma física e que mantém uma aparência jovial, mesmo sendo uma *mulher madura.* Esta UF demonstra as expectativas sociais e culturais impostas às mulheres em uma sociedade que supervaloriza a juventude e a estética. Nos dois primeiros exemplos, o processo relacional *estar* foi utilizado para atribuir a característica *conservada.* Esse atributo é comumente usado para se referir a alimentos, pois deriva de *conservar,* ou seja, o que buscamos fazer com a comida: "manter em bom estado, apresentar boa aparência", segundo o Dicio. Essa UF também pode ser associada ao substantivo *conserva,* que segundo o mesmo dicionário, é "uma substância alimentar conservada, esterilizada e mantida em recipiente hermeticamente fechado". Logo, fica evidente a mescla dos traços semânticos atribuídos a uma *mulher madura*, aquela que pode estar *conservada* e em bom estado.

Outras UFs recorrentes no COFEM, tanto em PB quanto em EA, sãos as locuções *coisa de mulher/cosa de mujer* e *papel da mulher/ rol de la mujer.* A seguir, apresento o Quadro55, com o exemplo do primeiro caso mencionado, *coisa de mulher*:

QUADRO 55 - UF "coisa de mulher" em PB

41	**Coisa de mulher (**substantivo + preposição + substantivo) Locução nominal
	Contexto de ocorrência: TTp SE05
	Fragmento: A eleita está lá para tirar foto, para fazer parte de comissão da mulher, de assuntos da família, essas **coisas "de** *mulhe*r". (S E05)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica e pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo destacado, as *coisas de mulher* são: tirar foto, participar de uma comissão específica e tratar de assuntos da família. Todas essas características elencadas são questões relacionadas aos estereótipos de gênero, - destaco a relação da mulher com o assunto "família", já descrito anteriormente em outras UFs encontradas. A UF *coisa de mulher* é utilizada com frequência para descrever comportamentos, interesses ou atividades que são tradicionalmente relacionadas às mulheres. Essa UF carrega uma conotação negativa, pois reproduz a existência dos estereótipos de gênero que associam atividades e temas específicos às mulheres, o que pode reforçar a ideia de que as mulheres possuem interesses por diferentes assuntos, que são motivados "naturalmente", apenas pelo fato de serem mulheres. A seguir, o próximo quadro apresenta o exemplo encontrado em EA:

QUADRO 56 - UF "*cosa de mujer*" em EA

42	**Cosa de mujer: (**substantivo + preposição + substantivo) Locução nominal
	Contexto de ocorrência: TJC
	Fragmento: La menstruación es más que una "**cosa de** *mujeres*" La investigadora Eugenia Tarzibachim, autora de **Cosa de** *Mujeres*: menstruación, género y poder (Sudamericana), analiza en profundidad los tabúes que rodean y enmascaran el tema (TJC26092019) El Encuentro Nacional de Mujeres ¿No es **cosa de** *mujeres*? (TJC10102019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico e pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos em EA, vemos a UF funcionando da mesma forma, já que a *cosa de mujer* citada é a "menstruação" e a participação em um encontro de mulheres. Fica evidente através dos usos, tanto em PB quando em EA, o tom de desvalorização, pois nas entrelinhas vê-se uma ideia de que esses assuntos são menos importantes ou menos sérios, pois estão tradicionalmente associados ao feminino.

Seguindo essa mesma lógica, a UF *papel da mulher* / *rol de la mujer* também se destacou em ambos os idiomas. Essa é uma expressão utilizada com frequência para se referir às expectativas, funções e responsabilidades atribuídas às mulheres, nos mais variados contextos.

Atualmente, devido à promoção do empoderamento feminino, essa UF é utilizada tanto para tensionar os modelos tradicionalistas impostos às mulheres, quanto para reivindicar outros *papéis* de acordo com seu próprio desejo. O Quadro 57, a seguir, apresenta o exemplo em PB:

QUADRO 57 - UF " o papel da mulher" em PB

43	**Papel da mulher: (**substantivo + preposição + substantivo) locução nominal
	Contexto de ocorrência: TTP SE03
	Fragmento: A pobreza ela também tem cara e ela tem cor. E ela tem a cara maior das mulheres, inclusive as mulheres negras as estatísticas mostram exatamente isso. Levando em consideração ainda toda aquela visão tradicional do **papel da** *mulher.* (S E03)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo apresentado, a pessoa participante do programa utiliza o atributo *tradicional* para caracterizar a UF *papel da mulher.* Ao analisar a UF composta pelo item lexical *papel,* é possível estabelecer uma relação com o teatro, já que o *papel* é a função que o ator desempenha em um espetáculo, em um filme, numa peça ou musical. Outro sentido mencionado pelo Dicio, para o item *papel* é "dever legal, moral ou profissional que uma pessoa é obrigada a desempenhar". Diante do exposto, pode-se pensar que a junção dessas ideias atravessa a UF *papel da mulher,* em que esse sentido metafórico de *papel* pode ser associado a "personagem", à uma interpretação do que é ser mulher na sociedade atual. Neste caso, ser mulher de modo tradicional, esse é o *papel da mulher*. Em EA, o exemplo encontrado demonstra o mesmo valor semântico que em PB, como mostra o Quadro 58 a seguir:

QUADRO 58 - UF "*El rol de la mujer*" em EA

44	**El rol de la mujer: (**substantivo + preposição + substantivo) colocação
	Contexto de ocorrência: TJP
	Fragmento: El concierto busca "exaltar el **rol de la** *mujer* en la música". (TJP04032022)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo em EA, é possível identificar que o sentido empregado em *el rol de la mujer* se refere à função da mulher na área musical, isto é, nos assuntos relacionados à indústria da música. Importante mencionar que essa construção, devido ao processo verbal *exaltar,* pode ser pensada compreendida de forma positiva.

Outro exemplo encontrado no COFEM, em PB, foi *mulher de fases.* Essa locução nominal é utilizada, muitas vezes, para se referir às flutuações de humor que uma mulher enfrenta ao longo dos seus ciclos menstruais, portanto ao longo de sua vida. Também estabelece

uma relação com as fases da lua. No Brasil, essa UF se destacou a partir de uma música com o mesmo título “Mulher de fases”, interpretada por uma banda de rock chamada Raimundos, no final dos anos 1999. O exemplo a seguir demonstra a utilização da UF, entretanto, o sentido empregado é diferente:

Quadro 59 - UF "mulher de fases" em PB

45	**Mulher de fases: (Substantivo + preposição+ artigo + substantivo) Locução nominal**
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Somos *mulheres* **de fases**, mudamos o tempo inteiro. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo destacado, a pessoa comentarista relaciona o atributo “de fases” à mudança, à evolução enquanto ser humano. Portanto, um uso positivo. Para atribuir essa característica às mulheres, foi utilizado o processo relacional *ser,* conjugado na primeira pessoa do plural, incluindo a voz da mulher que se reconhece como um ser humano de fases, propício a transformações, às mudanças, aos ciclos, logo às fases da vida.

Outros usos com o vocábulo *mulher* chamaram a atenção durante a exploração do COFEM em ambos os idiomas, como *ser uma mulherzinha* e *ser una mujercita.* Esses são usos pejorativos, que a depender do contexto, podem ser interpretados como um crime de homofobia[189].

Segundo Bourdieu (2020, p. 43), sobre o ponto de vista que liga sexualidade a poder, “a pior humilhação, para um homem, consiste em ser transformado em mulher”. Assim, segundo o autor, a humilhação sexual, deboches a respeito da virilidade, acusações de homossexualidade ou simplesmente a necessidade conduzir com eles como se fossem mulheres, como por exemplo expor à humilhação e ao ridículo ou encontrar um conforto nas tarefas domésticas ou na conversa fiada dos amigos são atos que infringem a ordem simbólica de dominação masculina, isto é, infringem a lógica dominante.

Moura e Mader (2022, p. 47) explicam a reversão de gênero gramatical em PB. De acordo com os pesquisadores, a reversão gramatical pode ser usada com função depreciativa, isto é, pode ser empregada quando formas gramaticais femininas são aplicadas a referentes masculinos. Um exemplo disto, é a utilização da UF *ser uma mulherzinha* e *ser uma mujercita*, aplicados de forma depreciativa a um referente masculino, com o objetivo de ridicularizá-lo ou

[189] No Brasil, a lei nº 7.716/ 89 enquadra a homofobia como crime, desde 2019, e prevê punição a quem praticar a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. A homofobia é considerada uma forma de ódio ou rejeição às pessoas LGBTQIA+. Logo, uma violação aos direitos humanos.

menosprezá-lo, sendo, portanto, considerado um xingamento. Portanto, segundo Moura e Mader (2022, p. 50):

> o uso do masculino, na referência ou interpelação a mulheres pode ter função depreciativa ou apreciativa, a depender do contexto. O uso do feminino na referência ou interpelação a homens, todavia, apresenta apenas a função depreciativa como é o caso no português brasileiro e em muitas outras línguas nas quais se observa a reversão de gênero gramatical com raras exceções.

Os autores ressaltam que este fato linguístico condiz com outros fenômenos linguísticos já identificados, em que é nítida a valoração do masculino em detrimento do feminino, como, por exemplo, em colocações em suas "formas masculina e feminina, em que o masculino tem um sentido positivo e a sua contraparte feminina, um sentido negativo". Um exemplo seria a unidade fraseológica *mulher da vida* frente a unidade fraseológica *homem da vida*, em que a forma masculina não está relacionada à atividade sexual ao passo que a forma feminina serve de sinônimo a palavra "prostituta", como apresentado anteriormente nesta pesquisa.

Ainda sobre os usos de *mulherzinha*, em PB, pode-se afirmar que também ocorreram em contextos de desprestígio de mulheres, atribuindo a elas características negativas, para demonstrar desaprovação e desprezo e, ainda, "excesso" de feminilidade, ressaltando características como fraqueza, inferioridade e submissão.

De acordo com Aguirre (2009, p. 140) e Moliner (2000, p. 941) *mujerzuela* significa "prostituta". Esse uso foi encontrado no COFEM, em EA, sendo empregado como insulto, como xingamentos de comentaristas a apresentadoras dos programas analisados. É, portanto, uma palavra negativa, usada de forma pejorativa e que atribui um valor semântico relacionado à prostituição, ao comportamento sexual de uma mulher.

Outras UFs que demonstram formas de violência verbal foram encontradas no COFEM em ambos os idiomas, no entanto, para não estender demasiadamente este trabalho, e para não repetir preconceitos, apresento a seguir apenas uma listagem dessas UFs para registrá-las do ponto de vista linguístico e comentá-las brevemente.

QUADRO 60 - UFs homofóbicas ou transfóbicas encontradas no COFEM

PB	EA
Mulher-homem	Mujer fálica
Mulher sapatão[190]	varonera

[190] Segundo dicionário Aurélia (p. 17), *mulher sapatão* é uma forma pejorativa de referir a uma mulher lésbica. Disponível em: https://gepss.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/04/aurelia.pdf Xatara e Oliveira (2008, p. 650) mencionam a existência de *maria sapatão* como sinônimo.

Mulher macho[191]	machorra
Mulher com mulher	machirula
Mulher com mulher vira jacaré	
Aranha com aranha vira barganha	
Mulher de rola	

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro acima reuniu UFs em PB que se referem ao comportamento sexual de mulheres, especificamente aquele "não tradicional", compreendido como "desviante" pela sociedade patriarcal de bases cristãs. O que se pode compreender ao observar as UFs organizadas em conjunto é o cruzamento de traços semânticos ou de ideais masculinos atribuídos à figura feminina. A UF *mulher-homem / mulher macho* é fixa e consagrada pelo uso. Essa UF foi descrita por Borba (2002, p. 1068) e por Silva (2013, p. 954) como "mulher masculinizada". Xatara e Oliveira (2008, p. 651) também registram a ocorrência dessa UF.

Em EA, a UF *mujer fálica* faz referência a um estereótipo não apenas físico, relacionado à aparência, mas também a uma forma de agir no mundo, isto é, para mulheres que possuem características psicológicas, tradicionalmente atribuídas ao homem, como a ambição, a crueldade e a exposição de sua imagem em contextos de poder. Portanto, a *mujer fálica* pode ser compreendida como aquela figura que desafia as expectativas tradicionais de feminilidade, assumindo um papel mais dominante ou ativo em contextos sociais e/ou sexuais.

Com sentido semelhante, ocorreu no COFEM em EA, a UF *Mujeres King Kong.* Este é um exemplo de UF criativa, a qual é usada para identificar um grupo específico de pessoas. É, ainda, uma colocação em que o substantivo *mujeres* é colocado junto ao nome de uma personagem de um filme, com o mesmo nome, *King Kong,* considerado ícone da cultura pop. No entanto, as *mujeres King Kong* são aquelas que se identificam com a teoria King Kong, proposta por Virginie Despendes, em 2016, no livro "Teoria King Kong".

No capítulo intitulado *"King Kong Girl*", a autora explica: "King Kong funciona como uma metáfora de uma sexualidade que precede a distinção de gêneros tal como politicamente imposta no final do século XIX. King Kong encontra-se além da fêmea e do macho [...] Híbrido, diante da obrigatoriedade do binário." (Despendes, 2016, p. 95). No COFEM em EA, também ocorreu a forma *Chica King Kong.* Este é o nome de uma peça de teatro que aborda a questão tratada no livro de Despendes. Como mostram os exemplos a seguir.

[191] Uma variação dessa UF encontrada no COFEM foi *Maria macho*: Não vi sensatez, o que vejo aqui são opiniões tedensiosas pra defender um estilo de vida, um jeito de querer se vestir. coloco short comum pq ta calor - se veste direito, piriguete coloco bermuda - "agr virou maria macho?" coloco calça - "ta doente?? olha o calor que tá fazendo" (C MSJ 28032019)

QUADRO 61 - UF "*mujeres king kong*".

46	**Mujeres King Kong:** (Substantivo + substantivo) colocação nominal
	Contexto de ocorrência: TTp EDP e TJC
	Fragmento: Este episodio de el deseo de Pandora está dedicado a las *mujeres* **King Kong**, las que no cumplimos con las reglas que se esperan de nosotras, las que habitamos los cuerpos de la calle, los cuerpos posibles dueños de esa belleza salida de fábrica que no se espeja en las tapas de revista ni en los carteles publicitarios, que no está intervenida por los retoques del photoshop ni del bisturí, pero adhiere a los pinchazos de la aguja del piercing y los tatuajes. (EDPE04) La versión teatral de sus textos que se presentan como obras independientes e interdependientes continuará con Chica **King Kong**, a partir del último viernes de este mes (TJC20012022)
	Classificação: Fixa
	Mapeamento: Expressão metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

A UF *mujeres King Kong* surge em um contexto em que se valoriza uma imagem de mulheres fortes, poderosas e que buscam desafiar as normas tradicionais de feminilidade. É possível dizer que a utilização de *king kong* sugere que essas mulheres são vistas como poderosas, imponentes ou que possuem uma presença marcante, semelhante à figura da personagem que é conhecida por sua força e tamanho. Essa é uma UF que celebra a individualidade e a força das mulheres que desafiam as normas tradicionais, promovendo uma imagem de empoderamento e autenticidade.

Outra UF encontrada no COFEM em EA, foi *mujer verde.* Esta colocação é uma denominação atribuída às mulheres feministas que fizeram parte dos protestos na Argentina e ficaram mundialmente conhecidas pelo símbolo utilizado durante as manifestações: *el pañuelo verde.* Esse acessório, "lenço verde" teve sua origem no início da década de 2000, utilizado inicialmente na Campanha Nacional pelo Direito ao Aborto Legal, Seguro e Gratuito. É um símbolo inspirado no lenço branco das Mães da Praça de Maio. A cor verde foi escolhida para representar a esperança, a liberdade e os direitos reprodutivos das mulheres. O "lenço verde" ganhou projeção internacional a partir dos anos 2018, durante as massivas mobilizações feministas que reivindicavam a legalização do aborto na Argentina. A partir de então, o acessório tornou-se um símbolo global da luta pelos direitos sexuais e reprodutivos, sendo adotado por movimentos feministas como representação de autonomia corporal e da defesa da vida das mulheres em diferentes lugares do planeta. O Quadro 62, a seguir, apresenta os exemplos encontrados:

QUADRO 62 - UF "*mujer verde*"

47	**Mujer Verde** (Substantivo + adjetivo) colocação adjetiva
	Contexto de ocorrência: TJP e TJC
	Fragmento: Editorial "Dia de la *MUJER* **verde**"

	Viviana Canosa anticipó por sus redes sociales que iba a hacer una editorial dedicada al "Día de la *mujer* **verde**" y cuando comenzó su programa se despachó a su estilo. "Empiecen por darse un baño, depilarse e ir a laburar", fue una de las frases que dedicó a quienes forman parte del feminismo que, entre otras cosas, luchó por la interrupción legal del embarazo. (TJP09032022) "En ese debate apareció nuevamente una grieta entre celestes y verdes. Ambos colores defienden la vida. Tal vez desde distinta óptica. Pero esa grieta empezó a estigmatizar a *mujeres* **verdes** y celestes". (TJC15032022)
	Classificação: idiomática
	Mapeamento: Expressão metafórica e pejorativa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos apresentados, as mulheres são identificadas como *verdes*, isto é, como integrantes de um movimento que tem como símbolo a cor verde. O primeiro exemplo demonstra um uso pejorativo, em que se destacam os estereótipos negativos atribuídos às mulheres feministas, especialmente aquelas que apoiam a legalização do aborto. No segundo exemplo, de modo diferente, *mujeres verdes y celestes*, é utilizado para identificar grupos distintos, com opiniões contrárias frente à questão do aborto. Uma mulher feminista pode ser identificada *mujer verde*, pois esta cor se tornou um símbolo de luta pelos direitos reprodutivos e autonomia de mulheres sobre seus corpos e é a cor do lenço que identifica esse grupo de pessoas, aquelas que apoiam o movimento. Este símbolo foi criado na Argentina e representa a luta pelo direito ao aborto. Já a cor celeste é usada em contraste, para identificar as pessoas que se opõem à legalização do aborto, e que possuem posturas mais conservadoras e tradicionalistas sobre a temática.

De acordo com Simão (2010, p. 96) nas culturas que têm como base os idiomas português e espanhol, a cor verde é registrada de um modo similar. Em termos simbólicos, segundo a autora, o verde está associado à esperança, ao repouso e ao relaxamento. A pesquisadora também explica que existe "a ideia de frescor, da fruta que não está madura ou da madeira que não está seca, bem como da planta que há pouco foi cortada e que ainda tem a seiva" e, consequentemente, é associada aos conceitos de "juventude e robustez". Chevalier (2001, p. 939) explica que o verde é uma cor feminina, que está relacionada à imagem feminina em diferentes culturas. É também uma cor relacionada à natureza, à esperança e à vida. Nas palavras do autor, "o verde conserva um carácter estranho e complexo, que provém da sua polaridade dupla: verde do broto e verde do mofo, a vida e a morte. É uma imagem das profundezas e do destino".

Os diferentes sentidos atribuídos a essa cor em espanhol licenciam a materialização de diferentes UFs, algumas associadas à inveja como "*estar verde de invidia*", ou com tom negativo como "*chiste verde*", sendo esta última uma UF que faz "referência a qualquer classe

de piadas ou histórias com conotação sexual e obscena" ou ainda "*viejo verde*" para identificar um comportamento inadequado de um senhor frente à uma mulher ou um homem idoso que tem um comportamento sexualmente inconveniente, especialmente com mulheres mais jovens, sendo uma UF pejorativa.

Outra UF criativa, de valor metafórico, encontrada no COFEM em EA, foi *mujer cannábica*. De forma semelhante ao contexto anterior, *mujeres cannábicas* é uma colocação utilizada para denominar um grupo específico de pessoas, como mostra o exemplo a seguir:

QUADRO 63 - UF "*mujeres cannábicas*" em EA

48	**Mujeres cannábicas:** (Substantivo + substantivo) colocação nominal
	Contexto de ocorrência:
	Fragmento Por un lado, esta estrategia de lo del universitario y en el curso que hicimos de promotores en terapéutica cannábica, la mayoría eran mujeres en el hospital escuela de salud mental, la mayoría eran mujeres y también nos pasó que dentro de la red latinoamericana de ***mujeres*** **cannábicas** nos sumamos, nos invitaron, formamos parte, construimos un Foro Internacional de ***mujeres*** **cannábicas**, su global woman cannabis Smith, y generamos un espacio dentro de la Expo medida en Colombia de debate es el primero que se hacía en Latinoamérica. (EDP E06)
	Classificação: fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

Essa UF se refere às mulheres que usam ou promovem o uso da *cannabis*, seja com fins medicinais, recreativos ou como estilo de vida. Importante mencionar que, diferente do Brasil, na Argentina, o consumo de canábis foi descriminalizado em 2009 e em 2022 houve a regulamentação da *cannabis* medicinal. Nesse contexto, então, essa UF atribui uma conexão das mulheres com a cultura canábica, pois além de demonstrar uma atitude positiva frente ao consumo da planta chamada *cannabis*, apresenta uma defesa dos benefícios medicinais e da desestigmatização dessa planta e das pessoas que a utilizam. Também é possível inferir que *mujeres cannábicas* é uma colocação que identifica um movimento que objetiva empoderar as mulheres dentro da indústria da *cannabis*, promovendo a sua participação em uma "área", historicamente, dominada por homens. Essa participação pode incluir desde o cultivo da planta e sua produção, até a promoção e venda de produtos derivados da planta. Portanto, essa é uma UF que carregou um estigma social negativo, mas que através da subversão de valores, pode ser entendida como positiva, pois busca legitimar a existência desse grupo de pessoas e sua participação em espaços antes restritos a elas.

Por último, já caminhando para a finalização desta seção, não poderia deixar de mencionar as inúmeras ocorrências encontradas no COFEM, em ambos os idiomas, de utilização do vocábulo *mulher/mujer* em colocações que, além de serem usadas como

sinônimos de “esposa”, possuem traços semânticos oriundos de um contexto de dominação masculina, conforme mostra o Quadro 64, a seguir:

QUADRO 64 - UFs "mulher de /*mujer de*"

PB	EA
Mulher de bandido	Mujer de Lula
Mulher de político	Mujer de John
Mulher do candidato	Mujer de este chabón
Mulher do juiz	Mujer de un hombre
Mulher do Suplicy	Mujer de cristo
Mulher do meu pai	Mujer de Adán
Mulher do Boninho	Mujer de mi papá
Mulher do Seu Jorge	
Mulher do Alexandre Pires	
Mulher do dono da Yoki	
Mulher do primo	
Mulher do meu sobrinho	
Mulher do sr. Governador	
Mulher do marido	

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos exemplos listados no quadro anterior, pode-se perceber que a locução *mujer de* estabelece uma relação de “pertencimento” a um homem, seja através do nome ou sobrenome [192] dessa figura masculina ou através de seu ofício ou função. As mulheres mencionadas nos textos são identificadas e representadas como “possuídas” ou “pertencentes” a alguém – como um objeto -, geralmente uma figura masculina com a qual esta mulher possui um relacionamento amoroso. Outras marcas desse traço semântico são as colocações com pronomes possessivos, como por exemplo as UFs *minha mulher* e *mi mujer.*

O dicionário Moliner (2000), no verbete “mujer”, explica que esse vocábulo, em espanhol, se usa de forma frequente para identificar a “esposa”, como um sinônimo. Ainda explica que foi considerado uma forma pouco delicada para se referir a essas mulheres, mas que hoje existe um uso corrente dessa acepção. Em português, podemos relacionar esse fenômeno linguístico ao binômio “marido e mulher”, em que mulher é sinônimo de esposa. Priore (2020, p. 8) afirma que há quem explique [a violência] exercida pelo patriarcalismo e pelo machismo de uma sociedade que vê nas mulheres algo que pertence ao pai, ao marido, ao patrão ou ao dono. Ela é um ‘bem pessoal’. Dessa forma, pode-se inferir que a mulher casada, era entendida como um bem, passando a pertencer ao marido, por isso a utilização de *mulher de* alguém se fixou.

[192] Carmo e Ynakiew (2005, p. 276) explicam que na Argentina, “uma mulher casada não só adota o sobrenome do marido como coloca um “de” antes”. Este fato pode ajudar a compreender a utilização de *mujer de* com sentido de posse ao passar a pertencer à família de um homem.

Outra representação de mulheres encontrada com frequência no COFEM em PB e em EA, foi o que pode ser chamado de "institucionalização da mulher", isto é, as mulheres passam a ser representadas por meio de instituições, nesse sentido o discurso como representação de práticas sociais fica evidente, pois são essas instituições ou grupos específicos que identificam participantes e práticas, o que pode ser considerado como agentes de representação social. No Quadro 65, a seguir, estão listados todos as ocorrências identificadas no COFEM:

QUADRO 65 - A institucionalização da mulher/mujer no COFEM

PB	EA
Associação de mulheres	
Associação de mulheres negras	Banca de la mujer
Bancada das mulheres	Centro integral de la mujer
Casa da Mulher Brasileira	Colectivo viejas verdes[193]
Coletivo Marcha das Vadias[194] Coletivo Feminista	Comisión de la condición de la mujer en Naciones Unidas
Comissão da mulher	Conferencia de la mujer
Comissão de defesa dos direitos da mulher	Departamento de las mujeres
Conselho Nacional dos direitos da Mulher	Día de la mujer Día internacional de la mujer Día internacional de las mujeres trabajadoras
Consulado da mulher	Encuentro nacional de mujeres
Defensoria da mulher	Encuentro plurinacional de mujeres
Delegacia da mulher	Fiscalía de la mujer
Delegacia de defesa da Mulher	Fundación para el estudio e investigación de la mujer
Dia Internacional da Mulher	Huelga mundial de mujeres
Dossiê mulher	Instituto de la mujer
Hospital da Mulher	Ministerio de mujeres
Mês da mulher	Ministerio de mujeres, géneros y diversidad
Ministério da Mulher	Misterio de la salud de la mujer
Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos humanos	Movimiento de mujeres
Movimento das mulheres Movimento pró-mulheres Movimento feminista	Oficina de la mujer de la corte suprema de justicia de la nación
Movimento de mulheres e mulheres negras	Paro nacional de mujeres
Movimento organizado de mulheres	Red de mujeres jóvenes
Observatório da Mulher na política	Red latinoamericana de mujeres cannábicas
Polícia da mulher	Secretaria de la mujer

[193] De acordo com Simão (2010, p. 97), em espanhol existem as UFs "*Ser un viejo verde" e "Ser una viuda verde"*. Elas fazem referência ao comportamento inadequado de pessoas mais velhas ou viúvas com relação ao sexo ou a relação amorosa impróprias para sua idade ou condição. Ao pensarmos o nome *viejas verdes* é possível identificar uma apropriação desse valor semântico negativo transformando-o em positivo, haja vista que ser uma *vieja verde* no contexto dos coletivos feministas pode, também, significar uma forma de desafiar os estereótipos associados à idade e à sexualidade. Portanto, nesse contexto, o coletivo de mulheres usou essa UF de maneira irônica, de modo a reivindicar uma visão positiva de mulheres mais velhas que são sexualmente ativas e resistem a ser chamadas de modo negativo devido ao seu desejo sexual. Logo, a utilização dessa UF demonstra o rompimento com tabus e estigmas relacionados a sexualidade feminina na velhice.

[194] Conforme já explicado anteriormente, a *Marcha das Vadias* é um movimento de resistência à cultura da culpabilização das vítimas por assédio e violência sexual, defendendo que as mulheres têm o direito de se vestir como quiserem sem sofrerem qualquer tipo de violência.

Secretaria da mulher	Siglo de la mujer
TV Mulher	Taller de mujeres
Lei Maria da Penha	Ley Micaela
Lei Mariana Ferrer	Ley Brisa

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos nomes dados às instituições ou aos grupos que denominam mulheres e ações relacionadas a essa parcela da sociedade, pode-se perceber, a partir dos usos do item *mulher/mujer* que existe um processo em curso, em ambos os países, que aponta para o reconhecimento e inclusão das mulheres em estruturas formais em diferentes campos, como o as áreas sociais, políticas e econômicas, abordando questões específicas enfrentadas por elas, como a violência de gênero, a saúde reprodutiva e a falta de igualdade salarial.

Esse contexto de mudança social impulsiona e contempla a criação de instituições, de leis e ações que promovam a igualdade de gênero e visam garantir acesso aos direitos básicos das mulheres em diferentes esferas da sociedade. Esse cenário demonstra uma mudança cultural e discursiva, pois a "institucionalização da mulher" pode contribuir para a compreensão de que determinadas normas e atitudes culturais perpetuam a discriminação de gênero. Então, por meio de uma análise fraseológica, em que a utilização do item *mulher/mujer* se faz presente na maioria dos nomes das instituições, é possível inferir que tal fato contribui para a compreensão da representação de MCS nesses países.

Por último, é importante mencionar, brevemente, que foi identificado nesse contexto de 'institucionalização das mulheres' o uso de um vocabulário bélico, relacionado às mulheres que participam, que se envolvem nas ações, ou que de algum modo se aproximem do que é chamado de *luta das mulheres* ou *lucha feminista*. Como evidenciado na UF encontrada no COFEM, em EA e apresentada no quadro a seguir:

QUADRO 66 - UF "*mujer, escucha, únete a la lucha*" em EA

49	**Mujer, escucha, únete a la lucha:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TJC
	Fragmento: Cantaron y bailaron letras como "*Mujer*, escucha, únete a la lucha", "*mujer* que se organiza ya no plancha más camisas", "si no hay aborto legal, qué quilombo que se va armar" y el ya clásico "aborto legal, en el hospital". (TJC28052019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

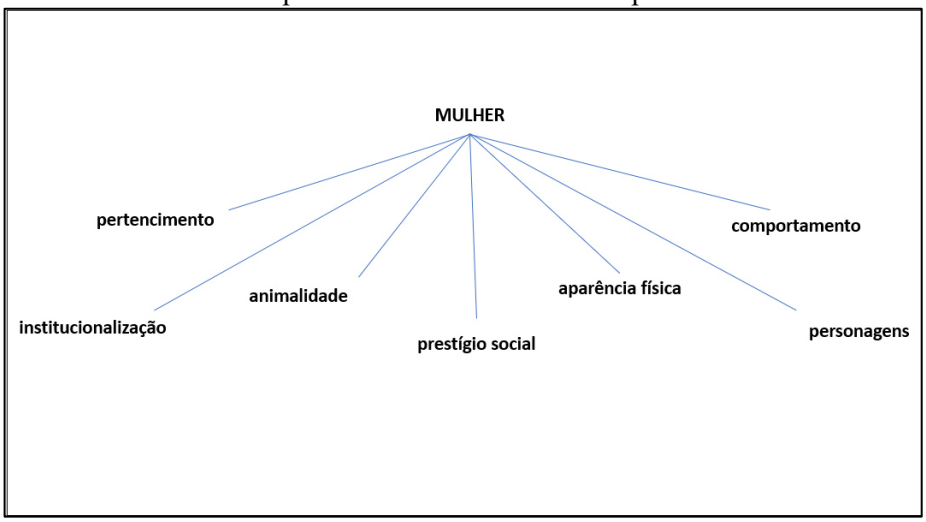
Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, é possível afirmar que existe uma representação de mulher bélica. Isso pode ser confirmado pelo léxico utilizado tanto para representar mulheres, quando para descrever seu comportamento. Representações recorrentes são de mulher *lutadora*, *batalhadora*, que *marcha*

e vai à *luta*, que está na *linha de frente*, no *campo de batalha*. Uma *mulher guerreira* que desenvolve *táticas* para lidar com o machismo, e que está nas *trincheiras* buscando *derrotar* a misoginia e o machismo, seus maiores *inimigos*.

As análises das UFs encontradas no COFEM resultaram na identificação de sete campos semânticos como mostra a Figura a seguir:

FIGURA 52 - Campos semânticos estabelecidos para o item mulher



Fonte: Elaborado pela autora.

Devido ao recorte escolhido para essa seção, as análises foram centradas nos campos "comportamento", "aparência física", "prestígio social", "pertencimento" e "institucionalização".

Já os campos "animalidade" e "personagens", devido à quantidade de ocorrências encontradas, merecem um estudo apenas sobre eles. Sucintamente, as UFs classificadas como animalescas são aquelas que se materializam a partir da metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS, esses usos podem ser realizados como disfemismos ou eufemismos para representar mulheres, a depender do contexto, como por exemplo, *piranha* em PB e *yegua* em EA. O campo "personagens" por sua vez, inclui os vários nomes utilizados para representar mulheres, por meio de UFs, como *Maria vai com as outras*, *Madalena arrependida*, *casa da mãe Joana*, *Amélia a mulher de verdade*, *virgem Maria*, *Maria cheia de graça*, *Geni, Jezebel, Maria Antonieta*, dentre outras. Seria interessante investigar o nome "Maria"[195] utilizado de forma

[195] De acordo com Simões Neto e Soledade (2020) os nomes comuns Maria e Zé, nesses casos, são tomados metonimicamente pela alta popularidade, uma vez que são os antropônimos mais frequentes do Brasil. Dessa compreensão metonímica, vem a compreensão metafórica de que maria e zé são pessoas indeterminadas, desimportantes ou comuns. Essa metaforização pode ser percebida em um conjunto de expressões multilexicais, como zé-ninguém, zé da véstia, zé dos anzóis, maria-vai-com-as-outras, maria-gasolina, maria-chuteira etc

recorrente para identificar pessoas a partir de características degradantes, como “maria mijona”, “maria do caritó, “maria droguinha”, encontrados no COFEM, em PB. Igualmente interessante foram os casos observados de metaplasmos como “mina”, “miga” e “mana”. No caso destes exemplos, são metaplasmos lexicais motivados por usos sociais, especialmente em contextos feministas e de resistência. Os itens “mina” e “mana” tem suas origens no espanhol, o primeiro significa “mulher” em lunfardo e o segundo é a redução de “hermana”. Já “miga” é a forma alterada de “amiga”.

Devido à necessidade de um recorte analítico, não foi possível abordar todos os campos identificados a partir das ocorrências das UFs, o que deixa a possibilidade para trabalhos futuros. Observar o uso de UFs e metáforas em representações de MCS demonstrou ser muito produtivo do ponto de vista linguístico considerando o número de ocorrências identificadas no COFEM. Portanto, seriam necessários mais espaço e tempo para descrever detalhadamente todos os exemplos encontrados.

5.3. Os itens *vagina (s)*

Esta seção apresenta resultados da investigação do item *vagina*. Importante mencionar que parte dos resultados apresentados aqui foram divulgados em eventos científicos[196] em forma de comunicação oral e painel e microanálises foram publicadas em formato de capítulos de livros.

A metodologia aplicada nesta etapa foi semelhante à aplicada na seção anterior, o que difere é que foi necessário observar sinônimos do item *vagina*, em PB e EA, por diferentes razões. O primeiro motivo foi o que o próprio *corpus* apresentou como resultados, visto que esta é uma pesquisa que mesclou análises do tipo *corpus driven* e *corpus based* – conforme explicado na seção de metodologia desta tese. Foram muitas as ocorrências encontradas com os mais diversos sinônimos de *vagina*, apontando para um “campo fértil” para a análise das UFs e metáforas em representações de MCS.

[196] Eventos: XV Congreso Internacional ALED: Los discursos en tiempos de (post) pandemia: Nuevos horizontes de sentido, realizado em Bogotá – Colômbia. VI Jornadas de Jóvenes Lingüistas, em Buenos Aires - Argentina. XVI Encontro de Linguística de Corpus (ELC) e XIII Escola Brasileira de Linguística Computacional, em Brasília – Brasil. Capítulo: Estudo exploratório de fraseologias e metáforas conceptuais com o item 'vagina' em um corpus comparável. *In*: NOVODVORSKI, A. (org.). **Estudos exploratórios em linguística de *corpus* 3**: Fraseologia e Metáfora. Capítulo: AVALIATIVIDADE em corpus de comentários: um olhar sobre o feminino. *In*: NOVODVORSKI, A.; LISBOA, J. V. R.; CARNEIRO, R. M. O. (org.). **Estudos Exploratórios em linguística de corpus 2**. 1. ed. Araraquara, SP: Letraria, 2022.

O segundo fator que motivou esse passo metodológico foi a escassez de UFs com o item *vagina*, o que me levou a observar o item *vulva,* e como numa escala de "importância", passei a observar os usos considerados mais tabuísticos. O terceiro e último motivo que me levou a investigar ocorrências dos vocábulos que compõem a rede sinonímica do item *vagina* foi a compreensão de que são pouco estudados, o que é um fato relevante e deve ser considerado. Ao mesmo tempo, para mim, esse é um fato "surpreendente", haja vista que esse tema é um campo produtivo no que se refere aos usos de UFs e metáforas, como destacado por Preti (2010). Essa constatação leva a pensar como a desvalorização da palavra *vagina* reflete também no âmbito acadêmico ao perceber a baixa produção de investigações linguísticas sobre esse item e sua rede sinonímica.

Esse cenário pode ser explicado pelo nível tabuístico do vocábulo *vagina* e seus sinônimos, pois estão relacionadas à esfera sexual, especificamente a partes do corpo da mulher, de acordo com a proposta do Guia PRESSEA (2022, p. 13), e por isso, podem sofrer algum tipo de interdição linguística, pois são consideradas "tabu social motivado pela decência".

Essa concepção é fruto de uma combinação de normas de diferentes culturas, distintos estigmas sociais e da forma como a sexualidade e o corpo femininos são percebidos nessas culturas. É comum uma tendencia a evitar falar sobre o assunto ou até pronunciar essa palavra em voz alta. Ensler (2018, p. 15), em sua obra intitulada "Os monólogos da vagina", denuncia essa situação:

> "VAGINA", PRONTO, FALEI. "VAGINA" - falei de novo. [...] Falo porque não devia falar. Falo porque é uma palavra invisível - uma palavra que causa ansiedade, constrangimento, desprezo e nojo. Falo porque acredito que aquilo que não é dito não é visto, reconhecido ou lembrado. [...] Falo porque um dia quero me sentir confortável falando, e não envergonhada ou culpada. [...] Falo porque ainda não arranjamos uma palavra mais inclusiva, que realmente descreva toda essa região e seus detalhes.

A autora também comenta sobre os vários nomes que chamam a vagina e cita alguns, como "pussycat" que é usado em Nova York. Já em Westchester chamam "pooki". Em Nova Jersey, "twat". Em Miami é "connie". Na Filadélfia é "split knish" e no Bronx é "schmend" (um salgado recheado partido ao meio), explica Ensler. Na sequência, a autora lista, ainda, diversos vocábulos utilizados para nomear a vagina e diz estar "preocupada com as vaginas, com o jeito que falamos das vaginas e com o jeito que não falamos". Segundo Ensler (2018, p. 25), existem as mais variadas formas:

> Tem 'periquita', 'pomba', 'perereca', 'passarinha' e 'aranha', 'xoxota', 'xereca', 'chavasca', 'buceta', 'buçanha', 'pepeca', 'racha', 'tabaca', 'xota', 'bacurinha', 'gruta

> do amor', 'greta barbo', 'capô de fusca', 'perseguida', 'florzinha', 'pipi', 'pipinha', 'pata de camelo', 'bichinha', tcheca."

Priore (2020, p. 202) explica que, nos anos 1960, no Brasil, ainda se utilizava uma linguagem neutra e distante para falar de genitais e sexo. As pessoas mencionavam "baixinho" as palavras "relações" e "genitais". Aos poucos se caminhou para dizer "coito", "orgasmo" e companhia. Essa interdição do item *vagina* é descrita por Swan (2018, p. 177), ela explica que o movimento Vday, impulsionado pela obra de Ensler, colaborou para mudar a cultura e a enfrentar os tabus, ajudando mulheres a partir do tema vagina, conforme citação a seguir:

> quando Ensler começou a apresentar *Os monólogos da vagina*, o ato de pronunciar a palavra *vagina* em voz alta era recebido com controvérsia e desconforto. Estações de rádio não permitiam que a palavra vagina fosse dita ao vivo. Emissoras de TV transmitiam vinhetas inteiras sobre a peça sem nenhuma menção à palavra, e jornais e revistas se esquivavam por meio de abreviações. 20 anos depois, a obra Os monólogos da vagina se tornou parte da cultura popular, e a palavra vagina é usada abertamente na televisão e no rádio e aparece em jornais e revistas no mundo inteiro (Swan, 2018, p. 177)

Ensler (2018, p. 16) explica que "vagina não é uma palavra pornográfica; na verdade é um termo médico, um termo que se refere a uma parte do corpo tipo cotovelo, mão, costela." Entretanto, este é um termo que carrega diversos estigmas e é evitado, conforme mencionado anteriormente. O termo "vagina" tem sua origem no latim e significa originalmente "bainha" ou "estojo para guardar a espada", isto é, para guardar o gládio, arma que era usada por soldados romanos. Esse termo reflete uma metáfora visual e funcional, em que a vagina é associada a espaço que recebe ou guarda algo, no caso, de maneira simbólica, o pênis (a espada). Essa etimologia nos revela uma visão focada no homem e uma visão funcional do corpo da mulher, marcada por uma visão centrada no papel sexual e reprodutivo atribuído as mulheres.

A autora continua e cita outros motivos que podem contribuir para a compreensão do contexto de uso dos itens encontrados no *corpus* desta pesquisa. Nas palavras de Ensler (2018, p. 17)

> Falo vagina porque li as estatísticas e coisas horríveis acontecem com a vagina das mulheres no mundo inteiro. [...] Falar essa palavra é assustador. Vagina. No começo parece que você trombou com uma parede invisível. Vagina. Você se sente culpada e perdida, parece que alguém vai te jogar no chão. Depois, quando pronuncia a palavra pela centésima ou milésima vez, você percebe que ela é sua, o corpo é seu, esse lugar tão fundamental é seu. De repente percebe que toda aquela vergonha e todo o constrangimento que sentia também eram formas de silenciar o seu desejo e erodir sua ambição.

De acordo com Priore (2020, p. 43), no Brasil, em um passado não muito distante, a *vagina* só podia ser reconhecida como órgão de reprodução, como um espaço sagrado dos "tesouros da natureza" relativos à maternidade. "Nada de prazer. As pessoas consideradas decentes costumavam se depilar ou raspar as partes pudendas para destituí-las de qualquer valor erótico. Frisar, pentear ou cachear os pelos púbicos era apanágio das prostitutas".

Priore (2020, p. 43) explica que a vagina foi representada nos poemas de Gregório de Matos por meio de vocábulos como "cono", "cricalhão", "fechadura" e "Vênus". Já os pregadores barrocos escolheram descrevê-la como "'porta do inferno' e 'entrada do diabo' pelo qual os luxuriosos, gulosos de seus mais ardentes e libidinosos desejos, descem ao inferno".

Em face do exposto, fica demonstrado a utilização de diferentes metáforas e UFs para se referir à vagina, haja vista as culturas e normas sociais vigentes, refletindo um contexto de desvalorização e repressão. Também pode-se perceber uma objetificação, uma redução de valor, pois a ênfase à anatomia feminina reduz a mulher a essa parte de seu corpo, além de demonstrar os estigmas relacionados a esse vocábulo, pois enquanto algumas pessoas podem se sentir constrangidas, desconfortáveis e até ofendidas em dizer a palavra "vagina" outras podem se sentir empoderadas.

Atualmente, com o avanço dos feminismos, há um movimento crescente para desestigmatizar o vocábulo *vagina* e promover o uso de itens mais inclusivos, menos opressores e degradantes em relação à sexualidade e à anatomia femininas. Esse fato pode ser observado através da presença desse item nas mídias de massa. Swan (2018, p.177), destaca a importância dos movimentos sociais e cita V-Day, "um movimento catalisador que ajudou a mudar nossa cultura e a enfrentar os tabus permitindo que mulheres que sofriam invisíveis em silêncio pudessem ser vistas".

Portanto, diante desse contexto, observei a rede sinonímica de *vagina* e listei esses vocábulos, organizando todas as formas utilizadas para se referir à genitália feminina em quadros separados por s*ubcorpora*, a fim de observar as possíveis UFs e expressões metafóricas utilizadas com esses itens tanto em PB quanto em EA.

A seguir, apresento o Quadro 67, com os itens encontrados no *subcorpus* de transcrições de *videocasts e podcasts* em PB, organizados de acordo com grupos semânticos, como animalidade, nomes técnico/científicos, eufemismos, disfemismos, dentre outros.

QUADRO 67 - Vocábulos utilizados para se referir à vagina no s*ubcorpu*s de transcrições de *videocasts* e *podcasts* em PB.

Item lexical / unidade fraseológica	Classificação prévia
Baratinha, bichinha, piriquita	Animalidade

Pepeca	Eufemismo para perereca
boceta, buceta	Vocábulo erótico-obsceno; Disfemismo; termo chulo; palavrão[197].
Florzinha	Eufemismo
Genitália, órgão sexual, vagina	Termos técnicos; área médica
partes íntimas, partes íntimas femininas, nossas partes	Eufemismo com o item "parte" em referência a partes do corpo.
região íntima, espaço vital, região feminina	Expressões que denotam localização geográfica
suas vergonhas	Arcaísmo
Troço	Objetificação; coisificação
vulva, vulvulva	Termo técnico; expressão jocosa decorrente do mesmo termo.
xana, xanalá	Vocábulo popular; eufemismo
xereca, xerecar, xerecou	vocábulo popular; africanismo[198]. Neologismos
xota, xoxota	Vocábulo popular; chulo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os itens listados acima demonstram a utilização de diversos vocábulos para se referir ao órgão sexual-genital feminino pelas participantes dos programas. Esse fato reforça a característica informal desses programas*,* em que através de uma roda de conversa, com uma linguagem popular - demonstrando uma mudança de atitude frente à utilização da linguagem através da incidência de tais vocábulos em contextos de comunicação de massa - isto é, "acessível" a toda a audiência, são discutidos assuntos diversos de forma descontraída e popular, ainda que em ambiente monitorado.

Os procedimentos para observação, coleta e criação de um quadro com os itens utilizados como sinônimo para *vagina* foi novamente realizado, porém agora com os comentários. Nesse recorte do *corpus*, foi possível notar uma variedade maior de vocábulos que se referem à vagina e que apontam para diferentes conceitos metafóricos e metonímicos, segundo a conceptualização de realidades diversas – característica da linguagem popular. Outro aspecto observado foi a criação de palavras a partir de nomes dados à genitália feminina, demonstrando a criatividade lexical, conforme apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 68 - Vocábulos utilizados para se referir à "vagina" no *subcorpus* de comentários em PB

Item lexical/ unidade fraseológica	**Classificação prévia**
Buceta, boceta, bucetas, bucet@, bct Embucetar, embucetaram, embocetava, imbucetada Rebucetar, rebuceteio, rebuceteado	Vocábulo erótico-obsceno; Disfemismo; termo chulo; palavrão[199]. Neologismos
Chavasca	Disfemismo
Lalá; lola	Nomes próprios/apelidos. Humanização.

[197] Segundo Preti (2010, p. 105) palavrão quer dizer palavra obscena impudica e imoral.
[198] Almeida (2020, p.2).
[199] Segundo Preti (2010, p. 105) palavrão quer dizer palavra obscena impudica e imoral.

Meladinhas	Vocábulo erótico-obsceno
Órgão sexual, órgão genital, genitália feminina	Termos técnicos; área médica
Partes íntimas, partes, parte sagrada	Eufemismo com o item "parte" em referência a partes do corpo.
Perereca	Animalização
Periquita, piriquitação	Animalização e neologismo
PPK, ppks, pepeka,	Eufemismo de perereca
Sugadoras	Vocábulo erótico-obsceno
Vagina, vaginas, vagiba, vagines, vaginolência, vaginismo, Vaginoplastia	Termos técnicos; nome de enfermidade; neologismos
Vulva, Vulvas, vulta, vulvanizar, vulvanizado	Termo técnico; neologismos
Xana, chaninhas	Vocábulo popular; eufemismo
Xereca, Xerecar, tu Xerecas, as xerecas Xereco, Xerecamos, Xerecais, Xerecam	Vocábulo popular; africanismo; neologismos.
Xota, xoxotas	Vocábulo popular, chulo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Mais uma vez, observei, coletei e criei uma lista de sinônimos de *vagina*, agora no *subcorpus* de textos jornalísticos. Considerando o contexto dos jornais, posso afirmar que resultados encontrados me surpreenderam, ainda que eu esperasse encontrar sinônimos, a variedade me chamou atenção. Ao buscar as fontes dos textos jornalísticos, identifiquei que a maior parte dos itens tabuísticos utilizados como sinônimo de *vagina* vêm de colunas de opinião. O Quadro 69, a seguir, apresenta as ocorrências identificadas:

QUADRO 69 - Vocábulos sinônimos de "vagina" no *subcorpus* de textos jornalísticos em PB

Item lexical/ unidade fraseológica	**Classificação prévia**
Vagina, vulva	Termo técnico
Chibiu	Disfemismo, referência à xibiu um tipo de diamante.
Priquito; prikita Barata, perereca, aranha, borboletinha	Animalidade
Perseguida	Eufemismo
Serventia dos homens	Disfemismo
Capô de fusca	Disfemismo
Pata de camelo	Disfemismo
Pepeca	Eufemismo
Xoxota, xoxotinha, xot*, xoxotista	Vocábulos populares, chulos. Interdição através do *
Boceta, bocetinha, buceta, bucetas	Vocábulo erótico-obsceno; disfemismo
Xaninha	Vocábulo popular; eufemismo
Menina	Eufemismo; personificação
Florzinha	Eufemismo, infantilização
Xereca, xerecou, xerequemo-nos	Vocábulo popular; africanismo; neologismos.
Vagina, genitália femenina, órgão	Termos técnicos; área médica
Partes íntimas	Eufemismo com o item "parte" em referência a partes do corpo.

Fonte: Elaborado pela autora.

O mesmo processo foi repetido no *subcorpus* em EA. No entanto, como foram encontradas poucas variedades de ocorrências de sinônimos para o item *vagina,* optei por apresentá-las juntas, isto é, conforme mostra o quadro abaixo:

QUADRO 70 - Vocábulos sinônimos de *vagina* em EA

Item lexical/ unidade fraseológica	**Classificação prévia**
Vulva	Termo técnico;
Concha	Eufemismo,
Chocha	Disfemismo, referencia a uma ave.
Camel shoe	Disfemismo
Chotas	Disfemismo
Chongui	Eufemismo; infantilização
Cajita	Eufemismo
Pachola	Disfemismo, termo chulo[200]
Cachiflower	Eufemismo
Florcita	Eufemismo, infantilização
Cachucha	Disfemismo, vulgar
Cachufla	Disfemismo
Huerta	Disfemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a identificação dos vocábulos, passei à exploração das listas de concordância. Os passos metodológicos aplicados às análises, expostas nesta seção, foram semelhantes aos da seção anterior. O que difere a partir de agora é que as análises foram "fatiadas", feitas por *subcorpora.*

Na primeira exploração da lista de concordância ficou evidente uma relação do item *vagina* com o campo semântico da estética como no exemplo encontrado: *A busca pela vagina ideal*. Esta é uma construção criativa, uma desautomatização, a qual é composta por uma UF popular "busca por X ideal", no contexto de uso em que se discutia a existência de um público interessado em procedimentos estéticos na vagina. A UF busca "por X ideal", é semifixa, idiomática e amplamente utilizada. Exemplos dessa fraseologia podem ser encontradas no *Corpus* do Português (Davis, 2016). Na sequência, observei todos os vocábulos apresentados nos quadros anteriores em PB.

O mesmo processo foi repetido, porém agora buscando o item *vulva*, por reconhecer que este vocábulo também é usado como sinônimo de *vagina*. O resultado encontrado foi *O poder da vulva*. Nesse caso, destaco a ocorrência da UF *o poder de*, também corroborado pelo *Corpus* do Português (Davis, 2016). No caso analisado, a ocorrência é junto ao item *vulva,* através do contexto de uso o *poder da vulva é incrível,* exemplificando, a utilização de um enunciado fraseológico popularmente utilizado para se referir de forma metafórica à genitália feminina, atribuindo-lhe um sentido personificado, pois "poder" significa força física ou moral, logo capacidades humanas.

[200] Segundo o dicionário RAE, no México é uma torta pequena com formato alargado e com carne moída na metade.

Repetindo o processo de busca pelos itens e expressões sinônimas para *vagina*, destacou-se o uso de *xana*, por ter sido utilizado juntamente com uma UF popular, a saber: "por X na mesa" ou "colocar na mesa". O item lexical *xana*, como sinônimo para *vagina*, pode ser associado ao vocábulo *chana* que é o nome de um tipo de relevo, no português angolano, uma planície, com vegetação rasteira, geralmente atravessada por cursos de água[201]. Maior (1980, p. 29) denomina "chana" como "órgão sexual feminino". Mattoso (1990, p. 193) registra a dupla maneira de redigir o vocábulo "chana/xana" atribuindo-lhe o sentido de *boceta*. A seguir, os excertos que demonstram o contexto desse uso linguístico:

QUADRO 71 - UF "botar a xereca na mesa" em PB

50	**Botar [a xereca] na mesa:** Locução verbal
	Contexto de ocorrência:
	Fragmento: Eu tenho até clipe, xana lá falando dessa questão..., mas... é... tem uma linha tênue aí porque tem algumas expressões que a gente usa no masculino e que elas são super opressoras, né? Por exemplo, botar o pau na mesa é tipo.... do ponto de vista masculino é aquele cara que vai chegar e vai se impor e ele é o.... agora, do ponto de vista feminino, **vou botar a *xereca* na mesa**, ***xana* na mesa**, é... eu imagino... uma mulher ali no meio de uma roda com um monte de homem... ela tentando se impor, então eh... eu acho que é bem diferente. (MS) Mas aqui, louvemos a maravilhosa Evelyn Castro que atuou como uma mãe raivosa e intolerante, que defende sua cria e mostra mais uma vez que a *vagina* está **na mesa** há tempos - à la Porta dos Fundos. (FSP) Porém, é preciso levantar nossa bola e descrever que além deles temos na história mulheres fortes, lindas e que só não **colocaram a *vagina* na mesa**, pois teriam que fazer um espacate, mas certamente sentaram na cara de muita gente pelo mundo...Cleópatra e Joana Dar'c são exemplos clássicos. (FSP) Mulher, é hora de **colocar sua *vagina* na mesa**. (FSP)
	Classificação: Semifixa e idiomática
	Mapeamento: desautomatização, metafórica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse contexto, os usos da expressão "botar na mesa" significam impor-se, ocupar um espaço. Essa UF é usada com o processo colocar e botar, sinônimos de uma mesma ação. No exemplo descrito, pode significar pôr o corpo feminino, aqui nomeado pelo órgão genital - uma metonímia, ÓRGÃO SEXUAL/GENITAL FEMININO POR PESSOA/PARTE PELO TODO (cf. Almeida, 2020) - em algum espaço antes não ocupado. De acordo com Xatara e Oliveira (2008, p. 414) "colocar na mesa" significa "colocar um assunto em discussão". Segundo Borba (2002, p. 1236), a UF "pôr as cartas na mesa" significa "falar com franqueza" e "esclarecer". Possivelmente, esses sentidos se cruzaram para dar origem à metáfora linguística utilizada no excerto. A seguir, mais um exemplo de uso metafórico semelhante:

[201] Disponível em: https://dicionario.priberam.org/chana. Acesso em: 12 dez. 2023.

QUADRO 72 - UF " botar na roda" em PB

51	**Colocar [a xana] na roda:** Locução verbal
	Contexto de ocorrência: TTv - SJE05
	Fragmento: A nossa Gabi Amarantos escolheu a Xana, é dela que a gente tá falando. Como tema do seu mais recente sucesso! Na verdade, ela escolheu a Xana como tema de um trabalho, trabalho que quando foi lançado foi um estrondo. *Xana lá* minha gente. Como é que **tu botou essa** *xana* **na roda**, minha filha? (MSJE05)
	Classificação: Semifixa e idiomática
	Mapeamento: desautomatização, metafórica.

Fonte: Elaborado pela autora.

Também ocorreu a utilização da expressão "botar na roda", que pode significar "dar notícias sobre algo" ou "compartilhar com outrem alguma informação e/ou objeto". No caso do exemplo em destaque, significa compor e cantar músicas sobre o tema *vagina,* isto é, falar sobre o assunto publicamente. Assim, esse uso, ainda que seja feito com o processo "botar", utilizado como sinônimo de "pôr/colocar", também é produtivo como expressão metafórica de "falar sobre algum assunto", "dividir uma informação" ou "ocupar um espaço", do ponto de vista temático, haja vista que pouco se compõe ou se canta sobre o tema *vagina.* Assim, em resumo, a expressão pode ser entendida como "falar de vagina para todas as pessoas".

A expressão "xana lá", nome da música citada no excerto destacado, também demonstra a utilização de uma forma eufemística e ao mesmo tempo disfemística para se referir a *vagina/vulva*, pois o advérbio de lugar "lá" indica uma forma de se referir a genitália reduzindo a sua carga negativa, enquanto o item *xana* possui carga oposta. Outro uso criativo encontrado no COFEM, em PB, foi com a UF "entrar de cabeça" em conjunto com outra UF fixa "onda de". O quadro abaixo mostra essa ocorrência:

QUADRO 73 - UF "mergulhar de cabeça na onda da vagina" em PB

52	**Mergulhar de cabeça na onda da vagina:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TJFSP06122021
	Fragmento: Pensando O Bem mergulha de cabeça na **onda da** *vagina*... Ou será vulva? Em podcast sobre comportamentos coletivos, Teté, Greice e Clô falam das dúvidas em relação ao órgão sexual da mulher. (TJFSP06122021)
	Classificação: Criativa, idiomática
	Mapeamento: metafórica, desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse exemplo, o sentido estabelecido através da UF "mergulhar de cabeça" é de se envolver completamente em um assunto, com entusiasmo e dedicação. Esta UF sugere uma atitude positiva e animada em relação ao tema, demostrando investimento de tempo e esforço. Já a manipulação fraseológica *onda da vagina* sugere que este tema está em ascensão, isto é,

está em movimento, ganhando popularidade. A UF "onda de" é usada para descrever uma noma moda, estilo ou comportamento que está se espalhando. Pode ainda ser aplicada a contextos em que se fala sobre mudanças culturais e sociais ou se referir a algo que está impactando e/ou influenciando o comportamento de um grupo de pessoas. Aplicando esses sentidos ao enunciado desautomatizado em questão, *mergulhar de cabeça na onda da vagina*, significa se envolver ativamente com o tema "vagina", o qual está em evidência.

Já o vocábulo "xereca", segundo Almeida (2020, p. 392), é um africanismo, refere-se ao órgão genital/sexual feminino. É um item léxico compreendido como tabuísmo, "uma palavra de uso restrito, censurada por pudor ou por crença, sendo ainda vista como popular e jocosa" (Almeida, 2020, p. 392). Zavaglia (2018, p. 5), em trabalho sobre termos tabus, afirma que o item *xereca* é considerado grosseiro, ofensivo e chulo. O neologismo *xerecar*, descrito por Marra (2022), foi utilizado com sentido metafórico no excerto a seguir. Nele, pode-se compreender que falar mais sobre *xereca* ou usar mais o vocábulo e companhia é necessário. Demonstrando uma metáfora criativa, de uso não convencional:

Quadro 74 - Neologismo "xerecar" em PB

xerecar
Contexto de ocorrência: TTpSJE15
Fragmento: Mas depois desses jogos está mais do que provado que a gente precisa *xerecar* um pouco o nosso vocabulário também. Então, o saia justa quer saber como é que você quer *xerecar*? Na verdade, pra quem não viu, explica porque o *xerecar*... (SJE15)

Fonte: Elaborado pela autora.

Outras metáforas encontradas foram as que animalizam o órgão feminino, como as descritas por Neves (1998, p. 102) para *perereca* animal anfíbio, não sexual x órgão sexual feminino, sexual. Bagno (2014, p. 100) também menciona o uso desse vocábulo de origem tupi para referir à parte sexual feminina ressaltando seu uso informal. Também se destacaram os exemplos de animalização como *aranha*, *borboletinha*, *baratinha*, *florzinha* e *bichinha*[202] exemplos claros de eufemização.

Outro item lexical que se destacou foi *piriquita*[203]. Cavalcanti (2015, p. 87), ao descrever o que chama de metáforas animais, esclarece que há relação entre ideais de domesticidade, através de animais de pequeno porte como pássaros, que podem ser motivados por questões

[202] Exemplo encontrado no COFEM: Por que que a gente infantiliza xereca, pepeca...*baratinha* e repudia também... é... xota, xoxota, *florzinha*.... por que que não se dá o nome? Essa pra mim é a discussão... realmente porque como a Gabi falou, a linguagem... ela é opressão. (MSJE12)

[203] Exemplo encontrado no COFEM: Eu lembro do "tira a mão daí, menina!" "Tira a mão daí" o tempo todo. [...]Não? "Tira a mão da *piriquita*!" (MSJE12)

físicas como o tamanho, mas também relacionadas a estereótipos da feminilidade. Outras análises possíveis, segundo Rodríguez (2009) são estereótipos como falar muito, ser frágil, estar restritas ao espaço privado, como pássaros em "gaiolas", ser animal doméstico de "adorno", aves representam amor, paz, delicadeza etc. Todas essas características ocorreram no COFEM.

Metáforas como as descritas por Neves (1998), a saber, CORPO DE MULHER É ALIMENTO e ÓRGÃOS SEXUAIS SÃO ANIMAIS, são exemplos que se aplicam e possibilitam observar a desvalorização de mulheres na e pela linguagem. Rodríguez (2009, p. 81) explica que metáforas que comparam pessoas a animais costumam ser degradantes. Portanto, é preciso compreender o que esses animais significam nas culturas brasileira e argentina. Os excertos a seguir demonstram a utilização das metáforas:

QUADRO 75 - Metáforas sobre a *vagina* em PB

Metáforas zoomórficas sobre a *vagina*
Contexto de ocorrência: SJE045; MSJE12
Fragmento: <A> O Brasil é campeão em *vaginoplastia* e a *mulherada* daqui adora. A indústria da pornografia contribui também por essa procura desenfreada de *vaginas* adaptadas, porque eu chamo de customizadas. Existem casos de recomendação médica. Evidente, claro! Em que o tratamento é indicado e pode melhorar e muito a vida das *mulheres*. Mas, tem muita gente implicando até com a cor da *bichinha*, coitada. (SJE045) Por que que a gente infantiliza xereca, pepeca...*baratinha* e repudia também... é... xota, xoxota, *florzinha*.... por que que não se dá o nome? (MSJE12) "Tira a mão da *piriquita*!" (MSJE12)

Fonte: Elaborado pela autora.

No mesmo excerto destacado, também se observa o uso de atributos que apontam para a objetificação do órgão, como "vaginas adaptadas" e "customizadas" e para a animalização/personificação com o atributo "coitada", o qual significa "àquela digna de pena". É importante destacar que novamente há um uso peculiar de "daí" para *vagina/vulva*. Esta é uma contração que se usa para fazer referência a um determinado local. Assim, pode-se inferir que é um eufemismo, neste contexto, pois busca suavizar o sentido, assim como no exemplo animalesco *bichinha*.

Outro padrão de uso encontrado nesse recorte do *subcorpus* em PB são expressões que demonstram os usos da UF "padrão de", como por exemplo *padrão de beleza da vulva*[204] e a colocação *padrão de xana*. Conforme os exemplos:

[204] Gowan (2021, p. 66) comenta o padrão estético para a vulva e explica que essa é mais uma pressão imposta às mulheres. Segundo a autora, "a vulva considerada ideal não tem assimetrias, pelos, alterações de cor nem cheiro. É a chamada "vulva da Barbie".

QUADRO 76 - UF "Padrão de" em PB

53	**Padrão de beleza [da vulva]:** locução nominal
	Contexto de ocorrência: TTv MSJE12
	Fragmento: <G> E tem vários indícios... mulheres que nunca viram a *xana* no espelho, sabe assim... você pegava no espelho, se olhar, se conhecer...aí eu falei caramba eu queria falar de autoconhecimento mas, eu queria falar de uma forma poética, mostrar a diversidade porque você vê que o padrão é uma parada tão escrota que até na hora da *xana* da gente, tem ali um **padrão de** *xana* que você tem que ter. (MSJE12) <M> Minha vulva é linda, também, entende? Quem é que tá cobrando o **padrão de** beleza da *vulva*. Vocês podem me explicar? Pois é, porque pra você comparar, pra você dizer o que é feio, o que é bonito, você tem que comparar. Com o que está sendo comparado? Primeiro a gente tenha o padrão de beleza, é a coisa, a gente começa a quebrar, agora tem o **padrão de beleza da** *vulva*, isso é... Mas eu acho que isso é uma falta de educação, né gente? (MSJE12)
	Classificação: Semifixa e idiomática
	Mapeamento: desautomatização; metafórico

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses usos evidenciam a utilização de uma expressão relacionada a produtos, bens e serviços como a ideia de qualidade ou modelo a ser seguido o que não é possível quando nos referimos aos corpos humanos, que se caracterizam pelas suas individualidades físicas e ampla diversidade. A pressão estética é uma "imposição" social propagada em grande parte pela mídia e pela indústria em sociedades capitalistas. Fato que gera uma busca por um modelo irreal de beleza, chegando à ideia de modelos "ideais" de *vagina/vulva*, ou seja, uma mercantilização do órgão e dos corpos femininos, tendo em conta a sociedade capitalista brasileira, já que buscar o "padrão" implica investir dinheiro com procedimentos estéticos etc. Essa pressão dita as regras de como os corpos devem ser e de como eles devem ser tratados. Na maioria das vezes, o padrão de beleza estabelecido é inalcançável para a maioria das pessoas, como explica Gowan (2021, p. 33). Ainda segundo a autora, os padrões de beleza foram e são criações sociais perpetuadas e reforçadas por elementos e estratégias usadas por diferentes setores da indústria. Isto posto, percebe-se, através dessa UF, que há uma objetificação do órgão genital/sexual feminino.

Outro uso metafórico foi "padrão de piriquita". O sentido no exemplo destacado é estabelecido através das expressões metafóricas com nomes de animais como *perereca* e *periquita*. Assim, a metáfora ÓRGÃO SEXUAL É ANIMAL se mostra bastante produtiva e licencia a materialização dessa desautomatização fraseológica como mostra o Quadro 77:

QUADRO 77 - UF "padrão de periquita" em PB

54	**Padrão de [periquita]:** (substantivo + preposição + substantivo) locução nominal
	Contexto de ocorrência: CY MSJ
	Fragmento: Tem coisas que o povo fala que é tabu e eu nem sabia. Nem sabia que existia **padrão de** *periquita* kkkkkk. Devo estar em um mundo a parte mesmo. (CMSJ)

	Classificação: semifixa e idiomática
	Mapeamento: desautomatização; metafórico; disfemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos comentários também foi citado a expressão *vulva versus patriarcado* [205], estabelecendo um sentido personificado ao item *vulva* e corroborando o uso encontrado no *corpus* de textos jornalísticos. Ademais, outras UFs foram identificadas nesse recorte do *corpus*, como *padrão de boceta*, *padrão de piriquita* e *padrão de buceta.* A expressão "padrão de" está relacionada à ideia de uniformidade, segundo Borba (2002, p. 143). Nesse sentido, os usos dessa expressão apontam para a objetificação da *vagina* se referindo à existência de uma suposta busca pela uniformidade - característica de coisas, conforme já explicado anteriormente - do formato de vulvas, isto é, um ideal de beleza, reforçando estereótipos de objetificação do corpo feminino.

Outro vocábulo investigado e que foi utilizado de forma recorrente no *corpus* foi *boceta,* variando a forma de redação *buceta*. O item lexical em questão, teve sua origem no português europeu, significando caixa ou bolsa. O uso desse vocábulo se popularizou através da UF "boceta de pandora" sinônimo de "caixa de pandora"[206]. Em Borba (2013, p. 175) e Silva (2013, p. 175) a fraseologia "boceta de pandora" está para o significado de "origem de todos os males", numa referência ao mito grego. Interessante destacar o enredo do Mito de Pandora, o qual conta a história de uma mulher, a primeira esposa de Epimeteu, a qual ficou responsável por abrir a boceta – presente de Zeus - e liberar todos os males do mundo. Nascentes (1986, p. 32) também menciona a UF *boceta de pandora*. No COFEM, as UFs *caixa de pandora* e *caja de pandora* ocorreram uma vez em cada idioma. O quadro 78, a seguir, apresenta o uso em PB:

QUADRO 78 - UF "Caixa de pandora" em PB

55	**Caixa de Pandora:** (substantivo + preposição + substantivo) loc. nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Felipe Neto é a prova da falência educacional do Brasil. Uma boa parte da imprensa abriu essa *caixa de pandora*. (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativo, metafórica

Fonte: Elaborado pela autora

[205] Essa expressão está presente no título da obra *A origem do mundo uma história cultural da vagina ou a vulva vs. o patriarcado*, de Liv Strömquist. É possível notar uma relação simbólica de enfrentamento entre o corpo feminino – representado pela vulva – e o sistema patriarcal, entendido como um sistema de dominação masculina.
[206] Disponível em https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/5886529 Acesso em: 15 out. 2022.

No excerto encontrado em PB, a UF *caixa de pandora* foi utilizada com sentido negativo, como se a ação de abrir a caixa desencadeasse uma série de problemas ou consequências sobre o tema. Já no exemplo encontrado em EA, essa UF metafórica é utilizada e explicada, evidenciando o lado positivo e negativo da metáfora e retomando o contexto histórico dessa UF, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 79 - UF "Caja de Pandora" em EA

56	**Caja de pandora:** (substantivo + preposição + substantivo) loc. nominal
	Contexto de ocorrência: TTp EDPE24
	Fragmento: ¿Y qué pasa? La identidad es la *caja de Pandora* para la decisión final o para la solución final, como diría el libro del Innombrable. Estoy tomando dos conceptos absolutamente negativos dentro de lo la caja de Pandora que tiene todo lo malo, pero nadie recuerda que la caja tiene una esperanza y la solución final (EDPE24)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora

Segundo Santos (2022), em artigo publicado no portal LitoralSul[207] o vocábulo *boceta*, em latim "*buxis*", originou-se do nome "*buxus*", um tipo de madeira utilizada para fazer caixas pequenas, muitas vezes de formatos redondos ou ovais, usadas para guardar objetos preciosos de mulheres, chamada de "*buxetta*". De acordo com Santos (2022), com o passar dos tempos esse recipiente passou a ser produzido com outros materiais como couro e a armazenar diferentes objetos, como fumo de rolo.

No COFEM em PB, especificamente no *subcorpus* de textos jornalísticos em PB, foram identificadas 14 ocorrências com o colocado *droga na vagina*[208]. Parece haver uma preferência por essa estrutura, já que ela é utilizada com recorrência em manchetes de notícias que evidenciam o uso da vagina como um "recipiente" utilizado para o transporte de drogas e outros objetos, como aparelhos eletrônicos. Esses enunciados carregam, em suas entrelinhas, uma ideia de "recipiente", onde se "guarda objetos de valor" ou os "males do mundo" evidenciando como as escolhas linguísticas utilizadas pelos jornalistas ao narrarem esses fatos podem estar relacionadas a outras diversas questões. Percebe-se uma espetacularização dessa "vagina de pandora" que serve para carregar os "males", principalmente, ao tentarem adentrar prisões e penitenciárias. Importante mencionar que nesses contextos, o item *vagina* não é censurado, ao invés disso, ele é destacado nos títulos, fato interessante a se notar.

[207] Disponível em https://portallitoralsul.com.br/a-estranha-origem-de-palavras-sujas-do-portugues-como-boceta/#:~:text=O%20nome%20vem%20l%C3%A1%20da,que%20guardavam%20objetos%20de%20valor. Acesso em: 15 out. 2022.

[208] Ver exemplo: Mulher é presa após tentar entrar com droga na vagina em presídio no MA (TJG120102022).

Para Preti (2010, p. 101) o vocábulo “boceta” é classificado como erótico-obsceno, sendo um palavrão disfarçado, pois é um substantivo comum que significa “caixa de rapé, reservatório de coisas inesperadas”. Nesse sentido, a ideia de recipiente também está contida no uso desse item léxico[209]. O autor menciona que esse vocábulo, em virtude da degeneração de sentidos, passou a significar órgão sexual feminino.

A partir da perspectiva da história do vocábulo “boceta”, fica evidente a relação metafórica estabelecida entre diferentes aspectos do objeto com características do órgão genital feminino e com quem utiliza o objeto e possui o órgão, sendo possível estabelecer as relações necessárias entre forma e significado para subsidiar a utilização metafórica em diferentes contextos.

Durante a observação dos usos do vocábulo *boceta*, identifiquei diferentes itens lexicais criados a partir dele. Um desses itens, *embocetar*, já descrito por Maior (1980), como copular, por Mattoso (1990), com ter um obstáculo, ficar todo bagunçado, tornar-se complicado, difícil ou crítico em relação a uma situação ou bagunçar, zonear. Já Borba (2002), classifica-o como processo de arruinar ou desgraçar. Portanto, observa-se um deslocamento de sentido ao se comparar as obras citadas. Tais sentidos apontam para a sexualização e a negatividade. No quadro a seguir, estão dispostas informações sobre os itens que acompanham as diferentes utilizações do vocábulo “boceta/buceta” e as diferentes formas de redação desse item:

QUADRO 80 - Usos de boceta no *subcorpus* de comentários

Nomeação/processos	Processo	Atributo	agrupamentos	Metáfora
buceta, boceta, bucetas, bucet@, bct embucetar, embucetaram, embocetava, imbucetada rebucetear rebucetado rebuceteio	falar, chupar, usar, foder, ser, ficar, estar	feia, bonita, peluda, rosa sem pelo, coisa mais linda, horrível	padrão de ~ tipo de ~ gostar de ~	chave de buceta

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir das informações do Quadro 80, se destacaram os comentários que fizeram usos de *embocetar/imbucetar*. Os comentaristas descreveram como utilizam os itens e o que eles significam, evidenciando o sentido negativo através dos vocábulos associados, a saber “briga”, “brava” e “chateada”:

[209] No dicionário português, o item “boceta” além de descrito como caixa pequena, arredondada ou caixa de rapé, é associado a uma variedade de tangerina – um fruto comestível. Sendo possível compreender como esse vocábulo também pode ser metaforizado como alimento. Além disso, associa-se “boceta” a “boucette”, em francês, um “barril pequeno”. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/boceta Acesso em dez. de 2023.

QUADRO 81 - Embucetar

Embucetar / imbucetar
Contexto de ocorrência: CMSJ
Fragmento: <C> *Embucetar* pra mim é brigar. Fulano e ciclano se *embucetaram* <C> Gente, este programa é formidável! Eu jovem me "*embucetava*" quando ficava brava. Agora pensando aqui: por que só quando ficava brava né? <C> Minha avó materna sempre dizia minha filha estou *imbucetada* com você kkkkkkkk queria dizer muuuito chateada Tipo P da vida kkkkk

Fonte: Elaborado pela autora.

No COFEM, também ocorreu a metáfora *chave de buceta* utilizada para se referir ao fato de estar metaforicamente "preso" ao órgão sexual-genital de alguém, como quem leva um golpe ou está aparafusado a alguém. Portanto, é possível relacioná-la a uma ferramenta manual chamada "chave de fenda" utilizada para apertar ou soltar parafusos ou ainda, em referência ao nome de um golpe de esportes de combate, como Judô e Jiu-jitsu, a "chave de braço". Esse é um movimento de dominação que prende, imobiliza, sufoca e pode causar a morte. Importante mencionar que quando esse golpe é praticado por uma mulher, ele recebe o nome de "chave de pepeca". Esse uso foi corroborado pelo Corpus do Português (Davies, 2016), em que foram encontrados 5 usos linguísticos de *chave de pepeca.* Houve ainda ocorrência da UF *chá de pepeca*.

No mesmo contexto de ocorrência, o comentarista demonstra a capacidade de criatividade lexical através dos vocábulos *rebucetear, rebucetado* e *rebuceteio.* O vocábulo "rebuceteio" foi descrito por Maior (1980, p. 116) como "confusão". Já Mattoso (1990, p. 291) traduziu o vocábulo como "briga, comoção, tumulto, confusão, zona". Conforme o exemplo a seguir:

QUADRO 82 – UF "chave de buceta" em PB

57	**Chave de Buceta:** (substantivo + preposição + substantivo) loc. nominal
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: *Rebucetar* - uso: "Ele foi *rebucetado* na hora pela candidata do outro partido. Significado: Ele perdeu para uma mulher de outro partido. Xirilência- uso: "A decoração ficou a maior xirilência! Significado: Teve o maior toque feminino na decoração. *Vulvanizar*: uso: "O cara foi *vulvanizado* e pagou o maior *rebuceteio*." Significado: O cara levou a maior **chave de** *buceta* da mina e ficou totalmente perdido. E tem mais: Vaginolência, Piriquitação, etc....lol (CMSJ)
	Classificação: semifixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica e pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

No exemplo acima, também encontramos neologismos a partir do vocábulo *vulva,* a saber: *vulvanizar* e *vulvanizado*. Em caso semelhante, Almeida (2020, p. 399) menciona a

possibilidade de criação de novos itens lexicais por meio de novas perspectivas sobre o domínio da experiencia da sexualidade feminina.

A seguir, apresentam-se os usos do item lexical *vulva* em um quadro, onde se destacaram as construções metafóricas como *liberdade das vulvas* e *a vulva agradece*. Nesses exemplos, são atribuídas capacidades do ser humano ao órgão genital/sexual feminino como agradecer e ser livre. Assim, podemos dizer que há a personificação da *vulva*.

QUADRO 83 - Usos de vulva no *subcorpus* de comentários.

Nomeação	Processo	Atributo	Metáfora
vulva, vulvas, vulta, vulvanizar, vulvanizado	ser, apropriar, falar, amar, tocar, chamar-se	peludas, gordinha	liberdade das vulvas vulva versus o patriarcado a vulva agradece

Fonte: Elaborado pela autora.

Outras expressões metafóricas que se destacaram durante as análises foram aquelas criadas a partir de manipulações fraseológicas de outras expressões populares, como "filosofar sobre a vida", "opinião é igual bunda, cada um tem a sua", "cuidar da vida como achar melhor", como mostram os exemplos a seguir:

QUADRO 84 - Desautomatizações com *vagina* e sinônimos em PB

Desautomatizações com *vagina* e sinônimos
Contexto de ocorrência: CMSJ
Fragmento: <C> Affff...que papo chato.. quere do **filosofar sobre a** *chavasca*... (C-MSJ) <C>Como diiria a Pitty... *vagina* **é igual** cabelo **cada uma tem a sua**! (C-MSJ) <C>Que tenha mais e mais assuntos assim... Show....assuntos muito bons... Ou seja....bora ser feliz e aceitar o que Deus deu... E **cada um cuida** das *ppks* **como acharem melhor** e no que faz feliz.... (C-MSJ)

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesses casos, há demonstrações de criatividade e estruturas não convencionais funcionando com tabuísmos linguísticos. O vocábulo *chavasca* utilizado como sinônimo de "vagina", demonstra mais um uso metafórico pejorativo, pois "chavascal" é um substantivo que nomeia um lugar sujo, equivalente a uma pocilga, ou o adjetivo "chavasco" como equivalente a grosseiro, tosco, demonstram como o entrecruzamento desses sentidos denota desprestígio. Gowan (2021, p. 277) menciona os estereótipos negativos que reforçam ideais equivocados como a ideia de que "a vagina é suja e tem cheiro forte e isso deve ser combatido – basta ver a quantidade de sabonetes íntimos disponíveis no mercado". Mattoso (1990, p. 193) traduz *chavasca* como *boceta*. Maior (1980, p. 29) menciona "chavascada" como ato sexual com

prostituta. No dicionário Aulete, “chavascada” é descrito como golpe, pancada ou bordoada[210]. Logo, a partir dessas acepções é possível inferir que há diferentes traços semânticos que, juntos, atribuem ao uso do item “chavasca” traços semânticos pejorativos.

Ainda analisando os diferentes sinônimos utilizados no COFEM em PB para designar vagina, observei a partir de um novo recorte do *subcorpus* de comentários a utilização de *xerecou*. Essa escolha se deu pelo tema abordado em um episódio específico do *vídeocast* MSJ.

A ocorrência de *xerecou*, item utilizado em rede nacional, foi um assunto que movimentou a imprensa brasileira. Em 2021, esse fato motivou uma discussão na mídia nacional sobre a utilização da palavra *xerecou*, pela atleta Karen Jonz, skatista tetracampeã e comentarista de skate da Olimpíadas de Tóquio, durante a transmissão de uma prova, ao vivo, em um canal de TV. Para contextualizar, a skatista ao narrar a participação de uma competidora e relatar a queda da atleta após uma manobra, utilizou a palavra *xerecou* para descrever um choque contra o corrimão durante um movimento executado de forma inadequada pela skatista olímpica. Ao narrar a situação, Karen disse: “*Xerecou* no campeonato!”.

A palavra *xerecou*, então, se tornou uma das mais citadas na internet brasileira, apareceu no *Trending Topics* do *Twitter* e gerou muitos memes[211] e comentários diversos. De acordo com Barton e Lee (2015, p. 162), falar sobre a língua e linguagem se tornou uma prática comum em nosso mundo social, cada vez mais mediado por textos.

> As novas mídias também proporcionam novas oportunidades e espaços para que os atores sociais reflitam sobre questões linguísticas, especialmente na forma escrita. [...] os participantes da web costumam falar sobre a língua e seu aprendizado; as pessoas avaliam o conhecimento de sua própria língua e da dos outros; [...] eles não precisam ser usuários perfeitos de determinada língua para avaliá-la e para saber como ela deve ou não ser utilizada (Barton; Lee, 2015, p.162).

Karen Jonz também foi convidada a participar de programas televisivos, *videocasts* e *podcasts* para falar sobre o assunto e o fato virou notícia[212] em diversos veículos de comunicação que destacaram a utilização da palavra *xerecou* e de outras expressões usadas por ela.

A utilização desse neologismo[213] também suscitou debates sobre o uso de determinadas palavras por mulheres, sobre a adequação da linguagem ao contexto etc. Os comentários de

---

[210] Disponível em https://aulete.com.br/chavasca . Acesso em: 15 dez. 2023.
[211] Disponível em: https://twitter.com/search?f=top&q=%22xerecou%22&src=typed_query Acesso em out. de 2022.
[212] https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2021/09/26/karen-jonz-xerecou-altas-horas.htm
[213] Entendemos por neologismos palavras que não estejam dicionarizadas e que ainda não integram o vocabulário da língua portuguesa – VOLP.

Karen, além de terem sido considerados pela imprensa, de maneira geral, como engraçados e espontâneos, também promoveram uma reflexão sobre o "constrangimento" em relação ao uso de palavras relacionadas ao órgão genital feminino [214] e à utilização de termos tabus, especificamente utilizados por mulheres e/ou para se referir a elas, seus corpos e sua sexualidade.

O vídeo escolhido para este recorte é um produto do programa *Saia Justa*[215], do canal de televisão por assinatura GNT [216]. O programa original é transmitido integralmente na televisão fechada e, depois, é disponibilizado na internet, editado e com tamanho reduzido, sendo considerado pela emissora uma seleção dos melhores momentos do programa. Esse produto é intitulado *Mini Saia*, nele são apresentados recortes das falas das apresentadoras e da pessoa entrevistada. Tal programa está hospedado na plataforma de vídeos *YouTube*[217], no canal da emissora. Importante destacar que o canal, no *YouTube*, existe desde julho de 2010, possuía 1,92 milhões de inscritos no momento da redação deste texto, e seus vídeos contavam com mais de 500 milhões de visualizações.

Após a organização dos *corpora* de estudo e referência[218] foi extraída a lista de palavras-chave. O *corpus* nos guiou para a palavra: "Karen", o nome da convidada do programa. A partir deste resultado, iniciamos a análise das linhas de concordância com a palavra-chave, a fim de identificar avaliações e, assim, aplicar os conceitos do sistema de AVALIATIVIDADE. Foram identificadas 12 linhas de concordância como mostra a Figura 53, a seguir:

---

[214] https://istoe.com.br/karen-jonz-volta-a-chamar-a-atencao-por-comentarios-espontaneos-em-transmissao-do-skate-olimpico/

[215] O programa Saia Justa é apresentado e mediado por Astrid Fontenelle. Com ela as apresentadoras Mônica Martelli, Pitty e Gaby Amarantos promovem conversas, debates e discussões com uma convidada(o) sobre temas diversos. O programa vai ao ar toda semana sempre de uma perspectiva que destaca diferentes experiências e vozes femininas.

[216] Endereço eletrônico do canal. https://gnt.globo.com/

[217] Xerecou: Empoderamento feminino na linguagem | Karen Jonz | Mini Saia | Saia Justa https://youtu.be/6JwED9VRdBY

[218] *Corpus* de referência utilizado nesta análise foi o de Marra (2017).

FIGURA 53 - Concord com o item Karen.



N	Concordance
1	desse assunto não ser tabu! A Karen é incríveeel □ C - Definir
2	muito essa entrevista C - A Karen é íncrivel...amo demais C
3	CAUSA DO FEMINISMO C - A Karen é íncrivel...amo demais C
4	Sempre me acabo de rir com a Karen, menina leve, do bem... C
5	do bem... C - Coisa mais linda a Karen bombando, ficando cada
6	C - FOLLOW ME☺ 💖❤❤ C - Karen 😍😍 C - Pitty aqui no Rio
7	Eles xerecam ❤🔫🔫❤ C- Karen maravilhosa! ❤ C -
8	kkkkk🔥🔥🔥🔥❤❤❤❤ C - KAREN JONZ EU TE
9	é íncrivel...amo demais C - Karen é foda 😍 C - Karen
10	C - Com certeza kkkkk C - Karen é incrível, que mulher.
11	demais C - Karen é foda 😍 C - Karen maravilhosa! ❤ C - Pitty
12	AMEI os looks e o cabelo da KAREN. 😍 C - Definitivamente

concordance | collocates | plot | patterns | clusters | timeline | filenames | source text | notes

12 entries | Row 1 | desse assunto não ser

Fonte: WST.

Como os resultados evidenciam, das 12 linhas de concordância com a palavra "Karen", todos são avaliações sobre a skatista, seja sobre sua pessoa ou sobre sua aparência, fato que pode ser explicado devido ao aspecto visual, característica que diferencia *videocasts* de *podcasts*. Nesses contextos, foram mais recorrentes avaliações do tipo julgamento, do tipo capacidade positiva, através dos atributos *incrível, maravilhosa* e *foda*. Também houve avaliações do tipo apreciação por composição expressos através dos atributos *linda* e *deusa.*

Outro item lexical que foi investigado foi a palavra *xerecou*, por ser um dos temas centrais do episódio e porque esta palavra exemplifica a criatividade lexical, demonstrando uma nova manifestação linguística do ponto de vista gramatical, uma vez que *xerecou* não integra os dicionários e vocabulários do PB. É um item criado a partir do substantivo *xereca* e foi utilizado como verbo, sendo flexionado no pretérito perfeito e obedecendo às regras de formação de palavras do português. Sendo *xerecou* uma estrutura criada a partir de um processo de derivação, essa lexia neológica demonstra a potência criativa da língua.

Almeida (2020, p. 392), em estudo sobre o substantivo *xereca*, mostra que ele é um africanismo, refere-se ao órgão genital ou sexual feminino, é um termo compreendido como tabuísmo, "uma palavra de uso restrito, censurada por pudor ou por crença, sendo ainda vista como popular e jocosa". Zavaglia (2018, p. 5) em trabalho sobre termos tabus, afirma que a palavra *xereca* é uma palavra "considerada grosseira, ofensiva e chula". Significados que podem contribuir para o entendimento da repercussão da palavra *xerecou*. A figura a seguir demonstra as ocorrências encontradas no *corpus* de comentários e elas corroboram o valor semântico averiguado pelos trabalhos citados.

FIGURA 54 - CONCORD do lema xereca.



Fonte: WST.

No recorte do sub*corpus* de comentários desta análise, encontrei 12 ocorrências que foram agrupadas no lema *xereca.* Através dos exemplos, percebe-se que a utilização destes termos está relacionada à necessidade de criação de palavras que "verbalizem" os substantivos, transformando seus significados em ações que refletem sentidos literais ou metafóricos, demonstrando, assim, que a criação de palavras pelos falantes se dá em contextos diversos de comunicação com o propósito de veicular ações, ideias, conceitos etc.

No que se refere às ocorrências relacionadas ao lema *xereca*, encontramos o substantivo *xereca*, para se referir ao órgão genital feminino, corroborando com os estudos de Almeida e Zavaglia.

Já o neologismo *xerecard*, resultado do cruzamento vocabular das palavras *xereca* e *card* (cartão em inglês), foi utilizado como um substantivo e remete ao nome de músicas do estilo funk como a do MC Brisola[219] e a do MC Jeff Costa[220]. A noção de *xereca* como instrumento também apareceu em outro exemplo com o verbo no infinitivo *xerecar*, em que se avalia negativamente a ação de *xerecar,* sendo esta entendida como um ato pejorativo e sexualizado, portanto de desprestígio, diferente do sentido utilizado pela skatista e comentarista Karen Jonz, conforme os exemplos:

<C>Por causa da música **xerecard** é só pq foi em rede (C-MSJ)
<C>**Xerecar**?arma que vocês mulheres usam (C-MSJ)

[219] Endereço eletrônico da letra da música Xerecard: https://www.letras.mus.br/mc-brisola/xerecard/
[220] Endereço eletrônico da letra da música Xerecard: https://www.letras.mus.br/jeff-costa/xerecard/

As formas verbais conjugadas no presente do indicativo *xereco*, *xerecas, xereca, xerecamos*, *xerecais*, *xerecam* ocorreram em um comentário que demonstrava a possibilidade de conjugação verbal desse neologismo[221], exemplificando mais uma vez o potencial de criatividade linguística e a possibilidade de realizar uma ação com a *xereca*, conforme comentário. Também se destaca a utilização da palavra flexionada no pretérito perfeito para a terceira pessoa do singular, conforme os exemplos a seguir:

<C> Eu **xereco** Tu **xerecas** Ela **xereca** Nós **xerecamos** Vós **xerecais** Eles **xerecam** (C-MSJ)
<C> Parte íntima no ferro falar "**xerecou**" (C-MSJ)

Após a observação dos itens lexicais aqui descritos, fica evidente que o recurso linguístico de criação de palavras a partir de uma base substantiva é um fato linguístico sistêmico e que ocorre no PB, como é o caso de *xerecou* e tantos outros usos como *sextou*, descrito por Oliveira *et al.* (2022) e de outros que ainda serão descritos como "Adrenalizou", título da canção de Vitor Kley[222].

Porém, o que difere no fato linguístico descrito neste trabalho com o item *xerecou* é que este foi um neologismo criado a partir de um termo tabu que carrega, na nossa sociedade, questões culturais diversas que perpassam as noções sobre o órgão genital feminino, estereótipos de práticas discursivas femininas, como a forma de falar e se expressar, o cuidado vocabular etc.

Os excertos escolhidos para análise evidenciam um olhar positivo da audiência sobre a entrevistada, destacando o seu perfil ético, através de julgamentos do tipo comportamento humano e comentários favoráveis. Resultado este que vai ao encontro do tema do episódio, o qual discute o empoderamento feminino através da utilização de um termo tabu por mulheres na sociedade atual e da abordagem de temas sobre seus corpos e sexualidades femininas.

Com relação aos itens encontrados em EA que se referem a *vagina* e seus sinônimos, destaco a utilização de uma UF recorrente nos textos que tratam de questões relacionadas a MCS, a UF *salir del closet.* O exemplo a seguir, demonstra a utilização da unidade fraseológica "sacar del closet". Essa utilização foi corroborada no Corpus del Español. O processo verbal "sacar" junto ao vocábulo "closet", é utilizado em diferentes contextos, ocorrendo com ou sem

[221] Também ocorreu no *subcorpus* de textos jornalísticos a forma "xerequemo-nos", em texto sobre o uso do item "xerecou".
[222] Endereço eletrônico da letra da canção Adrenalizou: https://www.letras.mus.br/vitor-kley/adrenalizou/

flexão verbal. Dentre os exemplos encontrados, o sentido de "pôr a mostra", "tornar público" é empregado no excerto abaixo, como mostra o quadro a seguir:

QUADRO 85 - UF "*sacar la vulva del closet*" em EA

58	**Sacar del closet:** loc. verbal
	Contexto de ocorrência: TTP EDPE
	Fragmento: "*Ginecología, menstruación, anticoncepción:* ***sacar*** *la vulva* ***del closet****".* (CP E??)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico

Fonte: Elaborado pela autora

No contexto destacado, "*sacar del closet*" em conjunto com o item lexical "*vulva*", causa uma mudança na expressão que a princípio era utilizada com pessoas, passa a ser utilizado em referência à genitália feminina, criando de forma metafórica, o sentido de falar sobre o órgão, logo abordar o tema "vulva", um assunto pouco falado, que esteve "guardado" por tempos, isto é, tirá-lo para fora e expô-lo. Ao escolher essa estrutura, o *podcast* utiliza um disfemismo dando tom humorístico, expressando com essa metáfora uma linguagem popular, enfatizando o tema do episódio. "*Sacar del closet*" é uma UF consagrada, bastante utilizada em EA e em PB. Também existe a variação com o processo "sair/salir" no lugar de "tirar/sacar" como "Sair do armário" e "salir del closet". A diferença está em um ato voluntário ou involuntário.

O item lexical mais utilizado como sinônimo de *vagina/vulva*, no COFEM em EA foi *concha.* De acordo com o Dicionário Argentino[223] "concha" é um vocábulo informal que significa "vagina", utilizado de forma despectiva. Já o *Diccionario de habla de los argentinos* (2005, p. 249) explica que "concha" é a forma vulgar para se referir a "vulva". Bracken (2005, p. 27) explica que "concha" pode significar "shell; vagina, pussy, cunt". Segundo Aguirre (2009, p. 65) "concha" é uma forma vulgar para se referir à vulva e é utilizado como um insulto acompanhado de algum familiar feminino da pessoa insultada. Pode ser utilizado em frases imperativas, como um convite ou em frases condicionais.

Também foram identificados vários neologismos criados a partir do vocábulo *concha*, como por exemplo: "conchaverso", "conchístico", "conchísticas" e "conchísima". A forma no diminutivo *conchitas* também foi encontrada. A UF que mais ocorreu com o item *concha*, foi a fórmula *concha de la lora.* Segundo o *Diccionario argentino*[224], a UF "*concha de la lora*" significa um lugar distante. Bracken (2005, p. 27) menciona, no verbete *concha,* a existência

[223] https://www.diccionarioargentino.com/term/concha
[224] https://www.diccionarioargentino.com/term/Concha+de+la+lora

da expressão "*la concha de tu madre*" e "*la concha de la lora*". O autor explica que "*loras*" é uma referência a prostitutas, pois antigamente elas eram chamadas assim na Argentina em uma referência à ave papagaio ou loro. Bracken explica, ainda, que ambas as fórmulas são insultos, mas podem ser usadas como exclamações, a depender do contexto. No COFEM, ocorreu em contextos de insultos, o que pode ser identificado no exemplo encontrado no *subcorpus* de comentários e apresentado no Quadro 86, logo abaixo:

QUADRO 86 - UF "*La concha de la lora*" em EA

59	**La concha de la lora:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmentos: Anda a investigarlo a la **concha** de la lora" jajajaja Gran frase (CCP) Lee un poco y deseo que milei sea presidente así te convences de que vivir en la **concha** de la lora, cobrar por lo que vas a pedalear y vivir en la burbuja de la alegría libertaria, mientras te miras los agujeros en las zapatillas es lo que te espera con este farsante. (CCV)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

Simão (2010, p. 136) destaca que, no EA, *concha* refere-se ao órgão sexual feminino e esse vocábulo é muito usado na expressão "concha (de) tu madre" ou "*la concha de tu hermana*" significando um insulto. Sobre a expressão "*queda en la concha de la lora*", a pesquisadora menciona que esta é uma expressão muito frequente em situações para indicar um local afastado e de difícil acesso.

O dicionário argentino[225] destaca que a UF "*concha de tu hermana*" é um insulto bastante popular na Argentina, sendo um dos mais utilizados. No entanto, no COFEM essa variação ocorreu apenas uma vez, como mostra o exemplo abaixo:

QUADRO 87 - UF "*La concha de tu hermana*" em EA

60	**La concha de tu hermana:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TTp CPE01
	Fragmento: La palabra concha me suena a poder. Eso está muy interesante también. Es parte de mi realidad y mi cuerpo. Lo usó mucho para insultar, digo, mucho la *concha* **de tu madre** o la *concha* **de tu hermana.** Es verdad eso. Hay gente que puso que le despertaba sumergirse a explorar, que les encanta, que depende de la situación, según cómo está usado, a veces es guarango, un montón de cosas sobre la concha, pero yo creo que es un tema que a todos les despierta ganas de opinar. (CPE01)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativa

Fonte: Elaborado pela autora.

[225] https://www.diccionarioargentino.com/term/Concha+de+t%C3%BA+hermana+

No exemplo destacado acima, as apresentadoras explicam em quais situações usam as UFs com o vocábulo *concha* e o que significam, além disso, também mencionam a UF *concha de tu madre*, usada como insulto. Essa desautomatização foi frequente no COFEM em EA. No Quadro 88, a seguir, um exemplo para ilustrar:

QUADRO 88 - UF "*la concha de tu madre*" em EA

61	**La concha de tu madre:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Macri la cago el peso está contra devaluada Macri la **concha** de tu madre Genio Milei. (CCV)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Simão (2010, p. 36) também menciona a expressão "*hacer la concha*" que é utilizado em situações em que alguém danifica algo ou causa algum dano físico ou moral a alguém. Esse uso não foi identificado no COFEM.

Outro vocábulo utilizado encontrado no COFEM em EA é "conchudo/a", esse item se destacou pois foram 9 ocorrências, tanto no *subcorpus* de *podcasts* quanto no de comentários. De acordo com Bracken (2005, p. 27) ele é utilizado para insultar uma pessoa que tenha se comportado mal em determinada situação e que prejudica outrem. De acordo com Burgos (1999, p.34) o sufixo "udo" pode denotar perfeição. Já o Dicionário Argentino[226] expõe que "*conchuda*" é um insulto direcionado a uma mulher que se comporta mal ou para realçar um fato indecente que essa mulher tenha cometido. Alguns sinônimos que funcionariam nesse contexto seriam "perra" e "indecente". O quadro a seguir apresenta alguns exemplos de uso:

QUADRO 89 - Item lexical "*conchuda*" em EA

Conchuda
Contexto de ocorrência: CY
Fragmento: lastima la **conchuda** que Narra!!! dice cosas fuera de contexto!! dejandolo mal a Milei!!! (CCV) Es el que le gusta la pija. ¿Y aparte, si la pija está tan buena, por qué un insulto contra la gente a la que le gusta la pija? ¿Por qué? ¿Por qué? Sí. No hay un insulto contra la gente que le gusta la concha. No, no lo hay. Hay insulto a la que tiene concha, la conchuda. Pero no pijudo tampoco. (CPE03) Y bueno, terminamos en una discusión en la cocina, en donde ella me decía Vos Dalia Walker, sos una **conchuda,** eso es lo que sos. Mirá ¿Y yo le dije que si sabes? Le dije, sí yo **soy re conchuda**, soy re mala y vos también ¿Le digo, somos las dos malas, estamos revisadas las dos peleando, no? (CPE15)

[226] https://www.diccionarioargentino.com/term/conchuda

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o dicionário RAE, *conchudo/*a significa "sinvergüenza, "cara dura"[227]. Já o dicionário Maria Molíner (2000), em uma de suas acepções, define *conchudo/a* como um vocábulo informal utilizado como sinônimo de "sinvergüenza" e "indolente". Essas acepções vão ao encontro dos exemplos apresentados no quadro anterior. Ademais, pode-se destacar o uso de "*re*" para em "*yo soy re conchuda*", enfatizando e acentuando o valor do item *conchuda*.

Por último, partindo para finalização dessa seção, cito a ocorrência de um enunciado fraseológico encontrado no COFEM tanto em EA quanto em PB, *un pelo de concha tira más que uma yunta de bueys*, como mostra o exemplo no quadro a seguir:

QUADRO 90 - UF "*un pelo de concha tira más que una yunta de bueyes*" em EA

62	**Un pelo de concha tira más que una yunta de bueyes:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TTp CPE22
	Fragmento: ¿Qué tira más que una yunta de bueyes? Un pelo de **concha**. Y desde donde estamos hablando, nosotras. Que nunca más nos dé vergüenza (CPE22)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, pejorativo

Fonte: Elaborado pela autora.

Burgos (1999, p. 82), em seu "*Refranero en español"*, menciona a UF *tiene más fuerza pelo de coño que maroma de barco*. Já Bracken (2005, p. 51), por sua vez, cita a UF, porém com o item *concha*, no lugar de *coño*, *un pelo de concha tira más que una yunta de bueyes*. A versão em inglês, apresentada pelo autor é a seguinte: "one pussy hair pulls more than a team of oxen", apresentando uma variação em relação ao animal. Todas essas variações apontam para o mesmo sentido, o de que medir forças, isto é, a diferença entre a força de algo pequeno e frágil (pelo de concha) e de algo muito grande e forte (yunta de bueyes). Em PB, essa UF foi utilizada através de uma desautomatização, como mostra o exemplo exposto no quadro a seguir:

QUADRO 91 - UF "Um pelo de boceta tem a força de mil homens" em PB

63	**Um pelo de boceta tem a força de mil homens:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TJFSP
	Fragmento: Uma mulher sábia, mãe de três homens, um dia disse: um pelo de **buceta** tem a força de mil homens. Achou forte? Então melhor nem ler o resto. (TJFSP – 20082022)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

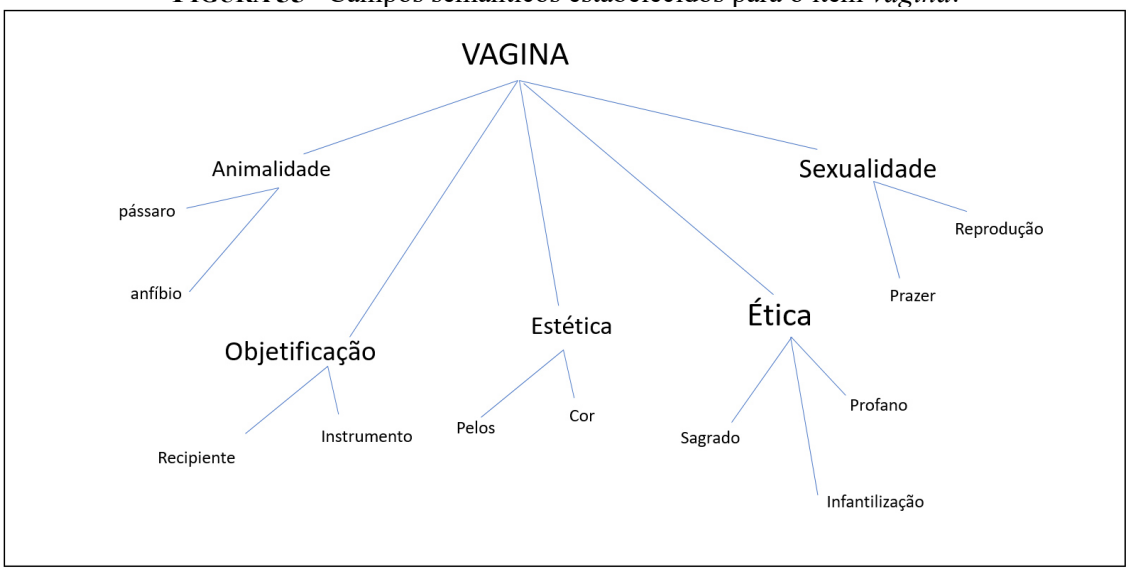
[227] Ver mais em: https://dle.rae.es/conchudo?m=form

Esse uso linguístico foi único, pois não encontrei nenhuma referência em PB para essa UF. Interessante observar que nesse caso, o animal que tem mais força é o "homem". Por isso, nesse contexto, o valor semântico que subjaz essa UF está relacionado à ideia de sedução atribuída às mulheres e às suas vaginas, como se elas tivessem uma força sobrenatural, capaz de seduzir e hipnotizar. Outra questão diferente nesse exemplo está na relação de força estabelecida, pois no exemplo em PB as forças são equiparadas e no exemplo em EA não.

Importante mencionar que outras UFs foram encontradas, porém para não alongar demasiadamente este trabalho não serão tratadas aqui. A título de exemplificação, registro aqui algumas destas *chá de pepeca*, *boceta rosa*, *concha roja*.

Listar, organizar e analisar as ocorrências do item *vagina* e seus sinônimos em PB e EA, resultou na criação de um campo semântico a partir dos itens encontrados, demonstrando como os vocábulos podem ser categorizados de acordo com os sentidos que expressam, como animalidade, objetificação, estética, ética e sexualidade, conforme mostra a Figura 55, a seguir:

FIGURA 55 - Campos semânticos estabelecidos para o item *vagina*.



Fonte: A autora.

Espero, com essa subseção, ter contribuído para a compreensão dos usos do vocábulo vagina e seus sinônimos, pois coaduno com o que disse Ensler (2018, p. 17) "E quando cada vez mais mulheres falam essa palavra ela deixa de ser essa polêmica toda; se torna parte da nossa linguagem, parte das nossas vidas. Nossas vaginas se tornam integradas, respeitadas, sagradas".

5.4. Os itens *menstruação / menstruación*

Esta subseção apresenta os resultados da investigação do item menstruação/ menstruación. A fim de não tomar muito espaço, serão descritos apenas 3 pares de UFs em cada idioma, são elas: *Ficar mocinha / Hacerte señorita, Adrés el que viene todo mes / Estar de chico e mar vermelho / sangre azul.*

O vocábulo menstruação/ menstruación é um item tabuístico, o qual está classificado, segundo o Guia PRESEEA dentro da esfera sexual, especificamente na categoria de "fluidos e processos". De acordo com Blázquez (2023, p. 1.288) "a menstruação é um fato biológico e sociocultural". Nas palavras da autora, a menstruação:

> Se socializa dentro de una cultura sexo-género que establece las formas en las que vivir la menstruación, desde el lenguaje, hasta las ideas o los comportamientos, y esto se produce de una subjetividad posicionada en una clase social, en una identidad sexo-genérica, en una raza y condicionada por un contexto geográfico, político y económico.

Dada a sua complexidade, a menstruação se mantém no campo do tabu, das proibições, e das prescrições que devem ser cumpridas, como ressalta Blázquez (2023, p. 1.290). Segundo Guérios (1979, p. 124) o sangue é um líquido que se destaca em todos os povos, pois

> sempre representou um papel importante - foi considerado a sede da vida, da alma ou confundido com a própria vida, atribuindo-se-lhe força mágica ou sobrenatural e, por consequência, sujeita a tabuagem, sangue de vítima sacrificial, sangue de vítima de homicídio, sangue de animal consagrado ou não.

Guérios destaca a origem da palavra "sangue" em diferentes idiomas, demonstrando os valores semânticos atribuídos a esse vocábulo, como "algo que desperta força, temor e veneração. Portanto, se o sangue carrega traços semânticos tabuísticos, pode-se dizer então, que o sangue menstrual possui uma carga maior em termos tabuísticos pois está associada à mulher, a qual é capaz de sangrar todos os meses e não padecer, dentre outras características. Blázquez (2023, p. l.296) explica que existem duas formas de se compreender o sangue menstrual de modo metafórico: como de caráter sagrado, sobrenatural e misterioso e com o sentido de contaminação. O primeiro está relacionado à ideia de que a menstruação é conectada à Natureza – como divindade, à espiritualidade feminina -, a outra diz respeito à ideia de que o sangue menstrual contamina, libera toxinas e ao cheiro que a menstruação supostamente teria.

A pequena contextualização apresentada até aqui ajuda a compreender os usos encontrados no COFEM, em PB e EA. O primeiro caso destacado é a UF *ficar mocinha*

utilizado como um eufemismo, para a primeira menstruação. Essa UF é costumeiramente dita para uma menina quando ela anuncia a chegada de sua primeira menstruação, isto é, o início da fase menarca, como explica Gowan (2021, p. 46).

QUADRO 92 - UF "ficar mocinha" em PB

64	**ficar mocinha/ virar mocinha:** locução verbal
	Contexto de ocorrência: TTp SJE047, CPE18, CY
	Fragmentos: [...] Por exemplo, menstruação. Um dia eles vieram me perguntar o que é quando a menina *fica* ***mocinha***, porque provavelmente já deve ter uma coleguinha ou outra **mocinha**. Aí eu expliquei. (SJ E047) Tem um momento ali que vira adolescente. No caso da menina, antigamente falava assim, assim, é quando ela *fica* ***mocinha.*** Mas o que mais muda, além da coisa hormonal, assim? (CB – E18) pra vcs "migas", tá na hora de se informar sobre a mulher pobre, de periferia, do interior do Brasil, veja se ela *foi virar* ***mocinha*** em Nova York, se ela tem acesso a tratamento de saúde digno. (C – MSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica, eufemístico.

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os exemplos destacados no quadro anterior, são aplicados com o mesmo valor semântico. O processo verbal *ficar* caracteriza o estado *mocinha*. Ocorreu uma variação dessa UF com o processo verbal *virar*, indicando um sentido de transformação, um pouco diferente do exemplo com *ficar*. Já o exemplo encontrado no COFEM em EA, *hacerte señorita* possui um sentido um pouco diferente do que em PB devido ao processo verbal *hacer* utilizado em conjunto com o pronome reflexivo *te* e *se,* como mostra o quadro abaixo:

QUADRO 93 - UF "*hacerte señorita*" em EA

65	**Hacerte señorita:** locução verbal
	Contexto de ocorrência: TTp CPE27, EDPE27 e TJC26092019
	Fragmentos: Me vino. Estoy indispuesta. **Te hiciste señorita**. Sangre azul. ¿Se me manchó el pantalón?Me duelen los ovarios. (CPE27) Acá, como decía Melissa, ¿qué pasa cuando empezás a menstruar y te dicen "**te hiciste señorita "?** Eso quiere decir que es como una especie de ritual de pasaje entre niña y mujer. (EDPE27) Tarzibachi apunta que aunque el modismo de "**hacerse señorita "** con el que tradicionalmente la sociedad se refería a la primera regla de las adolescentes está perdiendo vigencia (TJC 26092019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, eufemístico.

Fonte: Elaborado pela autora

Nesses exemplos, pode-se dizer que existe uma ideia de que a própria menina se fez, de forma voluntária, em *señorita*, uma vez que a ação recai sobre o sujeito da oração. Outra diferença para o PB é a utilização do substantivo *mocinha*, um vocábulo que remete a uma

menina mais jovem, com um tom quase infantilizado. Já *señorita*, considerando a sua tradução como senhorita, no PB significaria uma jovem mais velha do que uma mocinha.

Outra UF encontrada e selecionada para análise foi *Andrés el que viene todo mes*. Esse é um enunciado fraseológico utilizado para se referir à menstruação, a qual ocorre todos os meses devido ao ciclo menstrual. Essa UF tem como marca principal a rima entre *Andrés* e *mes*. O quadro a seguir mostra os exemplos encontrados:

QUADRO 94 - UF "Andrés, el que viene todo mes" em EA

66	**Andrés, el que viene todo el mes:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: TJLN e TJC
	Fragmentos: Buscábamos eufemismos para referirnos a nuestro sangrado. "Me vino", "Estoy indispuesta", "**Vino Andrés , el que viene una vez por mes**".(TJLN - 18052022) **Andrés, el que viene una vez por mes**" o "hacerse señorita " son frases que aún se escuchan. (TJC – 28052022) Puede que le llames período, regla o enfermedad. Quizás digas que te "vino" o estás "mala", o hasta le apodes **Andrés ("el que viene una vez al mes").** Los eufemismos en español para hablar de la menstruación son muchos. (TJLN – 28052018)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, eufemístico

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme os exemplos evidenciam, essa UF é de uso coloquial e carrega um tom humorístico, haja vista a presença da rima. *Andrés* pode ser compreendido como um nome próprio que se refere à menstruação, de forma metafórica, personificando o ciclo menstrual, dando-lhe a característica de *vir*, processo verbal utilizado e que tem como sentido o fato de a menstruação *ocorrer* todos os meses, de forma regular, como se fosse a visita de uma pessoa. Já em PB estar de chico, possui um sentido um pouco parecido, o quadro abaixo apresenta o exemplo de uso encontrado no COFEM:

QUADRO 95 - UF "estar de chico" em PB

67	**Estar de chico:** locução verbal
	Contexto de ocorrência: TJUOL
	Fragmento: Regras, "aqueles dias", fluxo, mênstruo, menorreia, " **chico** "... São vários os nomes dados à menstruação, assim como também são muitas as crenças e ideias equivocadas a respeito (TJUOL15062019) Termo ofensivo Quem é, afinal de contas, o homem citado na expressão "**Tá de chico** ?". Na verdade, a frase não se refere a nenhum Francisco específico para aludir à menstruação. Em Portugal, "chico" é sinônimo de porco.(TJUOL11022019)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, pejorativo, disfemístico

Fonte: Elaborado pela autora

Os exemplos apresentados no quadro acima demonstram a utilização da UF “estar de chico”. Os redatores dos textos jornalísticos apresentam diferentes metáforas para se referir à menstruação e citam “chico”. Essa é uma expressão pejorativa e coloquial, utilizada com frequência em PB para evitar usar o vocábulo “menstruação”. Pode ser entendida como pejorativa dependendo do contexto. As origens do nome “chico” podem estar associadas a uma pessoa, mas também ao chiqueiro e ao animal porco[228], não há um consenso em relação à origem da UF.

Outra UF encontrada no COFEM, em PB, para se referir à *menstruação* de forma metafórica foi *mar vermelho* como mostra o exemplo apresentado no Quadro 96, a seguir*:*

QUADRO 96 - UF "mar vermelho" em PB

68	**Mar vermelho:** colocação
	Contexto de ocorrência: TTp CB e CY
	Fragmentos: Assim que entrou a pandemia, em março, eu parei de menstruar. Fui em psicologa e gino. Nada que veio. Tudo questao do emocional. Assim que passar tudo isso, vai ter um **mar vermelho** aqui por casa kkkkk (CMSJ) aquele dia que você tá, sei lá, no segundo ou no terceiro dia da menstruação, que no meu caso são os piores dias, que tipo o **mar vermelho** vem com força, vem um tsunami. (CBE18)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: eufemismo

Fonte: Elaborado pela autora.

Mar vermelho é uma colocação usada para se referir ao intenso fluxo menstrual, o qual é tão grande, abundante e forte como o mar, isto é, refere-se a um grande fluxo de sangue menstrual durante o período, sendo, portanto, uma hipérbole, um exagero. Já *vermelho* está relacionada à cor do sangue. Os exemplos destacados em EA demonstram o uso da UF *sangre azul*, uma metáfora utilizada para se referir à menstruação de forma pejorativa. O quadro a seguir apresenta os exemplos:

QUADRO 97 - UF "*sangre azul*" em EA

69	**Sangre azul:** colocação
	Contexto de ocorrência: TTp; DE08; EDPE27
	Fragmento: Era una palabra sucia. Esa palabra estaba como prohibida. No se le decía menstruación. ¿Entonces se decía le vino eso? ¿O me está por venir eso? Y eso ni **sangre azul,** ni la regla, mucho menos. Andrés, Se llama menstruación y las personas con vagina lo viven de manera cotidiana. (DE08) Me vino. Estoy indispuesta. Te hiciste señorita. *Sangre azul.* Se me manchó el pantalón. Me duelen los ovarios. La Casita del Bebé. me dio mal el pub. (EDPE27)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, pejorativo, eufemismo.

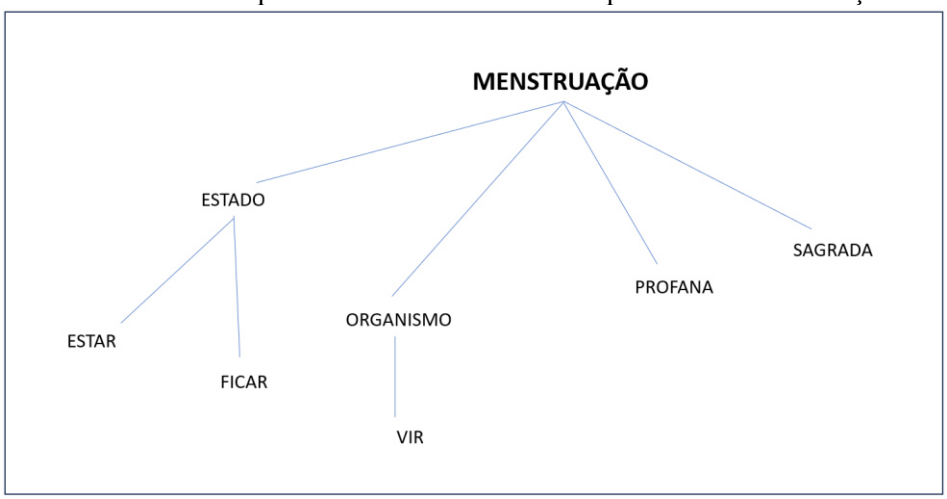
[228] Fonte: https://super.abril.com.br/coluna/oraculo/por-que-as-pessoas-chamam-menstruacao-de-chico/ Acesso em 16/12/2023.

Fonte: Elaborado pela autora

Sangre azul é uma forma negativa de se referir à menstruação, pois faz uma referência ao sangue com menos oxigênio, geralmente chamado de sangue sujo e representado nos desenhos sobre a anatomia humana na cor azul, pois as veias na cor vermelha representam o sangue oxigenado, isto é o sangue "limpo". Essa representação é criticada porque ajuda a perpetuar a ideia de que a menstruação é algo sujo e vergonhoso, que deve ser escondido, sendo que este é um processo natural e saudável. O uso dessa UF demonstra um distanciamento sobre o que é de fato esse fluido e o processo biológico de menstruar e reflete uma percepção cultural negativa e tabuística. Outras UFs metafóricas foram identificadas no COFEM, mas por questões de espaço não foram descritas em detalhes. A título de registro, menciono algumas: *estar naqueles días, estar indispuesta, veio pra mim, me vino, regras, reglas.*

A exploração das ocorrências do vocábulo *menstruação* e *menstruación*, resultou na identificação de quatro campos semânticos relacionados ao tema: a ideia do sagrado e profano, do limpo e do sujo, a personificação construída através do processo *vir,* o qual personifica a menstruação e, portanto, pode ser relacionado à metáfora conceptual MENSTRUAÇÃO É ORGANISMO. Por último, destaco o traço semântico "estado" pois os processos verbais que mais coocorrem com o item menstruação são *estar*, *ficar* e *virar.*

FIGURA 56 - Campos semânticos estabelecidos para o item menstruação.



Fonte: A autora.

Esta subseção buscou apresentar e descrever os usos de UFs e metafóricas com o item *menstruação/menstruación* em PB e EA. Assim como no caso do item *vagina,* pesquisar informações sobre menstruação mostrou-se difícil considerando o pouco número de estudos encontrados sobre o tema. Por isso, espero que esta seção contribua para a compreensão não

apenas das UFs e metáforas que representam a menstruação como também possam colaborar para a compreensão da representação de MCS.

5.5. Os itens *menopausa/menopausia*

Esta subseção apresenta, brevemente, os itens *menopausa/ menopausia.* Para não entender demasiadamente este trabalho, optei por apresentar apenas dois resultados que se destacaram dentre as colocações identificadas com esses itens. Porém, antes de apresentá-las é necessário um breve preambulo para que seja possível compreender o contexto de uso desse item.

Segundo o dicionário Dicio, menopausa significa "supressão dos ciclos menstruais, provocada pela interrupção da secreção hormonal dos ovários, e acompanhada por sintomas (calores, angústia, prurido, secura vaginal etc.). Momento da vida da mulher em que essa supressão ocorre; climatério". Já o dicionário Molíner (2000), define menopausia como "edad de la mujer en que cesa el ciclo de la menstruación. Edad crítica. Prémenopausia.". Mosconi (2025, p. l. 41) diz que "la menopausia es el primer aniversario del último período menstrual".

Assim como outros itens analisados nesta tese, *menopausa* pode ser considerado um item tabuístico e se encaixa na esfera sexual, especificamente no grupo sobre fluidos e processos, se considerada a proposta do Guia PRESEEA. É provável que seu valor tabuístico tenha interferido no estudo e descrição desse vocábulo, pois são poucas as obras que abordam essa temática.

É possível inferir que vários fatores influenciaram na percepção da menopausa como pouco importante ou como um tema que não precisa ser discutido, que deve ser escondido, como se fosse vergonhoso. Mosconi (2025, p. 302) explica que "la menopausia se entiende como una deficiencia, un síndrome, una etapa de la vida limitada a síntomas, sus curas y la pérdida general del bienestar". A autora critica a linguagem médica, afirmando que ela é reflexo desses estereótipos preconceituosos sobre o tema.

A menopausa é o processo natural que marca o fim da fertilidade, portanto, cessar os ciclos menstruais em uma sociedade que valoriza a capacidade da mulher de se reproduzir, isto é, de engravidar e gerar outros seres, pode ser um dos fatores que impactam a compreensão negativa deste processo natural do envelhecimento. Mosconi (2025, p. 12), ao abordar essa temática, denuncia que "la menopausia es uno de los secretos mejor guardados de nuestra sociedad. No solo es que no se nos eduque ni brinde apoyo para este rito de paso que tendrán que vivir todas las mujeres, sino que a menudo no se habla de la menopausia ni siquiera dentro

de la familia.” A menopausa é um tabu tanto no âmbito interno quanto no externo por várias razões que estão enraizadas na cultura e nas normas sociais, afetando a percepção sobre a idade e a sexualidade feminina.

Outros vários fatores que podem influenciar esse contexto de marginalização do tema são aspectos relacionados à valorização da juventude, e em contrapartida, à rejeição da velhice e a percepção de que a mulher perde a beleza ou a relevância depois dessa fase. A falta de informação adequada sobre o tema também afeta a compreensão sobre o assunto.

São várias as questões que impactam o tema “menopausa”, como por exemplo, a ideia de que a menopausa afeta a sexualidade da mulher, as normas de gênero também são responsáveis pela falta de discussão sobre esse assunto, uma vez que, as mulheres são ensinadas a serem discretas e não abordarem determinados assuntos sobre sexualidade. Por último, é possível pensar que devido ao processo físico que a menopausa impõe às mulheres, esse assunto seja evitado devido a questões psicológicas como o medo do julgamento e a falta de compressão sobre o assunto. Mosconi (2025, p. 7) explica que “la menopausia es una función del cerebro que provoca un auténtico cataclismo en el cuerpo de la mujer y transforma por completo su actitud y disposición ante la vida”.

No entanto, esse cenário de falta de informação vem mudando, pois existe um crescente movimento para desestigmatizar a menopausa e promover a aceitação e a normalização do tema. Por isso, os textos que integram o COFEM, apresentam usos sobre essa temática, pois ela vem sendo abordada nas mídias de massa, em *podcasts* e *videocasts*, nos comentários desses programas e nos jornais. Entretanto, diferente dos itens anteriores, não foram identificadas ocorrências de usos de UFs relacionadas à menopausa, com valor metafórico no COFEM. O que ficou evidente foi a utilização de alguns processos que aparecem relacionados a este item, como *entrar, passar, chegar e sair*. Os exemplos a seguir demonstram essa utilização em PB e EA:

No fundo, no fundo, no fundo do poço. Olha, mulher na menopausa, típico. Mulher **entra na menopausa**, vai chegando naquela fase, começa a ter aqueles calores, se sente meio inadequada. (SJE023)

En una cirugía de siete horas, Ana perdió diez centímetros de su intestino grueso y tuvieron que extirparle el apéndice, el útero y los ovarios. A los 47 años **entró en la menopausia** quirúrgica. A pesar de su edad, no presentaba síntomas del climaterio, que es el período que precede y sigue a la menopausia natural. (TJLN26072022)

Os exemplos demonstram a percepção da menopausa como um lugar, um espaço físico em que você entra e sai. Também é aplicada a metáfora do organismo, já que a menopausa é tratada como um ser, ela é personificada pois ela *chega* como alguém que faz uma visita:

El agotamiento de las reservas indica el fin de su edad reproductiva. Ahora, un amplísimo grupo de científicos ha identificado 290 zonas del genoma humano que influyen en la **llegada de la menopausia.** (TJLN04082021)

Ela atinge, ao menos com algum dos sintomas, todas as pessoas com útero que estão no climatério – fase de transição do período reprodutivo para o não reprodutivo até a **chegada da menopausa**, quando a mulher deixa de menstruar. (TJUOL03122022)

Esses exemplos demonstram como o item menopausa/ menopausia é concebido em termos metafóricos, tanto em PB quanto em EA. Essas conceptualizações podem ser compreendidas pelo fato de a menopausa ser um período transitório. Essas metáforas podem ajudar a descrever a experiência da menopausa de uma forma eufemística e podem estar relacionadas à outras fases passageiras da vida e da existência feminina como a puberdade, a menstruação e a gravidez.

No COFEM, em EA, ocorreu um exemplo de uso metafórico com o item *menopausia.* Ao abordar o tema em um texto jornalístico a entrevistada expõe sua opinião sobre o assunto por meio de uma UF consagrada, fixa e idiomática, *sacar del closet*, como mostra o exemplo apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 98 - UF "*Sacar la menopausia del closet*" en EA

70	**Sacar del closet:** loc. verbal
	Contexto de ocorrência: TJLN
	Fragmento: Luego, en uno que idolatra la juventud, sobre la madurez. -Me reí de eso. Hay que **sacar la menopausia del closet**. (TJLN19082022)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórico, desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora

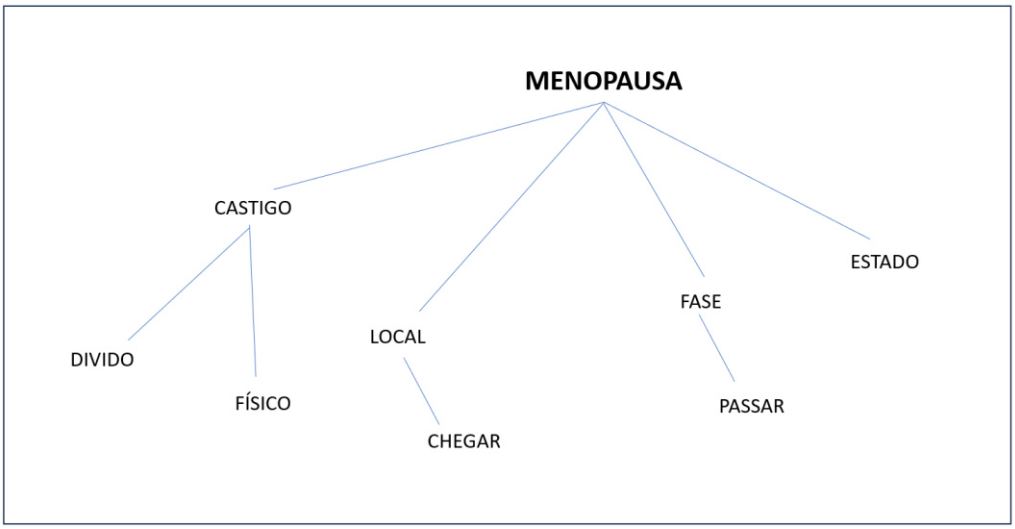
Essa UF já foi discutida em seção anterior. A utilização *sacar del closet* é um uso metafórico, desautomatizado e vai ao encontro das discussões apresentadas sobre a menopausa. Por ser um tema pouco discutido, a entrevistada utiliza a ideia de "tirar do armário" para estabelecer um sentido de tornar visível, de falar abertamente sobre menopausa, um tema que frequentemente é considerado um tabu e que se evita inclusive em conversas informais.

Assim, utilizar essa UF significa entender que é preciso desestigmatizar a menopausa e normalizá-la como uma experiência que as mulheres vão ter durante uma etapa de suas vidas. Por isso, "tirar a menopausa do armário", implica reconhecer que esse processo é natural e

significativo na vida, não devendo ser “guardado” ou “ocultado” e, portanto, não se deve ter vergonha dele. Desse modo, *sacar la menopausia del closet* significa promover um diálogo aberto e honesto sobre as mudanças físicas e emocionais que ocorrem durante esta fase da vida, empoderando e libertando essa parcela da sociedade.

Explorar o COFEM observando os usos dos vocábulos *menopausa / menopausia* resultou na identificação de campos semânticos, isto é, foi possível visualizar em conjunto os vários significados estabelecidos para esta palavra ou a partir dela. A Figura 57, a seguir, apresenta os sentidos identificados, são eles castigo divino ou físico, o sentido de local, fase ou estado:

FIGURA 57 - campos semânticos estabelecidos para o item menopausa.



Fonte: A autora.

Os campos semânticos identificados são o “estado”, em que a menopausa é uma condição física e psicológica, também pode ser compreendida como uma “fase” da vida, em que a mulher atravessa esse período. Pode ainda ser compreendida como um “local” a que se chega ou, ainda, como um “castigo”, seja ele físico, divino ou psicológico. Esse sentido pode ser identificado através dos atributos dados à menopausa em ambos os idiomas, são eles: *infernal, insuportável, tragédia, final de la vida e etapa vital.*

5.6. Os itens *feminina (o)(s) / femenina (o)(s)*

Esta subseção apresenta, brevemente, UFs encontradas com os itens feminino/feminino e suas flexões de gênero e número. Para não alongar demasiadamente este trabalho são

apresentadas apenas duas ocorrências encontradas no COFEM com sentido metafórico, são elas: *bancada feminina* e *sagrado feminino*.

De acordo com o dicionário Moliner (2000), feminino é adjetivo e, sua primeira acepção diz que significa "*que tiene los rasgos propios de la mujer*". Já o dicionário Dicio, define feminino como "que se refere a mulher ou a ele é particular". Atualmente, conceitos relacionados aos gêneros têm sido amplamente discutidos, tensionados e questionados. Pode-se pensar essas palavras a partir de óticas diferentes, como a da linguística, por meio da questão do gênero gramatical. Também é possível analisar esses vocábulos pela ótica cultural e sociológica, a partir dos estereótipos de gênero e dos movimentos feministas, bem como pela ótica da identidade e expressão de gênero como a ideia de feminilidade. Por último, é possível pensar a utilização de feminino/ femenino pela ótica da psicologia e do comportamento, haja vista que a essas palavras estão relacionadas a práticas sociais específicas, impactando a forma como o feminino é percebido e valorizado pelas pessoas e pela sociedade como um topo.

Diante disso, pode-se dizer que investigar os usos dessas palavras é uma oportunidade de compreender o momento social e discursivo atual, promovendo uma compreensão das representações de MCS.

A primeira UF a ser discutida é *bancada feminina*. Essa colocação é usada com frequência no PB e ocorreu 26 vezes no COFEM. Ela é utilizada como sinônimo de "bancada de mulheres". O sentido empregado nessa ocorrência para o vocábulo "bancada" está relacionado à política e faz referência ao espaço físico ocupado pelos políticos, às mesas. Mas, em um sentido mais amplo, está relacionado à representação de um partido político na Câmara ou no Senado brasileiro. A seguir, o quadro apresenta exemplos de uso:

QUADRO 99 - UF "Bancada Feminina" em PB

71	**Bancada feminina:** colocação
	Contexto de ocorrência: TTp SE04, SE05, SE07
	Fragmentos: O aborto é o principal ponto de dissenso na **bancada feminina**. E isso leva a uma questão que sempre ronda o debate quando a gente fala de participação feminina na política. (S E04) As senadoras conseguiram participar depois de negociar um espaço de fala para a **bancada feminina**. Mas sempre que elas iam discursar eram interrompidas, chamadas de nervosinhas… E esse não é o único tipo de violência que as eleitas sofrem. No próximo episódio a gente vai falar sobre como o gênero coloca um alvo nas costas de mulheres eleitas no Brasil. (S E05) Ver mulheres no poder ajuda outras mulheres e meninas a sentirem que sim, elas pertencem ao processo eleitoral e democrático. E mais do que nunca, o debate de como enxergar uma **bancada feminina** diversa no Congresso, e até conservadora, está posto. (S E07)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

Nos exemplos do Quadro 99, fica evidente que a "bancada feminina" é ocupada por um grupo de mulheres que estão nos cargos de representação política, e que estão debatendo e pleiteando a discussão de pautas relacionadas às meninas e mulheres. Logo, a UF *bancada das mulheres* é utilizada para descrever a presença e atuação de mulheres em espaços de poder político, agindo como representantes dos interesses femininos e atuando nas decisões que afetam a sociedade como um todo.

Outra UF que se destacou foi *sagrado feminino*, pois ocorreu 4 vezes em PB e 2 vezes em EA. Essa colocação é metafórica e se refere a um conjunto de ideias que celebra e valoriza as experiências femininas em um nível mais "espiritualizado", digamos assim. A seguir o Quadro 100 apresenta a ocorrência dessa UF em EA:

QUADRO 100 - UF "*sagrado femenino*" em EA

72	**Sagrado femenino:** colocação
	Contexto de ocorrência: CY e TJLN
	Fragmentos: Justo acabo de leer un post en insta del hash ***sagrado.femenino:*** "No soy vírgen, soy sagrada". Gracias una vez más por este episodio! (CCP) Taller de conciencia del suelo pélvico y ***sagrado femenino*** (TJLN25032021)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora

Os exemplos em EA demonstram a utilização dessa colocação em diferentes contextos. No primeiro caso, a comentarista refere-se a uma etiqueta indexadora que foi utilizada em uma rede social para concentrar postagens que envolvessem esse tema. Os temas encapsulados na *hashtag*, identificados pela comentarista foram a ideia de "virgindade sagrada".

No segundo, a referência é ao assoalho pélvico, um conjunto de músculos, ligamentos, tecidos e nervos que sustentam vários órgãos como, por exemplo o útero e a bexiga. Sabe-se que a gravidez, o parto e a menopausa afetam essas estruturas. Por isso, além do valor biológico que esse conjunto de órgãos desempenham, eles são considerados sagrados porque estão diretamente relacionados à capacidade de reprodução, isto é, de gerar uma vida, o que é entendido por muitos como algo "sagrado".

Em PB, os exemplos demonstram o mesmo sentido, conforme mostra o quadro a seguir:

QUADRO 101 - UF "sagrado feminino" em PB

73	**Sagrado feminino:** colocação
	Contexto de ocorrência: CY

	Fragmentos: Pra mim ganhar dinheiro pelo patriarcado para expor seu corpo para o patriarcado, só mostra que eles é quem mandam. Sempre acho uma desvalorização do **sagrado feminino**. (CMSJ) Que tia muito saber o nome do livro que Astrid indicou, sobre o **sagrado feminino**. Quem souber, por favor me responde (CMSJ)
	Classificação: Fixa e idiomática
	Mapeamento: metafórica

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos exemplos destacados pode-se perceber que *o sagrado feminino* é tratado como uma temática importante, sendo tema de livro. Pode-se dizer que essa colocação carrega um "conceito" que compreende e celebra a espiritualidade, a forma e a sabedoria das mulheres, promovendo a valorização de suas experiências para além da maternidade, sendo tomada por movimentos feministas como resistência a diferentes questões patriarcais. Portanto, está relacionada ao empoderamento de MCS.

Outra UF encontrada no *corpus* em PB, e que não poderia deixar de mencionar, foi a desautomatização com a UF descrita em EA *salir del closet*. A locução verbal *sair do armário,* foi modificada e ocorreu em conjunto com a colocação *prazer feminino,* como mostra o exemplo a seguir:

QUADRO 102 - UF "Escancarar o armário" em PB

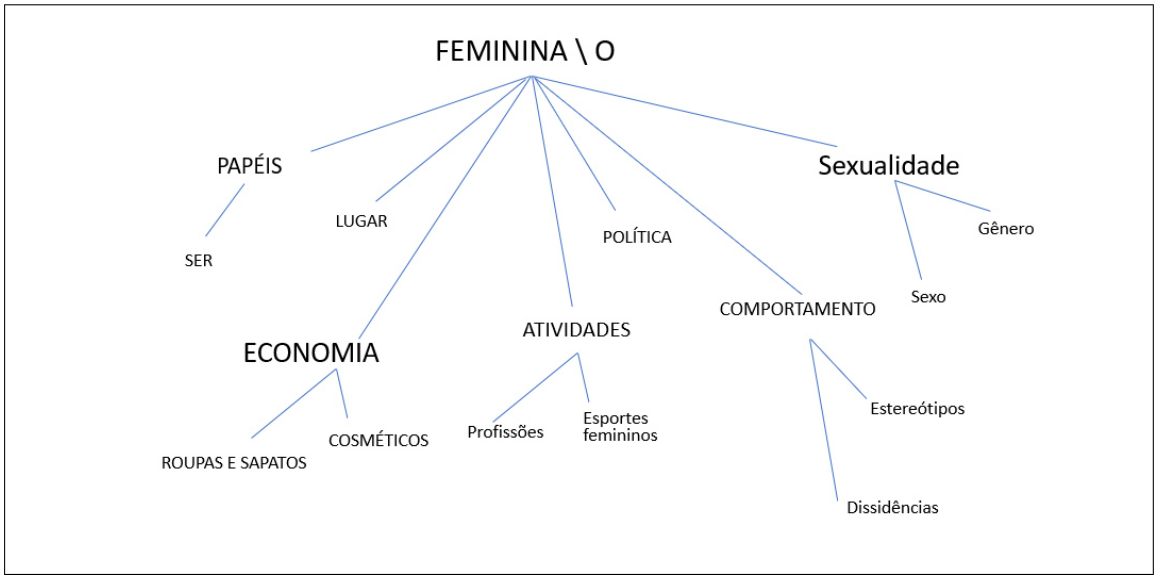
74	**Escancarar o armário:** locução verbal.
	Contexto de ocorrência: TTp
	Fragmento: Antes relegado a discretas gavetas, durante a quarentena, o vibrador ganhou a mídia e **escancarou o armário** do prazer feminino. (SJE41)
	Classificação: idiomático
	Mapeamento: metafórico, desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora.

"Escancarar o armário" pode ser compreendido como uma hipérbole para "sair do armário". Nesse caso, mais do que falar sobre o tema "prazer feminino", uma UF consagrada, significa falar muito e para muitos sobre o assunto.

Explorar o COFEM buscando ocorrências de UFs, com potencial metafórico, a partir dos itens *feminino/femenino* e suas flexões, resultou na identificação de diferentes campos semânticos que envolvem esses vocábulos. A Figura 58, a seguir, ilustra os sentidos encontrados:

FIGURA 58 - Campos semânticos estabelecidos para os itens feminina(o).



Fonte: A autora.

Os campos identificados foram: "papéis de gênero", "economia", "atividades", "política", "comportamento" e "sexualidade".

5.6. Os itens *feminicídio / feminicidio*

Esta seção aborda a utilização dos vocábulos feminicídio/ femicidio no COFEM. Foram identificadas 83 ocorrências em EA e 22 em PB. Não foram encontradas UFs com esse vocábulo que tivessem potencial metafórico. Este vocábulo pode ser classificado como um tabu linguístico, sendo enquadrado no esfera mágico-religiosa proposta pelo PRESEEA, especificamente na categoria "morte provocada", assim como os itens "homicídio" e "matar".

O que se pode dizer sobre os usos identificados é que eles estão relacionados a processos como *cometer e haver.* Em EA esse item aparece em diferentes contextos associado ao nome da vítima deste ato, como *femicidio de Micaela*. Já em PB, o vocábulo foi colocado com o item "vítima", por exemplo *vítima de feminicídio.*

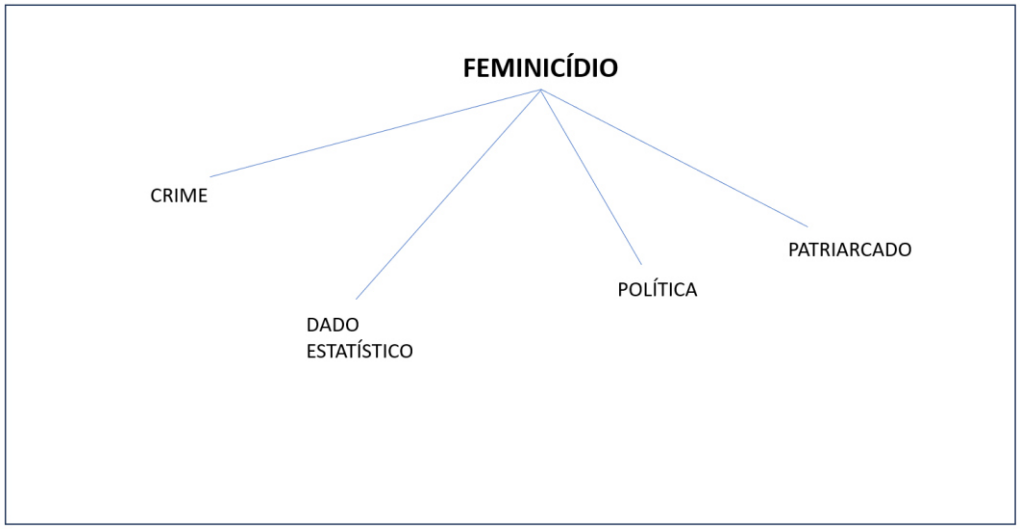
Segundo García (2020, p. 42) *femicidio* é o mesmo que *feminicidio,* "asesinato de una mujer a manos de un hombre por machismo o misoginia." Na mesma obra, a autora apresenta diferentes tipos de feminicídios, como por exemplo, o "feminicídio activo", "feminicídio ampliado", "feminicídio básico", "feminicídio como genocídio", dentre outros.

No Brasil, a Lei nº13.104/15, que trata da questão do feminicídio, entrou em vigor em 2015. Na Argentina a lei nº 26.791/2012 foi sancionada em dezembro de 2012. Ambos os países são recordistas em números de feminicídios na América Latina nos últimos anos.

O termo feminicídio é recente. No Brasil, por exemplo, ele foi incorporado ao Vocabulário de Língua Portuguesa – VOLP apenas em 2021[229]. Segundo o dicionário Dicio, a definição de feminicídio é "assassinato proposital de mulheres somente por serem mulheres". Já a RAE, define *femicidio* como "*asesinato de una mujer a manos de un hombre por machismo o misoginia*".

A partir da exploração do COFEM, no que se refere a investigação dos itens feminicídio e *femicidio*, fica evidente os sentidos que orbitam essa palavra, como mostra a imagem a seguir (Figura 59):

Figura 59 - Campos semânticos estabelecidos para os itens feminicídio / *femicidio*.



Fonte: A autora.

As discussões que contém o item investigado contemplam a compreensão de que é um "crime", apresentam-se com frequência "dados estatísticos" que corroboram a existência dessa problemática social, abordam-se questões relacionada a "políticas" que buscam criminalizar os autores desse crime e, por último, há discussões que tratam da relação entre o assassinato de mulheres e a relação dessa prática com o "patriarcado", o machismo e a misoginia.

5.7. Os itens *feminismo (s)*

Esta seção tem como objetivo principal apresentar os resultados da investigação do item *feminismo* no COFEM em PB e EA. A fim de não alongar demasiadamente esta seção, o foco

[229] Ver mais em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/feminicidio

aqui será apresentar, brevemente, ocorrências metafóricas identificadas com o esse vocábulo, já que não foram identificadas ocorrências de UFs com potencial metafórico.

De acordo com a RAE, feminismo é um substantivo masculino que significa "*principio de igualdad de derechos de la mujer y el hombre. Movimiento que lucha por la realización efectiva en todos los órdenes del feminismo*". Já o Dicio, define esse substantivo como:

> Doutrina cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens. Movimento que combate a desigualdade de direitos entre mulheres e homens. Ideologia que defende a igualdade, em todos os aspectos (social, político, econômico), entre homens e mulheres.

A partir das acepções apresentadas nos verbetes, é possível perceber que o ponto de convergência entre essas definições está na ideia de igualdade entre mulheres e homens. No COFEM em PB, esse vocábulo ocorreu 398 vezes e, em EA, 433 vezes. Mesmo com esse expressivo número de ocorrências, as UFs mais recorrentes identificadas com esse item, em EA, são de valor semântico transparente, por exemplo: *feminismo académico, feminismo argentino, feminismo contemporáneo* etc. Em PB, de modo semelhante, as ocorrências mais recorrentes foram: feminismo hegemônico, feminismo negro e feminismo interseccional.

O que foi possível observar a partir desses usos é uma classificação dos tipos de feminismos existem atualmente. Em vista disso, UFs como "feminismo negro", "feminismo antirracista" e "feminismo branco" também foram recorrentes nos dois idiomas.

Do ponto de vista metafórico, é possível perceber que não raro o termo feminismo é utilizado em termos de caminho e locais. A metáfora conceptual mais evidente é a do caminho/ da jornada a qual é, geralmente, utilizada em contextos de movimentos sociais e em campanhas políticas. A partir dos exemplos encontrados é possível estabelecer a ideia de que MOVIMENTOS SOCIAIS SÃO CAMINHOS, logo FEMINISMOS SÃO CAMINHOS, como mostram os exemplos a seguir em EA:

Está en el **camino del feminismo** pero incluso ahí a veces se siente en falta. (EDPE24)

cuándo pudiste como decir bueno soy… me siento… soy o estoy en el **camino del feminismo.** Y. Y eso, quizás es algo con lo que yo siento mucho respeto, porque yo claro, me siento, soy y estoy en el camino del feminismo, pero siento que estoy muy en falta, también no. (EDPE24)

Outro tipo de metáfora conceptual identificada nas ocorrências de usos do vocábulo *feminismo* são as metáforas de guerra. Esse tipo de léxico bélico é comum em contextos de

movimentos sociais, sendo possível dizer que FEMINISMO É GUERRA. Conforme mostram os exemplos a seguir, em EA e PB:

Vos hablas de bueno esto, de una **explosión** del feminismo (EDPE21)

Heloisa Buarque de Hollanda é ativista desde a década de 1980, professora de teoria crítica da cultura da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), organizadora do livro "Pensamento Feminista Brasileiro" (ed. Bazar do Tempo, 2019) e autora de "**Explosão Feminista"** (ed. Companhia das Letras, 2018). (TJUOL08032020)

Putaria é como se fala. Aula de libertinagem! Resumiu toda a **luta do feminismo** em uma fala: libertinagem sexual! (CMSJ)

"La **lucha feminista** es internacional, y esta marea verde atraviesa fronteras", dicen desde la organización. (TJP28092022)

Como é possível notar, o léxico bélico (explosão e luta) é frequentemente utilizado junto à ideia de feminismo. Esse fato já foi mencionado na seção sobre o item mulher, em razão da relação desse vocabulário também ser usado com o item *mulher.*

De acordo com Duarte (2019, p. 25) a reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão "forte e competente que não apenas promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia, em total oposição à ideia do 'feminino'". Araújo (2020 p. 305) diz que "falar de gênero, de feminismo, virou um palavrão no Brasil, e isso tem impedido ainda mais que a gente construa essas pontes entre homens e mulheres".

Em face do exposto, pode-se compreender outro vocábulo encontrado no COFEM, tanto em PB quanto em EA, que se relaciona ao item pesquisado nesta subseção, o item *feminazi*, um vocábulo pejorativo, utilizado como insulto em ambos os idiomas. Este item pode ser considerado um neologismo e é composto pela junção de duas palavras como explica Vilches (2021)[230]. O pesquisador afirma que a origem deste vocábulo está relacionada às palavras "feminista" e "nazi" – de nazista – portanto, pode-se dizer que é um acrônimo. Esse vocábulo, segundo o pesquisador, possui sentido negativo, significando algo como "feminista radicalizada". Vilches aponta o fato de esse vocábulo não estar dicionarizado e não estar incorporado como registro aos diferentes *corpora* de língua espanhola.

Vilches destaca, ainda, que o *Diccionario Oxford del argot político* (2006) incorporou o neologismo atribuindo-lhe o significado de "uma feminista comprometida" ou "mulher de vontade forte". O linguista explica que junto ao conceito de *feminazi*, outras características são

[230] Artigo intitulado "feminazi m. y f. y adj. f.", escrito pelo professor Dr. Fernando Vilches Vivanco. Disponível em: https://blogscvc.cervantes.es/martes-neologico/feminazi/ Acesso em: 16 out. 2022.

acrescentadas como “mulheres feias e más, masculinizadas, dominantes e mandonas”. Os dicionários consultados para esta pesquisa não contemplam esse item. O que vai ao encontro do que Vilches mencionou.

QUADRO 103 - Item lexical "feminazi" em PB e EA

feminazi
Contexto de ocorrência: CY
Fragmento: mARIA rO, Llevas toda la razón. Porque evidentemente, además, no todas las *mujere***s**, por fortuna, son como esa chusma ***feminazi***, que no representan más que a cuatro machorras (CCV) sentado por personas tan imbéciles e intransigentes como lo q hay hoy en día. Pero también opino q las mujeres no sólo estamos para q no follen, porque ahí terminas un poco en la utilización de la misma como hacen las mamarrachas de las ***feminazis*** machistas. (CCV) mas qualquer serviço fará e mais barata essa mão de obra Cambada de ***feminazi*** isso (CMSJ) As feministas se perderam , saiu da luta por igualdade por privilegios do governo. Velha louca e chata que fala igual a papagaio. Coitado de um sujeito vivendo ao lado disso. Tem que ser ***feminazi*** mesmo. (CMSJ)

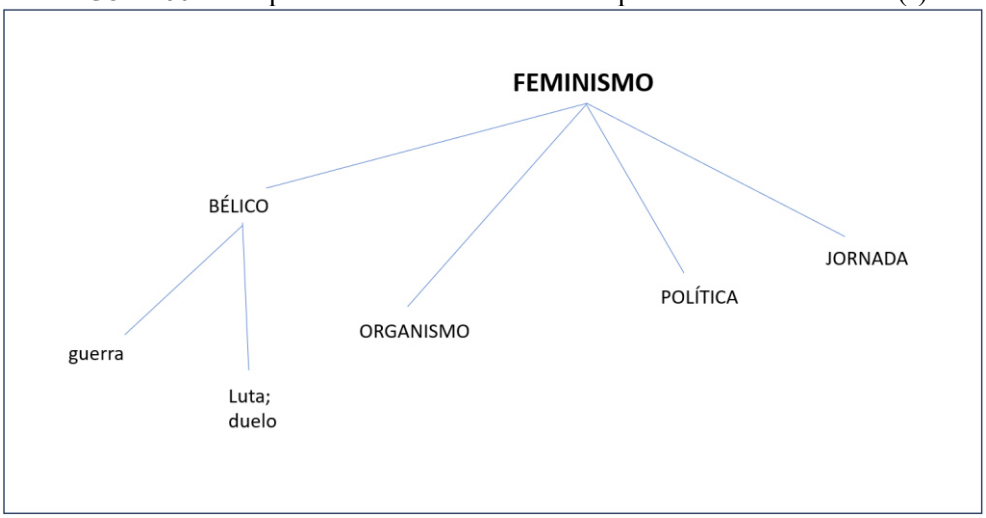
Fonte: Elaborado pela autora.

Vilches (2021) destaca outros vocábulos que sofrem resistência para serem dicionarizados como “*machirulo*”, incorporado ao dicionário em 2023[231]. Já o vocábulo “*machorra*”, utilizado no excerto destacado acima, significa “*mujer hombruna, marimacho*”, segundo o DRAE[232].

A investigação do item “feminismo” no COFEM resultou na identificação de quatro campos semânticos, demonstrando os vários sentidos a que esta palavra se relaciona. A Figura 60, a seguir, apresenta esses campos:

[231] “Pereo”, “machirulo”, “chundachunda”, “no binário” ...: las nuevas palabras que aparecen en el diccionario de la RAE. Texto disponível em: https://www.bbc.com/mundo/articles/ckvp14z3lzzo. Acesso em: 16 dez. 2023.
[232] Machorra: https://dle.rae.es/machorro?m=form. Acesso em: 16 dez. 2023.

FIGURA 60 - Campos semânticos estabelecidos para os itens feminismo(s)



Fonte: A autora.

Foram identificados quatro campos: o "bélico" e a "jornada" – brevemente abordados nesta subseção –, e outros como "organismo" em que o feminismo é personificado e "política" que abarca os usos relacionados a essa área.

5.8. Os itens *aborto(s)*

Esta seção apresenta, de modo sucinto, os resultados da investigação do item aborto no COFEM em PB e EA. Com o objetivo de não alongar em demasiado este trabalho, serão apresentadas apenas duas ocorrências de UFs desautomatizadas que se destacaram no COFEM devido ao seu valor metafórico.

Aborto é um item lexical tabuístico, porém ele não foi listado na proposta do PRESEEA. Segundo o dicionário Dicio, *aborto* significa "interrupção voluntária ou provocada de uma gravidez; o próprio feto expelido ou retirado antes do tempo normal." Já Moliner (2000) define esse vocábulo como "acción de abortar; cosa abortada; cosa deforme". Chocano (2020, p. 50) ao descrever um passado recente sobre a circulação de assuntos nas esferas midiáticas afirma que "não só a realização de aborto seria impossível na época como sequer a palavra aborto podia ser impressa nos jornais".

No COFEM em PB esse item ocorreu 1.598 vezes e em EA, foram identificadas 586 ocorrências. Esse contexto produtivo de usos, apresentou os mais diversos tipos de UFs com esse item, como por exemplo: *indústria do aborto, cultura do aborto, aborto legal, direito ao aborto, não ao aborto, aborto paterno*, em PB. Já em EA, os enunciados fraseológicos *aborto legal para no morir* e *aborto legal en el hospital*, se destacaram. Outras UFs identificadas em EA com esse item foram: *aborto legal e aborto clandestino*.

No Quadro 104, a seguir, destaco a ocorrência de uma desautomatização criada a partir de um enunciado fraseológico bastante conhecido no Brasil, pois é *slogan* de um projeto de casas habitacionais do governo federal o "minha casa minha vida". No contexto identificado, a pessoa comentarista modifica essa estrutura para criticar o tema discutido no programa, como mostra o exemplo no quadro a seguir:

QUADRO 104 - UF "meu aborto minha vida" em PB

75	**Meu aborto minha vida:** enunciado fraseológico
	Contexto de ocorrência: CY
	Fragmento: Se legalizar o aborto as mulheres vão parar de abortarem em clínicas clandestinas? Eles vão criar um programa " **meu aborto minha vida**"? Pq até onde eu sei o procedimento é caro. E se virar bagunça? bando de canalhas, o abroto faz parte da vida??? (CMSJ)
	Classificação: idiomática
	Mapeamento: metafórico, desautomatização

Fonte: Elaborado pela autora

Neste exemplo, fica demonstrado a capacidade criativa ao se modificar o *slogan* original e criar uma versão desautomatizada, mas que permite recuperar o UF original. Ao pesquisar por essa UF, encontrei três ocorrências utilizadas em *blogs* que tratavam do assunto, porém todos os *sites* apresentavam um uso pejorativo, em tom de deboche. No comentário destacado, não é possível compreender com certeza qual o "tom" essa UF foi usada, entretanto como há um xingamento ao final do comentário, em referência ao grupo que não apoia as políticas públicas voltadas para o aborto, no Brasil, é possível pensar que esse uso não foi feito em tom pejorativo.

O último exemplo a ser comentado nesta subseção é, mais uma vez, uma desautomatização com a UF "*salir del closet*". Após as análises apresentadas nesta tese, ficou evidente a recorrência dessa UF relacionada aos assuntos que circundam MCS. O quadro a seguir, apresenta os exemplos encontrados em EA:

QUADRO 105 - UF "*sacar al aborto del closet*" em EA

76	**Salir del closet: (verbo + preposição + substantivo)** locução verbal
	Contexto de ocorrência:
	Fragmentos: También **salió del closet** la realidad del *aborto* clandestino en nuestro país". (TJC22112018) Estos procesos fueron posibles gracias a la articulación y organización de los movimientos feministas que con diversas estrategias de incidencia, desde la comunicación tradicional hasta los medios alternativos y redes sociales, la participación de artistas, de la academia y movimientos universitarios, de movilizaciones masivas en las calles, con una inmensa participación de las juventudes lograron **sacar al** *aborto* **del closet ,** es decir la despenalización social, un paso crucial y paralelo al trabajo por la despenalización y legalización. (TJP28092022)
	Classificação: Fixa e idiomática

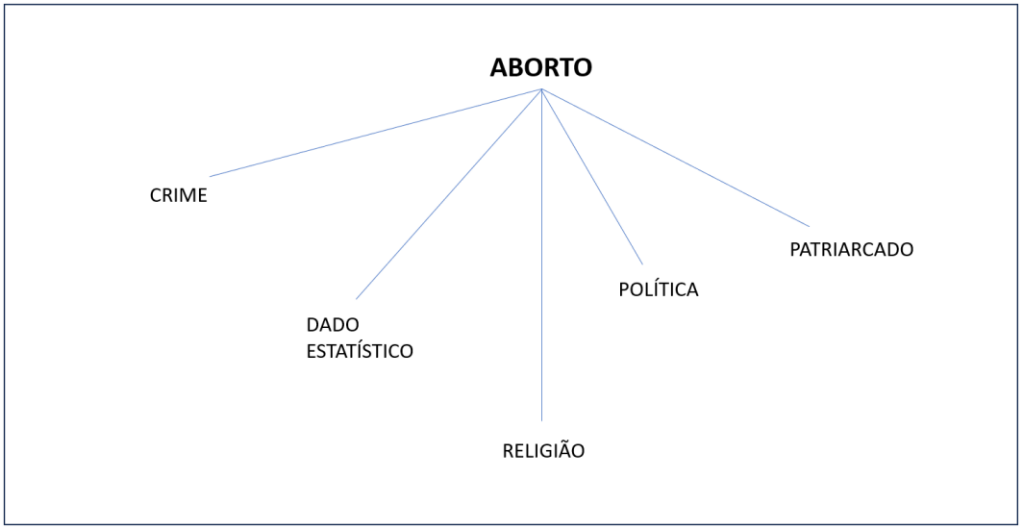
	Mapeamento:

Fonte: Elaborado pela autora.

A utilização dessa UF já foi discutida neste trabalho, portanto, não será retomada aqui. Entretanto, é necessário mencionar que o tema "aborto", assim como "prazer feminino", "menopausa" e "vulva" são historicamente marcados pela opressão, seja ela discursiva ou social. Esse contexto pode ajudar a compreender o porquê essa UF é tão produtiva em contextos que abordam o tema MCS.

Assim como nas subseções anteriores da seção 5, investigar os usos do item aborto em PB e EA, resultou na identificação de campos semânticos com este vocábulo. A Figura 61, a seguir, ilustra essa etapa:

FIGURA 61 - Campos semânticos estabelecidos para o item aborto



Fonte: A autora.

Os campos que mais se destacaram foram: "crime", "dado estatístico", "religião", "política" e "patriarcado". Esses campos apontam para os diversos sentidos que esse item pode ter a depender do contexto em que ocorre.

5.9. Resultados das análises

Os resultados encontrados demonstram que os vocábulos investigados são usados em unidades fraseológicas e metafóricas que representam MCS como objeto, comida, animal e instituição. As UFs analisadas demonstram uma dicotomia entre o público e o privado, entre o interior e o exterior, através da figura feminina, como *mulher da vida* e *dona de casa* e *mujer de la vida* e *ama de casa,* por exemplo. Outro dado significativo encontrado sobre o item mulher

foi o número de ocorrências da UF *mulher negra / mujer negra e mulher trans / mujer trans* em PB e EA demonstrando a recorrência dessas UFs.

Já os corpos femininos foram representados, muitas vezes, através de somatismos com o vocábulo *vagina* e seus sinônimos, demonstrando a utilização de diferentes tabuísmos linguísticos para se referir a este órgão. As representações mais recorrentes foram do órgão genital como objetos instrumentais (recipiente, arma, cartão, golpe), como comida e como animal. Por último, pode-se dizer que a representação da sexualidade da mulher através das UFs encontradas foi a de perigosa, promíscua e, por vezes, pecaminosa.

As ocorrências apontam para a naturalização das mulheres como submissas, subalternas, docilizadas, coisificadas, apresentando algumas vezes uma imagem frágil. As mulheres foram representadas de forma a evidenciar o seu desprestígio como grupo social. A representação de mulheres, seus corpos e sexualidade é sustentada, em sua maioria, como única e hegemônica como se as mulheres fossem todas iguais ou tivessem esse dever.

As análises demonstram como as escolhas lexicogramaticais afetam a interpretação e como o que está nas entrelinhas pode passar despercebido pelas pessoas e, assim, colaborar para a manutenção de representações sociais preconceituosas, machistas e misóginas.

5.10. Considerações

Esta seção apresentou os dados encontrados do ponto de vista léxico-semântico alcançando, por vezes, o nível representacional das UFs e metafóricas que se relacionam com o tema MCS, encontradas no COFEM. Busquei traçar uma análise contrastiva nos contextos possíveis, haja vista as características de cada idioma e o seu contexto de cultura.

Foram 75 UFs identificadas, descritas e analisadas, sendo 45 em PB e 30 em EA. Deste total, 14 UFs foram analisadas em contraste PB e EA. O que demonstra que, aproximadamente, 18% dos dados puderam ser analisados em contraste. Destas 14 UFs, 10 foram com o item "mulher/*mujer*", 2 com o item "vagina", 1 com o item "menstruação/*menstruación*" e 1 com o item "feminino/*femenino".*

Destacaram-se as UFs "mulher de vida fácil / mujer de la vida fácil" e "mulher ao volante, perigo constante / *mujer al volante peligro constante*" e "mulher multitarefas / *mujer multitarea*". Outros dados que se destacaram foram as desautomatizações das UFs "colocar na mesa" e "*salir del closet*", como "colocar a vagina na mesa" e "*sacar la vulva del closet*". Estes resultados apontam para a temática do COFEM e demonstram a mudança social e discursiva e que está em curso: um "despertar", um período em que se busca abordar esses temas e discutir

esses assuntos tornando-os mais visíveis e palpáveis para toda a sociedade, ou seja “colocando na mesa” e “tirando do armário”, isto é, colocando MCS em evidência. Dado relevante se considerado o contexto sociocultural em que as MCS estão inseridas.

A maior parte das avaliações identificadas em relação a MCS são no âmbito da ética e da estética. Na maior parte dos dados analisados, MCS são representadas de modo negativo. A mulher foi representada, muitas vezes, de forma subalternizada e objetificada. Em relação ao corpo, observou-se a recorrência de somatismos com sinônimos de vagina/vulva. Já a sexualidade feminina foi representada como sendo perigosa, promíscua e pecaminosa.

Após a exposição dos dados, fica evidente a necessidade de desenvolver mais pesquisas como esta, que buscam compreender através dos usos linguísticos a situação de MCS. Discussões como a proposta nesta pesquisa abrem espaços de reflexão e crítica frente aos usos linguísticos e o que eles significam nos idiomas PB e EA. Dessa forma, podem colaborar para a promoção da igualdade de gênero - o quinto objetivo proposto pela ONU -, em relação a todos os tópicos elencados nesse objetivo.

Por último, importante mencionar o papel da investigação linguística relacionada ao ensino, pois os resultados de pesquisas como esta não podem ficar restritos às prateleiras das bibliotecas de centros universitários ou aos repositórios de teses e dissertações. É preciso levá-los às salas de aula para que se possa refletir sobre os usos dessas UFs e metáforas e questionar os propósitos de tais escolhas linguísticas nos textos que circulam tanto na esfera midiática – foco deste trabalho -, como em outras esferas da sociedade. Acredito que a educação tem um importante papel no processo para, enquanto sociedade, alcançarmos o 5º ODS, proposto pela ONU.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender até que ponto uma análise em diferentes níveis e em diferentes *corpora*, numa perspectiva contrastiva PB/EA, permite visualizar representações diferentes/semelhantes sobre mulheres, seus corpos e sexualidades (MSC). Foi realizada uma análise de unidades fraseológicas e metáforas em representações de MCS a partir, principalmente, da identificação de usos dos itens *mulher(es)/mujer(es).* Outros vocábulos, em PB e EA, foram investigados, a fim de complementar a análise, a saber: vagina, menstruação, menopausa, feminino/a, feminicídio, feminismo e aborto.

Para se chegar aos resultados, este trabalho embasou-se em estudos sobre Fraseologia (Corpas Pastor, 2010), metáforas conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980), representação de atores sociais (van Leuween, 1996) e estudos contrastivos português/espanhol (Novodvorski, 2008, 2013). Esta pesquisa ancorou-se, ainda, à Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014), à AVALIATIVIDADE (Martin; White, 2005), à Linguística de Corpus (Berber Sardinha, 2007). Logo, esta é uma pesquisa empírico descritiva, de base funcionalista que buscou demonstrar como a linguagem utilizada nas mídias digitais está repleta de UFs e metáforas conceptuais que representam as mulheres, seus corpos e sexualidades. Esta pesquisa passou, conforme Perini (2006, 2008), pelas etapas de introspecção, testagem e análises baseadas em *corpus*.

Para a identificação de representações linguísticas de mulheres, seus corpos e sexualidades, através de unidades fraseológicas e metáforas conceptuais, observou-se a utilização dos vocábulos de interesse, partindo do nível lexical, bem como da oração pela perspectiva da metafunção ideacional e interpessoal da linguagem, no nível da semântica do discurso, considerando principalmente o sistema de transitividade através dos processos utilizados nos excertos analisados e o sistema de AVALIATIVIDADE, através das avaliações realizadas ou contidas nas UFs, o que auxiliou a descrição, a interpretação dos dados encontrados e a compreensão do papel desses itens na construção da representação de MCS.

O *corpus* desta pesquisa intitula-se COFEM – um acrônimo formado por partes das palavras COrpus e FEMinino -, constituído de textos transcritos e escritos, coletados e compilados de acordo com a proposta teórico metodológica da LC. O percurso metodológico foi composto por diferentes etapas, desde a coleta dos textos até se chegar ao *corpus* de estudo. Essa etapa não foi linear, por vezes foi necessário a readequação, a mudança de atitude e busca por soluções de problemas encontrados durante o tempo da pesquisa.

Após toda a fase de tratamento do *corpus* - a qual foi bastante trabalhosa, haja vista a dificuldade relacionada a atividade de transcrever os textos falados -, passou-se à fase de processamento dos *subcorpora* pelos programas computacionais de análise lexical e por último à fase da coleta de ocorrências e interpretação dos dados encontrados, a análise linguística propriamente dita. Pode-se afirmar que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois foi possível visualizar representações em PB e EA a partir de uma perspectiva contrastiva.

Em face do exposto, esta pesquisa buscou investigar e descrever unidades fraseológicas e metáforas em representações de mulheres seus corpos e sexualidade, respondendo a três perguntas: I) Quais são as UFs mais frequentes relacionadas a MCS, no *corpus* a ser analisado? As UFs mais frequentes foram *mulher negra, mujer maravilla e dona de casa/ ama de casa*. II) Como são avaliadas, metaforizadas e representadas as MCS, a partir das unidades léxicas simples e tabuísticas e das UFs identificadas? MCS foram representadas, principalmente, como subalternizadas e objetificadas. III) Em que medida PB e EA se aproximam/distanciam, a partir dos dados extraídos dos diferentes *subcorpora*? PB e EA se aproximam em relação às temáticas relacionadas à MCS em UFs e se distanciam no contraste, já que pouco mais de 18% das UFs possibilitaram o estudo contrastivo.

É possível afirmar que PB e EA se aproximam no que se refere à utilização de UFs, mas as metáforas conceptuais demonstram uma maior proximidade entre os idiomas, pois elas, muitas vezes, licenciam a ocorrência de determinadas UFs.

A partir das UFs e metáforas conceptuais encontradas, foi possível identificar que, no COFEM, a UF com valor metafórico mais recorrente em relação a MCS em PB e EA foi *dona de casa* e *ama de casa,* seguida de *mulher ao volante perigo constante /mujer al volante peligro constante.* Com relação às UFs transparentes, as que mais ocorreram foram *mulher negra / mujer negra* e *mulher trans / mujer trans*, respectivamente. Importante destacar os usos desautomatizados da UF "*salir del closet*", tanto em EA quanto em PB, demonstrando que é necessário falar sobre os diferentes assuntos que envolvem MCS.

Também foi possível identificar que as principais representações materializadas através de UFs e metafóricas de MCS estão relacionadas ao comportamento, à estética, à subalternidade e à objetificação. Ficou evidente que as metáforas conceptuais se realizam, muitas vezes, através de metáforas linguísticas compostas por UFs e/ou desautomatizações e muitas dessas manipulações fraseológicas contêm tabuísmos linguísticos e são usadas de forma recorrente no *corpus* investigado. Ademais, essas UFs, muitas vezes, exercem uma função de avaliação, atribuindo traços semânticos de julgamento e apreciação.

Recursos como eufemização e disfemização foram utilizados com frequência para se referir às *mulheres, à menstruação* e, sobretudo à *vagina* no *corpus*. Diferentes desautomatizações foram produzidas com os itens investigados e utilizadas de forma recorrente pelos participantes dos textos analisados. Com destaque para o item *vagina* e seus sinônimos que, em alguns usos linguísticos, foram mais produtivos em termos de UFs que outros, ao passo que há exemplos criativos pontuais, portanto menos recorrentes. Pode-se afirmar que a rede sinonímica do item *vagina/vulva* é extensa tanto em PB quanto em EA, sendo composta por metáforas zoomórficas, ideais de objetificação e personificação, principalmente. Os sinônimos de *vagina,* investigados em PB, têm origens diferentes como o português europeu, línguas africanas do tronco bantu e indígenas do tronco tupi. No caso do EA, é possível afirmar que a língua inglesa influencia a realização de algumas escolhas linguísticas nos contextos analisados, no que se refere à nomeação da vagina/vulva.

A relação visível entre os mecanismos cognitivos motivadores das metáforas está relacionada aos contextos socioculturais brasileiro e argentino, ainda marcados por questões sexistas, machistas e misóginas. Os usos criativos e neológicos, ainda que efêmeros, demonstram como os contextos investigados, por vezes, são entendidos como informais ou fogem à regra do contexto e do gênero discursivo, se afastando da formalidade imposta pelas diferentes particularidades do contexto – como no caso dos textos jornalísticos, por exemplo. Portanto, o COFEM demonstra a existência de ambientes midiáticos que licenciam a utilização desses vocábulos tabuísticos utilizados, muitas vezes, em conjunto com UFs e metáforas para construir representações de MCS.

Também foi possível perceber uma hipersexualização da *vagina* e desvalorização desta. Metáforas zoomórficas, que têm nomes de animais em sua composição, também apareceram com certa frequência. As metáforas sexuais também se sobressaíram. Observamos a ocorrência de palavras coligadas a partir dos conceitos de identidade de gênero e raça, como por exemplo *mulher negra, mulher branca* e *mulher trans* convencionalidade impulsionada a partir de conceitos de interseccionalidade e outras questões propostas pelas ciências sociais. Também identificamos metaplasmos de uso frequente como *mana, mina e miga*, em PB e em EA *mina* demonstrando que a língua é cultura e que ela recupera o que é popular, como essas expressões também evidenciam características de economia linguística e informalidade.

Foram identificadas, no *corpus,* colocações frequentes como o binômio *homem e mulher*, *hombre y mujer* e *varón y mujer* apresentando a forma masculina em primeira posição, na maioria dos casos, como também ocorre com *marido e mulher, meninos e meninas e manos*

e minas. Já os binômios *mujeres y niñas, mujeres y otras disidencias e mulheres e crianças, mulheres e meninas* foram recorrentes no COFEM.

A criatividade linguística foi outra característica marcante evidenciada, pois foram observados vocábulos que ganharam prefixos e/ou sufixos, como *mulheraço e mujermente* e *pró-mulheres* e itens lexicais que mudaram de função gramatical, passando de nomes a processos como *embocetar* e *xerecar* em PB *e feministamente*, em EA. Esses exemplos demonstram como os processos de criação linguística ocorrem em espaços virtuais, pois lá são comuns e expressam diferentes compreensões e representações do que é *mulher* e *vagina,* especificamente, ou de modo geral sobre MCS. Essas expressões são produzidas e podem ser mantidas ou alteradas devido aos valores, interesses, necessidades e costumes de um povo em uma dada época.

As combinatórias transparentes que se destacaram no *corpus* foram *violência contra a mulher, direitos da mulher, violência contra a mulher e mulher é morta,* esta última frequente nos textos jornalísticos com ocorrências em PB e EA.

A partir das análises realizadas, acredito que há um padrão "negativo" implícito nas ocorrências com o vocábulo *mulher* colocando-a em um contexto de inferioridade, de desprestígio, de desvalorização, ainda que as culturas brasileira e argentina estejam promovendo mudanças na busca por igualdade de gênero. Há uma teia de significados de desprestígio que precisa ser mais bem estudada e descrita para que possa ser mais bem compreendida. Dessa forma, pode-se contribuir para a compreensão da situação atual de mulheres e, através dessa tomada de consciência, contribuir para alcançarmos o 5º objetivo da ONU, naquilo que diz respeito à promoção da igualdade de gênero para alcançarmos um mundo melhor.

A locução fixa *pôr na mesa* foi utilizada de forma recorrente no *corpus*, empregada a partir de desautomatizações com o vocábulo *vagina* e seus diferentes sinônimos como *xana* e *xereca*. Também foi identificada a utilização recorrente de *salir del closet / sacar del closet* em EA, como *sacar la vagina del closet*, *sacar la menopausia del closet* e *sacar el aborto del closet.* A utilização dessa UF recorrente atrelada à temática abordada evidencia uma situação de "despertar" sobre as temáticas, isto é, um período em que se busca abordar mais esses assuntos, tornando-os comuns para toda a sociedade.

As descrições demonstram como os efeitos de sentido provenientes das realizações lexicogramaticais mais comuns sobre as MCS desenham uma imagem estereotipada e reproduzem significados culturalmente construídos, reforçando ideias como a importância da

aparência física de mulheres e seu status subalterno na sociedade, subordinado muitas vezes à figura masculina, por exemplo. Esses efeitos de sentido não são construídos arbitrariamente, ao contrário, são resultado de combinações frequentes de itens lexicais, UFs e metáforas linguísticas que endossam essas representações e, muitas vezes, sustentam crenças, preconceitos, formas de desigualdade social e constroem e sustentam valores, demonstrando como língua, sociedade e cultura se retroalimentam.

Este estudo demonstrou a aplicabilidade da LC e de recursos como programas de análise lexical e *corpora* de consulta à pesquisa de UFs e metafóricas de forma produtiva. Além de possibilitar a replicabilidade da pesquisa devido à abordagem teórico metodológico da LC. A utilização dessa abordagem em uma investigação que se propõe a descrever os usos do vocábulo *mulher*/*mujer,* através de UFs, metáforas e da AVALIATIVIDADE é interessante, haja vista a quantidade de dados encontrados e a forma como a LC permite identificar e compreender padrões de usos linguísticos. Desse modo, descrever avaliações realizadas em situações reais de uso da língua contribui para a compressão da representação de MCS em textos que circulam nas mídias sociais. Além disso, acredito que esta pesquisa pode contribuir com os estudos descritivos do PB e EA, com a Fraseologia contrastiva português/espanhol e com os estudos de tabuísmos linguísticos relacionados à MCS.

Logo, este estudo também evidenciou a possibilidade de trabalhos futuros com o COFEM, um *corpus* múltiplo e temático, composto por transcrições de *podcasts, videocasts*, textos jornalísticos e comentários escritos em ambientes *online*, o qual propiciou a observação não apenas de diferentes usos de UFs e metafóricas, da criatividade lexical, de avaliações em representações de MCS, como de outros diversos temas. Certamente, as análises dos temas investigados nesta pesquisa não se esgotam aqui. Por isso, é importante destacar que o COFEM poderá continuar sendo explorado, haja vista seus tamanho e representatividade.

Outros estudos que podem ser realizados com o COFEM são aqueles sobre as metáforas zoomórficas, sobre os metaplasmos *mana, miga* e *mina*, sobre as metáforas de guerra empregadas em contextos que versam sobre mulheres e feminismo, sobre os trinômios e binômios com o item “mulher”, dentre outros. A investigação de UFs com sinônimos do item *mulher* também é um caminho possível. Também seria interessante investigar no COFEM, representações de outros atores sociais como, por exemplo, grupos específicos, que atuam como agentes de representação social como o movimento feminista, o feminismo.

Acredito, ainda, que observar a sistematicidade de conceitos metafóricos através da investigação, identificação e descrição de UFs pode ser útil para entender questões relacionadas

à forma como os conceitos de MCS são concebidos, no caso deste trabalho, nas sociedades brasileira e argentina, auxiliando na compreensão da situação atual de mulheres nesses países.

Outra questão apontada nesta tese e que pode ser estudada com mais detalhamento e profundidade são os itens que compõem o campo semântico de *mulher*, como menstruação, menopausa, aborto, feminicídio e feminismo. Esses temas, além de pouco estudados sobre a perspectiva linguística, demonstram ser profícuos objetos de investigação.

Espera-se que esta pesquisa possa colaborar não somente com os estudos descritivos, de fraseologia contrastiva português/espanhol, como também com os estudos discursivos críticos, especificamente aqueles sobre representações de mulheres, construídas através do uso de UFs.

REFERÊNCIAS

ABBADE, C. M. S. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. p.141-161.

ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS. **Diccionario del habla de los argentinos**. 3. ed. Buenos Aires: Espasa, 2005.

AGUIRRE, J. **Puto el que lee:** diccionario argentino de insultos, injurias e improperios. 1. ed. Buenos Aires: Gente Grossa, 2009.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, A. A. D. A categorização em perspectiva sociocognitiva de um africanismo do português do Brasil: o item léxico xereca. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 386-408, 2020. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2020.v22n2a38221.

ALMEIDA, P. O. Estudo enunciativo das designações da palavra *vagina* em textos de divulgação de conhecimento sobre anatomia feminina. **Língua, Literatura e Ensino**, Campinas, v. XV, dezembro/2018. Disponível em: https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/6420. Acesso em: 20 jan. 2021.

ALMEIDA, F. S. D. P. **A Avaliação e a Linguagem.** Os elementos de atitude no discurso do professor – Um exercício em análise do discurso Sistêmico Funcional. São Carlos: Pedro & Paulo Editores. 2010.

ALMEIDA, F. S. D. P. Comentários em blogs de professores de inglês: uma análise do sistema de avaliatividade. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 1, p. 181–204, jan. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/delta/a/gjmSpMcFZWFf9KhfqgCMwcz/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 05 jan. 2022. DOI:https://doi.org/10.1590/0102-445006750933759944

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR. O. SOUZA A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (org.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa.** Estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010. p. 99-112.

ASSIS, P. O feed e a fidelização do podouvinte. Reflexões sobre o podcast. *In*: LUIZ, L. (org.) **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014.

ÁLVAREZ, G. D. M. La traducción de las unidades fraseológicas desautomatizadas en Rosario Tijeras. **Núcleo**, Caracas, v. 22, n. 27, p. 217-237, dez. 2010. Disponível em: https://ve.scielo.org/pdf/nu/v22n27/art09.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

ALVES, D. E.J.; CAVENAGHI, S. M.; CARVALHO, A. A.; SOARES, M. C. S. Meio Século de feminismo e o empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil. *In*: BLAY, E. A.; AVELAR, L. **50 anos de**

feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: EDUSP, 2019. p. 9-11.

ARAÚJO, A. P. **Abuso:** a cultura do estupro no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%:** um manifesto. Trad. de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019.

BAGNO, M. **Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do Tupi**. São Paulo: Parábola, 2014.

BARBOSA, J. B.; BALSALOBRE, S. G. A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas. **Revista ANPOLL**, n. 25, p. 63-86, 2008.

BARCIA, P. L.; PAUER, G. **Diccionario fraseológico del habla argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Emecé, 2010.

BARTON, D. LEE, C. **Linguagem Online. Textos e Práticas Digitais.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. Introdução. *In*: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.) **Análise de discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 8-17.

BERBER SARDINHA, T. **Lingüística de *corpus***. Barueri: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. **Revista D.E.L.T.A.**, v. 16, n.2, p. 323-367, 2000. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-44502000000200005

BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Lingüística de *Corpus* com WordSmith Tools**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

BERLINK, R. A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 169-195, jul./dez. 2008. DOI: https://doi.org/10.5380/rabl.v7i2.52494

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

BEVILACQUA, C. R. Fraseologia: perspectiva da língua comum e a da língua especializada. **Revista língua & literatura**. Frederico Westphalen, RS. Vol. 6/7, n. 10/11 (2004/05), p. 73-86. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/183172/000506369.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 19 jun. 2021.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri.; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. p. 13-22.

BLACKSTONE, B. PUSSY (Episódio 5). **HISTORY OF SWEAR WORDS** [Documentário]. Direção: Christopher D'Elia. Produção: EUA: Netflix, 2021. (20 min.).

BLAY, E. A.; AVELAR, L. **50 anos de feminismo:** Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos. São Paulo: EDUSP, 2019.

BLÁZQUEZ, M. I. Análisis antropológico de la menstruación: del tabú al estigma, expresiones culturales y activismos. *In*: DONAT, F. (org.) **La menstruación**: de la biología al símbolo. Universitat de València, 2023. p. 288-435.

BONASSOLI, K. Uma mão lava a outra, duas mãos batem palmas. Reflexões sobre o podcast. *In*: LUIZ, L. (org.) **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014. p. 15-22.

BONTEMPO, R. **Podcast descomplicado**: crie podcasts impossíveis de serem ignorados. 2. ed. Patos de Minas, MG: Ed. do Autor, 2021.

BORBA, F. S. **Dicionário de usos.** São Paulo: Ática, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRACKEN, J. **¡Che boludo!** 1. ed. Bariloche: Caleuche, 2005.

BUITONI, D. S. **Mulher de papel:** a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. 2. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Summus, 2009.

BURGOS, M. A. **¡Qué cojones es esto!** São Paulo: Letraviva, 1999.

CABRAL, S. R. S. Noções introdutórias em Linguística Sistêmico-Funcional [minicurso]. 2024. III Congresso Brasileiro de Linguística Sistêmico-Funcional, 10-13 set. 2024, Universidade Federal de Catalão - UFCAT, Catalão, Goiás. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1XZlAJ3aSQUNabNXhrkQMOnKksREsT-sH/view. Acesso em: 22 abr. 2025.

CARMO, M. YANAKIEW, M. **Argentinos:** Mitos, manías e milongas. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

CASAS GÓMEZ, M. **La interdicción lingüística.** Mecanismos de eufemismo y disfemismo. Cádiz: Servicio de publicaciones de la Universidad de Cádiz. 1986.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTI, F. O cabra é bom ou é ruim? Considerações acerca do caráter social das metáforas animais. **Anais V CIMPLP**, 2015. Disponível em:

http://www.letras.ufmg.br/congressometafora/CAVALCANTI_Fernanda.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006.

CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 16. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

CHOCANO, C. **Mulheres imperfeitas:** Como Hollywood e a cultura pop construíram falsos padrões femininos no mundo moderno. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

COLLINS DICTIONARY. Disponível em: https://www.collinsdictionary.com/pt/

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología**. Madrid: Gredos, 1996.

CORPAS PASTOR, G. **Diez años de investigación en fraseología:** Análisis sintáctico-semántico, contrastivos y traductológicos. Madrid: Iberoamericana, 2010.

CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. B. **Neologia em português.** São Paulo: Parábola, 2012.

CRESPO-FERNÁNDEZ, E. **El eufemismo y el disfemismo.** Procesos de manipulación del tabú en lenguaje literario inglés. Alicante, Publicaciones Universidad de Alicante, 2007.

CUNHA, M. A. F. COSTA, M. A. CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F., OLIVEIRA, M. R., MARTELOTTA, M. E. (org.). **Linguística Sistêmico-Funcional**: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.

DAVIES, M. **Corpus del Español:** Web/Dialectos, 2016. Disponível em: https://www.*corpus*delespanol.org/web-dial/ Acesso em: 20 maio 2023

DAVIES, M. **Corpus del Español:** NOW, 2018. Disponível em: https://www.*corpus*delespanol.org/now/. Acesso em: 20 maio 2023.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do*). In: HIRATA, H. LABORIE, F. DOARÉ, H. SENTIER, D. (org.). **Dicionário crítico do feminismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-178.

DESPENTES, V. **Teoria King Kong**. Bechara, M. (trad.). São Paulo: n-l edições, 2016.

DICIONÁRIO PRIBERAM. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: https://www.dicio.com.br/

DUARTE, C. L. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, H. B. (org.) **Pensamento feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. p. 25-47.

DUARTE, P. Sotaques no podcast: quebrando paradigmas. Reflexões sobre o podcast. *In*: LUIZ, L. (org.) **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014. p.23-28.

DUQUE, P. H. Discurso e Cognição: Uma abordagem baseada em frames. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, n. 39, p. 25-48, 2015. Disponível em: https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/902. Acesso em: 12 jul. 2023. https://doi.org/10.18309/anp.v1i39.902

EMERIM, C. **As entrevistas na notícia de televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.

ENSLER, E. **Os monólogos da vagina**. Trad. Ana Guadalupe. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.

FANJUL, A. P. **Português e espanhol:** línguas próximas sob o olhar discursivo. São Carlos: Claraluz Editora, 2002.

FANJUL, A. P. **Tallado y demarcación:** composiciones transpuestas entre el rock de Brasil y de Argentina. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ld/a/YPzVCPCpBs7d6k5CNftPWvw/?format=pdf&lang=es. Acesso em: 15 jul. 2024.

FANJUL, A. P.; GONZÁLEZ, N. M. (org.) **Espanhol e português brasileiro:** estudos comparados. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FANJUL, A. P. **A pessoa no discurso:** português e espanhol: novo olhar sobre a proximidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Ed. da UnB, 2001.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FAVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita:** perspectivas para o ensino de língua materna. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FAUCONNIER, G. **Mappings in thought and language.** New York: Cambridge University Press, 1997. DOI: https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220

FÉLIX, P. A. P. **A mulher no discurso de Cora Coralina:** uma análise do sistema de avaliatividade. Dissertação (Mestrado em Linguagem, Cultura e Identidade. Universidade Federal de Goiás - GO, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufcat.edu.br/server/api/core/bitstreams/3f11e79c-4403-43e5-8c9b-69075d5e9321/content. Acesso em: 04 fev. 2022.

FERRARI, L. **Metáforas e Metonímias**. Introdução à Lingüística Cognitiva. São Paulo: Contexto, 2020.

FERRARI, E. A representação dos atores sociais e a imagem da mulher contos de Marina Colasanti. *In*: BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira de Almeida; MARTINS, Queila de Castro. **Linguagem**: Teoria, Análise e Aplicações (V). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras – ILE/UERJ, 2010, p. 6-17. Disponível em:

http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro05/LTAA05_a01.pdf . Acesso em: 15 jul. 2022.
FERNÁNDEZ, F. M. Documentos de trabajo PRESEEA. **Marcas y etiquetas mínimas obligatorias para materiales de PRESEEA**. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América. Ed. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, Madrid, España. 2021. Disponível em: https://preseea.uah.es/sites/default/files/2022-02/Marcas%20y%20etiquetas%20m%C3%ADnimas%20obligatorias%20para%20materiales%20de%20PRESEEA_Moreno%20Fern%C3%A1ndez%20%282021%29.pdf Acesso em: fev. 2022.

FIGUEIREDO, D. C. Linguagem e gênero social: contribuições da análise crítica do discurso e da linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Delta**, v. 25, n. 3, 2009. Disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/28295/19867 Acesso em: 12 abr. 2023. https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000300013

FOWLER, R. **Language in the news:** discourse and ideology in the press. London: Routledge, 1991.

FREITAS, V. G. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira:** quatro décadas de lutas por direitos. 1. ed. Jundiaí: Paco, 2018.

FREITAS, E. F. **A representação dos atores sociais e a imagem da mulher no contexto do discurso feminista em contos de Maria Colasanti.** (Dissertação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FROMM, G. O USO DE CORPORA NA ANÁLISE LINGÜÍSTICA. **Revista Factus**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 69-76, 2003. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/guifromm/upload/ousode*corpora*naproducaolinguistica.pdf Acesso em jun. de 2021.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico - Funcional em Língua Portuguesa.** 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

GARCIA, A. F. Prefácio. *In*: SHEPHERD, T. M. G., BERBER SARDINHA, T., PINTO, M. V. (org.). **Caminhos da Linguística de Corpus**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012. p. 11-14.

GARCÍA, R. L. **Diccionario de violencia contra la mujer**. Universidad Ricardo Palma, Lima: Editorial Universitaria, 2020.

GIL, B. **Quem vai fazer essa comida?** Mulheres, trabalho doméstico e alimentação saudável. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

GOMES, M. C. A.; BARBARA, L. Mulheres, política e mídia: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 27, n. 2, p. 311–335, 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-44502011000200006

GONÇALVES, L. B. Linguística de corpus e análise literária: o que revelam as palavras-chave. *In*: TAGNIN, E. O. S.; VALE, O. A. (org.) **Avanços da Linguística de corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 388-405.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: HOLLANDA, H. B.; NASCIMENTO, B.; GONZÁLEZ, L.; CARNEIRO, S. **Interseccionalidades**: pioneiras do feminismo negro brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

GOWAN, M. M. **Senta que nem moça:** Um guia descomplicado sobre sexualidade e prazer. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus lingüísticos**. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. Da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. Estrutura e função da linguagem. *In*: LYONS, John (org.). **Novos horizontes em linguística**. São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1976. p. 134-160.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotics:** the social interpretation of language and meaning. London: Edgard Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **El lenguaje como semiótica social:** la interpretación social del lenguaje y del significado. Trd. SANTANA, J. F. México: FCE, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **Spoken and written language.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Introduction to functional grammar.** London: Arnold, 2004.

HOLLANDA, H. B.; NASCIMENTO, B.; GONZÁLEZ, L.; CARNEIRO, S. **Interseccionalidades:** pioneiras do feminismo negro brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0, 2009.

KELLER, E. F. Linguagem científica (sexuação da*). *In*: HIRATA, H.; LABORIE, F. DOARÉ, H.; SENTIER, D. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KILGARRIFF, A.; RYCHLÝ, P. **Sketch Engine.** East Sussex: Lexical Computing Limited, 2003. Disponível em: http://www.sketchengine.eu. Acesso em: 15 out. 2024.

LAKOFF, R. Linguagem e lugar da mulher. *In*: OSTERMANN, B. F. (org. e trad.) **Linguagem, gênero e sexualidade**: clássicos traduzidos.São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The Univ. of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **No pienses en un elefante:** lenguaje y debate político. Madrid: Editorial Complutense, 2007.

LATHAM, E. E. M. Perspectivas feministas nos estudos da correlação entre sexo, gênero e linguagem. *In*: FREITAS, A. C. (org.) **LINGUAGEM e exclusão**. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 77-93.

LANZETTA, G. **Ouvindo vozes:** como criar um podcast de sucesso e ainda ganhar dinheiro com isso. São Paulo: Planeta, 2021.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34. 2010.

LIMA, L. O. **Espelho, espelho meu, existe alguém mais doida ou santa do que eu?** Representações para a mulher em crônicas de Martha Medeiros. 2015. 185 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

LIMA, M. C. Gênero discursivo e gênero social: uma análise de discurso crítica de identidades de mulheres em "O cortiço". **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 137-161, jan./jun. 2006.

LIMA, F. R. **Palavras e fraseologismos tabu:** um estudo contrastivo espanhol/português em corpus de filmes argentinos. 2019. 127p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/26886/3/PalavrasFraseologismosTabu.pdf. Acesso em: 17 jan. 22.

LUIZ, L. A história do podcast. *In*: LUIZ, L. (org.) **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2014. p. 8-14.

MACHADO, F. **A era do podcast**. Disponível em: https://istoe.com.br/a-era-do-podcast/ Acesso em: 15 out. 2021.

MAIOR, M. S. **Dicionário do Palavrão e termos afins**. Recife: Guarapes, 1980.

MANCERA, A. M. C.; MARTÍN, P. M. Documentos de investigación PRESEEA. **Guía de la expresión del tabú**. Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América. Ed. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, Madrid, España. 2022. Disponível em: https://preseea.uah.es/sites/default/files/2022-02/Gui%CC%81a%20PRESEEA%20de%20estudio%20de%20la%20expresio%CC%81n%20del%20tabu%CC%81_Cestero%20y%20Mayo%20%282022%29.pdf Acesso em: 10 fev. 2022.

MARCIONILO, M. Nota do editor. *In*: OSTERMANN, B. F. (org. e trad.). **Linguagem, gênero e sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MARRA, M. N. A. **A AVALIATIVIDADE em *corpus* de entrevistas de artistas:** um estudo das escolhas lexicogramaticais de atitude. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.450.

MARRA, M. N. A. AVALIATIVIDADE em *corpus* de comentários: um olhar sobre o feminino. *In:* NOVODVORSKI, A.; LISBOA, J. V. R.; CARNEIRO, R. M. O. (org.). **Estudos Exploratórios em linguística de *corpus* 2**. 1. ed. Araraquara, SP: Letraria, 2022.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem. *In*: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Lingüística funcional**: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003. p. 11-20.

MARTIN, J.R., ROSE, D. **Working with discourse** – Meaning beyond the clause. London and New York: Continuum. 2003.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation:** appraisal in English. New York: Palgrave, 2005. DOI: https://doi.org/10.1057/9780230511910

MATTOSO, G. **Dicionarinho do Palavrão & Correlatos**. Record: Brasil, 1990.

MCENERY, T. **Linguística de *Corpus*:** método, análise, interpretação. Lancaster University, 2015.

MOLINER, M. **Diccionario de uso del español**. Editora Gredos, 2000.

MELO, I. F. Histórico da análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 21-35.

MELLO, H. Os corpora orais e o C-ORAL-Brasil. *In*: RASO, T.; MELLO, H. **C-oral-Brasil I:** corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: EDUFMG, 2012. Disponível em: https://www.c-oral-brasil.org/files/book_chapters/3_C_ORAL_BRASIL_BOOK_CAPITULO_1.pdf. Acesso em: 15 fev. 2022.

MENDES, M. S. D. **Dicionário da mulher**. Goiânia: Ed do Autor, 2002.

MONTERO CARTELLE, E. El eufemismo en Galicia. Su comparación con otras áreas romances. **Verba**: Anuario Gallego de Filología, anexo 17, Universidad de Santiago de Compostela. Disponível em: https://www.academia.edu/8090433/El_eufemismo_en_Galicia_Su_comparaci%C3%B3n_con_otras_%C3%A1reas_romances_Anejo_17_de_Verba_Universidad_de_Santiago_Santiago_1981_ISBN_7191_260_0. Acesso em: 21 jan. 2023.

MONTEIRO CARTELLE, E. El tabú, el eufemismo y las hablas jergales. *In*: ALVAR, M. **Introducción a la lingüística española.** Madrid: Ariel, 2000. p. 547-563.

MONTEIRO-PLANTIN, R. S. Revel na Escola: Fraseologia e Paremiologia: para que ensinar, se todo mundo sabe? **Revel**, v. 15, n. 29, 2017. Disponível em:

http://www.revel.inf.br/files/7e02a7f4cb22a2e4935d77ae89882e69.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

MOSCONI, L. **Menopausia y cerebro:** nuevas aportaciones. GÓMEZ, E. (Trad). Barcelona: Editorial Kairós, 2025.

MOURA, H.; MADER, G. R. C. Reversão de gênero gramatical no português brasileiro. *In*: BARBOSA FILHO, R.; OTHERO, G. A.; POSSENTI, S. *et. al*. (org.) **Linguagem "neutra"**: língua e gênero em debate. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2022.

NASCENTES, A. **Tesouro da Fraseologia Brasileira.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NASCIMENTO, C. O. NINIM, M. O. G. A AVALIATIVIDADE em Clarice Lispector: discutindo a obra "só para mulheres. Conselhos, receitas e segredos" na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. **Linguagens & Cidadania**, v. 18, jan./dez., 2016. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/m/pdf Acesso em: 12 nov. 2022. DOI: https://doi.org/10.5902/1516849225585

NEVES, M. S. Metáforas que nos fazem rir. *In*: PAIVA, V. L. M. O. **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Ed. do autor, 1998.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português.** 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVODVORSKI, A. **A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em *corpus* jornalístico**. 279 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Geris, Belo Horizonte, 2008.

NOVODVORSKI, A. **Estilo das traduções de Sergio Molina de obras de Ernesto Sabato:** um estudo de *corpora* paralelo Espanhol/Português. 259 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

NOVODVORSKI, A.; FINATTO, M. J. B. Linguística de *Corpus*: abordagem e metodologia em pesquisas linguísticas de base empírica. **Letras & Letras** (ILEEL/UFU), v. 30, n. 2. 2014. DOI: https://doi.org/10.14393/LL60-v30n2a2014-1

NOVODVORSKI, A. A recontextualização do ensino de Espanhol no Brasil na linguagem jornalística: uma análise crítico-discursiva da representação de atores sociais. In: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (org.) **DISCURSOS, IDENTIDADES E LETRAMENTOS**: abordagens da Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez, 2014. p. 110-141.

NOVODVORSKI, A.; MIRANDA, H. B. Uma análise contrastiva dos bergoglismos em corpus de discursos do Papa Francisco. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 8, n. 4, p. 91-109, 2019. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/22984/24269 Acesso em: 18 jan. 2022. https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v8.n4.2019.22984

NOVODVORSKI, A.; LIMA, R. F. Fraseologia com léxico tabu: uma análise contrastiva em *corpus* paralelo espanhol/português de legendas de filmes argentinos. **Caracol,** São Paulo, n. 19, jan./jun. 2020. Disponível em:

https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/160504/161934 Acesso em: 12 jul. 2021. https://doi.org/10.11606/issn.2317-9651.v0i19p172-199

NOVODVORSKI, A.; BEVILACQUA, C. R. De 'marcar la cancha' a 'una canchereada' na metaforização da política pelo futebol: análise de unidades fraseológicas especializadas em *corpus* jornalístico argentino. **REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 1191- 1228, mar. 2021. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17324. Acesso em: 26 jul. 2022. DOI: https://doi.org/10.17851/2237-2083.29.2.1191-1228

NOVODVORSKI, A. O sufixo -AZO em unidades léxico-fraseológicas: uma análise contrastiva espanhol/português em corpus jornalístico. **Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas**, *[S. l.]*, v. 16, n. 32, p. 58–75, 2022. DOI: 10.26378/rnlael1632476. Disponível em: https://revistas.nebrija.com/revista-linguistica/article/view/476. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, L. S. N. **Fraseologismos formados por homem e mulher no português brasileiro: estudo de campos lexicais e de variação lexical**. Tese (Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Minas Gerais – MG, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/48870/1/Tese%20-%20vers%c3%a3o%20reposit%c3%b3rio.pdf Acesso em: 08 mar. 2023.

OLIVEIRA, N. de. RODRIGUES, V. **Histórias de morte matada contadas feito morte morrida:** A narrativa de feminicídios na imprensa brasileira. São Paulo: Editora Drops, 2021.

OLIVEIRA, D. M. O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE: Aspectos teóricos e práticos. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/3037. Acesso em: 5 jul. 2025.

OLIVEIRA, L. P. Linguística de *Corpus*: teoria, interfaces e aplicações. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, [S.l.], v. 16, n. 24, jun. 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27796/19917. Acesso em: 22 mar. 2023.

OLIVEIRA, K. M.; MOTA, M. A.; SANTOS, W. N. dos. Sextou! Cinquentou! Uma análise da formação e uso de verbos denominais no Português brasileiro contemporâneo. **Signótica**, Goiânia, v. 34, p. e68979, 2022. DOI: 10.5216/sig. v34.68979. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sig/article/view/68979 . Acesso em: 21 abr. 2024. DOI: https://doi.org/10.5216/sig.v34.68979

OTTONI, M. A. R. O gênero oral entrevista em estúdio na perspectiva da análise de discurso crítica e da linguística sistêmico-funcional. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

OTTONI, M. A. R. As representações identitárias de gênero no humor sexista. *In*: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. (org.). **DISCURSOS, IDENTIDADES E LETRAMENTOS**: abordagens da Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Cortez, 2014. p. 25-62.

ORSI, V. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (org.). **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 163-117.

PARDO RUBIO, P. **Primavera das mulheres:** 100 questões essenciais para entender o feminismo no mundo contemporâneo. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

PARODI, G. **Lingüística de corpus y discursos especializados: puntos de mira**. Ediciones Universitarias de Valparaíso. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. 2007. Disponível em: http://www.giovanniparodi.cl/giovanniparodi/site/artic/20150930/asocfile/20150930091236/2007ling___stica_de_corpus_y_discurso_especializado.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022. https://doi.org/10.4067/S0718-48832008000100006

PARODI, G. Lingüística de Corpus: una introducción al ámbito. **RLA Revista de lingüística teórica y aplicada**, Concepción (Chile), v. 46, n. 1, p. 93-119, 2008. Disponível em https://www.scielo.cl/pdf/rla/v46n1/art06.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

PERINI, M. A. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 2003.

PERINI, M. A. **Princípios de linguística descritiva:** Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERINI, M. A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2008a.

PERINI, M. A. **Estudos de Gramática Descritiva** - As valências verbais. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

PRETI, D. **A linguagem proibida:** um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: LPB, 2010.

PRIORE, M. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

PRIORE, M. **Histórias íntimas:** Sexualidade e erotismo na história do Brasil. 3. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RODRÍGUEZ, I. L. Of Women, bitches, Chickens and Vixens: Animal Metaphors for women in English and Spanish. **Cultura, lenguaje y representación**. **Revista de Estudios Culturales de la Universitat Jaume 1**, v. VII, p. 77-100, 2009.

ROJO, G. Los corpus textuales del español. *In*: GUITIÉRREZ-REXACH, J. (org.) **Enciclopedia lingüística hispânica**. Oxon: Routledge, 2016. p. 285-296. Disponível em: https://gramatica.usc.es/~grojo/Publicaciones/corpus_textuales_espanol_borrador_final.pdf. Acesso em: 09 jan. 2022. https://doi.org/10.4324/9781315713441-99

SABINO, M. A. O campo árido dos fraseologismos. **Signótica**, Goiânia, v. 23, n. 2, p. 385-401, jul./dez./2011. DOI: https://doi.org/10.5216/sig.v23i2.15226

SANTANA, L. V. **Recursos linguísticos interpessoais na argumentação:** análise de artigos de opinião em uma perspectiva sistêmico-funcional. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, departamento de Letras, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, E, P. **O GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE:** Um enfoque axiológico-dialógico do estilo. 2018. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE, Recife, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32293. Acesso em: 12 jan. 2024.

SANTICIOLI, B. G. M. **Mulher na publicidade**: a linguagem dos anúncios. 1. ed. Curitiba: Apriss, 2019.

SCIUTTO, V. Fraseología numérica en el lenguaje de los argentinos: De no valer un cinco a ser el namber uan. *In:* D'ALESSANDRO, R; IANNÀCCARO, G.; PASSINO, D.; Anna M. THORNTON, A.M. (coord.). **Di tutti i colori**. Studi linguistici. 2017. p. 319-333. Disponível em: https://airus.unisalento.it/retrieve/de3e4ef5-4781-b63b-e053d805fe0ae1e8/Fraseologi%CC%81a%20nume%CC%81rica%20en%20el%20lenguaje%20de%20los%20argentinos%20De%20%E2%80%98no%20valer%20un%20cinco%E2%80%99%20a%20%E2%80%98ser%20el%20namber%20uan%E2%80%99.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SCIUTTO, V. Enunciados Fraseológicos: perspectiva morfosintáctica de los somatismos verbales del español de Argentina. **E-Aesla**, n. 1, p. 1-10, 2015. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/lengua/eaesla/pdf/01/57.pdf. Acesso em: 15 set. 2022.

SCIUTTO, V. **Elementos somáticos en la fraseología del español de Argentina**. Roma: ARACNE editrice S.r.l., 2006

SCOTT, M. **WordSmith Tools**, version 6.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SIMÃO, A. K. G. **Xeretando a linguagem em espanhol.** Barueri, SP: DISAL, 2010.

SIMOES NETO, N. A. SOLEDADE, J. Projeções metafóricas e metonímicas na antroponímia brasileira: flutuações entre nomes comuns e nomes próprios em uma abordagem cognitivista. *In*: ANDRADE, G. S. (org). **Estudos Linguísticos**: do falado ao escrito, do texto ao discurso. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349121046_Projecoes_metaforicas_e_metonimicas_na_antroponimia_brasileira_flutuacoes_entre_nomes_comuns_e_nomes_proprios_em_uma_abordagem_cognitivista#fullTextFileContent. Acesso em: 12 dez. 2022.

SILVA, J. P. **Dicionário brasileiro de fraseologia** (versão preliminar). Rio de Janeiro, 2013.

STUBBS, Michael. Language development, lexical competence and nuclear vocabulary. *In*: DURKIN, Kevin. **Language Development in the School Years.** Brookline: Brookline Books, 1986. Disponível em: https://www.uni-trier.de/fileadmin/fb2/ANG/Linguistik/Stubbs/stubbs-1986-nuclear-vocab.pdf. Acesso em: 05 maio 2023.

STUBBS, M. **Texts, *Corpora*, and Problems of Interpretation:** A Response to Widdowson. Applied Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 49-172. Disponível em

https://www.cantab.net/users/michael.stubbs/articles/stubbs-2001-text-corpora-widdowson.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

STUBBS, M. Language *Corpora*. *In:* DAVIES, A.; ELDER, C. (eds.) **Handbook of Applied Linguistics**. Oxford: Blackwell, 2004. Disponível em http://file.snnu.net/res/20138/27/a8091a5e-db0f-45f1-af3c-a22700a78a43.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

STUBBS, M. **Word and phrases:** corpus studies of lexical semantics. Oxford: Blackwell, 2001. Disponível em https://www.uni-trier.de/fileadmin/fb2/ANG/Linguistik/Stubbs/stubbs-2001-words-phrases-ch-1.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023. https://doi.org/10.1093/applin/22.2.149

SWAN, S. C. Falei mais alto, leve aos palcos: Vinte anos do V-Day. *In*: ENSLER, E. GUADALUPE. A. **Os monólogos da vagina.** (tradução). 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018. p.149-188.

TAGNIN, Stella E. O. **O jeito que a gente diz**: combinações consagradas em inglês e português. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Disal, 2013.

TEUBERT, W. Corpus Linguistics: An alternative. **Journals Semen,** n. 27, 2009. Disponível em: https://journals.openedition.org/semen/8912#text. Acesso em: 20 jul. 2024. DOI: https://doi.org/10.4000/semen.8912

TIGRE, R. **Podcast S/A:** Uma revolução em alto e bom som. São Paulo: Editora Nacional, 2021.

TOGNINI-BONELLI E. **Corpus linguistics at work.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins; 2001. https://doi.org/10.1075/scl.6

TRANSKRIPTOR. Middletown, Delaware, USA. 2021. Disponível em: https://transkriptor.com/pt-br/audio-transcricao-software/

VALÉRIO, L. **A explosão do podcast:** divirta-se trabalhando, ganhe dinheiro e torne-se uma autoridade em seu nicho. 1. ed. Boa Vista, RR: Clube dos autores, 2021.

VARELA, F. KUBARTH, H. **Diccionario fraseológico del Español Moderno**. Biblioteca románica hispánica. Madrid: Gredos, 1994.

VAN LEEUWEN, T. Genre and field in critical discourse analysis. **Discourse & Society**, v. 4, n. 2, 1993. p. 193-223.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. *In*: CALDAS-COULTHARD, C. R & COULTHARD, M. (eds.) **Texts and Practices** – Reading in Critical Discourse Analysis. London: Routledge, 1996. p 32-70.

VAN LEEUWEN, T. A representação de actores sociais. *In*: PEDRO, Emilia Ribeiro (org.) **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Editora Caminho S.A., 1997. p. 169-222. DOI: https://doi.org/10.1177/0957926593004002004

VÁZQUÉZ, S. **Expresiones famosas que se usan en Argentina:** orígenes, usos y significados. Universidad Nacional de La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación: Argentina, s.d.

VIAN JR., O.; SOUZA, A.A.; ALMEIDA, F.S.D.P. (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa –** Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

VIAN JR, O. O sistema de AVALIATIVIDADE e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **D.E.L.T.A.**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000100004

VIAN JR. O. Avaliatividade, engajamento e valoração. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada,** v. 28, n. 1, p. 105–128, 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-44502012000100006

VISCARDI, J. **Escrever sem medo**: um guia para todo tipo de texto. São Paulo: Editora Planeta, 2024.

VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JR, J. R. L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. (org.) **Análise de discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 49-77.

VILCHES, F. feminazi m. y f. adj. f.. **Martes neo-lógico.** 2021. Disponível em: https://blogscvc.cervantes.es/martes-neologico/feminazi/. Acesso em: 16 out. 2022.

VOLP – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (versão: 2021-2022). Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario.

VRANIC, G. **Hablar por los codos:** frases para un español cotidiano. Madrid: Edelsa, 2003.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo da sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 4, número especial, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4975273/mod_resource/content/1/Artigo%20Do%20que%20trata%20a%20ACD.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

XATARA, C.; OLIVEIRA, W. L. **Novo PIP:** dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões em uso: francês-português, português-francês. 2. ed. São Paulo: Editora da Cultura, 2008.

ZAVAGLIA, C. O léxico tabu em dicionários infantis: o Caldas Aulete. *In*: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume VIII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2018.

ZULUAGA, A. Los “enlaces frecuentes” de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones. **PhiN – Philologie im** Netz, v. 22, 2002. Disponível em: https://web.fu-berlin.de/phin/phin22/p22t3.htm. Acesso em: 20 dez. 2023.

ANEXO A - Normas de transcrição

Normas para transcrição do *corpus* de podcast*s* e *videocasts* embasadas nas normas de transcrição já elaboradas pelo Projeto NURC/SP[233]. Também nos amparamos na proposta do *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* – PRESEEA[234], especificamente nas normas para criação de etiquetas de Fernández (2021).

Ocorrências	**Sinais**
Incompreensão de palavras e seguimentos	<incompreensível>
Interrogação	?
Pausas longas e hesitações	…
Citações literais, reprodução de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“”
Letra inicial do nome de quem fala dentro de chaves angulares	<A>
Indicar início e final da introdução do episódio.	<intro> </intro>

[233] Endereço eletrônico: https://nurc.fflch.usp.br/apresentacao
[234] Endereço eletrônico: https://preseea.linguas.net/Metodolog%C3%ADa.aspx

ANEXO B - 5º Objetivo de desenvolvimento sustentável das Nações Unidas (ODS \ ONU)

Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas

5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte

5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos

5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas

5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais

5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública

5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão

5.a Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais

5.b Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres

5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis

Referência: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5 Acesso em 12/06/22

ANEXO C – Esquema sinóptico das oposições pertinentes
Bourdieu (2020, p. 25)



Esquema sinóptico das oposições pertinentes

Pode-se ler este esquema seguindo as oposições verticais (seco/úmido), alto/baixo, direita/esquerda, masculino/feminino), ou os processos (por exemplo, os do ciclo da vida: casamento, gestação, nascimento etc. ou os do ano agrário) e os movimentos (abrir/fechar, entrar/sair etc.).

APÊNDICE A – Frequência de uso das UFs separado por *corpus*

A tabela a seguir demonstra o tesouro da fraseologia identificado nesta pesquisa. Ademais, apresenta a quantidade de ocorrências de UFs por *subcorpus* e a frequência de uso em relação ao tamanho de cada *subcorpus* em número de palavras.

TABELA 28 - Dados quantitativos UF por *subcorpus* em PB.

Unidades Fraseológicas	**Frequência de uso separado por *subcorpus***				**Total**
	TTv PB	**TTp PB**	**TJ PB**	**C PB**	
1. Dona de casa	06	04	04	26	40
2. Tinha que ser mulher!	-	-	-	01	01
3. Cartilha das mulheres	-	-	-	01	01
4. Coisa de mulher	-	01	-	-	01
5. Homem é homem, mulher é mulher 6. Mulher é mulher, homem é homem	-	-	-	04	04
7. Em mulher não se bate nem com uma flor	-	-	03	-	03
8. Em briga de marido e mulher não se mete a colher	-	-	01	-	01
9. Em briga de marido e mulher sim se mete a colher	-	-	02	-	02
10. Homem e mulher 11. Homens e mulheres	02	32	09	90	133
12. Lugar de mulher é onde ela quiser 13. Lugar de mulher	- 01	-	-	01	01 01
14. Bela, recatada e do lar 15. Mulher do lar	-	-	01	03 01	04 01
16. Marido e mulher	-	-	06	-	06
17. Meninas e mulheres	-	-	05	06	11
18. Mulher ao volante, perigo constante	-	-	01	-	01
19. Mulher bandida	-	-	-	01	01
20. Mulher branca 21. Mulheres brancas	01 01	02 03	06 -	35 15	82
22. Mulher com mulher vira jacaré	-	-	-	01	01
23. Mulher da vida	-	-	-	01	01
24. Mulher de bandido	-	-	-	01	01
25. Mulher de caráter	-	-	-	01	01
26. Mulher de classe 27. Mulheres de classe	-	- 01	-	06	07
28. Mulher conservada	01	-	-	02	02

29. Mulher de direita	-	-	-	01	01
30. Mulher de esquerda	-	01	-	01	02
31. Mulher de fases	-	-	-	01	01
32. Mulher de gringo	-	-	-	01	01
33. Mulher de respeito	-	-	02	01	03
34. Mulher de rua	-	-	-	01	01
35. Mulher de verdade	-	-	-	14	14
36. Mulher de [x] anos	15	16	22	18	71
37. Mulher de vida duvidosa	-	-	-	01	01
38. Mulher de vida fácil	-	03	-	-	03
39. Mulher diabo	-	01	-	-	01
40. Mulher e homem 41. Mulheres e homens	-	01	-	04	05
42. Mulher frágil	-	-	-	01	01
43. Mulher fruta	-	-	-	01	01
44. Mulher homem	-	01	-		01
45. Mulher madura	-	-	-	02	02
46. Mulher macho	-	-	-	01	01
47. Mulher maravilha	-	02	-	03	05
48. Mulher multitarefas	-	-	-	01	01
49. Mulher negra 50. Mulheres negras	14	17	13	114	158
51. Mulher objeto	-	-	-	02	02
52. Mulher padrão	-	-	-	02	02
53. Mulher plus	-	-	-	02	02
54. Mulher pratinho	-	-	-	02	02
55. Mulher preta 56. Mulheres pretas	01	-	-	22 12	35
57. Mulher rodada	-	-	-	01	01
58. Mulher sapatão	-	-	-	01	01
59. Mulher trans	10	16	09	23	65
60. Mulheres da porra 61. Mulherão da porra 62. Mulherões da porra	-	-	-	05 12 03	20
63. Mulheres madame	-	-	-	01	01
64. padrão de mulheres 65. padrão de mulher	-	-	02		02
66. Porque é mulher	04	06	-	06	16
67. Papel da mulher	01	-	-	-	01
68. Ser um hino de mulher	-	-	-	03	03
69. Ser um mulherão 70. Ser um mulherão da porra	-	-	-	10 03	10 03

TABELA 29 - Dados quantitativos UF por *subcorpu*s em EA.

Unidades Fraseológicas	**Frequência de uso separado por *subcorpus***				**Total**
	TTv EA	**TTp EA**	**TJ EA**	**C EA**	
1. Cosa de mujeres	-	-	02	-	02
2. El rol de la mujer	-	01	-	-	01
3. Mujer cis 4. Mujeres cis	01	02 10	01	-	14
5. Mujer de carácter	-	-	04	-	04
6. Mujer de izquierda	-	01	-	-	01
7. Mujer de la calle	-	-	04	-	04
8. Mujer de la vida fácil	-	-	01	-	01
9. Mujer, escucha, únete a la lucha	-	-	02	-	02
10. Mujer maravilla 11. Mujeres maravilla	-	02	22	-	24
12. Mujer negra	-	04	-	-	04
13. Mujer objeto	-	02	-	-	02
14. Mujer trans 15. Mujeres trans	-	11 04	01 03	13	32
16. Mujer trofeo	01	-	01	-	01
17. Mujeres cannábicas	-	02	-	-	02
18. Mujeres king kong	-	01	-	-	01
19. Mujeres rurales	-	01	-	-	01
20. Mujeres verdes 21. Mujer verde	-	-	01 03	-	04
22. Mujer premio	01	-	-	-	01
23. Ser un mujerón	-	-	-	03	03

APÊNDICE B – Candidatos a UFs em PB e EA com os itens mulher(es) e *mujer*(es)

A tabela a seguir, apresenta os candidatos a UFs encontradas nos *subcorpora* de transcrições de *podcasts* do COFEM em PB e EA com os itens "mulheres" e "*mujeres*":

TABELA 30 - Dados quantitativos UF por campo semântico.

Podcasts: **SJ S CE**	**Candidatos a Unidades fraseológicas com "mulheres"**	**Nº de ocorrências**	Podcasts: **EDP CP D**	**Candidatos a Unidades fraseológicas com "*mujeres*"**	**Nº de ocorrências**
a) Campos semânticos "Política"					
alinhamento à esquerda					
bancada das mulheres		01			
candidatas mulheres		01			
direitos da mulher / das mulheres		02	derechos de las mujeres		09
lobby das mulheres		01			
pauta das mulheres / pauta de mulheres		03			
			ministerio de mujeres, géneros y diversidades		03
lugar de mulher		012			
			luchas de mujeres		03
candidaturas de mulheres		03			
			universo de mujeres		01
			espacio de mujeres		01
			rol de las mujeres		04
			poder de las mujeres		01
Alinhamento à direita					
mulheres da vida política		01			
mulheres conservadoras/ mulheres mais conservadoras		02			
mulheres candidatas		02			
mulheres de esquerda		01			
mulheres eleitas / mulher eleita		11			
mulheres em campanha		01			
mulheres engajadas		02			
mulheres na política		02			
Mulheres no comando		01			
Mulheres no poder		02			
			mujeres políticas		01
mulheres parlamentares		01			
			mujeres radicales		01

mulher presidente	01		
mulher governadora	01		
b) Campo semântico "movimentos sociais"			
Alinhamento à esquerda			
		organizaciones de mujeres	02
		encuentro de mujeres	06
		marcha de mujeres	01
		movimiento de mujeres	04
		paro de mujeres	02
Alinhamento à direita			
		mujeres king kong	01
		mujeres cannábicas	04
mulheres feministas	02	mujeres feministas	06
		mujeres organizadas	01
		mujeres sindicalistas	04
mulheres empoderadas	02	mujeres empoderadas	01
		mujeres maravilla	02
c) Campo semântico "violência"			
Alinhamento à esquerda			
violência contra as mulheres	02	violencia contra las mujeres	04
		violencia contra las mujeres lesbianas	01
violência política contra mulheres	01		
Alinhamento à direita			
mulheres encarceradas	01		
mulheres escravizadas	01		
		mujeres privadas de la libertad	02
d) Campo semântico "raça e classe"			
Alinhamento à esquerda			
-	-	-	-
Alinhamento à direita			
mulheres quilombolas	02		
mulheres brancas	08	mujeres blancas	01
mulheres indígenas	02	mujeres indígenas	03
mulheres não brancas	01		
mulheres negras / mulher negra	49	mujeres negras	08
mulheres de nível universitário	01		
mulheres em situação vulnerável	01		
mulheres rurais	04	mujeres rurales	01
mulheres de periferia	01		
e) Campo semântico "Comportamento sexual/reprodução"			
Alinhamento à esquerda			

Mulheres lésbicas / mulher lésbica	02	Mujeres lesbianas,/ mujer lesbiana	06
Mulheres sapatão	01		
Mulheres hétero	02		
Alinhamento à direita			
-	-	-	-
f) Campo semântico "identidade de gênero / gênero"			
Alinhamento à esquerda			
homens e mulheres homem e mulher	25	hombres y mujeres / hombre y mujer	33
		varones y mujeres	07
por que é mulher	06		
Alinhamento à direita			
mulheres cis / mulher cis	04	Mujeres cis / mujer cis	10
mulheres trans / mulher trans	19	Mujeres trans/ mujer trans	11
mulheres transexuais	01		
mulher cisgênero	01		
		Mujeres y las identidades feminizadas	02
		Mujeres y población LGBT	01
mulheres e homens	01	Mujeres y hombres	05
		Mujeres y varones	05
mulheres e meninas	02		
		Mujeres adultas, mayores	02
		Mujeres y adultos mayores	01

A tabela a seguir, apresenta os candidatos a UFs encontradas nos *subcorpora* de textos transcritos *videocasts* em PB e EA com os itens "mulher" e "mujer":

Quadro 106 - Dados quantitativos candidatos a UFs por campo semântico

Videocasts: MS	**Candidatos a UFs com "mulher"**	**Nº de ocorrências**	**Videocasts: CP**	**Candidatos a UFs com "*mujer*"**	**Nº de ocorrências**
a) Campos semânticos "Política"					
alinhamento à esquerda					
Comissão da Mulher		04			
Comissão de defesa dos direitos da Mulher		01			
Conselho Nacional dos direitos da Mulher		01			
Observatório da Mulher na política (na política)		02			
Secretaria da Mulher		01			
Consulado da Mulher		01			
Secretaria da mulher		01	Secretaria de la mujer		01

		Comisión de mujer (familia y niñez)	01
Delegacia de Defesa da mulher	01		
Delegacia da mulher	01		
		Oficina de la mujer (de la corte suprema)	03
Ministério da Mulher		Ministerio de salud de la mujer	05
		Centro de desarrollo de la mujer	01
		Día de la mujer	20
Mês da mulher	01		
Dia Internacional da Mulher	01	Día internacional de la mujer	24
Hospital da Mulher	01		
Casa da mulher (brasileira)	02		
Bancada da mulher	01	Bancada de la mujer	01
Presidente mulher	01		
Governadora mulher	01		
Dossiê Mulher	01		
(A) primeira mulher	13	Primera mujer (a)	04
(A) única mulher	05	Única mujer	03
De mulher para mulher	01	De mujer a mujer	01
		Ministra de la mujer	01
Alinhamento à direita			
Mulher esquerdista	01	Mujer de izquierda	02
Mulher eleita	01		
Mulher governadora	01		
Mulher presidente	01		
Mulher no congresso	02		
Mulher na prefeitura	01		
Mulher na política	06	Mujer en la política	01
b) Campo semântico "movimentos sociais"			
Alinhamento à esquerda			
Empoderamento feminino	03	Empoderamiento de la mujer	02
		Como mujer	15
		Ser una mujer	08
Alinhamento à direita			
Mulher feminista	02	Mujer feminista	01
Mulher lutadora	02		
Mulher guerreira	03		
c) Campo semântico "violência"			
Alinhamento à esquerda			
Violência contra a mulher	03	Violencia contra la mujer	03
		Cosificación de la mujer	01
Alinhamento à direita			
		Mujer esclava	01
Mulher objeto	01	Mujer objeto	01

		Mujer cosificada	01
		Mujer histérica	01
		Mujer premio	01
d) Campo semântico "raça e classe"			
Alinhamento à esquerda			
Corpo da mulher	03	Cuerpo de la mujer	03
		Cuerpo de una mujer	05
		Categoría mujer	01
		Condición de mujer	02
Alinhamento à direita			
Mulher sertaneja	01	Mujer del campo	02
Mulheres rurais	01	Mujer rural	01
Mulher chefe	01		
Mulher indígena	04	Mujer indígena	02
Mulher executiva	01	Mujer productora	01
Mulher de classe	01	Mujer soldado	01
		Mujer culta	02
		Mujer común	01
Mulher branca	02	Mujer blanca	03
Mulher brasileira	05	Mujer argentina	03
Mulher lutadora	01	Mujer fuerte	02
Mulher negra	31	Mujer negra	06
Mulher parda		Mujer de raza negra	01
Mulher afrodescendente	01	Mujer afrodescendiente	01
Mulher negra, trans	01		
Mulher negra nordestina	01		
Mulher negra, moradora da favela	01		
Mulher negra e lésbica	01		
		Mujer pobre no blanca	01
		Mujer pobre	01
		Mujer de clase media	01
		Mujer de (edad – 20/30/50)	10
e) Campo semântico "Comportamento sexual/reprodução"			
Alinhamento à esquerda			
		Modelo de mujer	01
		Jefa mujer	01
Alinhamento à direita			
		Mujer de carácter	02
Mulher de respeito	02		
Mulher diabo	01		
Mulher do mundo	01		
Prazer da mulher	02	Placer de la mujer	01
		Mujer de un hombre	01
		Mujer puerca	01
		Mujer fálica	01
a) Campo semântico "identidade de gênero / gênero"			
Alinhamento à esquerda			

		Papel de la mujer	02
O papel da mulher	02	Rol de la mujer	03
O lugar da mulher	02		
Coisa(s) de mulher	02		
Palavra da mulher	02		
Condição de mulher	02	Condición de la mujer	02
Porque é mulher	09	Porque es mujer	01
Tinha que ser mulher		Buena mujer	01
Minha mulher	06		
Largar a mulher	03		
Marido e mulher	04		
O homem e a mulher	02		
Homem e mulher	07	Hombre y mujer	03
Homem ou mulher	02	Varón y mujer	04
Filha mulher	01		
Paciente mulher	01		
Palhaça mulher	01		
Rapper mulher Reppers mulhres	02	Jueza federal mujer	01
		Clienta mujer	01
Alinhamento à direita			
Mulher trans	10	Mujer trans	05
Mulher cis	03	Mujer cis	02
Mulher cisgênero	02		
Mulher cisgênero, lésbica	01	Mujer travesti	01
Mulher intersexo, trans	01	Mujer lesbiana	02
Mulher homem	01		
Mulher ou homem	01		
Mulher de verdade	02		

APÊNDICE C – Resultados organizados por metáforas conceptuais

Metáfora conceptual	Fragmento	UF e classificação	Fonte
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	[...] Do ponto de vista feminino, vou **botar** a *xereca* **na mesa**, *xana* **na mesa**, é... eu imagino... uma mulher ali no meio de uma roda com um monte de homem... ela tentando se impor [...]	*botar X na mesa* Desautomatização	MS
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	"Ginecología, menstruación, anticoncepción: **sacar la** *vulva* **del closet**".	*Tirar X do armário* Desautomatização	CP
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	[...] Como é que tu **botou** essa *xana* **na roda**, minha filha? [...]	*botar X na roda* Desautomatização	MS
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	[...] Quem é que tá cobrando o **padrão de beleza** da *vulva.* Vocês podem me explicar? [...] [...]**Padrão de** *buceta*[...]	Padrão de beleza Padrão de *x* Desautomatização	MS
ÓRGÃO SEXUAL É ANIMAL	[...]**Padrão de** *piriquita*[...] [...]**Padrão de** *xana*[...]	Padrão de x Desautomatização	CMS
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	[...] **A busca pela** *vagina* **ideal**. É meu amor, tem isso. [...]	A busca por X ideal Desautomatização	MS
ÓRGÃO SEXUAL É INSTRUMENTO	[...] O cara levou a maior **chave de** *buceta* da mina e ficou totalmente perdido [...]	Chave de X Chave de pepeca* Desautomatização	CMS
ÓRGÃO SEXUAL É TEMA\CONTEÚDO DE ORIGEM ANIMAL	[...] Afffff...que papo chato.. quere do **filosofar sobre a** *chavasca...* [...]	Filosofar sobre a X Desautomatização	CMS
ÓRGÃO SEXUAL É OBJETO	[...] Como diiria a Pitty... *vagina* **é igual** cabelo **cada uma tem a sua!** [...]	Opinião é igual x cada um tem a sua/seu Desautomatização	CMS
ÓRGÃO SEXUAL É VIDA	[...] E **cada um cuida das** *ppks* **como acharem melhor** e no que faz feliz.... [...]	Cada um cuida da sua X como achar melhor Desautomatização	CMS

APÊNDICE D – Fichas de identificação episódios de podcast e videocast

1. *Podcasts*- Exemplos de fichas de identificação dos episódios de *podcasts*

Saia Justa
Plataformas de áudio
Castbox
https://castbox.fm/channel/Saia-Justa-id3727964?country=br

Google podcast**s:**
https://podcasts.google.com/feed/aHR0cHM6Ly93d3cub21ueWNvbnRlbnQuY29tL2QvcGxheWxpc3QvNjUxYTI1MWUtMDZlMS00N2UwLTkzMzYtYWM1YTAwZjQxNjI4Lzc2Nzk1MDY4LWU4YWYtNDAzZS1iM2U2LWFjYjEwMTAwODNlMi82ZDgzYjQzNC1mYThiLTQ3ZmItOWIyYi1hY2IxMDEwMDgzZjAvcG9kY2FzdC5yc3M

Toda semana Astrid Fontanelle, Monica Martelli, Pitty e Gaby Amarantos debatem sobre diversos assuntos, seja relacionamentos....

Toda semana Astrid Fontenelle, Sabrina Sato, Luana Xavier e Larissa Luz debatem sobre diversos assuntos, seja relacionamentos, saúde, filhos, política, economia, comida, sexo, trabalho ou espiritualidade, nada é tabu para as mulheres do Saia.

1.	14/03/2019	**É melhor ser alegre que ser triste com Maju Coutinho**	2019 não tá fácil pra ninguém. Política, economia, meio-ambiente, violência. O que não falta é má notícia e causas importantes para lutar. Mas para acordar de manhã e acreditar na vida e nas mudanças é preciso acreditar na alegria. Mas como buscamos o que nos empurra, o que nos faz sorrir, dá pra aprender a ser feliz? https://castbox.fm/episode/%C3%89-melhor-ser-alegre-que-ser-triste---com-Maju-Coutinho-id3727964-id346558438?country=br
2.	21/03/2019	**Desarmar a Violência com Ilona Szabó**	Mais um massacre com armas de fogo nas mãos de adolescentes e jovens. No Brasil, o estatuto do desarmamento comprovadamente reduziu o número de mortes, mas isso não é suficiente para convencer os que acham que todos precisam ter direito a usar uma arma. O que faz com que parcela da população ainda acredite na arma como solução? Como podemos mudar a cultura da arma como resposta para a violência? https://castbox.fm/episode/Desarmar-a-Viol%C3%AAncia-com-Ilona-Szab%C3%B3-id3727964-id346558440?country=br
3.	28/03/2019	**Nós racistas**	A carne mais barata do mercado, canta nossa deusa Elza Soares, é a carne negra. Racismo é uma doença social, violenta, que separa, mata e expõe o pior de cada um de nós, estamos dispostos mesmo a encarar não o racismo dos outros, mas o nosso próprio? https://castbox.fm/episode/N%C3%B3s-racistas-id3727964-id346558441?country=br

2. Videocasts - Exemplos da ficha de identificação de episódios de *videocasts* e comentários do *Youtube*.

Nome do episódio: Xerecou: Empoderamento feminino na linguagem | Karen Jonz | Mini Saia | Saia Justa
Entrevistada: Karen Jonz – skatista e comentarista da Globo nas olimpíadas 2020
Visualizações: 23.514 visualizações
Data de publicação: 12 de ago. de 2021
Data da coleta: 12 de out. de 2021
Link: https://www.youtube.com/watch?v=6JwED9VRdBY
Publicado: Canal GNT
Inscritos no canal: 1,88 mi de inscritos
Texto de apresentação do episódio: Por que falar de vulva, vagina e xereca ainda nos causa tanta estranheza? Karen Jonz viralizou ao falar o verbo 'xerecar' em uma transmissão durante as Olimpíadas e trouxe a questão para debate com Astrid Fontenelle, Pitty, Gaby Amarantos e Monica Martelli. Afinal, o que é xerecar?

Nome do episódio: Você conhece a sua VULVA? | Renata Ceribelli | Mini Saia | Saia Justa
Entrevistada(o): Renata Ceribelli - jornalista
Visualizações: 21.825 visualizações
Data: 30 de set. de 2021
Data da coleta: 02 nov. de 2021
Link: https://youtu.be/Rpahc-TbhLU?list=PLvvfh7mlR8VZmPLzMPNNsSTP-uqRqBwUC
Publicado no Canal: Canal GNT
Inscritos no canal: 1,9 mi de inscritos
Texto de apresentação do episódio: Por que ainda é tão difícil para as mulheres falar sobre sexo e suas vulvas? Como um conceito estético tão preconceituoso pode se perpetuar? Renata Ceribelli conversou com Astrid Fontenelle, Pitty, Gaby Amarantos e Monica Martelli sobre como fazer para as mulheres terem mais conhecimento e uma relação mais saudável com suas vulvas

Nome do episódio: Vamos naturalizar a vagina! | Mini Saia | Saia Justa Verão
Entrevistada(o): Bruna Linzmeyer
Visualizações: 97.737 visualizações
Data: 6 de fev. de 2020
Data da coleta: 02 nov. de 2021
Link: https://youtu.be/4fKfQfRQNKE?list=PLvvfh7mlR8VZmPLzMPNNsSTP-uqRqBwUC
Publicado no Canal: Canal GNT
Inscritos no canal: 1,9 mi de inscritos
Texto de introdução: Larga, apertada, funda, gorda, magra, escura, peluda ou depilada. As cobranças são muitas, mas falar da vagina ainda é um tabu. O que falta pra gente naturalizar a vagina? Existe um formato, um cheiro ou um tamanho considerado “normal”? Gaby Amarantos, Pitty, Monica Martelli, Astrid Fontenelle e a convidada Bruna Linzmeyer conversam porquê a xana ainda causa controvérsia!

3. Textos Jornalísticos - Exemplos das fichas de identificação dos textos jornalísticos.

Textos jornalísticos PB					
Nº	**Data**	**Manchete / Título**	**gênero**	**Fonte**	**Endereço eletrônico**
1.	20191025	#AngelaDay – Diário de uma feminista negra, cria da favela	notícia	FSP	https://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2019/10/25/angeladay-diario-de-uma-feminista-negra-cria-da-favela/
2.	20221018	Descaso com as mulheres é barreira para pesquisadores estudarem o **clitóris**	reportagem	FSP	https://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2018/03/20/mariellepresente-hoje-e-sempre/
3.	20180320	#MariellePresente hoje e sempre! |#AgoraÉQueSãoElas	coluna	FSP	https://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2018/03/20/mariellepresente-hoje-e-sempre/

APÊNDICE E – Exemplo de Código em python utilizado para a coleta de comentários do *videocast* MSJ

```
import csv
import os
import re
from googleapiclient.discovery import build
from googleapiclient.errors import HttpError

def read_api_key_and_playlist_id(file_path):
  with open(file_path, 'r') as file:
    lines = file.readlines()
    api_key = lines[0].strip().split(':')[1].strip()
    playlist_id = lines[1].strip().split(':')[1].strip()
    return api_key, playlist_id

def clean_filename(filename):
  # Substitui caracteres não alfanuméricos e
espaços em branco por um hífen '-'
  return re.sub(r'[^A-Za-z0-9]+', '-', filename)

# Define o caminho da pasta para salvar os
arquivos com os comentários
output_folder =
'C:/Users/SAMSUNG/Desktop/Projetos
Futuros/Saia_justa/Comentarios/'

# Verifique se o diretório de saída existe ou
crie-o se não existir
if not os.path.exists(output_folder):
  os.makedirs(output_folder)

# Lê o API_KEY e a PLAYLIST_ID do arquivo
'config.txt'
API_KEY, playlist_id =
read_api_key_and_playlist_id('config.txt')

# Criação de uma instância do serviço da API
do YouTube
youtube_service = build('youtube', 'v3',
developerKey=API_KEY)

def collect_all_comments(video_id):
  comments = []
  page_token = None

  try:
    while True:
      video_comments =
youtube_service.commentThreads().list(
        part='snippet',
        videoId=video_id,
        textFormat='plainText',
        maxResults=100,
        pageToken=page_token
      ).execute()

      for item in video_comments['items']:
        comment =
item['snippet']['topLevelComment']['snippet']['te
xtDisplay']
        comments.append(comment)

      # Verifica se existem mais páginas de
resultados e continua coletando comentários se
houver
      if 'nextPageToken' in video_comments:
        page_token =
video_comments['nextPageToken']
      else:
        break
  except HttpError as e:
    print(f"O vídeo com ID {video_id} não foi
encontrado ou é privado.")
    return comments

  return comments

try:
  # Faz a primeira chamada para obter a lista de
vídeos da playlist
  playlist_items =
youtube_service.playlistItems().list(
    part='snippet',
    maxResults=500,
    playlistId=playlist_id
  ).execute()

  # Lista para armazenar os IDs e nomes
completos dos vídeos
  video_data = []

  # Percorre cada item da lista de vídeos e
armazena suas IDs e títulos
  for item in playlist_items['items']:
    video_id =
item['snippet']['resourceId']['videoId']
    video_title = item['snippet']['title']
    video_data.append([video_id, video_title])

  # Verifica se existem mais páginas de
resultados e continua coletando IDs e títulos se
houver
  while 'nextPageToken' in playlist_items:
    next_page_token =
playlist_items['nextPageToken']
    playlist_items =
youtube_service.playlistItems().list(
      part='snippet',
      maxResults=500,
      playlistId=playlist_id,
      pageToken=next_page_token
    ).execute()
```

```
    # Percorre cada item da página atual e
armazena suas IDs e títulos
    for item in playlist_items['items']:
      video_id =
item['snippet']['resourceId']['videoId']
      video_title = item['snippet']['title']
      video_data.append([video_id, video_title])

  # Apresenta a quantidade de IDs localizados
  print(f"Quantidade de IDs localizados:
{len(video_data)}")

  # Coleta os comentários de cada vídeo e salva
em arquivos de texto
  for video_id, video_title in video_data:
    comments = collect_all_comments(video_id)

    # Obtém apenas as quatro primeiras palavras
do título do vídeo
    first_four_words = '
'.join(video_title.split()[:4])

    # Remove caracteres inválidos do nome do
arquivo
    safe_video_title =
clean_filename(first_four_words)

    # Define o caminho completo do arquivo de
texto
    output_file_path = os.path.join(output_folder,
f'{safe_video_title}.txt')

    # Salva os comentários em um arquivo de
texto com o nome das quatro primeiras palavras
do título do vídeo
    with open(output_file_path, 'w',
encoding='utf-8-sig') as txtfile:
      for comment in comments:
        txtfile.write(comment + '\n')

  print("IDs, nomes dos vídeos e comentários
salvos em arquivos de texto.")

except HttpError as e:
  print(f"Ocorreu um erro na solicitação: {e}")
```